UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

JAMIR OSVALDO KINOSHITA

A comunicação no mundo do trabalho dos carregadores da CEAGESP

SÃO PAULO

2019

JAMIR OSVALDO KINOSHITA

A comunicação no mundo do trabalho dos carregadores da CEAGESP

VERSÃO ORIGINAL

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação

Área de Concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Figaro

SÃO PAULO

2019

KINOSHITA, J. O. **A comunicação no mundo do trabalho dos carregadores da CEAGESP**. 2019. 238 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

À minha sempre companheira Ieda Porfírio, cuja convivência cotidiana, repleta de momentos de puro amor, respeito, paciência, aprendizado e compreensão, me proporciona a oportunidade de me tornar um homem melhor para a vida.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Roseli Figaro, que as andanças dessa vida me fizeram reencontrá-la, como minha orientadora, para essa jornada repleta de enorme afeto e aprendizado.

Aos meus pais, com quem aprendi os passos que me possibilitaram chegar até esse momento e de quem sempre carregarei as melhores recordações e ensinamentos.

À minha madrinha Clara Machado, ou Pixu para os mais próximos, amiga de todas as horas e a quem agradeço não somente pelas transcrições das entrevistas, mas também pela leitura da versão inicial, contribuindo com suas observações.

A todos os amigos que compõem o Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, com quem pude desfrutar de belos momentos empíricos, práticos e felizes dentro da difícil tarefa que é fazer pesquisa ciente do devido papel social que temos.

Deferência especial à minha colega de mestrado Ana Flavia Marx e a João Augusto Moliani, pela oportunidade que tive de apresentar nosso trabalho conjunto em terras além-mar, além da mestra Camila Acosta, que me acudiu nos momentos finais da entrega desse trabalho.

A todos os profissionais da ECA-USP que, por vezes, têm sua importância ocultada pela invisibilidade diária – exemplos de dedicação como Dodô, Maria e tantas outras pessoas que fazem com que a universidade caminhe com segurança mesmo diante das dificuldades.

A Inácio Shibata, do Departamento de Comunicação e Marketing da CEAGESP, pela paciência e todo suporte dado para viabilizar as observações de campo promovidas.

A Antonio Josafá, diretor do Sindicar, pela relevante contribuição na pesquisa e em nome de quem estendo meu muito obrigado à entidade sindical.

A todos os carregadores autônomos da CEAGESP, com quem aprendi a ver a beleza e o inédito desse trabalho braçal e árduo, que é realizado em situações extremamente adversas – em especial, minha gratidão a E.S.A. e a E.L.O, cujo anonimato lhes é assegurado conforme norma científica; esse trabalho é para todos vocês, ou melhor, ele é de todos vocês.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP), pela obtenção do parecer favorável à execução dessa investigação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de mestrado que me permitiu concluir a pesquisa de mestrado que ora apresento.

A todos os demais amigos e colegas, cujo esquecimento é falha exclusivamente minha, mas que tiveram papel de destaque na elaboração da dissertação.

À memória de Ecléa Bosi, com quem tive a honra de simplesmente aprender lições sobre a vida e da nossa função em uma sociedade que se queira sempre livre e democrática.

A vida se revela no seu processo ambivalente,

interiormente contraditório.

MIKHAIL BAKHTIN

RESUMO

KINOSHITA, Jamir Osvaldo. **A comunicação no mundo do trabalho dos carregadores da CEAGESP**. 2019. 238 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

O presente estudo mostra como a imbricação entre a comunicação e o mundo do trabalho contribui para a formação da identidade dos carregadores autônomos que atuam no Entreposto Terminal São Paulo da CEAGESP. Na maior central de abastecimento da América Latina de frutas, verduras, legumes, flores, pescados e diversos (alho, batata, cebola, coco seco e ovos), esses profissionais fazem das relações interpessoais, que estabelecem com permissionários e compradores, o diferencial para obterem serviço todos os dias. A atividade, eminentemente masculina, árdua e que demanda muita força, remete aos moldes de trabalho braçal da era medieval, sobrevivendo em pleno século XXI em meio a uma situação total de precarização da mão de obra. Com seus carrinhos de madeira repletos dos mais diversos tipos de mercadorias, eles têm uma jornada de trabalho bastante pesada e exaustiva. A partir de uma pesquisa exploratória, feita com base em observação de campo geral e específica, em registros fotográficos e em entrevistas aprofundadas, analisamos a execução dessa tarefa em dois ambientes distintos de comercialização: na Feira de Flores e no Pátio do Pescado. Pela perspectiva ergológica, pudemos perceber a existência de um conhecimento específico para transportar os produtos em cada um desses lugares, que se espraia com a descoberta do caráter do inédito do trabalho. A percepção da atividade linguageira vem à tona quando avaliamos os discursos dos carregadores, que revelam não só as dificuldades como as condições insalubres de trabalho. Aliás, a situação autônoma da profissão faz com que os permissionários e a própria CEAGESP sejam os beneficiários dessa mais-valia. Longe de serem empreendedores, esses trabalhadores se veem praticamente sozinhos em seu ofício, já que até o sindicato da categoria sofre as consequências de fazer parte de um sistema em que tudo parece confluir para não dar certo. Mesmo assim, a atividade persiste, devido exclusivamente à determinação e à força política e social (ainda não devidamente reconhecidas) dos carregadores, e é de uma extrema importância dentro de toda a cadeia de abastecimento.

Palavras-chave: Carregadores. CEAGESP. Comunicação. Trabalho. Ergologia. Atividade linguageira.

ABSTRACT

KINOSHITA, Jamir Osvaldo. **Communication in the working world of CEAGESP chargers**. 2019. 238 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This study shows how the intertwining between communication and the world of work contributes to the formation of the identity of independent chargers who work at CEAGESP's São Paulo Terminal Warehouse. In Latin America's largest supply center for fruits, vegetables, flowers, fish and miscellaneous (garlic, potatoes, onions, dried coconut and eggs), these professionals make interpersonal relationships, which they establish with permit holders and buyers, the differential for get service every day. The eminently masculine, arduous and demanding activity is reminiscent of the medieval workmanship, surviving in the 21st century in the midst of a precarious situation of labor. With their wooden carts full of various types of goods, they have a very heavy and exhausting workday. From an exploratory research, based on general and specific field observation, photographic records and in-depth interviews, we analyzed the execution of this task in two different commercial environments: the Flower Fair and the Fishyard. From the ergological perspective, we could see the existence of a specific knowledge to transport the products in each of these places, spreading with the discovery of the unpublished character of the work. The perception of language activity comes to light when we evaluate the discourses of chargers, which reveal not only the difficulties but the unhealthy working conditions. In fact, the independent situation of the profession makes the permit holders and CEAGESP itself the beneficiaries of this added value. Far from being entrepreneurs, these workers find themselves practically alone in their craft, since even the union of the category suffers the consequences of being part of a system in which everything seems to converge to not work out. Even so, activity persists, due solely to the determination and political and social strength (not yet properly recognized) of chargers, and is of utmost importance within the entire supply chain.

Keywords: Chargers. CEAGESP. Communication. Work. Ergology. Language activity.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Fac-símile de documento que registra a criação da CEAGESP 30

Figura 2 – Fac-símile do Diário Oficial do Estado de São Paulo com a ata de fundação da CEAGESP 31

Figura 3 – Logotipos da companhia ao longo do tempo 32

Figura 4 – Mapa das unidades de armazenamento da CEAGESP 33

Figura 5 – Localização dos entrepostos da CEAGESP 33

Figura 6 – Painel dos ex-presidentes da CEAGESP 40

Figura 7 – Organograma atualizado da CEAGESP 42

Figura 8 – Fac-símile da *homepage* inicial da CEAGESP 44

Figura 9 – Fac-símile do blog da CEAGESP 45

Figura 10 – Fac-símile do Facebook institucional da empresa 45

Figura 11 – Fac-símile do Instagram da CEAGESP 46

Figura 12 – Fac-símile de mapa de localização interna do Entreposto Terminal São Paulo 53

Figura 13 – Fac-símile de tabela de preços de carregamentos no entreposto paulistano 64

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Entreposto Terminal São Paulo (ETSP) 35

Foto 2 – Pavilhão Mercado Livre do Produtor (MLP) 35

Foto 3 – Varejão da CEAGESP 36

Foto 4 – Armazém que compõe a rede da CEAGESP 36

Foto 5 – Ampliação do entreposto paulistano em 1985 37

Foto 6 – Edifício sede da CEAGESP 37

Foto 7 – Capa do antigo Jornal Entreposto, com o encarte Informativo CEAGESP 46

Foto 8 – Vista aérea do Pavilhão Mercado Livre do Produtor (MLP) 49

Foto 9 – Panorâmica do Entreposto Terminal São Paulo 51

Foto 10 – Pavilhão Mercado Livre do Produtor (MLP) nos dias atuais 54

Foto 11 – Varejão do Entreposto Terminal São Paulo (ETSP) 54

Foto 12 – Observação de campo geral na Feira de Flores (22/23 de janeiro de 2018) 56

Foto 13 – Observação de campo geral na Feira de Flores (1/2 de março de 2018) 56

Foto 14 – Observação de campo geral na Feira de Flores (22/23 de janeiro de 2018) 57

Foto 15 – Observação de campo geral na Feira de Flores (20/21 de julho de 2017) 57

Foto 16 – Observação de campo geral na Feira de Flores (20/21 de julho de 2017) 58

Foto 17 – Observação de campo geral na Feira de Flores (1/2 de março de 2018) 58

Foto 18 – Observação geral no Pátio do Pescado (30 de janeiro de 2018) 59

Foto 19 – Observação de campo geral no Pátio do Pescado (6 de fevereiro de 2018) 60

Foto 20 – Observação de campo geral no Pátio do Pescado (30 de janeiro de 2018) 60

Foto 21 – Observação de campo geral do Pátio do Pescado (6 de fevereiro de 2018) 61

Foto 22 – Observação de campo geral no Pátio do Pescado (30 de janeiro de 2018) 61

Foto 23 – Observação de campo geral no Pátio do Pescado (26 de janeiro de 2018) 62

Foto 24 – Observação de campo geral no Pátio do Pescado (26 de janeiro de 2018) 62

Foto 25 – Galpão do Sindicar 65

Foto 26 – Celebração de Corpus Christi 68

Foto 27 – Festa de Santa Luzia 68

Foto 28 – Capas do Jornal Sindicar 70

Foto 29 – Homenagem ao Dia do Carregador 71

Foto 30 – Começo da observação de campo específica na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019) 113

Foto 31 – Começo da observação de campo específica na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019) 113

Foto 32 – Começo da observação de campo específica na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019) 114

Foto 33 – Preliminares da atividade de trabalho observada na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019) 114

Foto 34 – Preliminares da atividade de trabalho observada na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019) 115

Foto 35 – Preliminares da atividade de trabalho observada na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019) 116

Foto 36 – A atividade de trabalho na observação de campo na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019) 116

Foto 37 – A atividade de trabalho na observação de campo na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019) 117

Foto 38 – A atividade de trabalho na observação de campo na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019) 117

Foto 39 – A atividade de trabalho na observação de campo na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019) 118

Foto 40 – O término da atividade de trabalho na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019) 118

Foto 41 – O término da atividade de trabalho na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019) 119

Foto 42 – Começo da observação de campo específica no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019) 123

Foto 43 – Começo da observação de campo específica no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019) 124

Foto 44 – A atividade de trabalho na observação de campo no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019) 124

Foto 45 – A atividade de trabalho na observação de campo no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019) 125

Foto 46 – As dificuldades da atividade de trabalho observada no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019) 125

Foto 47 – As dificuldades na atividade de trabalho observada no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019) 126

Foto 48 – A espera por um novo cliente (7 de fevereiro de 2019) 126

Foto 49 – A difícil tarefa de transportar produtos na observação no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019) 127

Foto 50 – Os cuidados com as mercadorias na observação no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019) 127

Foto 51 – Finalização da atividade de trabalho na observação no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019) 128

Foto 52 – Finalização da atividade de trabalho na observação no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019) 128

Foto 53 – Placa que restringe o transporte interno de mercadorias no Entreposto Terminal São Paulo 142

Foto 54 – Trabalhador descansa no carrinho de madeira 143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dias e horários de funcionamento do atacado no Entreposto Terminal São Paulo 50

Tabela 2 – Cronograma das observações de campo gerais e específicas realizadas na central paulistana 106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. Considerações preliminares 16
2. Afinal, por que estudar os carregadores? 19
   2.1 Em que campo se situa nossa pesquisa 20
   2.2 As relações de comunicação dos carregadores 23
3. Problematizando a pesquisa 25
   3.1 O problema 25
   3.2 Nossos objetivos 26
   3.3 Primeiras dúvidas 26
   3.4 Contextualizando a investigação 27

CAPÍTULO I – OS CENÁRIOS ENVOLVIDOS EM NOSSO ESTUDO

4. A CEAGESP 29
   4.1 Breve panorama histórico 34
   4.2 A federalização e seus (d)efeitos 38
   4.3 Funcionamento da companhia 39
   4.4 Como a CEAGESP se comunica 42
   4.5 Os impactos de como opera a estatal 47
5. O Entreposto Terminal São Paulo 48
   5.1 Feira de Flores 55
   5.2 Pátio do Pescado 59
6. O Sindicar 63

CAPÍTULO II – PERCURSO METODOLÓGICO

7. Explicação sobre as técnicas empregadas 75
8. A observação de campo que promovemos 78
   8.1 O registro metodológico das imagens dos carregadores 81
   8.2 Por que observar flores e peixes? 83

CAPÍTULO III – A COMUNICAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

9. Por que estudar comunicação e trabalho? 89
10. Em qual corrente teórica nos inserimos? 91
    10.1 Sobre os Estudos Culturais 92
    10.2 A lógica das mediações 94

11. A importância da linguagem no contexto social 95
12. A atividade linguageira 98
CAPÍTULO IV – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO OBJETO DE ESTUDO
13. O desafio da observação do mundo do trabalho dos carregadores 104
14. O carregador em estudo 107
14.1 Observação geral na Feira de Flores 108
14.2 Observação específica na Feira de Flores 109
14.3 Observação geral no Pátio do Pescado 119
14.4 Observação específica no Pátio do Pescado 121
CAPÍTULO V – A ATIVIDADE DE TRABALHO
15. Os sentidos do trabalho 130
16. As reconfigurações do mundo do trabalho 133
17. Quem fica com a mais-valia do carregador? 137
18. O que significa puxar um carrinho de madeira? 140
19. A perspectiva ergológica do carregador 145
CAPÍTULO VI – MAIS DESCOBERTAS SOBRE OS CARREGADORES
20. O que mais revelam as entrevistas aprofundadas 151
21. Quais resultados alcançamos 162
CONSIDERAÇÕES FINAIS
22. À guisa de uma conclusão 169
BIBLIOGRAFIA
23. Referências 174
ANEXOS
A. Questionário de pesquisa relacionado ao DEPEC 180
B. Questionário de pesquisa relacionado ao Sincaesp 181
C. Íntegra da entrevista inicial com diretor do Sindicar 183
D. Íntegra da entrevista final com diretor do Sindicar 204
E. Íntegra da entrevista com carregador da Feira de Flores 218
F. Íntegra da entrevista com carregador do Pátio do Pescado 230

INTRODUÇÃO

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Vai trabalhar, vagabundo
Vai trabalhar, criatura (...)
Prepara o teu documento
Carimba o teu coração
Não perde nem um momento
Perde a razão (...)
CHICO BUARQUE

Estamos na Europa, no começo do século IX. É lá que se situa, em plena Idade Média, a origem de algo que persistiu ao longo do tempo, chegando até os dias atuais. E é justamente aí que está o que buscamos referenciar. Para entender do que se trata, vamos nos ater à descrição a seguir, que aponta sinais que servirão para embasar a discussão que traremos no decorrer dessa dissertação.

> Quase sempre se encontrava na cidade um mercado semanal, onde os camponeses dos arredores traziam os seus produtos; algumas vezes, mesmo, realizava-se uma feira anual (*annualis mercatus*). Nas entradas da cidade recebia-se o imposto sobre tudo o que entrava ou saía. Uma oficina monetária funcionava no interior das muralhas. Aí se encontravam também algumas torres habitadas pelos vassalos do bispo, pelo seu procurador ou pelo seu castelão. Por fim, é preciso juntar a tudo isto os celeiros e os armazéns, onde vinham acumular-se as colheitas episcopais e monásticas carreadas, em épocas fixadas, pelos rendeiros do exterior. Afluíam à cidade, às grandes festas do ano, os fiéis da diocese e animavam-se durante alguns dias com um ruído e movimento desacostumados.[1]

Esse cenário, que retrata o que eram então as feiras, resulta no século X, na Europa continental, na formação de uma classe de mercadores profissionais, cujos progressos, muitos lentos, foram se acelerando com o decorrer dos anos. Na mesma época, a população passa a aumentar, o que faz com que várias pessoas deixem o cultivo do solo, que já não fornecia mais o suficiente para garantir a subsistência das famílias, para se lançarem em uma empreitada um tanto quanto arriscada.[2] Tal episódio acaba gerando uma situação que terá efeitos prementes.

---

[1] PIRENNE, Henri. **As cidades da Idade Média**. Coleção Saber. 6ª edição. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2009, pp. 55-56.
[2] PIRENNE, Henri. **As cidades da Idade Média**, p. 90.

> Multiplicou a massa dos vagabundos, errando pela sociedade, vivendo o dia a dia das esmolas dos mosteiros, alugando o seu trabalho no tempo da colheita, arregimentando-se nos exércitos em tempo de guerra e não recuando nem perante a rapina nem diante da pilhagem, quando a ocasião se apresentava. É entre esta massa de desenraizados e de aventureiros que é necessário procurar os primeiros adeptos do comércio. O seu gênero de vida impelia-os naturalmente para os locais onde a afluência dos homens permitia esperar qualquer probabilidade de ganho ou qualquer feliz encontro. Se visitavam assiduamente as peregrinações, não eram, por certo, menos atraídos pelos portos, pelos mercados e pelas feiras. Alugavam-se como marinheiros, como arrastadores de barcos, como descarregadores do porto ou moços de frete.[3]

Percebe-se, assim, que o surgimento das feiras acarreta toda uma mudança socioeconômica, com consequências àqueles que trabalham e delas tiram seu sustento. Pois bem, saltando do período medieval para os dias de hoje, estamos agora no Entreposto Terminal São Paulo (ETSP), na Vila Leopoldina, na zona oeste da capital paulista.

É justamente nesse *habitat* que temos um cenário em que a rotina de determinada categoria de trabalhadores, paulatinamente todos os dias, se resume a uma intensa correria de um lado para o outro, em meio a uma multidão de gente e de caminhões, vindos dos mais variados lugares do país, que acabam por dividir o mesmo espaço que, por vezes, torna-se um tanto quanto apertado.

O entra-e-sai por uma centena de ruas e corredores, alguns bem estreitos por sinal, começa muito cedo, às vezes ainda de madrugada. Não há um horário definido para o término de expediente. Pode-se dizer que o fluxo de movimentação cai um pouco à medida que diminui a concretização dos negócios, o que não significa, necessariamente, fim da jornada de trabalho.

É a partir dessas duas descrições, que retratam uma situação antiga e outra bastante atual, que estão lançadas as condições para o aparecimento do nosso objeto de estudo. No entanto, é necessário entender a relação que enreda os contextos citados. Antes de mais nada, convém explicar que entreposto é um depósito de grandes proporções, que serve para a transferência de mercadorias. E o ETSP é a maior central de abastecimento da América Latina de frutas, legumes, verduras, flores, pescados e diversos (alho, batata, cebola, coco seco e ovos).[4]

Porém, poucas pessoas o conhecem por esse nome, já que se convencionou tratá-lo, equivocadamente, pela denominação da empresa pública a qual ele pertence: a Companhia de

---

[3] PIRENNE, Henri. **As cidades da Idade Média**, p. 91.

[4] Segundo informação que consta no portal institucional da CEAGESP (www.ceagesp.com.br), instituição sobre a qual falaremos em breve.

Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), que é uma estatal ligada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

O fato que vincula as menções históricas é a existência de determinados profissionais, no entreposto paulistano, cuja força de trabalho, conforme veremos adiante, ainda guarda ares medievais no que se refere à sua atividade laboral. Estamos falando dos 3.800 carregadores autônomos[5], que são contratados de modo individual e diretamente por permissionários[6] ou compradores, sendo que o pagamento ocorre no ato, em dinheiro, assim que finalizado o serviço.

> Dirigindo carrinhos de madeira que conseguem levar até 300 quilos de carga, esses profissionais formam um verdadeiro exército de formigas, que percorrem os 700 mil m^2 do entreposto da capital fazendo o interminável serviço de leva-e-traz de mercadorias.[7]

É dessa maneira que identificamos e delimitamos o objeto de análise da nossa pesquisa de mestrado. Por ora, vamos pontuar que a investigação que empreendemos se encontra ancorada na compreensão da importância da comunicação na esfera de um mundo do trabalho considerado tão *sui generis*.

O caráter inusitado a que nos referimos decorre de um jeito todo peculiar de se relacionar e de trabalhar, que faz com que os carregadores, como conseguimos aferir nas observações de campo[8], exerçam um papel fundamental que extrapola a mera, árdua e difícil tarefa braçal, mantendo interlocução com os mais variados públicos que circundam o universo da CEAGESP.

---

[5] A adoção do termo autônomo não é mero formalismo ou casualidade. Abordaremos melhor essa questão quando discorrermos a respeito da natureza desses trabalhadores.

[6] Permissionário é a pessoa que detém licença formal para atuar na rede de entrepostos da CEAGESP. No caso, estamos nos referindo aos proprietários dos boxes, que têm autorização para o comércio de mercadorias, especialmente voltadas à venda ao atacado.

[7] **CEAGESP presta homenagem aos carregadores**. Disponível em www.ceagesp.gov.br. Acesso em 20/6/2018.

[8] As observações de campo, que fazem parte do estudo que promovemos, foram essenciais para a consolidação da investigação empreendida. Detalharemos essa técnica no momento em que apresentarmos o processo metodológico que adotamos.

2. AFINAL, POR QUE ESTUDAR OS CARREGADORES?

E o poeta é quem vai levando a cruz
Ganha mais quem nada faz
Menos ganha quem produz
BEZERRA DA SILVA

Acaso ou não, a ideia da pesquisa surgiu da observação *in loco* e prática do pesquisador em questão, que atuou na Coordenadoria de Comunicação e Marketing (CODCO) da companhia federal entre janeiro de 2015 e abril de 2016. Nesse período, observou e travou contato diretamente com o cotidiano dos carregadores autônomos.

Foi justamente dessa percepção que constatamos como esses profissionais desempenham uma função que tem uma dimensão social e política primordial, e que muitas vezes nem eles mesmo percebem, nas relações de trabalho estabelecidas no Entreposto Terminal São Paulo.

Outro fator que nos chamou a atenção para a empreitada foi a originalidade de um estudo em comunicação com enfoque nessas personagens. Levantamento preliminar sobre textos acadêmicos correlatos apontou uma vasta incidência de conteúdos que referenciam a CEAGESP exclusivamente pelo viés dos produtos que circulam pela estatal. A única pesquisa existente sobre tais trabalhadores retrata sua ação na central de abastecimento a partir de um panorama marcado por um forte fluxo migratório.[9]

Por isso, consideramos mister, nos tempos atuais, em que direitos universais são questionados, negados e até mesmo retirados[10], acreditarmos e apostarmos em investigações que visem dar vez e voz à compreensão social da classe trabalhadora e que, no caso específico, possibilitem até mesmo melhorias em um ofício tão marcadamente exaustivo e difícil como o desempenhado pelos carregadores.

Atrelada a essa situação, devemos apontar que a apreciação científica a que nos impusemos ajudou a entender melhor como uma profissão desse tipo, e nas condições precárias que iremos enumerar, ainda subsiste, em pleno século XXI, em uma metrópole da dimensão de São Paulo.

---

[9] Trata-se da tese de doutorado **O território de trabalho dos carregadores piauienses no Terminal da CEAGESP**: modernização, mobilização e a imigração, de autoria de Sueli de Castro Gomes, defendida em 2007 no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

[10] A presente dissertação foi concluída ao longo dos primeiros sete meses da gestão Jair Bolsonaro, cuja presidência tem se notabilizado, claramente, por uma agenda de combate a conquistas e direitos sociais obtidos legitimamente pela população brasileira.

Diante a essas ponderações é que julgamos a relevância de uma investigação como a nossa, que coloca em primeiro plano, como atestaremos, o homem que desempenha uma atividade com ares medievais, mas que tem todo um conhecimento específico, que é posto à prova diariamente, para a execução de uma tarefa em que coexiste o caráter do inédito do trabalho.[11]

2.1 EM QUE CAMPO SE SITUA NOSSA PESQUISA

Pesquisadores de campo, somos hamletianos,
desconfiamos do discurso desenvolvido, sem lastro.
Estamos sempre à procura do que está ainda inexpresso
e do que hesita em ser capturado pela interpretação.
ECLÉA BOSI

A fim de entendermos em que *lócus* se circunscreve a nossa investigação, em que empiria e prática andam intrinsecamente uma com a outra, julgamos essencial definir primeiramente o conceito de campo científico. Para tanto, nos baseamos na formulação proposta por Pierre Bourdieu como sendo "(...) o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial."[12]

Essa explicitação é fundamental para, entre outros pontos, podermos debater os preceitos envolvidos na figura da autoridade científica, a qual se quer fazer socialmente reconhecida por meio de um *habitus* próprio. Para isso, nos afiançamos no jeito como Bourdieu esclarece a operacionalização de tal dinâmica.

> Uma autêntica ciência da ciência só pode constituir-se com a condição de recusar radicalmente a oposição abstrata (...) entre uma análise imanente ou interna, que caberia mais propriamente à epistemologia e que restituiria a lógica segundo a qual a ciência engendra seus próprios problemas e, uma análise externa, que relacionaria esses problemas às condições sociais de seu aparecimento. É o campo científico, enquanto lugar de luta política pela dominação científica, que designa a cada pesquisador, em função da posição que ele ocupa, seus problemas, indissociavelmente políticos e científicos, e seus métodos, estratégias científicas que, pelo fato de se definirem expressa ou objetivamente pela referência ao sistema de posições políticas e científicas constitutivas do campo científico, são ao mesmo tempo estratégias políticas.[13]

---

[11] A questão do conhecimento específico e do ineditismo do trabalho, o qual é revelado pela ergologia, será explicado no Capítulo V.
[12] BOURDIEU, Pierre. *O campo científico*. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983, p. 122.
[13] BOURDIEU, Pierre. *O campo científico*, p. 122.

A luta pela autoridade científica representa um capital social em que somente aqueles que participam desse jogo são capazes de se apropriar, simbolicamente, e avaliar sua relevância. Tal capital pode ser acumulado, transmitido e até reconvertido. Porém, esse ordenamento não reduz a discussão a uma pretensa ideia de ciência oficial. Afinal, há que se considerar também a questão da autonomia do campo científico quanto à demanda social da classe dominante e das condições sociais, internas e externas dessa situação.

Para Bourdieu, não há uma ciência neutra, pois "(...) a ciência social toma necessariamente partido na luta política."[14] Ratifica-se essa postura nas palavras do autor: "Ao se colocar que a própria sociologia da ciência funciona segundo as leis de funcionamento de todo campo científico, a sociologia da ciência não se condena de modo algum ao relativismo."[15] Esse pressuposto nos impõe o desafio de se estruturar um método de investigação que não fique refém de um modelo burocrático.

> Vejo a metodologia da pesquisa como um processo de tomada de decisões e opções que estruturam a investigação em níveis e em fases e que se realizam num espaço determinado que é o espaço epistêmico. (...) Dessa forma, minhas considerações não podem ser entendidas como um discurso cientificista, genérico e abstrato, antes, pelo contrário, entendo a pesquisa como prática sobredeterminada por condições sociais de produção e igualmente como prática que possui uma autonomia relativa. (...) Ao final, a prática da pesquisa é concebida como um campo de forças, submetida a determinados fluxos e exigências internas e externas.[16]

Desse modo, torna-se essencial que o fazer pesquisa (ainda mais no campo da comunicação) nunca resvale em processos sistemáticos, repetitivos (em comparação a outras investigações) e previsíveis. A preocupação é assaz sintomática pelo fato de que os estudos em comunicação estão inseridos no contexto das Ciências Sociais, o que demonstra o quão dinâmico e complexo é o objeto de análise.

Esse posicionamento acontece porque os temas investigados estão atrelados a uma variedade de questões como fenômenos históricos, instituições, relações de poder, classes sociais e manifestações culturais. Convém apontar que o que muda não é somente o dado ou o objeto, já que as verdades e comprovações produzidas cientificamente se relacionam com o

---

[14] BOURDIEU, Pierre. *O campo científico*, p. 148.
[15] BOURDIEU, Pierre. *O campo científico*, p. 154.
[16] LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa de comunicação*: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, volume XXVII, número 1, janeiro/junho 2004, pp. 15-16. Explicitaremos adiante o que são os níveis e as fases da investigação.

processo histórico. “Daí se reconhecer que o conhecimento científico nas Ciências Sociais procede normalmente por rupturas, descontinuidades e crises.”[17]

Assim, é na perspectiva de aproximação dessas áreas de saberes que deparamos com a complexidade[18] das Ciências Sociais em tratar dos fenômenos comunicacionais. Essa situação nos leva a problematizar acerca do estatuto disciplinar da comunicação, tendo em vista as dificuldades existentes naquele campo científico.

> Uma discussão teórica sobre o estatuto disciplinar da Comunicação, a partir de uma perspectiva epistêmica, no meio da “crise dos paradigmas” das Ciências Sociais, pode significar amadurecimento para a área. Um aspecto central para esse avanço é, sem dúvida, o acerto de contas da pesquisa de Comunicação com suas heranças epistêmicas positivistas, dedutivistas e funcionalistas que devem ser desmontadas criticamente para dar lugar a lógicas mais complexas e pertinentes à multidimensionalidade do objeto da Comunicação.[19]

Ressalta-se, portanto, o compromisso para que as pesquisas de comunicação sejam promovidas dentro do maior rigor metodológico e de (re)conhecimento do próprio campo, o qual, por vezes, clama por uma institucionalização mais plena. Por isso, convém que os estudos empreendidos levem em consideração toda uma imbricação de fatores (históricos, culturais e epistêmicos) para aflorarem com uma base científica que possibilite sua fixação, efetivamente, no âmbito comunicacional.

É salutar esclarecer que o esforço para afirmar institucionalmente um campo acadêmico transdisciplinar e, por consequência, o estatuto transdisciplinar da comunicação não representa um caso isolado. Pelo contrário, trata-se de uma ação contemporânea de reconstrução histórica do próprio campo das Ciências Sociais.[20]

Esse caráter em que a comunicação deve ser dimensionada perpassa, obviamente, a nossa própria dinâmica de vida, que requer uma compreensão mais ampla e reflexiva sob as circunstâncias de um mundo difuso, que nada tem em comum com os antigos e tradicionais

---

[17] LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**, 5ª edição. São Paulo: Loyola, 2001, p. 37.

[18] Em relação a esse assunto, chamamos a atenção para a seguinte passagem: “O conhecimento científico (...) durante muito tempo e com frequência ainda continua sendo concebido como tendo por missão dissipar a aparente complexidade dos fenômenos a fim de revelar a ordem simples a que eles obedecem.” MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015, p. 5.

[19] LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, ROMANCINI, Richard. *Epistemologia da comunicação*. In: CITELLI, Adilson; BERGER, Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; FRANÇA, Vera (orgs.). **Dicionário de comunicação** – Escolas, teorias, autores. São Paulo: Contexto, 2014, p. 8.

[20] LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; ROMANCINI, Richard. *História dos estudos em comunicação no Brasil*: a institucionalização de um campo interdisciplinar. In: SIMONSON, Peter, PARK, David (eds.). **New histories of communication study**. London: Routledge, 2016, p. 25.

postulados (estáticos) já conhecidos da sociedade. Para Arjun Appadurai, essa "(...) nova economia cultural global procura ser interpretada como uma ordem disjuntiva, superposta e complexa (...)."[21]

Independentemente do objeto de estudo das pesquisas feitas em comunicação é importante perceber que as questões sobre as quais nos debruçamos nesse campo são resultado de uma conformação/confrontação ideológica formada por especificidades da indústria cultural[22] no nosso país que, em vários momentos, serviu para, consciente ou inconscientemente, fundamentar determinados aspectos que ainda se fazem valer (infelizmente) no cotidiano.

Fica claro ser preciso discutir, de maneira mais assertiva, o saber científico adquirido e o próprio modelo investigativo adotado no desenvolvimento do nosso estudo. "O nível ou a dimensão epistemológica de toda pesquisa não é algo abstrato, mas se traduz concretamente por operações de vigilância sobre o conhecimento que se está produzindo."[23] Sem adentrar ainda nos meandros do nosso arcabouço metodológico, convém pontuar que tal vigilância, aliada às técnicas que empregamos, serviram para dar norte ao trabalho sobre os carregadores autônomos da CEAGESP.

2.2 AS RELAÇÕES DE COMUNICAÇÃO DOS CARREGADORES

Pelo que temos exposto, convém alicerçar, irrefutavelmente, que o nosso estudo está inserido no campo da comunicação. Se em um primeiro momento o posicionamento pode até parecer tão óbvio, cumpre apontar que tal percepção se acha, por vezes, distante da realidade do que acontece no âmbito comunicacional, que é alvo de críticas do ponto de vista metodológico por outras áreas de conhecimento, justamente pelas problemáticas (ou a falta de problematização) da prática da pesquisa.

Daí a necessidade de se aprofundar a reflexão sobre esse discurso científico, "(...) uma vez que pouco se ganha se não pudermos perceber com maior clareza os problemas

---

[21] APPADURAI, Arjun. *Disjunção e diferença na economia cultural global*. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura global**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 312.

[22] Para entender a noção de indústria cultural, indicamos a leitura de ADORNO, Theodor. *A indústria cultural*. In: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e indústria cultural**. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

[23] LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; ROMANCINI, Richard. *Epistemologia da comunicação*, p. 2.

particulares ou internos que dizem respeito à produção do conhecimento nesse campo das Ciências Sociais, em especial aos problemas metodológicos."[24]

Conforme mencionamos, os trabalhadores que atuam na movimentação de mercadorias na central paulistana mantêm interlocução junto aos mais diferentes públicos, especialmente com os permissionários e os compradores. E é justamente a comunicação, não pelo uso de aparatos tecnológicos como o celular, mas sim pelas relações interpessoais estabelecidas, que lhes garante, de acordo com o que mostraremos, condições para a execução de seu ofício.

Disso resulta a pertinência da nossa pesquisa pelo viés do espectro comunicacional. Por sinal, estamos falando de um estudo que põe seu foco nas pessoas que estão nesse mundo do trabalho específico. Mais que isso, nos referimos a um processo de investigação em que as mediações[25] assumem um papel de relevância, o que nos convoca, então, a entender como a comunicação entra na vida desses profissionais e como eles compreendem o mundo a partir dela.

Para imiscuirmos esse contexto, vamos nos apoiar na ideia de que é preciso compreender a contemporaneidade pelos sentidos das transformações que temos enfrentado. Desse modo, "(...) o objeto preferencial de estudo desta perspectiva se concentra no espaço do popular, das práticas da vida cotidiana, fortemente relacionado com as relações de poder e conotação política."[26]

Logo, a comunicação é repensada a partir dos modos de viver. Isso ocorre, reforça-se, por meio das mediações, que buscam o lugar, o contexto tanto do emissor quanto do receptor, ou seja, estamos falando das práticas culturais. São as mediações, portanto, que constituem os "(...) novos modos de interpelação dos sujeitos e de representação dos vínculos que unem a sociedade."[27]

Chamamos a atenção ao fato de que a dimensão do popular e das práticas da vida cotidiana, que acabamos de citar, dialoga diretamente com os processos comunicacionais e os hábitos que permeiam o dia a dia do mundo do trabalho dos carregadores autônomos. Esse quadro nos impôs ter a devida acuidade ao observar, discorrer e interpretar o panorama que configura nosso objeto de estudo.

---

[24] LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**, p. 89. O processo metodológico da investigação proposta será debatido especificamente no Capítulo II.

[25] Para explicar o que são as mediações, vamos nos apoiar no conceito de Jesús Martín-Barbero, que traremos na sequência.

[26] ESCOTESGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos Estudos Culturais** – Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 55.

[27] MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofícios de cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 225.

3. PROBLEMATIZANDO A PESQUISA

É a partir de pontos de vista ou de "ideias de valores" socialmente determinados que o cientista escolhe o objeto de estudo, seleciona e acentua os aspectos principais, atribui significação aos fatos e a suas conexões.

MICHEL THIOLLENT

Uma vez exposto o processo de escolha que nos levou ao encontro dos carregadores, passamos agora a mostrar os fundamentos que auxiliaram na conceituação de nossa investigação. Nesse ínterim, estamos nos referindo especificamente à problematização do projeto, à apresentação dos objetivos e ao levantamento das primeiras indagações que nos foram suscitadas.

3.1 O PROBLEMA

Conforme mencionamos, a ideia da pesquisa surgiu da observação prática do ofício desenvolvido pelos transportadores de carga no Entreposto Terminal São Paulo, cotidiano que já era conhecido e vivenciado pelo referido pesquisador. Desse conhecimento prévio é que apareceu o problema que nos levou a descortinar o estudo: a busca por respostas efetivas, por fundamentações empíricas que pudessem embasar a relevância e o *modus operandi* da atividade exercida por tal categoria.

Da busca teórica inicial, tiramos outra questão que também passou a nos intrigar. Partindo da premissa de que "(...) as representações sociais são uma forma de conhecimento prático, socialmente construído para dar sentido à realidade da vida cotidiana"[28], cabe indagar em que medida a comunicação se relaciona com esse mundo do trabalho, podendo contribuir, inclusive, para a formação identitária desses profissionais, de modo que eles se reconheçam enquanto trabalhadores que exercem um serviço importante dentro da estrutura da CEAGESP.

[28] MACHIN, Rosana; COUTO, Márcia Thereza; ROSSI, Cintia Cristina Silva. *Representações de trabalhadores portuários de Santos-SP sobre a relação trabalho-saúde*. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, volume 18, número 4, 2009, p. 641.

3.2 NOSSOS OBJETIVOS

O objetivo geral a que nos propusemos é entender como ocorre a imbricação entre a comunicação e o mundo do trabalho no dia a dia dos carregadores autônomos que atuam no entreposto da Vila Leopoldina. Importante destacar que a discussão de tal binômio está inserida na perspectiva da ontologia do ser social, ou seja, de como essas áreas de conhecimento contribuem para atribuir identificação a esse trabalhador, propiciando que ele mesmo se reconheça enquanto um ser social.

A partir disso, estabelecemos três objetivos específicos, que se acham incutidos em nossa investigação. O primeiro deles é analisar as principais características que configuram as relações de trabalho dos carregadores. O ponto seguinte relaciona-se à verificação de como a comunicação é utilizada na rotina da atividade desses profissionais. Por fim, com base na pesquisa teórica e empírica, vamos debater os conflitos e as contradições que afloram nesse mundo laboral.

3.3 PRIMEIRAS DÚVIDAS

Em que pese o sentido simbólico que esses trabalhadores têm na estrutura operacional da CEAGESP, reiteramos a sensação de que nem eles mesmos notam a dimensão da sua relevância, ou melhor, do alcance, do valor da sua força de trabalho no contexto diário do mercado paulistano.

Essa falta de apropriação, na prática, parece que faz toda diferença em questões primordiais que dizem respeito às reivindicações por melhorias nas condições laborais oferecidas pela central de abastecimento da capital paulista, o que poderia ter um resultado mais efetivo e favorável aos próprios carregadores.

A situação aparenta ressoar, inclusive, na propalada mudança de endereço do entreposto, tão comentada pela mídia e que traz toda uma série de fatores que sequer são colocados em debate e que envolvem diretamente esses profissionais, como a possibilidade, crucial, de que o transporte de mercadorias, em um novo local, seja executado por máquinas (empilhadeiras), e não mais pela categoria, a exemplo de outras centrais de abastecimento mundo afora.

3.4 CONTEXTUALIZANDO A INVESTIGAÇÃO

Antes de darmos início aos fundamentos epistemológicos que embasam o presente estudo de mestrado, torna-se imprescindível discorrer brevemente sobre o que é a CEAGESP, o Entreposto Terminal São Paulo (ETSP) e um outro elemento que se mostrou fundamental para o bom andamento da nossa empreitada, que é o sindicato que representa os carregadores autônomos.

A compreensão do funcionamento desses três agentes e de sua interligação é que possibilitaram a escolha adequada das técnicas de investigação utilizadas. No caso, estamos nos referindo à decisão de realizamos uma pesquisa exploratória[29], com base em observação de campo, ocasião em que providenciamos o registro de imagens fotográficas e anotações em diário, que se somaram, posteriormente, às entrevistas aprofundadas. Tiveram consequência ainda nas análises que realizamos das próprias conversas em profundidade e das fotos que retratam o serviço em questão.

A conceituação empírica perpassou a lógica reinante desses ambientes, ajudando a entender, na prática, como a comunicação se faz presente no ofício diário dos carregadores. Nessa linha, debater o tipo de atividade e suas especificidades, além da mais-valia[30] produzida, entre outros fatores, foi ponto nevrálgico para adentrar melhor nessa esfera profissional.

Cumpre mencionar que nossa pesquisa seguiu as premissas estabelecidas pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) sob o parecer número 3.234.228.

---

[29] Por ora, vamos considerar que a pesquisa exploratória é um método investigativo que se constrói, sistematicamente, a partir do que se observa em relação ao objeto de pesquisa. Para saber mais, aconselhamos a leitura de GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

[30] Esse conceito será melhor debatido no Capítulo V.

CAPÍTULO I

OS CENÁRIOS ENVOLVIDOS EM NOSSO ESTUDO

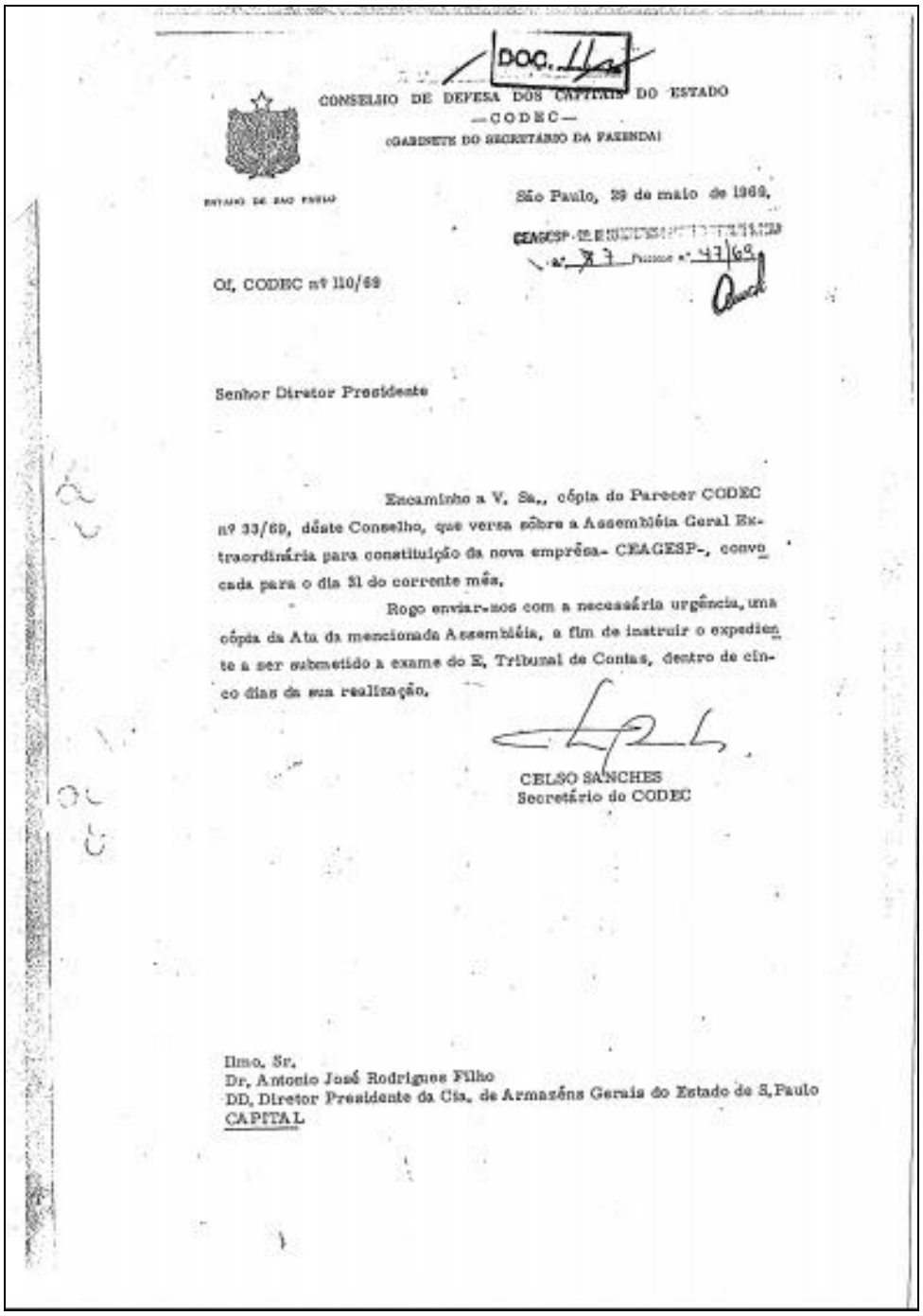
4. A CEAGESP

Criada em maio de 1969, a CEAGESP é o resultado da fusão de duas empresas que pertenciam ao Governo do Estado de São Paulo: o Centro Estadual de Abastecimento S/A (Ceasa) e a Companhia de Armazéns Gerais de São Paulo (Cagesp). Ela passou a ser gerida pela União em 1997, quando foi entregue pelo ex-governador Mario Covas (PSDB) como forma de renegociar a dívida do Estado paulista e dar início à sua privatização.[31]

Portanto, ao contrário de o que muita gente ainda imagina, trata-se de uma companhia federal, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. A confusão sobre o ente federativo a que pertence, ao que parece, é consequência, inclusive, de uma falha de comunicação, perpassada ao longo das últimas gestões da estatal, que envolve tanto questões internas quanto elementos externos.

[31] **Legado da privatização e contratos intermináveis causam conflito na Ceagesp**. Disponível em www.redebrasilatual.com.br/politica/2014/03/exclusivo-legado-da-privatizacao-e-contratos-interminaveis-causam-conflitos-na-ceagesp-9843.html. Acesso em 25/7/2018.

Figura 1 – Fac-símile de documento que registra a criação da CEAGESP



DOC. 11

CONSELHO DE DEFESA DOS CAPITAIS DO ESTADO
— C O D E C —
(GABINETE DO SECRETÁRIO DA FAZENDA)

ESTADO DE SÃO PAULO

São Paulo, 29 de maio de 1969.

CEAGESP-

Of. CODEC nº 110/69

Senhor Diretor Presidente

Encaminho a V. Sa., cópia do Parecer CODEC nº 33/69, dêste Conselho, que versa sôbre a Assembléia Geral Extraordinária para constituição da nova emprêsa- CEAGESP-, convocada para o dia 31 do corrente mês.

Rogo enviar-nos com a necessária urgência, uma cópia da Ata da mencionada Assembléia, a fim de instruir o expediente a ser submetido a exame do E. Tribunal de Contas, dentro de cinco dias da sua realização.

CELSO SANCHES
Secretário do CODEC

Ilmo. Sr.
Dr. Antonio José Rodrigues Filho
DD. Diretor Presidente da Cia. de Armazéns Gerais do Estado de S.Paulo
CAPITAL

Fonte: Portal da CEAGESP

Figura 2 – Fac-símile do Diário Oficial do Estado de São Paulo com a ata de fundação da CEAGESP

DIÁRIO OFICIAL
Estado de São Paulo

ANO LXIX — Nº 114 — QUINTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1969 PÁGINA 53

SOCIEDADE "CEAGESP"
Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DE CONSTITUIÇÃO PARA FUNDAR DA CAGESP COM O CEASA

Aos trinta e um dias do mês de maio de mil novecentos e sessenta e nove, reunidos na dessa hora, em primeira convocação, na sede social do Centro Estadual de Abastecimento S.A. (CEASA), à rua Probert n.º, nesta Capital, acionistas desta Sociedade e da Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo (CAGESP), representando mais de dois terços (2/3) do capital da esta sociedade, conforme se verificou das assinaturas dos respectivos "Livros de Presença" com as declarações exigidas por lei, foi aclamado Presidente da Assembléia o Representante da Fazenda Estadual, Procurador Geral do Estado, Doutor Osvaldo Costa que, para Secretário, convidou a mim, advogado Salustiano Martins de Almeida, devendo nomeo legal, declarou o Presidente instalada a Assembléia, para resolver sobre a constituição da nova Sociedade anônima: "CEAGESP — Companhia de Entrepostos e Armazens Gerais de São Paulo", por fusão das companhias acima referidas, tratando que esta Assembléia Geral Extraordinária foi regularmente convocada por avisos publicados no "Diario Oficial" do Estado, dos dias 22, 23 e 24 e na jornal "O Estado de São Paulo", dos dias 22, 23 e 24, todos do corrente ano, determinando a leitura desta publicação, cujo inteiro teor é o seguinte: "Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo — CAGESP — CEASA — Centro Estadual de Abastecimento S.A. Convocação — Assembléia Geral Extraordinária — Os Diretores da Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo (CAGESP) — e do CEASA — Centro Estadual de Abastecimento S.A., interessadas, chamam os senhores acionistas de ambas as Sociedades, para se reunirem em Assembléia Geral Extraordinária, no dia 31 de maio de 1969, às 10 horas, na sede do Centro Estadual de Abastecimento S.A., à rua Probert n.º, nesta Capital, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: a) Constituição da nova sociedade, por fusão das duas atuais sociedades; b) Aprovação, em separado, dos laudos de avaliação; c) Aprovação conjunta dos estatutos da nova sociedade, CEASA — Companhia de Armazens Gerais e Entrepostos de São Paulo, e d) Eleição dos membros da Diretoria e do Conselho Fiscal. São Paulo, 16 de maio de 1969". O Conselho de Defesa do Capital do Estado emitiu o seguinte parecer sobre o assunto: "Conselho de Defesa do Capital do Estado — CODEC — (Gabinete do Secretário da Fazenda) Processo SP. n. — Interessado: Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo — CAGESP — e Centro Estadual de Abastecimento S.A. — CEASA. Assunto: Assembléia Geral para constituição da CEAGESP. Parecer n. 3740 — 1. A Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo — CAGESP — e o Centro Estadual de Abastecimento S.A. — CEASA, em virtude da não ilegalidade da divulgação inicia, com origem de uma nova empresa, entenderam ao Conselho os laudos de avaliação das duas empresas a serem incorporadas na nova Sociedade e a publicação do edital de convocação para a Assembléia Geral Extraordinária para o próximo dia 31 do corrente mês. 2. A convocação da Assembléia Geral objetiva atender a exigência do parágrafo 2.º do artigo 153 do Decreto-lei n. 2.627, de 26 de setembro de 1940, isto é, dar conhecimento aos acionistas acionistas dos laudos de avaliação e manter sobre a constituição definitiva da nova sociedade, cuja denominação será — Companhia de Entrepostos e Armazens Gerais do Estado de São Paulo — CEAGESP. 3. Inexiste qualquer impedimento para que se conclua as formalidades tendentes à formação da nova empresa, tendo vez que foram satisfeitas todas as exigências legais. Alias, disse o CODEC (à fls. 27 mencionou) sobre essas sobre a fusão CAGESP — CEASA, colocando-se sempre em posição favorável. 4. Observamos, apenas, a necessidade de uma revisão dos Estatutos da nova sociedade, no seu capítulo V, artigo 12, parágrafo 1.º: "(a) expropriação da Companhia" deve ser eliminada, considerando o caráter estritamente reservado das Assembléias Gerais. O parágrafo 3.º do mesmo artigo deverá ser redigido na sua totalidade porque a atual — das eleitas e pelas controladas pelo a ser distribuída de um novo crédito da Secretaria da Fazenda, que é a Departamento de Auditoria do Estado. 5º o nosso parecer que submetemos à alta deliberação do Conselho, CODEC, 28 de maio de 1969. (a) José Natale — Relator. Aprovado por decisão unânime — em reunião desta data. CODEC, 29 de maio de 1969. (a) Wilson Bastos — Presidente do CODEC, Marcelo Castaldi — Membro do CODEC, Odilo Gonçalves — Secretário do CODEC". Estando presentes os pertinentes sociedades nas Assembléias Gerais Extraordinárias de 5 de maio de 1969, da Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo (CAGESP) e de 9 de maio de 1969, do CEASA — Centro Estadual de Abastecimento S.A., senhores Eng. José Luiz Biondi Pereira, e Bacharel Nelson Cruz e o contador Paulo Vasconcellos, determinou, então, o Senhor Presidente a leitura do laudo de avaliação do patrimônio da Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo (CAGESP), subscrito pelos dos Estado de São Paulo (CAGESP), no mesmo sentido sob: "Laudo de Avaliação Os abaixo assinados, peritos nomeados em Assembléia Geral de CEASA — Centro Estadual de Abastecimento S.A., realizada em 9 de maio de 1969, para procederem a avaliação do patrimônio líquido da Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo (CAGESP), desta Capital, por constituição de uma sociedade anônima de fusão de ambas e quotas das sociedades mencionadas, que lhe sucederá em todos os direitos e obrigações nos têrmos do artigo 153 do Decreto-Lei 2627 de 26-9-1940, vêm prestar seus honrosos serviços a seu Laudo. Os peritos estiveram na sede da sociedade, à rua XV de Novembro n. 228, 10.º andar, nesta Capital, onde tiveram oportunidade de examinar os livros escriturais e de contabilidade, bem como os exames de inventarios, de documentação, inspeção físico de bens, visitaria de parte dos imóveis, consultas a plantas, escrituras descritivas, etc., no intuito julgamos ser o mais adequado em cada caso. Tomando por base o último balancete levantado pela contabilidade, com data de 31 de maio dois mil e sessenta e nove, e considerando o valor atual dos bens e direitos da sociedade, com ligeiras modificações individuais que podem ser designadas e que no conjunto tendem a anular-se, correspondo a importância pela qual estão escriturados, sendo adequadas ao normal funcionamento e de negócio que compelem o alvo, (ao menos levas verificamos serem pertinentes e corresponde-se estimados os valores contabilizados no passivo da sociedade, correspondentes ao saldo credor, ao crédito de terceiros e as contas de provisões, as transitorias e de registro, considerando a incorporação da Reserva decorrente da correção monetária imobilizada, à conta de Capital, verificada em Assembléia Geral Extraordinária de 9 de maio do corrente, passando o Capital social a ser de NCr$ 71.380,898,90 (setenta e um milhões, trezentos e oitenta mil e oitenta cruzeiros novos). Para os bens imobilizados foram considerados reconvertidos os valores pelos seus respectivos coeficientes de aquisição e eventuais benfeitorias, incluindo a mencionada reavaliação operada e baixada no mês de abril último, com base nos coeficientes do Conselho Nacional de Economia, nos quatro termos do artigo 241 do Decreto nº 48.480-66, correspondendo as respectivas depreciações contabilizadas e corrigidas proporcionalmente. Recomendamos aos peritos, para maior exatidão dos cálculos futuros, que essas importâncias relativas à aquisição, realização e depreciação de bens imobilizados, sejam incorporadas à sociedade a constituir-se em contas segregadas, tal como estão, preservando seu aspecto histórico e acerto contábil. Os peritos também constataram que a sociedade sob exame (CEASA) possui em seu ativo, nesta data, como investimento, NCr$ 31.224,80 (trinta e um mil, duzentos e vinte cruzeiros novos) de capital da sociedade com a qual deve fundir-se (CAGESP), correspondente a 2.122 (dois mil, cento e vinte e cinco) ações por seu valor nominal. Ocorrendo a fusão pretendida, desaparecerá este valor do ativo, a que deveria corresponder idêntica redução do capital da sociedade a constituir. Para evitar esta ultima, os peritos dando à ressaltar que os senhores acionistas que no ato da fusão tal baixa do ativo seja compensada por redução equivalente de conta de reserva existente, de sorte a ajustar-se o valor do Patrimônio Líquido, porém sem redução da conta de capital, que continuará a apresentar a cifra do capital nominal, por seu valor na presente data, sendo as ações correspondentes redistribuídas aos demais acionistas na proporção das ações que já possuem. Os valores constantes do balancete levantado em 31 de março de 1969, que os peritos examinaram, são os constantes dos livros oficiais, devidamente por dia, entendendo os signatários que na fusão serão incorporados os saldos oferecidos pela contabilidade em 31 de maio, data prevista para a operação, que com apoio em seu exame e tendo em vista os poucos dias que decorrerão até lá, concluíram como representativos do valor atual da sociedade na data, devendo ressaltar seu espírito sólido expresso, os peritos manifestam deliberar a pesarem em dias vias, para não só efetiva, sejam feitas ressalvas e sugestões. São Paulo, 26 de maio de 1969. (as) Paulo Vasconcellos — CRC n. 2.122 — SP.; José Luiz Biondi Pereira — CEASA n.º 10.131 — SP.; Nelson Cruz — CRSP n.º 467-SP.". — Prosseguindo a leitura, o Senhor Presidente que acaso pudessem votar na aprovação do relatório desta lavrado, os acionistas da Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo (CAGESP). Procedida a votação, nesta forma, verificou-se a aprovação unânime do laudo de avaliação do patrimônio do CEASA — Centro Estadual de Abastecimento S. A. a seguir, determinou o Senhor Presidente a leitura dos projetos dos Estatutos da nova sociedade "CEAGESP" — Companhia de Entrepostos e Armazens Gerais de São Paulo, acompanhando emendas modificações, indicadas em sugestões pelo CODEC, que lê foram objeto de agregação pelos acionistas, em Assembléia Geral Extraordinária, no dia 4 do corrente mês, da Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo (CAGESP) e no dia 9, também deste mês, do CEASA — Centro Estadual de Abastecimento S. A., colocando em discussão e em seguida em votação, artigo por artigo, resultando a aprovação, por unanimidade, do seguinte texto: —

ESTATUTOS DA "CEAGESP"

CAPÍTULO I

Nome, Sede, Objeto e Duração

Artigo 1.º — São a desenvolução da Companhia de Entrepostos e Armazens Gerais do São Paulo — CEAGESP — Em sociedade anônima, formada pela fusão das sociedades que se regerá pelos presentes Estatutos e pela legislação e ela aplicável, incluindo as que lhe forem de fusão da Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo — CAGESP — e do Centro Estadual de Abastecimento S.A. — CEASA.

Artigo 2.º — A Companhia tem sua sede, administrativa e seu foro Capital do Estado de São Paulo, podendo, a juízo da Diretoria, abrir ou extinguir filiais, sucursais, agências, escritórios, representações onde convier aos interesses sociais.

Artigo 3.º — A Companhia tem por objetivo principal:

I — Pelo Departamento de Armazens Gerais:

a) — Guardar e conservar mercadorias de terceiros, em armazens gerais, silos e frigoríficos, especialmente serviços conexos e preliminares, também, conforme seus pertinentes nos seus fins.

b) — Na forma da legislação em vigor, a Companhia emitirá recibos de depósitos, conhecimentos de armazéns e "warrants" dos armazéns armazenados.

II — Pelo Departamento de Entrepostos:

Instalar entrepostos para, sob a sua administração, locar ou permitir a seu terceiro de seus espaços e locais, que visem a comercialização dos produtos agro-pecuários e de produtos de seus serviços, serviços conexos e praticando quaisquer atos pertinentes ao seus fins.

Parágrafo único — A Companhia envolverá os seus objetivos em perfeita harmonia com a política e os programas governamentais de abastecimento.

Artigo 4.º — A duração da Sociedade será por prazo indeterminado.

CAPÍTULO II

Capital Social e Ações

Artigo 5.º — O Capital social realizado é de NCr$ 103.847.264,00 (cento e sessenta e quatro milhões, oitocentos e quarenta e sete mil, duzentos e sessenta e quatro cruzeiros novos), dividido em 104.847.264 (cento e sessenta e quatro milhões, oitocentos e quarenta e sete mil, duzentos e sessenta e quatro) ações ordinárias ou comuns, nominativas e individuais, de valor nominal de NCr$ 1,00 (hum cruzeiro novo) cada uma.

Artigo 6.º — Cada ação dá direito a um voto nas deliberações das Assembléias Gerais.

CAPÍTULO III

Administração da Sociedade

Artigo 7.º — A Companhia será administrada por uma diretoria composta de 4 (quatro) membros, a saber: Diretor Presidente e 3 (três) Diretores, residentes no País, eleitos quadriennalmente, pela Assembléia Geral Ordinária, podendo ser reeleitos.

Parágrafo 1.º — Em caso de vaga, e carga será ocupado, cumulativamente, por outro Diretor, indicado em reunião da Diretoria, até a primeira Assembléia Geral, que elegerá o novo Diretor, o qual ocupará o cargo pelo tempo que faltava ao substituído.

Parágrafo 2.º — Se o eleito pela Assembléia Geral for um dos Diretores, a nomeação Assembléia Geral elegerá novo Diretor para o cargo que se vagou.

Parágrafo 3.º — No impedimento e ausência temporária de qualquer dos Diretores, a Companhia continuará a ser administrada pelos outros Diretores.

Artigo 8.º — A Diretoria tem as atribuições e poderes que a lei lhe confere para assegurar o funcionamento regular da Companhia.

Parágrafo 1.º — Cada Diretor tem direito dos poderes necessários para a prática dos atos e operações relativos aos fins da Companhia, cabendo ao Diretor Presidente a representação em juízo ou fora dêle, ativa e passivamente.

Parágrafo 2.º — Emite os "Recibos de Depósito", "Conhecimentos de Depósito" e "Warrants", das mercadorias armazenadas, que caberão a assinatura de um Diretor e de Diretor Adjunto, todos os demais papéis e documentos que envolvem responsabilidade da Companhia, incluindo os relativos ao movimento bancário, cheques, obrigatoriamente, as assinaturas de dois Diretores.

Parágrafo 3.º — A Companhia poderá outorgar procurações para outras e determinadas incumbências.

Artigo 9.º — Os Diretores terão-se-ão, mesmo que for necessário e seus resultados os dividos contábeis no livro de "Atas de Reuniões da Diretoria".

Parágrafo 1.º — Nas deliberações da Diretoria, cada Diretor tem direito a um voto.

Parágrafo 2.º — No caso de empate, o Diretor Presidente terá voto de qualidade, além do de qualidade.

Artigo 10 — A título de remuneração cada Diretor receberá, mensalmente, a quantia que for fixada pela Assembléia Geral.

CAPÍTULO IV

Conselho Fiscal

Artigo 11 — O Conselho Fiscal será composto de 3 (três) membros efetivos e suplentes em igual número, todos residentes no País, eleitos anualmente, pela Assembléia Geral Ordinária, obedecendo a indicação do "Conselho de Defesa do Capital do Estado — CODEC — nos têrmos do Decreto Estadual n.º 42.328, de 22-5-1963.

Parágrafo 1.º — O Conselho Fiscal terá suas atribuições e poderes que a lei lhe confere.

Parágrafo 2.º — O Conselho Fiscal terá a prerrogativa que for fixada pela Assembléia Geral Ordinária para o cargo.

CAPÍTULO V

Assembléia Geral

Artigo 12 — A Assembléia Geral realizar-se-á ordinariamente, nos 4 (quatro) meses após a terminação do exercício anual e, extraordinariamente, sempre que os interesses sociais exigirem o pronunciamento dos acionistas.

Parágrafo único — O Presidente da Assembléia Geral será o Diretor-Presidente da Companhia, para manter a mesa que dirigirá os trabalhos da Assembléia, o Presidente convidará um acionista para servir de Secretário.

Artigo 13 — A convocação da Assembléia Geral far-se-á por anúncios publicados pela imprensa, como mínimo a 15, e dela deverão constar a ordem do dia, ainda que cumulativa, o mês, o dia, a hora e o local da reunião.

CAPÍTULO VI

Exercício Social

Artigo 14 — O ano social coincide com o ano civil.

Artigo 15 — No fim de cada exercício social, proceder-se-á ao levantamento do inventário e do balanço geral social, com observância das prescrições legais. De lucro líquido deduzir-se-ão 5% (cinco por cento) para a reservação do capital até que esse fundo atingir 20% (vinte por cento) do capital social. O restante do lucro será distribuído aos acionistas, sob deliberação em convocação da Assembléia Geral que, outrossim, não poderá recusar a distribuição a menos de 6% (seis por cento) sobre o valor das ações.

Artigo 16 — Os dividendos não reclamados prescrevem-se, segundo as disposições legais.

CAPÍTULO VII

Disposições Transitórias

Artigo 17 — Tendo sido a Sociedade constituída em virtude da fusão das Companhias citadas no artigo 1.º dos Estatutos, subrogam-se por sôbre de que dispõe o artigo 153 do Decreto-lei n.º 2.627, de 26 de setembro de 1940, em todos os direitos e obrigações e responsabilidades, inclusive fiscais em relação a elas, como a terceiros e ao Governo Estadual.

Artigo 18 — Os Diretores das Sociedades ora extintas, não obstante para a Diretoria da nova Sociedade, assumirão, com os herdeiros que vinham percebendo, funções de Consultoria, até 31 de dezembro de 1969.

Artigo 19 — Para os efeitos do disposto no artigo 16.º da Consolidação das Leis do Trabalho, ficam garantidos todos os direitos adquiridos dos empregados das empresas fundidas, em relação à CEAGESP — Com-

Fonte: Portal da CEAGESP

Figura 3 – Logotipos da companhia ao longo do tempo

Fonte: Portal da CEAGESP

A atuação da empresa federal está centrada basicamente em duas atividades, que são a armazenagem de produtos predominantemente *in natura* e a entrepostagem (depósito ou venda de mercadorias).[32] Ela tem a maior rede pública de armazéns, silos (grandes depósitos, em forma de cilindro, para guardar produtos agrícolas) e graneleiros (locais que recebem ou abrigam mercadorias a granel) do Estado de São Paulo, com 18 unidades próprias, cuja capacidade de estoque ultrapassa 850 mil toneladas.

Em relação à entrepostagem, conta com 13 centrais atacadistas, também espalhadas pelo Estado e sempre próximas a polos de produção e de consumo. Elas funcionam como ponto de encontro de produtores e comerciantes, sendo a maior a da capital paulista, que é o Entreposto Terminal São Paulo (ETSP), situado na Vila Leopoldina, na zona oeste. Por sinal, a sede administrativa da CEAGESP fica nesse mesmo endereço, o que denota ainda outra confusão, pois se convencionou chamar o lugar pelo nome da estatal.

Para que não haja dúvidas, é preciso deixar claro que a companhia não faz a intermediação da comercialização de alimentos. Atuando como um importante elo na cadeia de abastecimento, ela possibilita que a produção do campo, proveniente de vários Estados brasileiros e de outros países, chegue à mesa de milhares de famílias.

[32] Todas as informações institucionais constam no portal www.ceagesp.gov.br. As próximas referências também podem ser encontradas nesse mesmo endereço eletrônico. A recorrência direta ao portal como fonte decorre do fato de que a direção da estatal, conforme veremos adiante, não aceitou participar da pesquisa nem tampouco fornecer dados públicos, em que pese ela estar submetida ao cumprimento da Lei de Acesso à Informação (Lei federal 12.527/2011).

Desse modo, a CEAGESP responde somente pela infraestrutura necessária para que atacadistas, varejistas, produtores rurais, cooperativas, importadores, exportadores e agroindústrias desenvolvam suas atividades. Outro esclarecimento necessário é que a armazenagem e a entrepostagem têm como foco primordial o atacado, e não o varejo.

Figura 4 – Mapa das unidades de armazenamento da CEAGESP

Fonte: Portal da CEAGESP, com adaptações do pesquisador

Figura 5 – Localização dos entrepostos da CEAGESP

Fonte: Portal da CEAGESP, com adaptações do pesquisador

Não bastasse a atribuição comumente equivocada da esfera governamental a que está subordinada a companhia, há quem se refira à instituição como Ceasa. Os próprios carregadores, muitas vezes, costumam chamá-la dessa forma. A dualidade só piora quando percebemos que a denominação aparece, inclusive, contemplada também pelo poder público. Como exemplo, citamos a linha de ônibus municipal 178T-10 – Metrô Santana/Ceasa e a estação ferroviária Ceasa da Linha 9-Esmeralda da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), que fica próxima ao Portão 14 (nos fundos do entreposto paulistano), às margens do rio Pinheiros.

4.1 Breve panorama histórico

Ao longo dos anos, a empresa, que centralizava o abastecimento de boa parte do Brasil, rapidamente consolidou sua atuação nas áreas de comercialização de hortifrutícolas (frutas, verduras e legumes) e na armazenagem de grãos. Sem nos atermos a uma linha do tempo tradicional, mencionamos alguns episódios que mostram a evolução da CEAGESP desde a sua criação.

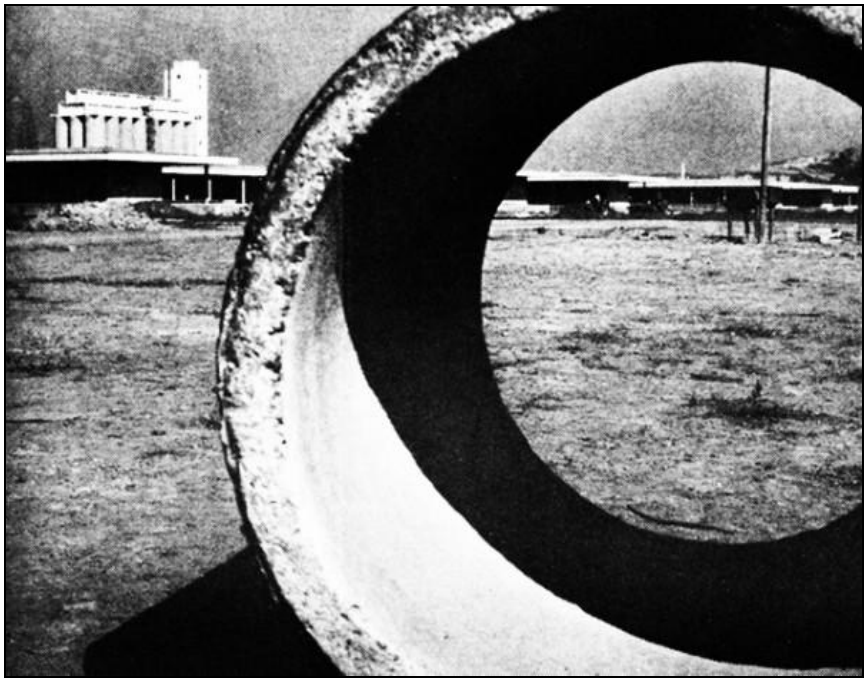
Em 1977, quando houve a ampliação do Pavilhão Mercado Livre do Produtor (MLP), construído em 1964 no Entreposto Terminal São Paulo, a companhia alcançou o recorde de 6,2 mil toneladas de produtos vendidos em um único dia, marca que, à época, superou a do maior mercado do mundo, o Paris-Rungis, na França.

No final da década de 70 do século passado, teve início o processo de descentralização da atividade de entrepostagem, com a inauguração, em São José do Rio Preto, da primeira unidade de comercialização fora da capital paulista.

Nesse mesmo período, a CEAGESP passou também a investir no atendimento direto ao consumidor, o que se traduziu no primeiro varejão com gêneros alimentícios frescos e a preços controlados. Em 1983 surgiram os sacolões, que vendiam verduras e legumes por quilo a preço único. No ano seguinte, apareceram os comboios, que funcionavam como minivarejões e, em 1994, implantou-se o Varejão Noturno no entreposto da Vila Leopoldina.

No que se refere à armazenagem, em 1970 foram erguidos os primeiros silos horizontais do país, acoplados a graneleiros. Nessa fase, a rede recebia os estoques reguladores do governo federal, comprados em vários Estados e armazenados em municípios do interior de São Paulo. A partir de 1986, os armazéns se voltam para o acondicionamento de açúcar ensacado, por conta da expansão da cultura de cana-de-açúcar que, ao lado da laranja, assumiu a liderança da agricultura paulista.

Foto 1 – Entreposto Terminal São Paulo (ETSP)



O ETSP, na Vila Leopoldina, na zona oeste da capital paulista, em processo de construção nos anos 1970.
Fonte: CODCO/CEAGESP

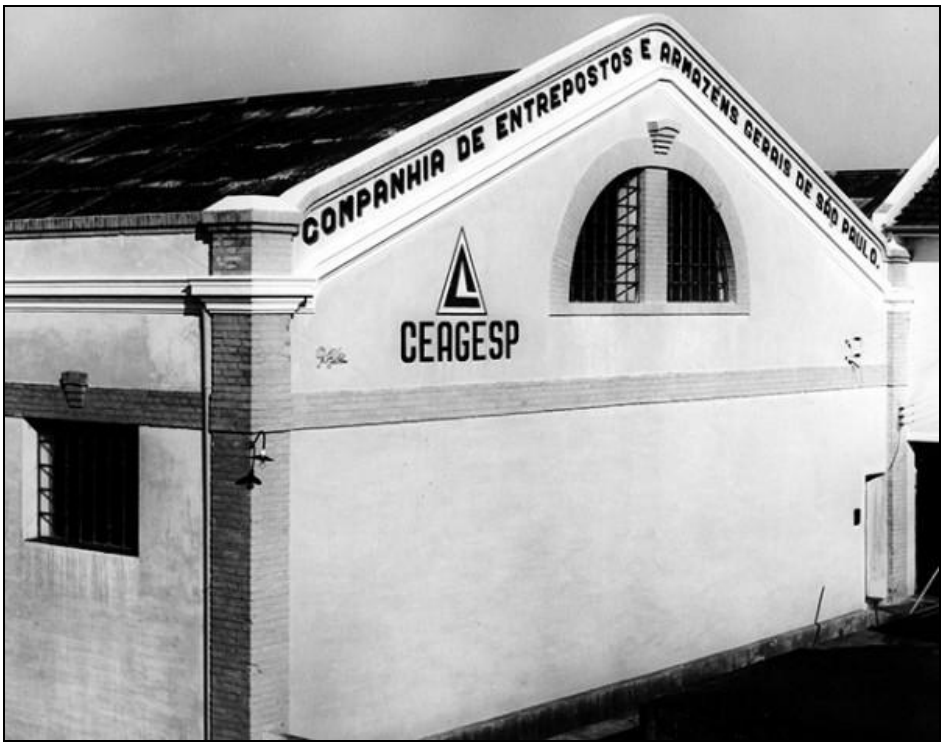
Foto 2 – Pavilhão Mercado Livre do Produtor (MLP)

O pavilhão, construído em 1964 no ETSP, foi duplicado em 1974 e recebeu última reforma entre 2013 e 2014.
Fonte: CODCO/CEAGESP

Foto 3 – Varejão da CEAGESP

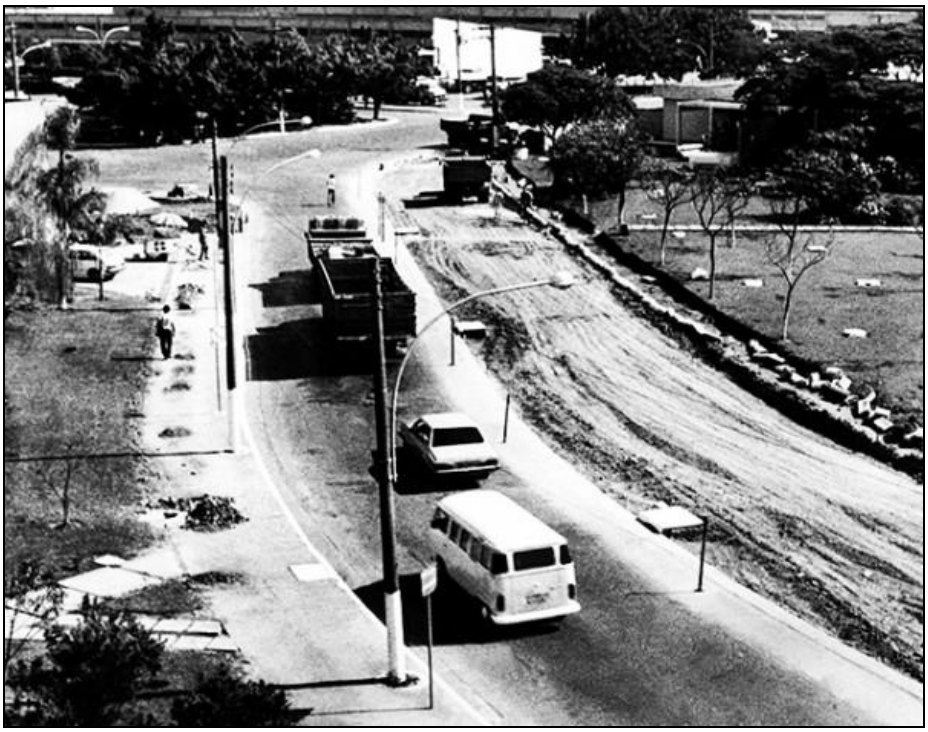
O primeiro varejão da companhia foi criado em 1979, no Entreposto Terminal São Paulo.
Fonte: CODCO/CEAGESP

Foto 4 – Armazém que compõe a rede da CEAGESP



Antiga unidade de armazenagem no município de Botucatu, no interior paulista.
Fonte: CODCO/CEAGESP

Foto 5 – Ampliação do entreposto paulistano em 1985



Obras de alargamento da pista de entrada do Portão 3 do ETSP, na Avenida Doutor Gastão Vidigal
Fonte: CODCO/CEAGESP

Foto 6 – Edifício sede da CEAGESP

Prédio, inaugurado em 1977, é onde ficam a Presidência e boa parte dos setores administrativos da estatal.
Fonte: CODCO/CEAGESP

4.2 A federalização e seus (d)efeitos

Muito da situação precária em que se encontra a CEAGESP é reflexo direto do processo de federalização a que ela acabou sendo submetida. Como já comentamos, o procedimento foi consequência de um acordo fechado em 1997 para o abatimento de dívidas entre o Governo do Estado de São Paulo e a União. Porém, ao longo da gestão do ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso (PSDB), a privatização que se pretendia não foi levada adiante.

O quadro piorou com a sua inclusão no Programa Nacional de Desestatização (PND), cujo objetivo foi prepará-la para que fosse vendida. Cumpre destacar que as estatais que se encontravam inseridas nesse sistema de pré-privatização não podiam receber investimento direto do governo federal nem realizar empréstimos. Isso só veio a prejudicar, sobremaneira, o gerenciamento da companhia.

Somente em março de 2015, com o Decreto federal 8.417/2015, assinado pela ex-presidente da República Dilma Rousseff (PT), é que a CEAGESP conseguiu ser excluída do PND. A decisão decorreu do entendimento de sua viabilidade como empresa pública e, consequentemente, da importância do poder público no desenvolvimento e na aplicação de políticas específicas para o setor de abastecimento de gêneros alimentícios.

Atrelado a isso, houve a demonstração, nos cinco anos anteriores ao decreto, de que ela poderia funcionar com eficiência e equilíbrio financeiro, a partir de uma gestão com maior autonomia. A mudança de posição representa a possibilidade de novos tempos no formato de gerenciamento da estatal.

> A saída do PND, ao qual a Companhia estava inclusa desde 1997, possibilitará portanto que ela se liberte de determinadas “amarras” que dificultam o seu gerenciamento como a impossibilidade de se firmar parcerias tanto públicas quanto privadas e de ter acesso à linha de créditos para investimentos. Com isso, será possível viabilizar vários projetos de modernização dos entrepostos e dos armazéns da CEAGESP. (...) Acrescente-se ainda o fato de que, com o decreto, abre-se a oportunidade de negociar seus ativos para alavancar ainda mais a empresa.[33]

Importante ressaltar que até então, devido ao PND, eventuais investimentos promovidos na infraestrutura, na manutenção e na administração da CEAGESP eram feitos com base, exclusivamente, na receita obtida com a locação e as taxas pagas pelos

[33] **Nota oficial sobre PND e mudança de endereço do entreposto da capital**. Disponível em www.ceagesp.gov.br. Acesso em 28/8/2018.

permissionários que utilizam o espaço dos entrepostos, bem como pelos serviços prestados de armazenagem.

Em relação aos boxes comerciais (permissionários) dentro da rede de entrepostagem, merece citarmos o que acontece no Entreposto Terminal São Paulo, o que auxilia a compreender a dificuldade da companhia em dispor de recursos. Os contratos em vigor foram firmados na década de 1960, em plena ditadura militar, sem concorrência pública e com validade indefinida.

Tal fato criou um emaranhado de transmissão por hereditariedade e a negociação de contratos de gaveta no mercado paralelo, sem qualquer fiscalização. "Os valores previstos nesses documentos variam de acordo com o tamanho do box, mas chegam a R$ 3 mil mensais, muito abaixo do preço médio praticado na capital paulista."[34]

Conforme pode se verificar, toda essa explicação conjuntural propicia as condições para se entender um pouco melhor os problemas, os desafios e as incertezas atuais que circundam a CEAGESP. Elas acabaram resultando na configuração que a empresa tem nos dias de hoje. Não dar a devida atenção a tais elementos pode servir para dificultar as possíveis alternativas que contribuam para recuperar, de fato, o papel essencial da instituição, com consequências inevitáveis para permissionários, funcionários, compradores e, claro, os carregadores autônomos.

4.3 Funcionamento da companhia

O expediente da área administrativa da CEAGESP é das 8 horas às 17 horas, de segunda a sexta-feira. Os únicos serviços terceirizados são o de limpeza, o de segurança, o de ambulância[35] e o de monitoramento dos estacionamentos. A empresa tem, em seu quadro profissional, funcionários concursados e outros que ocupam cargos de livre provimento (nomeação), sendo todos contratados de acordo com as normas da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

A respeito dos cargos nomeados, que incluem os principais diretores e gestores, incluindo o presidente, a remuneração recebida se encontra, por vezes, acima dos valores praticados no mercado. A situação faz com que a nomeação acabe sendo usada, infelizmente,

---

[34] **Legado da privatização e contratos intermináveis causam conflito na Ceagesp**. Disponível em www.redebrasilatual.com.br/politica/2014/03/exclusivo-legado-da-privatizacao-e-contratos-interminaveis-causam-conflitos-na-ceagesp-9843.html. Acesso em 28/8/2018.

[35] Esse serviço, que funciona 24horas, atende todas as ocorrências surgidas dentro do entreposto paulistano.

como moeda de troca de indicação política feita por parlamentares e partidos aliados ao governo federal em questão.

Figura 6 – Painel dos ex-presidentes da CEAGESP

Fonte: Portal da CEAGESP

A maneira como é gerido o provimento dos cargos provoca constantes críticas tanto dos permissionários quanto dos carregadores autônomos, sendo que a alegação principal é que isso contribui para que não haja a continuidade de ações em desenvolvimento nem tampouco a realização de um planejamento sério a longo prazo.

> (...) como é mandado por um representante político, eles mandam a pessoa para cá sem formação, sem conhecer o Ceasa. Até ele conhecer, às vezes, 'atrapaia', quando ele está aprendendo as coisas do Ceasa já está saindo e vindo outro. Então, termina 'atrapaiando'. Se ele nomeasse a pessoa que já estivesse aqui dentro, ficava mais fácil, mas não é assim. A gente pensa de um jeito, eles pensam de outro. Eles estão atrás de poder. É complicado.[36]

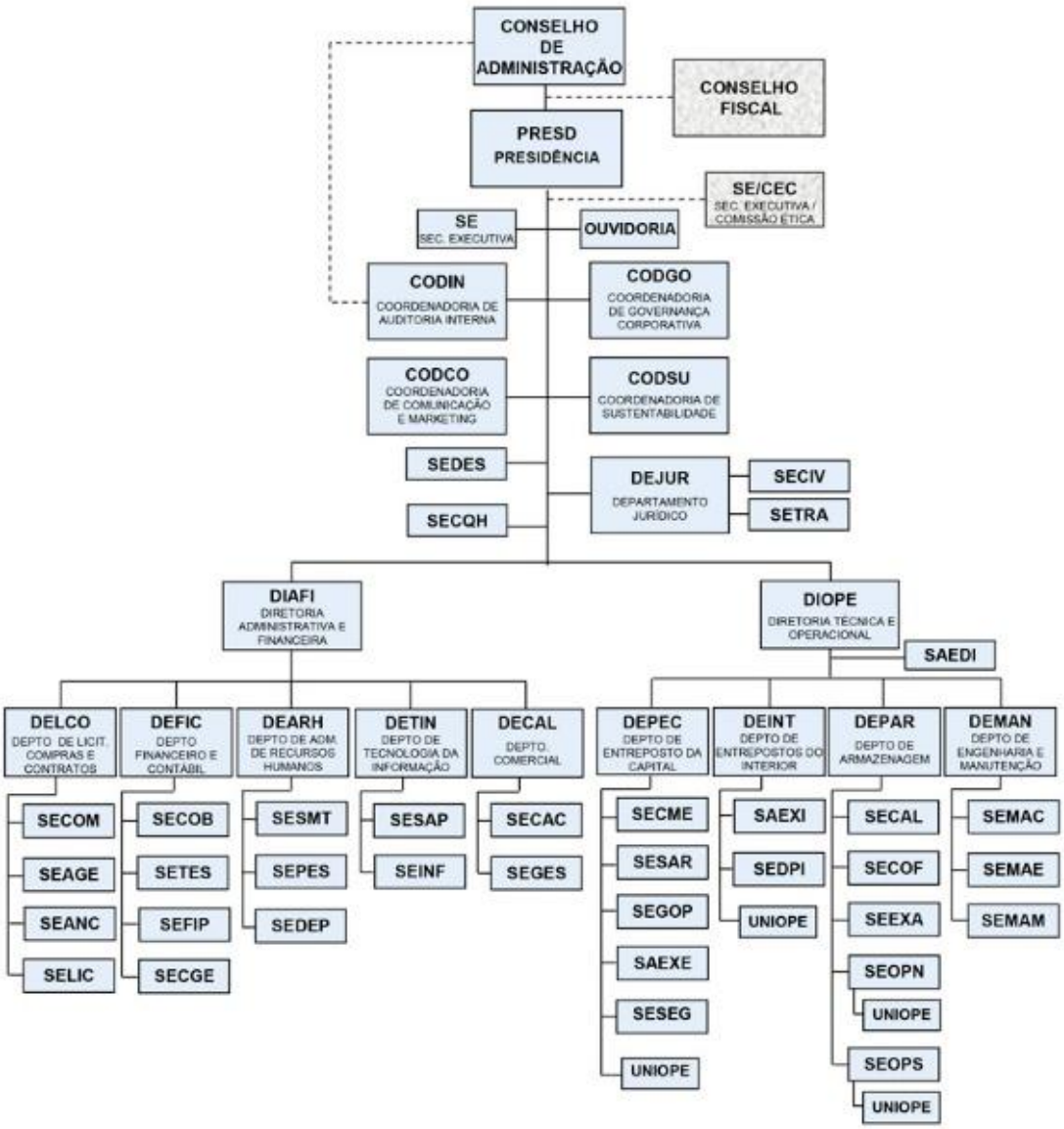
[36] Explicação dada, em entrevista aprofundada, por diretor sindical que representa os carregadores. A preservação do nome do dirigente segue os princípios estabelecidos no parecer 3.234.228 do Comitê de Ética em Pesquisa da EACH-USP, a que nosso estudo está atrelado.

A companhia tem a obrigação de apresentar sua prestação de contas junto ao Tribunal de Contas da União (TCU). Além disso, por se tratar de uma estatal, deve seguir o previsto na Lei federal 12.527/2011, a Lei de Acesso à Informação. Assim, é possível consultar a lista completa dos funcionários e saber, entre outros dados, o cargo ocupado, o setor de atuação e a relação de salários. Tudo isso é atualizado mensalmente e fica disponível no portal institucional.

Por não ser elemento basilar da nossa pesquisa, não iremos nos ater ao detalhamento do organograma completo da CEAGESP. Para efeito de o que nos interessa, destacamos os setores que podem vir a influenciar diretamente a rotina dos carregadores autônomos, com a sugestão de medidas capazes de afetar a atividade profissional da categoria.

Dentro desse escopo temos o Departamento de Entreposto da Capital (DEPEC), que funciona como uma espécie de prefeitura no Entreposto Terminal São Paulo; a Coordenadoria de Governança Corporativa (CODGO), que responde por mecanismos de controle internos e externos voltados ao desenvolvimento da atuação da companhia; o Conselho de Administração, que aprova as ações a serem implementadas na estatal; e, claro, a Presidência, responsável por dar e colocar em prática as diretrizes da empresa.

Figura 7 – Organograma atualizado da CEAGESP



Fonte: Portal da CEAGESP

4.4 Como a CEAGESP se comunica

A comunicação da CEAGESP está a cargo das pessoas que trabalham na Coordenadoria de Comunicação e Marketing (CODCO). No setor atuam, formalmente, um jornalista (concursado), uma designer gráfica (concursada) e dois estagiários de Jornalismo. Há ainda mais uma jornalista, que veio de outro departamento, mas cujo registro funcional não tem vínculo com o serviço que executa – ela é concursada em outra função. Por fim, o

comando da CODCO é exercido por um profissional em cargo de livre provimento, que precisa impreterivelmente ter formação superior em Comunicação Social.

Entre as tarefas desenvolvidas pela equipe estão a assessoria de imprensa, a elaboração da identidade visual (logotipos) e da arte de materiais impressos (cartazes, *banners*, placas, faixas e informativos), os registros de imagens fotográficas e a produção de conteúdos para os veículos de divulgação da própria companhia federal (portal, blog, Facebook e Instagram).

Durante um determinado período, a CODCO também preparava textos jornalísticos que saíam impressos no Informativo CEAGESP, no formato de um encarte (duas páginas e, posteriormente, somente uma) disponibilizado no Jornal Entreposto, que era o principal meio de divulgação interna e externa da CEAGESP. Com o fim dessa última publicação, que atingia um público bastante amplo e cuja edição era de responsabilidade de uma empresa particular, o boletim parou de ser feito.

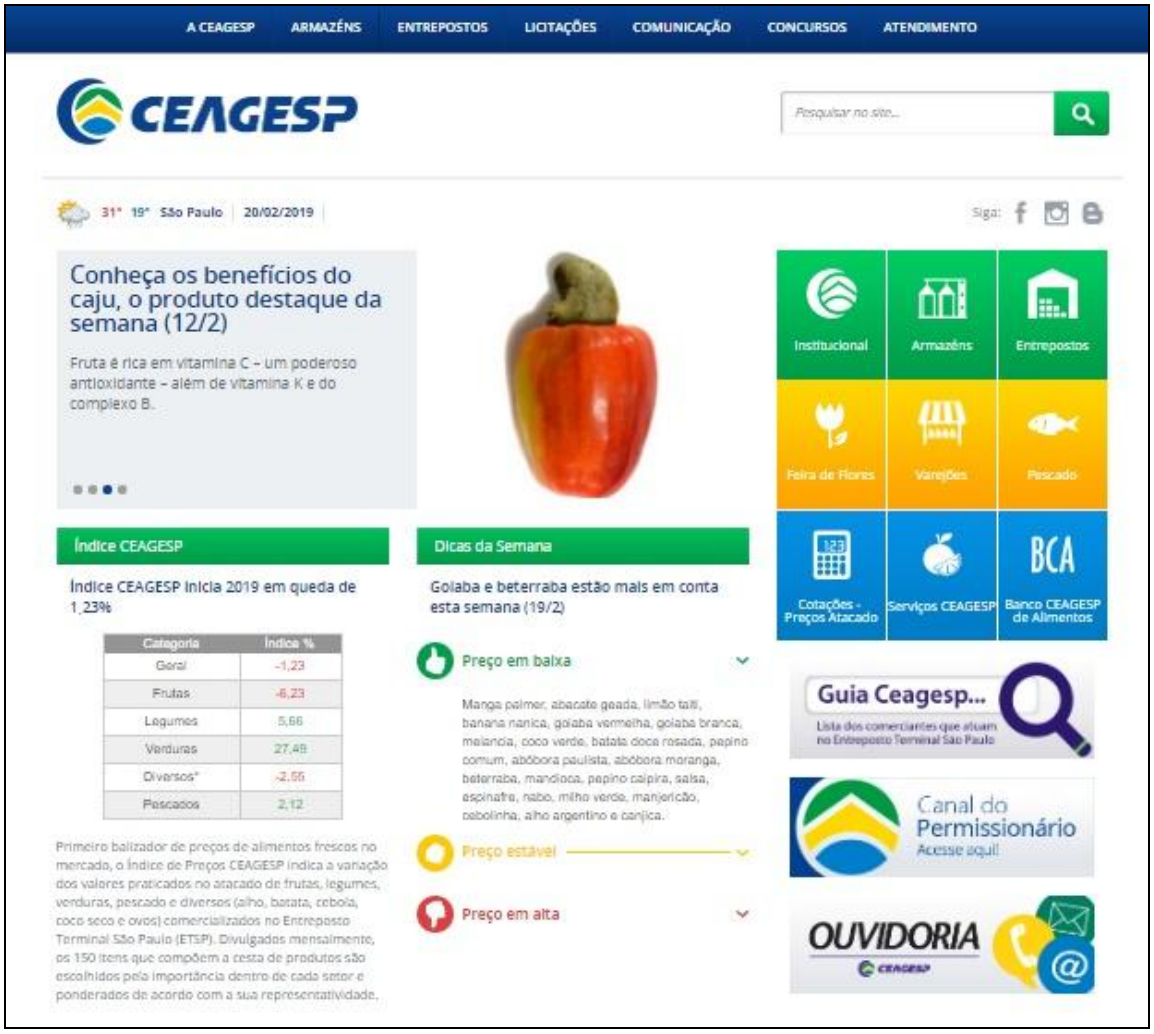
Atualmente, além de dar conta de eventuais demandas de imprensa, os jornalistas atualizam, semanalmente no portal (www.ceagesp.gov.br), a seção Dicas da Semana, onde é apresentada a variação de preços dos produtos na central atacadista. Disso derivam um *release*, distribuído como aviso de pauta, via e-mail, para os veículos de comunicação, e pelo menos dois outros conteúdos.

Um deles é o gênero alimentício destacado da lista gerada no Dicas da Semana, cujas informações nutricionais, curiosidades, centros de produção e preços de venda no atacado são veiculados no próprio portal e replicados no blog institucional (www.ceagespoficial.blogspot.com). O outro é a Receita da Semana, publicado no blog, em que se mostra como aproveitar melhor o alimento presente no Dicas da Semana.

Todos os meses, também no portal, a Coordenadoria de Comunicação e Marketing promove a atualização do Índice de Preços CEAGESP. Trata-se de um balizador econômico, que indica a variação dos valores praticados no atacado de frutas, legumes, verduras, pescado e diversos no entreposto paulistano. São cerca de 150 itens que compõem a cesta de gêneros, que são escolhidos pela importância dentro de cada setor e ponderados de acordo com a sua representatividade.

Percebe-se, dessa forma, que o principal canal de comunicação acaba sendo o portal. Isso fica bem evidente até graficamente, já que as notícias jornalísticas situam-se logo em primeiro plano, na *homepage*, dispostas em um carrossel rotativo. Da mesma forma, aparecem destacados o Índice CEAGESP e o Dicas da Semana. As informações institucionais relativas à operação da estatal (entrepostos, armazéns, varejões e outras atividades) são localizadas em um *menu* à direita da página principal.

Figura 8 – Fac-símile da *homepage* inicial da CEAGESP



Fonte: Portal da CEAGESP

Figura 9 – Fac-símile do blog da CEAGESP

Fonte: www.ceagespoficial.blogspot.com

Figura 10 – Fac-símile do Facebook institucional da empresa

Fonte: www.facebook.com/ceagesp.oficial/

Figura 11 – Fac-símile do Instagram da CEAGESP

Fonte: www.instagram.com/ceagesp.oficial/

Foto 7 – Capa do antigo Jornal Entreposto, com o encarte Informativo CEAGESP

Fonte: Jamir Kinoshita

4.5 Os impactos de como opera a estatal

Pelo quadro traçado até o momento, podemos já vislumbrar algumas questões de ordem administrativa que, inevitavelmente, acabam por impactar nas condições de trabalho dos carregadores autônomos. Comecemos pela estrutura e pelo modo de funcionamento da CEAGESP no que diz respeito principalmente aos cargos de presidente, diretores e gerentes.

Como a maioria desses postos são de livre provimento, regidos pela CLT e as remunerações têm proximidade ou até são maiores a valores praticados na esfera privada, eles são geralmente utilizados, conforme já pontuamos, como moeda de troca para políticos e partidos ligados a quem está à frente do governo federal, sem critérios técnicos na hora de nomeação, salvo raras exceções.

Por exemplo, a Presidência da empresa pode ser exercida por profissional que tenha formação superior em qualquer área de conhecimento. Não há prerrogativas específicas para ocupar o cargo. Fica claro, assim, quem são, normalmente, aqueles que se beneficiam desse esquema de loteamento político.

Essa situação se traduz na dificuldade de continuidade de gestão e, especialmente, na interrupção de projetos desenvolvidos pelos principais gestores, já que a rotatividade inerente aos cargos faz com que não sejam desenvolvidas, normalmente, iniciativas de longo prazo, o que só piora com as saídas e vindas de profissionais a bel-prazer, que ainda geram custos à União – vamos lembrar que todos são celetistas. Soma-se a isso outro ponto que é a necessidade de tempo para os novos contratados compreenderem o funcionamento da CEAGESP, o que se reflete, muitas vezes, na demora e na descontinuidade de iniciativas e ações.

A inclusão da companhia por anos no Plano Nacional de Desestatização não contribuiu em nada, uma vez que a ideia de privatizá-la não deu certo, já que não houve interessados em adquirir a empresa. Pelo contrário, as amarras a que ela ficou atrelada provocaram, em boa parte, o sucateamento que se impôs no gerenciamento da empresa. Mesmo com a exclusão do programa, obtida em 2015, que possibilitou a busca e a aplicação de recursos externos, não se percebe ainda nenhuma melhora significativa, pois não se promoveu nenhuma operação administrativa nova.

Tamanho imobilismo afeta até mesmo a discussão sobre a mudança de endereço do entreposto paulistano, como veremos a seguir, uma vez que não se trata, nesse caso, de uma mera alteração de CEP, ao contrário da repercussão, única e exclusiva, que o assunto acaba tendo.

Sem querermos adentrar nesse meandro e nos demais que apontamos, até por não representarem o cerne principal de nossa investigação, o fato é que sem uma transformação de

mentalidade na gestão e sem a atualização de suas normas internas, ainda muito vinculadas à época do plano de privatização, a CEAGESP não conseguirá se posicionar frente a discussões necessárias sobre o seu futuro, como o modelo de mercado que se pretende ter para atender, com a devida qualidade, a demanda da sociedade. E isso, sem dúvida alguma, só faz piorar a sensação de que se está diante de uma empresa federal que não serve para outra finalidade que não seja o loteamento de cargos políticos.

5. O ENTREPOSTO TERMINAL SÃO PAULO

A Feira de Caruaru
Faz gosto a gente vê
De tudo que há no mundo
Nela tem pra vendê (...)
Tem massa de mandioca,
Batata assada, tem ovo cru,
Banana, laranja, manga,
Batata, doce, queijo e caju,
Cenoura, jabuticaba,
Guiné, galinha, pato e peru,
Tem bode, carneiro, porco,
Se duvidá... inté cururu
ONILDO ALMEIDA

Apresentamos agora o cenário micro da nossa investigação e que é alvo contumaz de confusão generalizada. Localizado na Vila Leopoldina, na zona oeste da capital paulista, o Entreposto Terminal São Paulo (ETSP) é, como pontuamos, a maior central de abastecimento da América Latina de frutas, legumes, verduras, flores, pescados e diversos (alho, batata, cebola, coco seco e ovos). Inaugurado em 1966, nunca é demais lembrar que poucos o conhecem por essa denominação, já que se tornou costume chamá-lo pelo nome da companhia federal.

Para que não pairem dúvidas, o ETSP é a principal unidade da rede de entrepostos da CEAGESP. É justamente nele, onde circulam diariamente cerca de 50 mil pessoas e 12 mil veículos, números que chegam a triplicar nas semanas que antecedem o Natal e o réveillon, que encontramos a sede administrativa da estatal e também os 3.800 carregadores autônomos, objeto de nossa pesquisa e que respondem pelo transporte de 12 mil toneladas de produtos por dia.

Foto 8 – Vista aérea do Pavilhão Mercado Livre do Produtor (MLP)

Inaugurado em 1964, o Pavilhão MLP é um dos principais cartões postais do entreposto paulistano.
Fonte: CODCO/CEAGESP

A alta movimentação diária ocasiona frequentes congestionamentos no tráfego interno e externo, especialmente às segundas e às sextas-feiras. O gigantismo do entreposto pode ser dimensionado ainda pelo fato de que mais de 2.800 permissionários comercializam variados gêneros alimentícios, vindos de 1.500 municípios de 22 Estados brasileiros e de outros 19 países – movimentação média de 280 mil toneladas por mês.

Para atender o fluxo de pessoas que transitam pela central, há quiosques de alimentação (que oferecem lanches e pratos executivos e comerciais), um restaurante (que opera no formato *self service*), uma padaria (que também serve refeições e abre às 4 horas), duas agências bancárias, uma lotérica, uma banca de jornal, uma farmácia, uma agência de viagem e um salão de cabeleireiro. Há ainda uma série de vendedores, todos devidamente licenciados, que comercializam lanches e marmitex. Por sinal, esse último acaba sendo a principal opção para os carregadores autônomos se alimentarem, devido à praticidade e ao preço cobrado (média de R$ 10).

A tabela a seguir dá uma dimensão de como é organizada a operação das diversas mercadorias que passam pela central de abastecimento.

Tabela 1 – Dias e horários de funcionamento do atacado no Entreposto Terminal São Paulo

FRUTAS				
PAVILHÃO	**2ª feira**	**3ª a 5ª feira**	**6ª feira**	**Sábado**
MFE-A	6h às 20h		6h às 21h	6h às 20h
MFE-B/C	6h às 21h	6h às 20h	6h às 21h	6h às 18h
HF´s	6h às 20h			

LEGUMES			
PAVILHÃO	**2ª a 5ª feira**	**6ª feira**	**Sábado**
AP´s	6h às 20h	6h às 21h	6h às 18h

VERDURAS					
PAVILHÃO	**2ª e 5ª feira**	**3ª feira**	**4ª feira**	**6ª feira**	**Sábado**
MLP	6h às 20h	11h30 às 21h	6h às 21h	11h30 às 22h	14h às 21h

ABÓBORA	
PAVILHÃO	**2ª a Sábado**
MSC	6h às 20h

DIVERSOS (alho, batata, cebola, coco seco e ovos)		
PAVILHÃO	**2ª a 6ª feira**	**Sábado**
BP´s	6h às 20h	6h às 17h

PESCADO	
PAVILHÃO	**3ª a Sábado**
Pátio do Pescado	2h às 6h

FLORES		
PAVILHÃO	**2ª e 5ª feira**	**3ª e 6ª feira (2ª para 3ª e de 5ª para 6ª)**
MLP	–	0h às 9h30
Praça da Batata[37]	2h às 14h	–

Fonte: Portal da CEAGESP, com adaptação do pesquisador

Por ter sido criado nos anos 1960, o espaço padece com o tamanho dos caminhões, uma vez que as ruas dentro do entreposto foram projetadas a partir de uma realidade totalmente diferente. Da maneira geográfica como se encontra a área construída (271 mil m^2), não há condição alguma de uma reforma estrutural que melhore a circulação de veículos.

[37] Essa feira não tem a mesma estrutura nem a grandiosidade em relação à que acontece no Pavilhão Mercado Livre do Produtor (MLP) e que é um dos chamarizes da CEAGESP.

Foto 9 – Panorâmica do Entreposto Terminal São Paulo

Vista aérea mostra alto fluxo diário de caminhões que circulam dentro da central paulistana.
Fonte: CODCO/CEAGESP

É nessa conjuntura que se torna inevitável a propalada mudança de endereço, tão divulgada, aliás, por gestores públicos que não têm absolutamente nada a ver com o assunto, caso do ex-prefeito da capital e atual governador paulista João Doria (PSDB). Afinal, convém lembrar que a CEAGESP é uma empresa ligada ao Ministério da Agricultura, o que significa que a decisão final sobre tal tema é de competência única e exclusiva da União, sem qualquer manifestação de outro ente federativo. Por sinal, essa questão é alvo de críticas frequentes por parte dos carregadores.

> (...) você fica com a cabeça a mil, sem saber, porque uns falam que muda, outros falam que não muda, outros falam que é política e nisso vão jogando. Quando eu entrei aqui já tinha esse negócio de mudança. Aí veio esse governador, João Doria, que não sei como vem falando da mudança se tem tanta coisa no Estado para ele governar, tem que ficar mais na parte do Governo [do Estado] do que na parte federal. (...) Não é uma coisa que é ele. Ele está querendo entrar na cabeça do governo federal para ver se passa para ele, para ele vender. Por que ele não vai cuidar da parte dele?[38]

[38] Trechos extraídos de entrevista aprofundada com diretor do sindicato que representa os carregadores.

A questão traz por si só toda uma série de imbricações de ordem sociológica e urbanística que em nenhum momento, até agora, foram colocadas em discussão. Como exemplo, uma pergunta primordial que deve ou, ao menos, deveria permear o debate diz respeito ao modelo que se pretende dispor de gestão – se público, privado ou em parceria – e de mercado.

Quanto a esse último item, a questão é saber se teremos um sistema horizontalizado, como é hoje o Entreposto Terminal São Paulo, ou verticalizado, a exemplo do que se tem na China, onde as empilhadeiras respondem prioritariamente pelo deslocamento interno de produtos nesses espaços de comercialização.

Desse modo, percebe-se que o episódio da mudança de endereço da central da Vila Leopoldina não se restringe a uma mera alteração de CEP como, na maioria das vezes, o assunto tem sido, erroneamente, pautado e tratado pelos meios de comunicação de massa (*media*), sem falar dos agentes públicos e privados, supostamente preocupados com a situação.

Figura 12 – Fac-símile de mapa de localização interna do Entreposto Terminal São Paulo

Fonte: Portal da CEAGESP

Independentemente desse fato, cujas ações decisórias não serão imediatas, o entreposto da Vila Leopoldina, cuja gestão está a cargo do Departamento de Entreposto da Capital (DEPEC), mesmo diante de uma série de problemas de infraestrutura e de ordem administrativa, guarda ainda o bastião de representar um imenso complexo de abastecimento, responsável por alimentar, em seu elo final, milhares de pessoas, inclusive de outros Estados.

Foto 10 – Pavilhão Mercado Livre do Produtor (MLP) nos dias atuais

Comercialização diária de legumes e hortaliças no atacado do entreposto da Vila Leopoldina.
Fonte: CODCO/CEAGESP

Foto 11 – Varejão do Entreposto Terminal São Paulo (ETSP)

Venda ao consumidor final é realizada aos sábados e domingos pela manhã no Pavilhão MLP.
Fonte: CODCO/CEAGESP

Assim, não é à toa que a central paulistana é o lugar em que ocorrem a Feira de Flores, os varejões (aos finais de semana e o Noturno, às quartas-feiras) e a comercialização de pescados, além de eventos de grande porte como a Queima do Alho (festa beneficente destinada a arrecadar recursos para atividades de cunho social), a Santa Feira do Peixe (venda destinada ao varejo às vésperas da Semana Santa) e os festivais gastronômicos (Sopa, Pescados e Massas).

Seguindo a lógica do nosso estudo, vamos focar na descrição das duas iniciativas que foram o eixo da nossa observação de campo no Entreposto Terminal São Paulo. A fundamentação epistemológica que nos levou a efetuar essas escolhas será devidamente tratada, com todo o rigor necessário, mais adiante.

5.1 Feira de Flores

Uma das marcas registradas da CEAGESP, a Feira de Flores do entreposto da capital paulista é a maior do tipo no país. Realizada no Pavilhão Mercado Livre do Produtor, reúne cerca de 1 mil produtores de flores, plantas, grama e mudas. Há ainda uma área reservada exclusivamente para venda de acessórios e artesanato. Ela ocorre às terças e às sextas-feiras, da meia-noite às 9h30 (de segunda para terça-feira e de quinta para sexta-feira), inclusive aos feriados.

São comercializadas, semanalmente, de 800 a 1 mil toneladas de flores e plantas. Em cada um dos dias em que é promovida, a circulação média oscila de 5 mil a 8 mil pessoas. O período de melhor movimentação, com uma média de 2 mil toneladas, é a semana que antecede o Dia das Mães, sendo que a flor que registra maior saída é a rosa, que representa 20% do setor.

A rosa vermelha é o produto que responde por mais de 80% das vendas totais. Por sinal, a alta procura em maio é acentuada também por se tratar tradicionalmente do mês das noivas. Outras datas importantes para o segmento são o Dia dos Namorados, Finados e as festas de final de ano.

Foto 12 – Observação de campo geral na Feira de Flores (22/23 de janeiro de 2018)

Carregadores aguardam início da Feira de Flores no Pavilhão Mercado Livre do Produtor (MLP).
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 13 – Observação de campo geral na Feira de Flores (1/2 de março de 2018)

Transporte de mercadorias só pode ser feito após o toque da sirene, que anuncia o início da feira.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 14 – Observação de campo geral na Feira de Flores (22/23 de janeiro de 2018)

Há uma maneira peculiar para acomodar e transportar as mercadorias no carrinho.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 15 – Observação de campo geral na Feira de Flores (20/21 de julho de 2017)

Principal foco dos profissionais são os atacadistas, mas há também carregamentos para o varejo.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 16 – Observação de campo geral na Feira de Flores (20/21 de julho de 2017)

Carregadores mais idosos compõem a maioria dos trabalhadores que transportam esse tipo de mercadoria.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 17 – Observação de campo geral na Feira de Flores (1/2 de março de 2018)

Mesmo sendo de madrugada, é preciso muita atenção para circular com os produtos no entreposto, já que além das centenas de pessoas que visitam a feira, há tráfego de veículos e caminhões.
Fonte: Jamir Kinoshita

5.2 Pátio do Pescado

Outro polo da nossa pesquisa, o Pátio do Pescado é onde acontece, de segunda-feira a sábado, das 2 horas às 6 horas, a segunda maior feira atacadista do gênero da América Latina. Inaugurado em 1969, ocupa uma área de 27 mil m^2 no Entreposto Terminal São Paulo, cuja gestão está a cargo do Frigorífico de São Paulo (FRISP).

Oitenta e um permissionários são responsáveis pela comercialização média diária de 200 toneladas de peixes de 97 espécies. Os produtos mais procurados são a sardinha, a pescada, a corvina e a tilápia. As importações significam cerca de 6% do volume vendido, com destaque para o salmão, proveniente do Chile.

Os principais fornecedores que abastecem o Pátio do Pescado são dos Estados de Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. Trabalham no espaço cerca de 800 pessoas, entre permissionários, funcionários e carregadores (autônomos e os que têm vínculo empregatício diretamente com os proprietários de boxes).

O período de maior movimentação do setor é a Semana Santa, quando o volume comercializado triplica. É também a época em que se realiza a Santa Feira do Peixe, ocasião em que os pescados são vendidos diretamente pelos permissionários ao varejo, em horários diferenciados do atacado.

Foto 18 – Observação geral no Pátio do Pescado (30 de janeiro de 2018)

Permissionários e seus funcionários iniciam preparação no galpão para expor peixes e frutos do mar que serão colocados à venda.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 19 – Observação de campo geral no Pátio do Pescado (6 de fevereiro de 2018)

Carregadores autônomos são obrigados a esperar do lado de fora do portão do setor de comercialização, podendo entrar somente ao soar da sirene, que anuncia o início da feira.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 20 – Observação de campo geral no Pátio do Pescado (30 de janeiro de 2018)

Trabalhadores autônomos aguardam contratação de serviço em frente às portas de entrada (lado direito) e de saída (esquerdo) do galpão.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 21 – Observação de campo geral do Pátio do Pescado (6 de fevereiro de 2018)

Carregadores autônomos (carrinho cinza) têm de competir por trabalho com profissionais que mantêm vínculo empregatício diretamente com os permissionários (carrinho amarelo).
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 22 – Observação de campo geral no Pátio do Pescado (30 de janeiro de 2018)

Carregadores que atuam no setor de pescado se alimentam, na madrugada, em pequenos quiosques que há em um corredor estreito em frente ao pátio de comercialização. São servidos café, leite, salgados e lanches.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 23 – Observação de campo geral no Pátio do Pescado (26 de janeiro de 2018)

Profissionais mais novos, devidamente trajados com avental branco e bota de borracha, representam maioria no transporte de peixes.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 24 – Observação de campo geral no Pátio do Pescado (26 de janeiro de 2018)

É preciso bastante força para puxar e empurrar os carrinhos, mesmo estando somente com caixas vazias, o que torna necessário, muitas vezes, dispor de ajuda para subir as rampas do galpão de comercialização.
Fonte: Jamir Kinoshita

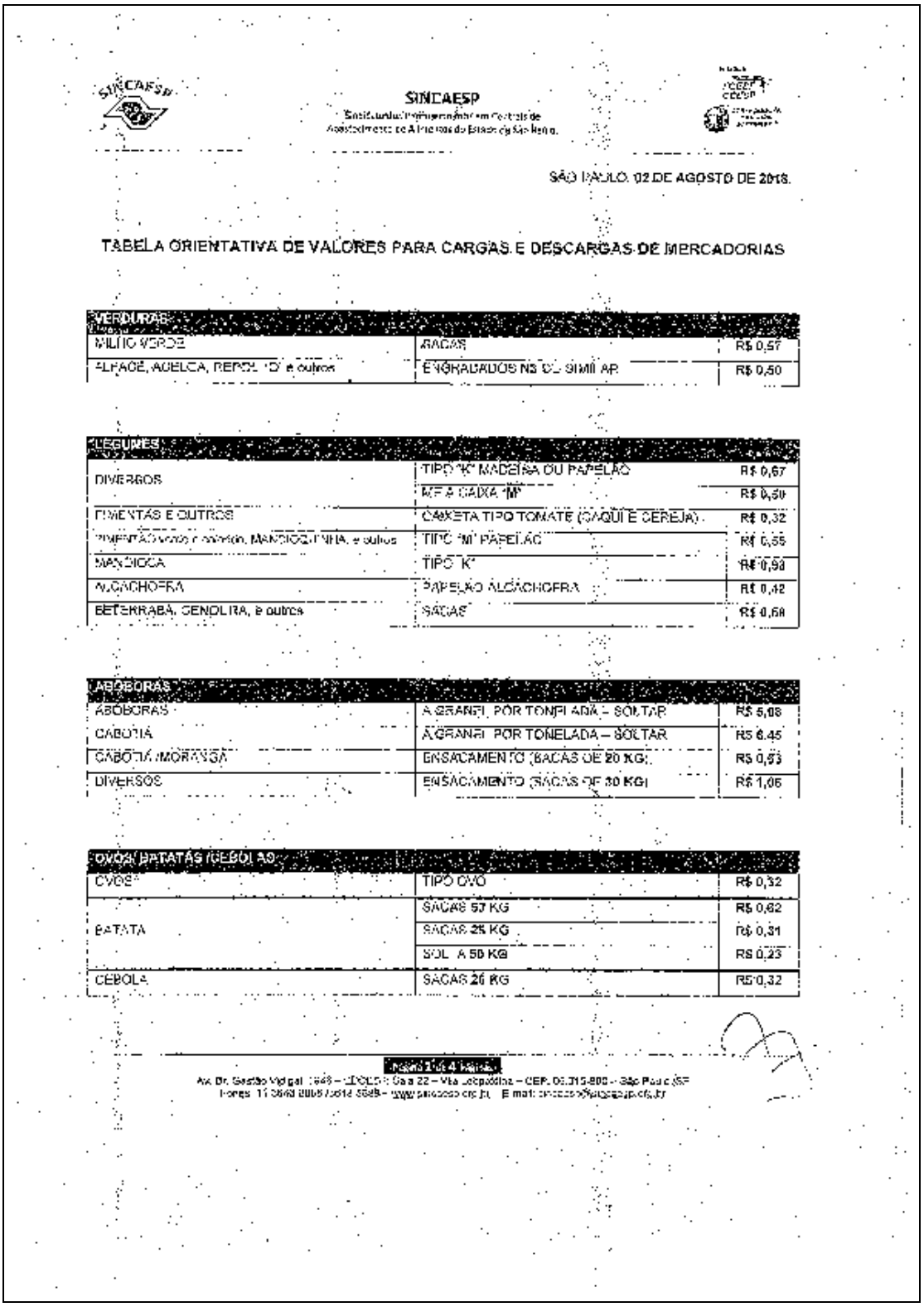
6. O SINDICAR

Não seria possível estudarmos e entendermos a dinâmica do mundo do trabalho dos carregadores sem referenciarmos o Sindicato dos Carregadores Autônomos em Centrais de Abastecimento do Estado de São Paulo (Sindicar), que simboliza um elemento importante na mediação do trabalhador com o serviço executado no Entreposto Terminal São Paulo.

É a entidade que possibilita, inclusive, o reconhecimento da categoria junto aos permissionários e à direção da CEAGESP, permitindo que a atividade, de características medievais, ainda sobreviva no entreposto da capital nos dias atuais.

Prova disso é que é justamente ela quem estabelece, em conjunto com o sindicato patronal, que representa os proprietários dos boxes comerciais, os valores cobrados pelo transporte interno de mercadorias na central de abastecimento paulistana.

Figura 13 – Fac-símile de tabela de preços de carregamentos no entreposto paulistano



SINDAESP

SÃO PAULO, 02 DE AGOSTO DE 2018.

TABELA ORIENTATIVA DE VALORES PARA CARGAS E DESCARGAS DE MERCADORIAS

VERDURAS		
MILHO VERDE	SACAS	R$ 0,57
ALFACE, AGELCA, REPOLHO e outros	ENGRADADOS NS DE SIMILAR	R$ 0,50

LEGUMES		
DIVERSOS	TIPO "K" MADEIRA OU PAPELÃO	R$ 0,67
	KF A CAIXA "M"	R$ 0,50
PIMENTÃO E OUTROS	CAIXETA TIPO TOMATE (CAQUI E CEREJA)	R$ 0,32
PIMENTÃO verde e colorido, MANDIOQUINHA, e outros	TIPO "M" PAPELÃO	R$ 0,55
MANDIOCA	TIPO "K"	R$ 0,58
ALCACHOFRA	PAPELÃO ALCACHOFRA	R$ 0,42
BETERRABA, CENOURA, e outros	SACAS	R$ 0,68

ABÓBORAS		
ABÓBORAS	A GRANEL POR TONELADA – SOLTAR	R$ 5,08
CABOTIA	A GRANEL POR TONELADA – SOLTAR	R$ 6,45
CABOTIA MORANGA	ENSACAMENTO (SACAS DE 20 KG)	R$ 0,93
DIVERSOS	ENSACAMENTO (SACAS DE 30 KG)	R$ 1,06

OVOS/ BATATAS/ CEBOLA		
OVOS	TIPO OVO	R$ 0,32
BATATA	SACAS 57 KG	R$ 0,62
	SACAS 25 KG	R$ 0,31
	SOL A 50 KG	R$ 0,23
CEBOLA	SACAS 26 KG	R$ 0,32

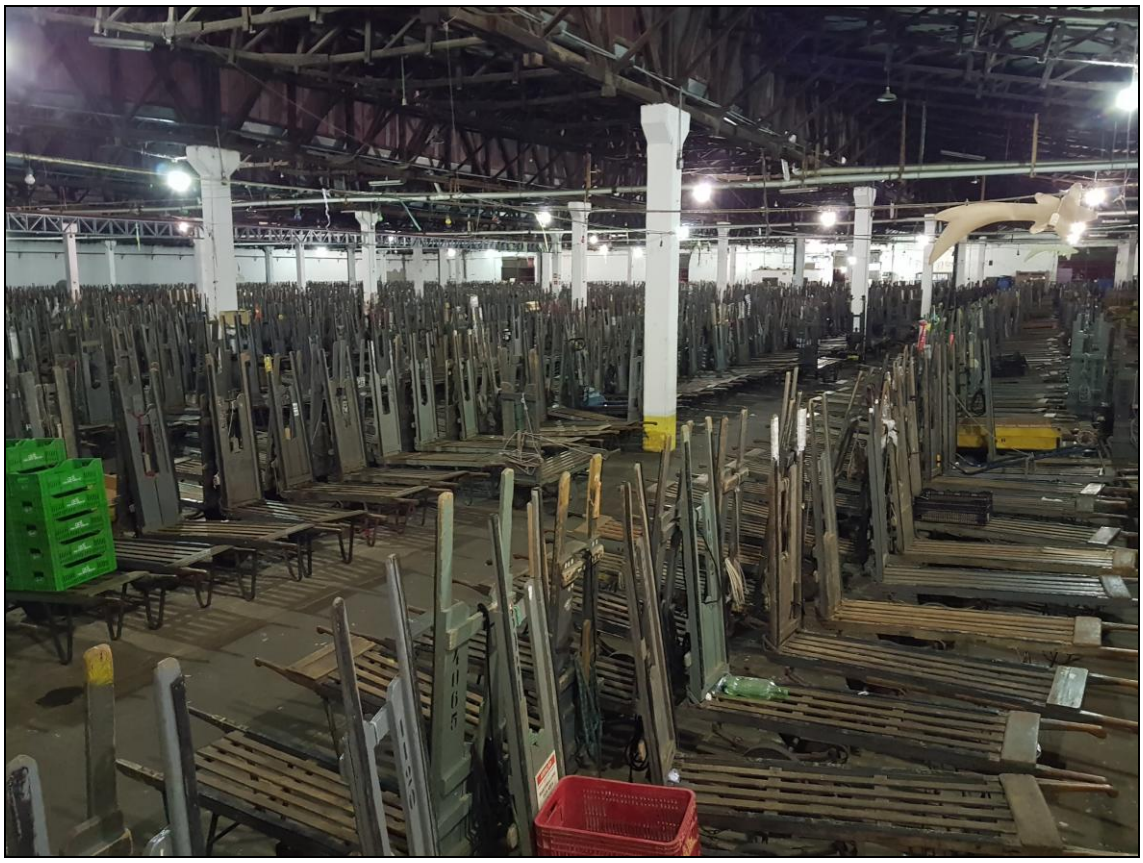
Fonte: CODCO/CEAGESP

Por sinal, a sede do Sindicar, que é filiado à União Geral dos Trabalhadores (UGT), fica no entreposto da Vila Leopoldina, dentro de um imenso barracão de 200 m^2, que era

ocupado anteriormente por uma rede varejista de supermercado (Pão de Açúcar).[39] É nesse espaço também que fica guardado o principal instrumento dos trabalhadores que atuam no carregamento autônomo de mercadorias.

Identificados pela cor cinza[40] e uma numeração (chapa) própria, os carrinhos de madeira medem 2,5 metros de comprimento por 1,5 metro de altura e têm capacidade para suportar até 300 quilos de carga.[41] Aliás, é o sindicato quem cuida da gestão daqueles que desejam trabalhar no local, o que só se torna viável a partir do momento em que há o desligamento formal de algum carregador que esteja na ativa.

Foto 25 – Galpão do Sindicar



O pátio, no entreposto da Vila Leopoldina, é onde os carregadores autônomos guardam os carrinhos de madeira.
Fonte: Jamir Kinoshita

Para atuar no transporte de mercadorias, é preciso solicitar autorização junto ao Sindicar, que faz uma entrevista com o pleiteante ao cargo e formaliza o seu cadastramento

[39] As informações referentes ao Sindicar e à relação que é mantida com os carregadores autônomos constam da entrevista aprofundada realizada com diretor da instituição sindical.
[40] Norma interna da CEAGESP (NP-OP-032) prevê a padronização de cor dos carrinhos de madeira usados no transporte de mercadorias: cinza são os carregadores autônomos e amarelo, os profissionais que têm vínculo empregatício junto aos permissionários.
[41] Sobre a capacidade de carga, rever nota de rodapé número 7.

junto à CEAGESP. Uma vez aceito o pedido pela estatal, deve-se apresentar cópia de documentos pessoais (RG, CPF, título de eleitor, certificado de reservista e comprovantes de votação e de endereço), atestado de antecedentes criminais, exame médico atualizado, comprovantes de quitação da primeira parcela do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) e de inscrição no Cadastro de Contribuinte Mobiliário (CCM) ou de pagamento de Imposto sobre Serviços (ISS).

Por fim, há ainda a taxa de credenciamento e, após um ano, a de renovação (as duas equivalem a 2,65 UFESPs[42]), além da compra ou locação de um carrinho de madeira – um equipamento novo pode ser adquirido por R$ 1,5 mil em uma das quatro oficinas existentes (três próximas ao Entreposto Terminal São Paulo e outra dentro da própria central de abastecimento).

Feito isso, o profissional novato recebe uma credencial e um avental (ao custo de R$ 30) ou camiseta (R$ 20) com os logotipos da entidade sindical e da companhia federal, de uso obrigatório e cuja cor varia de acordo com o setor de comercialização dos produtos. "O peixe é branco. A cor que trabalha na feira da flor é amarelo. No geral é o cinza. A feira de flor lá fora é verde."[43] A informação é ratificada pela Norma interna NP-OP-032 da CEAGESP, que estabelece esse critério.

> No ETSP os uniformes dos carregadores autônomos apresentarão a cor correspondente ao setor onde serão exercidas as atividades, ou seja:
> a) Amarelo: setor de flores - às terças e sextas-feiras;
> b) Verde: setor de flores - PBCF - às segundas e quintas-feiras - e setor de melancias;
> c) Marrom: setor de batatas - BPs;
> d) Branco: setor de pescado - uniforme composto de jaleco ou avental e botas de borracha;
> e) Cinza: os demais setores, exceto os de flores e pescado.[44]

É preciso também utilizar par de botas ou calçado fechado, comprado onde preferir. Se não estiver devidamente uniformizado, corre o risco de ter seu carrinho apreendido e levar uma multa de R$ 381. Outra obrigação é o pagamento, todos os meses, da Guia da Previdência Social (GPS), sob pena de não poder trabalhar caso não faça o devido recolhimento do tributo junto ao INSS.

---

[42] O valor para 2019 da Unidade Fiscal do Estado de São Paulo (UFESP), instituída pelo Estado de São Paulo, é de R$ 26,53. No caso, cada uma das taxas a ser paga à CEAGESP sai por R$ 70,30.
[43] Informação obtida na entrevista aprofundada com diretor do Sindicar. O "geral" se refere aos hortifrutícolas e a "feira de flor lá fora" é a comercialização que acontece na Praça da Batata.
[44] **Norma interna NP-OP-032** – Procedimentos para carregadores, p. 3.

Mensalmente, os carregadores pagam uma taxa (R$ 160) para deixarem seus instrumentos de trabalho no barracão do Sindicar. “Ele guarda [o carrinho] conforme vai chegando, ele põe onde ele quiser, onde é mais fácil para ele, onde tiver a vaga ele vai colocando.”[45] O valor dá direito ainda ao uso de chuveiro, compra de medicamentos (até R$ 80) quando necessário e a entrega de cesta básica (uma por mês), no caso de afastamento do serviço por motivo de saúde.

O galpão conta com um pequeno salão de cabeleireiro, bebedouro antigo (no portão de entrada) e uma televisão analógica em cores (também na entrada). O Sindicar fornece orientação jurídica a quem precisar. Há uma sala destinada a tratamento odontológico, cujo serviço, cobrado, é oferecido a todos os trabalhadores. Atualmente, há 2.000 sócios, que contribuem com uma taxa mensal de R$ 40, entre os 3.800 profissionais autônomos. Quem for associado pode votar nas eleições para a renovação da diretoria, com direito inclusive a se candidatar a algum dos cargos, e tem desconto nos atendimentos jurídico e dentário.

A dimensão social (e política) do sindicato é tamanha que uma das primeiras iniciativas de todos os presidentes nomeados da CEAGESP é visitar e conhecer, pessoalmente, com anuência da direção sindical, a sede da entidade no Entreposto Terminal São Paulo.

Mensalmente, o Sindicar promove almoço de confraternização, no próprio espaço, com iguarias típicas do Piauí[46] (buchada, baião de dois e galinhada), em que os principais gestores da companhia sempre são convidados e se fazem presentes – não há registro de ausência, até o momento, em nenhum desses encontros. Para os carregadores e seus familiares, a instituição organiza duas festividades anuais, em que há churrasco, de graça, para os participantes.

> A festa de Corpus Christi, a festa uma vez ao ano. É uma missa, na realidade, para o carregador. A gente tem muita fé em Deus e em Nossa Senhora Aparecida, então, reza uma missa por ano em Corpo de Cristo, mas a gente faz duas missas por ano, faz uma de Santa Luzia também.[47]

As imagens a seguir dão uma boa noção do que simbolizam os festejos anuais mencionados.

---

[45] Extraído da entrevista aprofundada com diretor do Sindicar.

[46] Como veremos, grande parte dos carregadores autônomos que trabalham na central da Vila Leopoldina é piauiense.

[47] Explicação extraída da entrevista aprofundada com dirigente do Sindicar.

Foto 26 – Celebração de Corpus Christi

A festividade é comemorada na própria data, com missa no galpão do sindicato, acompanhada por churrasco aos carregadores autônomos e suas famílias.
Fonte: CODCO/CEAGESP

Foto 27 – Festa de Santa Luzia

A missa em homenagem à Santa Luzia (13 de dezembro) é realizada sempre no primeiro sábado após a data.
Fonte: CODCO/CEAGESP

A representatividade geográfica é uma das características marcantes da entidade e que ajuda a entender um pouco melhor a rotina desses profissionais. “Dos carregadores inscritos no Sindicato dos Carregadores Autônomos, cerca de 70% são provenientes do Piauí, tornando a categoria uma das que mais concentram piauienses numa mesma atividade no Estado de São Paulo.”[48]

Tal situação está vinculada diretamente ao fundador da instituição sindical. Natural de Pio IX, o piauiense José Pinheiro de Souza incentivou (e continua incentivando) a vinda de conterrâneos desde que conseguiu consolidar a categoria, que anteriormente se reunia em torno da Associação dos Carregadores, da qual também fez parte antes de criar, em 1990, o Sindicar, onde é presidente ininterruptamente até hoje. Seu Zé Pinheiro, como é mais conhecido, chegou a São Paulo em 1975 para trabalhar na central paulistana como carregador no setor de cebola.[49]

Atualmente, o Sindicar conta com dez funcionários (todos contratados via CLT) e um grupo de 49 diretores, dos quais apenas nove são remunerados e têm tarefas específicas. Os demais, pelo que podemos aferir nas entrevistas em profundidade, não desempenham funções nem dispõem de cargos determinados – são diretores “somente”.

A aparente nominação simples tem um significado simbólico de extrema importância dentro da estrutura sindical: ser “apenas” diretor representa servir como elo de ligação do sindicato com os demais trabalhadores.

> Porque **todo dia a gente está com o carregador**. O carregador passa na portaria, ele está sempre conversando, **a gente está sempre na portaria, sempre é o diretor na portaria, ele vai se informando**. Cada vez que o carregador quer se informar ele vai procurar o diretor lá, se ele topa a gente na rua ele vai se informar, toda hora a gente está com o carregador, não tem jeito. (...) **Nós, diretores, nós somos carregadores também**. Além de encontrar todo dia com o carregador, a gente está todo dia trabalhando com o carregador. Aí, termina se informando. Cada carregador que encontra com diretor acaba se informando.[50]

Daí que se percebe que a principal forma de comunicação da entidade com os carregadores autônomos é o “boca a boca”, uma vez que sempre há dirigentes presentes no barracão ao longo de todos os horários. Essa sistemática é que prevalece na circulação de

---

[48] **CEAGESP presta homenagem aos carregadores**. Disponível em www.ceagesp.gov.br. Acesso em 25/8/2018.

[49] Dados coletados em conversa informal, mantida com o presidente do Sindicar, no início de 2017, quando da apresentação da pesquisa de mestrado.

[50] Trechos selecionados da entrevista aprofundada com dirigente do Sindicar que, conforme ele mesmo diz, atua também no transporte de mercadorias no Entreposto Terminal São Paulo.

informações, apesar de o Sindicar ter retomado a publicação de um jornal institucional, o qual, até o momento de conclusão da pesquisa, se encontrava em sua segunda edição.

Foto 28 – Capas do Jornal Sindicar

Publicação mensal é distribuída gratuitamente a todos os carregadores autônomos do entreposto paulistano.
Fonte: Jamir Kinoshita

Outra situação que ilustra bem a força política do sindicato e, por conseguinte, de todos os seus profissionais, é que a CEAGESP sugeriu, em 2017, inclusive com apoio do próprio Sindicar, a criação, em âmbito estadual[51], do Dia do Carregador, a ser celebrado, anualmente, em 30 de junho.

A proposta deu entrada na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, sendo que os deputados encamparam a ideia sem restrição alguma, o que resultou em uma tramitação e uma aprovação rápida da sugestão, a qual foi posteriormente promulgada pelo ex-governador Geraldo Alckmin (PSDB) na forma da Lei estadual 16.552/2017.[52]

[51] O alcance regional se deve ao fato de a rede de entrepostos estar espalhada pelo Estado paulista.
[52] Conforme consta em publicação no **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, veiculada na edição do dia 18/10/2017, seção 1, página 1.

Foto 29 – Homenagem ao Dia do Carregador

O presidente do Sindicar, Zé Pinheiro (ao centro), participa de cerimônia, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, que oficializou a data.
Fonte: CODCO/CEAGESP

A criação da data comemorativa foi bem aceita entre a categoria, conforme se atesta: "Tudo tem o dia de outras pessoas, por que não ter o Dia do Carregador?"[53] "Acho que é muito bom um dia para nós, um dia dos carregadores (...). Não só para mim, mas para mais de 4 mil carregadores, acho que foi muito bom ter um dia para nós, essa lei que teve aí, do deputado que veio aqui e fez essa lei dos carregadores."[54] "Seria uma boa coisa, se pelo menos as pessoas reconhecessem. Não basta ter só um dia, sem reconhecimento."[55]

Ainda no espectro da atuação política, há o caso de carregadores autônomos que disputaram eleições, com apoio da instituição sindical, e que se tornaram vereadores, exercendo mandato parlamentar na Câmara Municipal de Osasco, na região metropolitana de São Paulo.[56] Por sinal, no tocante ao processo eleitoral brasileiro, apresentamos trechos das

[53] Explicação, na entrevista aprofundada, do diretor do Sindicar.
[54] Trecho de entrevista em profundidade realizada com carregador da Feira de Flores.
[55] Extraído de entrevista aprofundada feita com carregador do Pátio do Pescado.
[56] Segundo o dirigente do Sindicar, o fato de a atuação política ser em Osasco é reflexo de grande parcela dos carregadores residirem nesse município, que fica próximo ao Entreposto Terminal São Paulo.

falas das entrevistas em profundidade que promovemos, os quais fornecem indícios de como os profissionais veem essa situação:

> (...) **todos os políticos querem o apoio do Zé Pinheiro** e a preocupação de todos políticos é o Zé Pinheiro (...)[57]
>
> Toda campanha, toda política que tem, a gente escolhe os candidatos, a gente apresenta para os carregadores para ser mais "mior", porque a gente sempre precisa deles. **A gente escolhe aqueles que acha "mior" e apoia. Termina apoiando e eles abandonando porque política é muito complicado**. Apoia com uma intenção e eles vêm com outras intenções.[58]
>
> (...) **os candidatos que o seu Zé apoiar para melhorar o sindicato, a gente apoia. A gente está de ponta a ponta com ele**. Todos os candidatos que são para melhorar, que são para combater essas leis, que são para ficar a favor do trabalhador, a gente é a favor. **E todos os deputados que o seu Zé apoia, a gente também apoia**.[59]

As passagens enunciadas são reveladoras de como a opinião e o posicionamento do presidente do Sindicar serve para avalizar, maciçamente, o voto de praticamente toda a categoria. Mostram ainda a dimensão da força desses trabalhadores, que são procurados pelos pleiteantes a algum cargo público eletivo e a (eterna) desconfiança da sociedade com a atuação dos representantes que ajudou a colocar no poder (Executivo e Legislativo).

Em que pese não ser o foco da nossa investigação, o que significa que não iremos esmiuçar nem avaliar a sistemática da entidade sindical, julgamos procedente questionar a sua logística operacional, uma vez que ela funciona muito mais, de acordo com o que podemos aferir, como um instrumento de mediação e de contratação do serviço desempenhado pelos carregadores.

A faceta de sindicato parece não ficar nem um pouco clara, já que até poderíamos considerá-la como sendo uma cooperativa de trabalho pela sua forma de atuação. Isso para não cair na sensação de se tratar, inclusive, de um empreendimento familiar pelo modo com que a direção continua, ao longo de praticamente três décadas, sendo exercida pela mesma pessoa.

A postura de incentivar a vinda de migrantes piauienses para morar em São Paulo e atuar na central de abastecimento da capital aparenta tornar frágil o viés de luta que se espera de um sindicato que brigue, junto às representações patronais, por melhores salários e, especialmente, condições de trabalho.

---

[57] Fala do diretor do Sindicar.
[58] Idem.
[59] Afirmação do carregador da Feira de Flores.

Nesse sentido, o Sindicar acaba por reforçar ainda mais o estereótipo de que a atividade dos carregadores, autônomos, frise-se de passagem, reproduz um cenário medieval constituinte de uma sociedade que se limita a um processo arcaico na compra e venda de alimentos. Disso se pode até deduzir a existência de um caráter clientelista que se arraiga desde a estrutura da própria CEAGESP, passando pelo sindicato e se espraiando na própria relação entre esses profissionais e os permissionários e demais compradores.

CAPÍTULO II

PERCURSO METODOLÓGICO

7. EXPLICAÇÃO SOBRE AS TÉCNICAS EMPREGADAS

Não se encontra o espaço, é sempre necessário construí-lo.

GASTON BACHELARD

Ao longo da nossa investigação, a última instância paradigmática do modelo metodológico[60] que nos referenciamos, representada pela técnica, foi a que mais suscitou dúvidas no andamento do trabalho. Por sinal, representou o nível em que mais promovemos alterações, especialmente a partir do momento em que nos decidimos por efetivar uma observação de campo.

As incertezas estavam fundamentadas em questões consideradas cruciais como, por exemplo, desvendar a melhor forma de traduzir em dados os conteúdos teóricos de nosso estudo. Ou, então, como transformar as informações coletadas em uma análise crítica? Anteriormente a isso, como definir a maneira mais coerente de se extrair as informações, sem que a escolha signifique uma falsa pertinência reificada de nossa(s) suspeita(s), servindo apenas para confirmá-la(s) acriticamente?

> O frágil domínio metodológico revelado nas pesquisas empíricas de Comunicação reflete-se imediatamente no descaso ou na ausência da crítica sobre as técnicas de pesquisa empregadas. A ilusão de que sejam epistemologicamente neutras tanto as técnicas como os procedimentos de coleta de dados leva facilmente aos automatismos como que são elaborados. Nas pesquisas não se procura por uma teoria do questionário como se procura por uma teoria da recepção ou uma teoria do discurso.[61]

Por se tratar de um ponto nevrálgico, relegado diversas vezes a segundo plano, é que nos apegamos à passagem que transcrevemos, com o objetivo de nos manter em alerta. A essa acuidade se junta o primado da falsa ideia da neutralidade das técnicas utilizadas na investigação, que pode ser concebida dos mais variados modos, mas sempre é "(...) construída em função de um modelo teórico explicitamente formulado. Seus objetivos são científicos,

---

[60] Para uma melhor compreensão do modelo mencionado, sugerimos visualizar os quadros e gráficos que constam em LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**, pp. 120, 136, 137, 156.

[61] LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação*. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; MARTINO, Luiz Claudio (orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010, pp. 41-42.

isto quer dizer, definidos em função da relevância que têm dentro das problemáticas ou das tradições teóricas da sociologia."[62]

Por essa lógica, atesta-se que o pesquisador faz uso de suas convicções e de seus posicionamentos ideológicos ou até mesmo de outras formas de compromissos para a elaboração do conhecimento, nos quais estão inclusas as exigências do poder. Disso decorre, portanto, que a neutralidade e a objetividade do saber se relacionam muito mais à questão do poder do que com o querer do investigador social.[63]

Daí que soa pertinente uma crítica à amostragem, que é uma das operações do componente sintagmático da observação[64], a qual compõe nosso modelo metodológico: "Não é o caso de expormos aqui os detalhes técnicos (...), mas apenas de alertar para a necessidade da reflexão crítica e adequada sobre os critérios de seleção, sua dimensão, composição e representatividade em função do tipo de pesquisa que se está realizando."[65]

Nesse sentido, convém ponderar que o objeto de estudo e sua problemática é que nortearam a técnica que empregamos. Em nossa investigação, conforme iremos explicar, a amostragem está relacionada à seleção que fizemos dos carregadores autônomos que atuam em dois recintos de comercialização do Entreposto Terminal São Paulo, detalhados anteriormente: a Feira de Flores e o Pátio do Pescado. Tal decisão decorreu a partir da entrevista inicial que realizamos com um dos diretores do Sindicar, que nos forneceu indícios importantes para balizarmos a pesquisa.

Retomando como referência Pierre Bourdieu, chamamos atenção aos espaços sociais ocupados pelo pesquisador e suas referências culturais em contrapartida à posição do(s) pesquisado(s), cujo desvão somente aumenta quanto maior forem essas significações representativas. Assim, para romper tal barreira, aparentemente abismal, o autor aponta ser necessário o trabalho de campo deixar ao máximo invisível a figura do cientista enquanto intervenção viciada de uma suposta observação científica.

---

[62] THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**, São Paulo: Polis, 1980, p. 38.
[63] THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**, pp. 42, 43.
[64] Vide nota de rodapé número 60.
[65] LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**, p. 144.

> O sociólogo pode obter do pesquisado mais distanciado de si socialmente que ele se sinta legitimado a ser o que ele é se ele sabe se manifestar, pelo tom e especialmente pelo conteúdo de suas perguntas as quais, sem fingir anular a distância social que o separa de si (diferente da visão populista que tem como ponto cego seu próprio ponto de vista), ele é capaz de se colocar em seu lugar em pensamento.[66]

Tal cuidado refletiu-se diretamente na decisão de não identificarmos, junto aos nossos interlocutores, nossa passagem profissional pela Coordenadoria de Comunicação e Marketing (CODCO) da companhia federal. A finalidade foi evitar ao máximo o estabelecimento de uma postura próxima a dados e visões já pré-concebidos, que pudessem conferir uma pretensa (e falsa) autenticidade aos fatos levantados empiricamente.

A medida não significou que deixamos de lado noções adquiridas na prática laboral que tivemos na CEAGESP em favor de uma imersão no trabalho científico. Afinal, "(...) a prática não necessariamente precisa estar dissociada da teoria, ou seja, teoria e prática podem andar juntas servindo como complemento uma da outra."[67] No estudo, representou tão somente um zelo maior quanto ao significado do papel social da pesquisa em questão.

Desse modo, mantivemos o sigilo nos contatos mantidos com as direções do Sindicato dos Permissionários em Centrais de Abastecimento de Alimentos do Estado de São Paulo (Sincaesp) e do Departamento de Entreposto da Capital (DEPEC), que gerencia o Entreposto Terminal São Paulo e representa a voz oficial da CEAGESP.

As exceções foram a CODCO, cujos integrantes já conheciam o investigador e a quem recorremos para obter autorização formal de acesso aos espaços de comercialização utilizados em nossas observações, além, é claro, do Sindicar, entidade-chave para a efetivação do estudo.

Apenas nas últimas visitas promovidas é que resolvemos solicitar autorização formal ao DEPEC, o que foi devidamente concedida. A estratégia, nesse caso, consistiu em tornar oficiais e consentidas a produção de imagens fotográficas nas dependências do entreposto da Vila Leopoldina.

A decisão teve reflexos no passo seguinte da nossa investigação, quando partimos para a realização de entrevistas em profundidade com carregadores autônomos selecionados, que tiveram sua atividade acompanhada desde a preparação para o início do serviço até o final da jornada laboral, inclusive com o registro de imagens fotográficas previamente consentidas.

---

[66] BOURDIEU, Pierre. *Compreender*. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 699.

[67] ISER, Fabiana. *Pesquisa exploratória*: a relevância da aproximação empírica para as definições da pesquisa. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 193.

A análise do discurso dos profissionais entrevistados e das fotos gerais e específicas que fizemos nos possibilitou compreender todas as intermitências que dizem respeito a esse peculiar mundo do trabalho e a maneira como a comunicação incide na significação dessa atividade. Sem dúvida alguma, a observação que empreendemos nos auxiliou, sobremaneira, a montar os questionários que usamos em nossas conversas aprofundadas. É isso o que iremos demonstrar agora na sequência.

8. A OBSERVAÇÃO DE CAMPO QUE PROMOVEMOS

É o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo (...)

PIERRE BOURDIEU

As duas ações iniciais de nossa pesquisa, ocorridas em fevereiro e março de 2017, foram, respectivamente, uma conversa informal com o jornalista da Coordenadoria de Comunicação e Marketing, que responde pela assessoria de imprensa da CEAGESP, e uma reunião presencial com o vice-presidente do Sindicar, que é filho do presidente. As iniciativas serviram para mostrar o objetivo do estudo envolvendo os carregadores autônomos do entreposto paulistano. Estava dado, assim, o pontapé para começarmos nosso trabalho.

Em relação à entidade sindical, a reunião, na sede da instituição, contou com apresentação específica que nós elaboramos e exibimos com suporte de recurso visual próprio. Na ocasião, entregamos também uma cópia impressa do projeto com o qual obtivemos aprovação no sistema de ingresso ao mestrado.

Na semana seguinte, ainda em março de 2017, como decorrência dessa primeira agenda, tivemos um encontro ampliado com a participação do presidente do Sindicar e de outros diretores. Levamos o mesmo material do contato inicial e novamente deixamos cópia impressa da nossa proposta de pesquisa.

Com isso, conseguimos formalizar a autorização e a colaboração do sindicato em nossa investigação, o que se mostrou um facilitador na interlocução junto aos carregadores. Para alcançarmos êxito nessa empreitada, adotamos como parâmetro o postulado de Pierre Bourdieu sobre as prerrogativas atreladas ao processo de seleção.

> Tomou-se por isso a decisão de deixar aos pesquisadores a liberdade de escolher os pesquisados entre pessoas conhecidas ou pessoas às quais eles pudessem ser apresentados pelas pessoas conhecidas. A proximidade social e a familiaridade asseguram efetivamente (...) uma comunicação "não violenta". (...) nós tentamos, todas as vezes que era possível, neutralizar um dos maiores fatores de distorção da relação de pesquisa instruindo com as técnicas da pesquisa pessoas que pudessem ter acesso, em razão da familiaridade, a categorias de pesquisados que desejávamos atingir.[68]

Uma vez obtida a aceitação formal do presidente e dos principais dirigentes sindicais, dispondo já na última reunião de algumas informações sobre a categoria, marcamos uma entrevista com integrante da diretoria designado para acompanhar nossa investigação, na perspectiva de contar com dados mais gerais e outros específicos acerca da esfera de trabalho dos carregadores autônomos e da própria entidade.

A entrevista, no começo de abril de 2017, aconteceu novamente na sala de reunião do Sindicar, conferindo, assim, maior sensação de segurança ao nosso interlocutor. Ela foi devidamente gravada, com anuência do entrevistado. Essa conversa, com duração de cerca de uma hora e sem interrupção alguma, baseou-se nos modelos centrada e clínica. A saber, o primeiro tipo é aquele em que o entrevistador deixa a pessoa descrever livremente sua experiência pessoal a respeito do assunto investigado. O outro consiste na interpretação sociopsicológica da situação ou da personalidade do entrevistado através de suas verbalizações.[69]

Ainda sobre a conceituação do que significa a entrevista no contexto científico, julgamos pertinente nos atermos ao comentário de Michel Thiollent sobre a implicação dos procedimentos adotados ao longo de um estudo que tem como parâmetro basilar a exploração de campo.

> A situação de coleta de dados opinativos ou fatuais envolve um certo tipo de sociabilidade manifestada no contato efetivo dos investigadores com as diversas populações, onde os problemas de comunicação são socialmente determinados. Especialmente, a entrevista (seja ela dirigida ou não) cria uma situação a ser problematizada na medida que a relação entrevistador/entrevistado não é igual para todos. Os desníveis socioculturais dos entrevistados se manifestam na faculdade de abstração ou de classificação, o que pode tornar duvidosa uma imediata comparação entre elementos do material recolhido.[70]

---

[68] BOURDIEU, Pierre. *Compreender*, p. 697.
[69] THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**, p. 35.
[70] THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**, p. 52.

Face a tal crítica é que procuramos conferir uma sensação de bate-papo, de conversa descontraída, informal até, e que em nada desse margem a um interrogatório, capaz de gerar constrangimentos e sobressaltos ao dirigente, ainda mais em se tratando do primeiro contato nosso. Reforça-se que esse cuidado foi empregado para se obter indícios a respeito da rotina dos carregadores autônomos, que pudessem nos dar possíveis encaminhamentos para os passos seguintes da investigação.

Como resultado dessa conversa, rica em detalhes reveladores, que por sinal passaram despercebidos quando de nossa passagem profissional pela Coordenadoria de Comunicação e Marketing, tiramos, de imediato, duas conclusões de ordenamento metodológico, que foram constatadas e reafirmadas nas duas entrevistas com o representante sindical – o último encontro ocorreu após pouco mais de um ano.

Primeiramente, optamos por não utilizar questionário impresso para gerar dados sobre os carregadores, que não se sentem nem um pouco confortáveis em responder pesquisas desse tipo por uma série de dificuldades, que vão desde a desconfiança de que as informações escritas possam ser usadas com outra intenção, inclusive pela CEAGESP (há um quadro histórico de desconforto na relação com a direção da empresa federal), passando pela falta de tempo para eles se dedicarem a essa tarefa até à dificuldade que muitos poderiam ter em relação à compreensão das perguntas.

O segundo ponto aferido foi a necessidade de se promover uma observação de campo dessa categoria, que pudesse nos auxiliar a compreender melhor o significado dessa atividade de trabalho e de que maneira a comunicação perpassa esse mundo laboral. Explica-se a decisão tomando-se como base a proposição de Florestan Fernandes a respeito do emprego dessa técnica: "Em qualquer setor da investigação científica, cabe à observação descobrir e pôr em evidência as condições de produção dos fenômenos estudados."[71]

No nosso caso, a linha seguida foram os tipos de mercadorias transportadas, segundo especificação passada pelo diretor do Sindicar: flores, pescados e hortifrutícolas. A justificativa é que há uma maneira específica para lidar com cada um desses gêneros, o que é feito de um jeito sistematicamente prático e, muitas vezes, sem a devida percepção por parte do próprio carregador.

Esse critério, por sinal, pode se tornar inclusive um diferencial na hora de permissionários, compradores e até mesmo consumidores finais escolherem um profissional, e não outro, para o carregamento de seus produtos pelo Entreposto Terminal São Paulo.

---

[71] FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972, pp. 6-7.

Importante ressaltar que durante a exploração de campo buscamos averiguar, na prática, questões que passaram a circundar nosso estudo como, por exemplo, a existência ou não de um tipo de conhecimento para transportar os mais diversos tipos de itens. A essa dúvida foram surgindo outras: como é calculada e ocorre a remuneração do serviço? Quantos quilômetros um carregador percorre ao longo de uma jornada de trabalho? Como o trabalhador se mantém informado sobre os assuntos do dia a dia da CEAGESP? Qual é a relação mantida entre o profissional, os permissionários e os compradores? Há uma linguagem específica usada para facilitar a execução laboral?

Esses e outros questionamentos permearam, como já comentamos, a esquematização das entrevistas aprofundadas que viemos a realizar, posteriormente, com carregadores selecionados e o dirigente sindical. Também estiveram presentes e influenciaram na captação dos registros fotográficos que fizemos do cotidiano de trabalho dos carregadores autônomos no entreposto da Vila Leopoldina.

Como as primeiras observações foram feitas sem aviso prévio à direção da CEAGESP, tivemos muito cuidado para não levantar suspeitas junto aos fiscais e às equipes de segurança que atuam na central paulistana, de modo que eles não viessem interromper a nossa ação.

Da mesma maneira, em todas as visitas exploratórias procuramos ser o máximo discreto possível para acompanhar o serviço desempenhado pelos carregadores para não atrapalhar sua atividade laboral. Essas foram as principais dificuldades que enfrentamos nessa fase da pesquisa. A elas se somaram a falta de informações institucionais da companhia federal, por parte da própria direção, o que conseguimos equacionar, conforme mencionamos anteriormente.

8.1 O REGISTRO METODOLÓGICO DAS IMAGENS DOS CARREGADORES

Inicialmente, a ideia de se dispor de imagens fotográficas da rotina dos carregadores estava mais ancorada em meramente registrar o ofício em questão para comprovar, na prática, as especificidades desse tipo de trabalho. Não havia, portanto, nenhum elemento epistemológico de análise presente ainda naquele momento.

Foram feitas fotos em todas as visitas promovidas – ao todo, compilamos um banco com 390 imagens selecionadas. Com o tempo, percebemos a relevância de usá-las interpretativamente em nossa dissertação até pelo fato de elas possibilitarem a (re)construção da narrativa da própria atividade de trabalho. Podemos aferir isso pela

veiculação desse material, que trazemos ao longo da dissertação, as quais podem ser localizadas nos capítulos I e IV.

Encontramos respaldo para essa utilização no pressuposto de Boris Kossoy, que atesta a pertinência de se dispor desse tipo de registro: "A imagem do real que a fotografia retém (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena."[72]

Não iremos nos propor a tecer uma discussão teórica mais aprofundada sobre o significado da fotografia nas pesquisas científicas, uma vez que essa não é uma temática primordial ao nosso debate. Assim, para o que interessa, vamos partir do princípio de que ela traz em si a representação simbólica de um determinado assunto ou momento.

> (...) uma fotografia original não é apenas uma imagem e sim um objeto-imagem, o qual pode fornecer, além do inventário de informações visuais que compõem o conteúdo da imagem fotográfica, uma série de informações escritas (manuscritas e impressas) que geralmente dizem respeito ao conteúdo, podendo trazer alguma luz ao mesmo, bem como, à autoria da representação (...)[73]

Um ponto que consideramos pertinente nos deter criticamente é quanto ao conceito de fidedignidade desse testemunho visual, que dificilmente é colocado em xeque. Nesse sentido, reforça-se que o registro fotográfico pode ser utilizado como uma fonte primária para se recuperar informações. Porém, conforme aponta Boris Kossoy, compete ao pesquisador ter a clareza de que o assunto representado é apenas um fragmento da realidade.[74]

Desse modo, as imagens que produzimos, que não estão imbuídas de um senso estético atribuído à obra de arte, mostram o cotidiano laboral dos profissionais de carga no entreposto paulistano, desde o período anterior ao início da atividade propriamente dita, quando eles ficam à espera de serem contratados. Buscamos retratar ainda, entre outros pontos, o quão árduo e difícil é esse serviço essencialmente braçal, os cuidados para se locomover em meio ao fluxo de veículos e de pessoas, as roupas e equipamentos usados (além dos carrinhos de madeira) e os momentos de descanso.

---

[72] KOSSOY, Boris. *Elementos para el dessarollo de la historia de la fotografia em America Latina*. In: **Memorias del primer coloquio latino-americano de fotografia**. México, Conselho Mexicano de Fotografia (org.), 1978, p. 21.

[73] KOSSOY, Boris. **A fotografia como fonte histórica**: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, Coleção Museu & Técnicas, número 4, 1980, p. 30.

[74] KOSSOY, Boris. **A fotografia como fonte histórica**, p. 43.

Tamanha percepção serviu em nosso estudo para ratificar, visualmente, preceitos que trouxemos em nossa discussão empírica. Auxiliou, também, a dar uma noção mais factível a quem não conhece o cenário de atuação dos carregadores autônomos investigados – o Entreposto Terminal São Paulo. Com isso, possibilitou-se entender melhor algo importante, que são os impactos causados pelo local na dinâmica do trabalho desses profissionais.

8.2 POR QUE OBSERVAR FLORES E PEIXES?

A observação de campo que fizemos em nossa pesquisa representou uma forma de compreender *in loco* o significado da atividade dos carregadores autônomos, buscando nos ater aos referenciais circundantes a esse mundo do trabalho. Com as informações coletadas na entrevista inicial do diretor do Sindicar, fomos conferir a operação desses trabalhadores na Feira de Flores e no Pátio do Pescado, que ocorrem de madrugada, na central de abastecimento paulistana.

Ressalta-se que adotamos critérios para que a exploração científica acontecesse da melhor forma técnica possível. Afinal, nunca é demais lembrar que a observação, que está inserida em um procedimento qualitativo de investigação, implica dedicação por parte do pesquisador, o qual "(...) observa pessoalmente e de maneira prolongada situações e comportamentos pelos quais se interessa, sem reduzir-se a conhecê-los somente por meio das categorias utilizadas por aqueles que vivem essas situações."[75]

A opção por esses dois espaços de comercialização decorreu por termos descoberto, na conversa gravada com o dirigente sindical, características e conhecimentos específicos de trabalho dos carregadores desses locais, que passamos a explicar na sequência.

No comércio de flores costumam atuar, com maior frequência, os profissionais mais idosos, que demonstram melhor delicadeza para lidar com esse tipo de mercadoria. Soma-se a isso também o fato de o peso transportado ser mais leve do que a locomoção convencional de hortifrutícolas.

> Na Feira de Flores trabalham as pessoas mais idosas. Por quê? Porque tem gente que é mais idoso e não vai aguentar descarregar um caminhão de laranjas. Ele não vai aguentar descarregar um caminhão de batatas. Chega um tempo que ele faz aquele que é mais em conta.[76]

---

[75] POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa** – Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 255.

[76] Informação passada pelo diretor do Sindicar em entrevista aprofundada.

Em relação ao pescado, a escolha se deu justamente pelo tipo de carregamento, que demanda cuidado extremo e bastante força física, pois os peixes e os frutos do mar são levados em grandes quantidades e em enormes vasilhas de plástico ou de isopor cobertas, muitas vezes, com gelo. Desse modo, tem-se uma prevalência de trabalhadores mais jovens na movimentação dos produtos desse setor.

> (...) a diferença do peixe é que é mais demorado. Você vai no caminhão, pega a caixa vazia, 25 caixas, traz para o peixe, vai andar com elas, virar o peixe na caixa e levar para o caminhão. Quando não tem a caixa, você vai carregar, você vai circular na praça, carregar, levar para o portão e lá vai esperar ou vai buscar a caixa no caminhão e vai virar a caixa com o peixe. Demora mais de uma hora.[77]

Por fim, decidimos centrar a pesquisa no Entreposto Terminal São Paulo por se tratar da principal unidade da CEAGESP e também pela facilidade geográfica junto ao investigador. A observação de campo geral começou no segundo semestre de 2017, sendo mais intensificada no início de 2018. Promovemos ainda um acompanhamento mais específico, na primeira semana de fevereiro de 2019, da rotina de trabalho de dois profissionais, selecionados nos pontos de comercialização elencados.

Como já pontuamos, as visitas iniciais se deram sem aviso prévio à direção da estatal. Já as demais contaram sempre com o conhecimento e a autorização formal da companhia. Além disso, em todas as ocasiões ocorreram registros de imagens fotográficas, de maneira discreta, que demonstram a dinâmica dessas feiras e a rotina da atividade laboral dos carregadores. Procurou-se também ouvir, de forma indireta, os comentários dos próprios trabalhadores acerca de sua profissão – tudo organizadamente anotado em diário de campo.

> Além de registrar situações e questões nem sempre apreendidas pela memória, o diário pode revelar, em um outro momento, caminhos preciosos. Ele também é um recurso importante para registrar formas de comunicação, que instrumentos tecnológicos nem sempre captam: as emoções, as sensações, os comportamentos kinésicos, e traz para a pesquisa dimensões vitais e, muitas vezes, negadas pelo saber científico.[78]

---

[77] Idem. As 25 caixas mencionadas são o limite máximo permitido de pescados que podem ser transportados em cada carrinho.

[78] MARIN, Elizara Carolina. *O ofício da pesquisa*: processos do fazer. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 86. Em relação aos comportamentos kinésicos, a referência diz respeito aos gestos e movimentos do corpo humano.

Ainda no primeiro semestre de 2017, solicitamos formalmente informações e entrevistas junto às direções do Sindicato dos Permissionários em Centrais de Abastecimento de Alimentos do Estado de São Paulo (Sincaesp) e do Departamento de Entreposto da Capital (DEPEC), tendo sido ambas negadas.

Os pedidos foram realizados em contatos mantidos por telefone e também por e-mail. Nesse último caso, enviamos os questionários com os dados que gostaríamos de obter nas conversas específicas. Ressalta-se que a maioria dos dados solicitados não era, de forma alguma, comprometedora a ponto de gerar constrangimento com outros interlocutores da CEAGESP – a íntegra desses materiais pode ser conferida nos Anexos. Nas duas situações, colocamo-nos à disposição para ir pessoalmente às duas entidades para nos apresentar e explicar os objetivos da pesquisa.

Quanto ao Sincaesp, houve oito contatos desde abril de 2017, intermediados pela assessoria de imprensa da instituição patronal. A resposta definitiva, negando informações e a entrevista formal, ocorreu ao final de junho de 2017, após ligação telefônica realizada por nós.

A justificativa alegada é de que não haveria participação em virtude de questões de ordem jurídica envolvendo permissionários e carregadores. Solicitou-se que o posicionamento fosse registrado via e-mail, o que não aconteceu até o momento de conclusão da dissertação – a assessoria de imprensa, por sinal, já havia dito, na conversa derradeira, que dificilmente a entidade mandaria a negativa por escrito.

Em relação ao DEPEC, mantivemos, desde o começo de abril de 2017, 13 contatos, sendo os dois primeiros mediados inicialmente pela Coordenadoria de Comunicação e Marketing e os demais diretamente com gestor do órgão designado para tratar do assunto.

Há que se destacar que, a pedido do próprio setor, o investigador protocolou presencialmente pedido de informações e de entrevista, apresentando inclusive cópia do questionário enviado anteriormente por e-mail – a solicitação foi formalizada pessoalmente na última semana de abril de 2017.

Tivemos conversa informal, também no mesmo período de abril, com o gestor do DEPEC responsável por intermediar nosso contato, que se mostrou solícito e interessado no nosso estudo. Ele até passou alguns dados e orientações, mas por não se tratar de comunicado oficial, optamos por não integrar isso ao material coletado nas observações de campo.

Obtivemos resposta final da direção do departamento, formalizada por e-mail, decorrido pouco mais da metade de junho de 2017. Entendendo se tratar de assunto afeto aos carregadores (o que é óbvio, mas com gerenciamento de questões administrativas por parte da empresa federal), optou-se por não fazer nenhum tipo de pronunciamento a respeito do nosso

estudo. Fomos informados, ainda, que as perguntas haviam sido encaminhadas ao Sindicar que, se fosse o caso, responderia ao nosso pedido, o que só fez constatar a força exercida pela instituição sindical, mas que não é devidamente utilizada em prol da categoria.

Esses dois posicionamentos, somados ao temor de ficarmos restritos exclusivamente à visão do sindicato dos trabalhadores, reforçaram ainda mais a necessidade da observação de campo como forma de se promover uma pesquisa exploratória que trouxesse à tona elementos que nos permitissem aferir os objetivos traçados anteriormente.

> (...) a pesquisa exploratória é um movimento fundamental. A aproximação empírica ao fenômeno estudado permite divisar especificidades do que se investiga, o que traz desdobramentos em termos do refinamento/redefinição do problema, de tensionamento das proposições teóricas e de sua delicada construção para a especificidade do problema investigado. Esse procedimento também possibilita gerar elementos para embasar as opções referentes à amostragem da pesquisa e à definição por procedimentos de coleta de dados.[79]

Foi com base nessa observação *in loco* do ofício cotidiano dos carregadores que conseguimos estabelecer critérios para o desenvolvimento da pesquisa. Tal método serviu para sistematizar e, por vezes, reordenar nossos passos. Como consequência disso, decidimos não dar sequência à ideia original de incluir os trabalhadores que atuam nos setores de legumes, verduras e frutas no nosso *corpus*.

A opção resultou de visita à central da Vila Leopoldina que fizemos para acompanhar essa atividade específica. Como a operação de compra e venda de hortifrutícolas ocorre de manhã e à tarde, quando o fluxo de pessoas e veículos é bem mais intenso do que de madrugada, constatamos a dificuldade para seguir o deslocamento de tais carregadores pelo entreposto, diante da falta de segurança na locomoção, inclusive para registro de imagens fotográficas. Daí termos delimitado, de fato, nossa observação à Feira de Flores e ao Pátio do Pescado.

Essa decisão foi baseada no fato de que as incursões exploratórias possibilitam dispormos de informações que contribuem para a construção e a fundamentação da opção assentida por determinada amostra. Elas ainda permitem experimentar e mesmo testar a adequação de "(...) procedimentos e de técnicas de coleta de dados na concretude do objeto empírico, dando sustentação a redesenhos de procedimentos e a invenções metodológicas que atendam aos requerimentos do objeto/problema (...)".[80]

---

[79] BONIN, Jiani Adriana. *Nos bastidores da pesquisa*: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 28.
[80] BONIN, Jiani Adriana. *Nos bastidores da pesquisa*, pp. 36-37.

Durante as primeiras observações, havíamos cogitado promover conversas informais com os carregadores dos dois espaços para se dispor de dados mais concretos, sem aprofundamentos epistemológicos, mas que já garantissem material para a entrevista em profundidade que promovemos. Reordenamos essa ideia por termos verificado, em visitas posteriores, o quão difícil é fazer esse tipo de abordagem, pois os profissionais têm sua atenção toda voltada a obter a maior quantidade de carregamentos ao longo do período que dura a comercialização das mercadorias.

Encerrada a exploração de campo geral tanto na Feira de Flores quanto no Pátio do Pescado, conseguimos agendar reunião com a equipe da Coordenadoria de Comunicação e Marketing da CEAGESP e a diretoria do Sindicar. Os encontros, agendados em janeiro de 2019, serviram como devolutiva dos resultados parciais da pesquisa às duas instâncias que, desde o início de nossa empreitada, sempre se mostraram favoráveis ao andamento do estudo.

Da parte da Coordenadoria de Comunicação, a recepção dos dados obtidos até aquele momento foi muito boa, com a ratificação de apoio para a consolidação da investigação. Do lado da instituição sindical, resultou na indicação de carregadores específicos, nos dois polos de comércio observados, os quais tiveram sua atividade acompanhada passo a passo, desde a saída do galpão onde ficam os carrinhos de madeira até o término do turno de trabalho.

A última parte da observação de campo que realizamos apresentou resultados que nos possibilitaram entender melhor a lógica a que esses trabalhadores se sujeitam, diariamente, para garantirem sua sobrevivência e a de suas famílias. Ajudou a perceber o quanto as relações interpessoais que estabelecem são essenciais para a sua visão de mundo e o desenvolvimento de seu ofício.

Essas descobertas só se tornaram factíveis a partir das entrevistas aprofundadas feitas com os carregadores autônomos destacados para essa etapa. Isso aconteceu porque as conversas permitiram "(...) o resgate da dimensão da subjetividade, já que a fala dos entrevistados é reveladora de sistemas de valores, crenças, normas, sendo significantes mesmo sem a intenção de significar (...)".[81]

A saber, o tempo de duração das entrevistas em profundidade não se deu de maneira uniforme, variando bastante conforme os entrevistados: com os profissionais que carregam flores e pescados, em torno de 30 a 50 minutos, e com o diretor sindical, que foram dois encontros, cerca de uma hora cada.

---

[81] MACHIN, Rosana; COUTO, Márcia Thereza; ROSSI, Cintia Cristina Silva. *Representações de trabalhadores portuários de Santos-SP sobre a relação trabalho-saúde*, p. 642.

CAPÍTULO III

A COMUNICAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

9. POR QUE ESTUDAR COMUNICAÇÃO E TRABALHO

Vai trabalhar, vagabundo
Vai trabalhar, criatura (...)
Prepara o teu documento
Carimba o teu coração
Não perde nem um momento
Perde a razão (...)
CHICO BUARQUE

Uma questão que merece ser trazida à discussão é o motivo de se estudar o mundo do trabalho pelo viés da comunicação. Esse ponto ganha destaque devido à atual conjuntura política e socioeconômica global, cujas circunstâncias de crise, geradas e agravadas pelo neoliberalismo, se impõem, com cada vez mais força, no nosso cotidiano.

Por conta disso, decorre para nós a pertinência de que o campo da comunicação seja estudado a partir de um outro parâmetro, de uma outra área de conhecimento, fugindo de uma lógica meramente funcionalista, buscando salientar o papel das mediações que perpassam justamente o contexto em que vivemos nos dias de hoje.[82]

Tal ponto de vista faz todo o sentido quando ratificamos, conforme já comentado, que a esfera comunicacional deve ser compreendida à luz do que ocorre nas Ciências Sociais, o que a torna um objeto de estudo mutável, factível a constantes transformações. Daí acreditarmos na importância da imbricação entre comunicação e mundo do trabalho.

> (...) as pesquisas sobre comunicação e trabalho têm demonstrado como a comunicação contribui para destacar a centralidade da categoria trabalho na sociedade contemporânea. A maior proximidade entre comunicação e trabalho tem sido motivada, sobretudo, pelas mudanças produzidas pela introdução de novas tecnologias de informação e pela incorporação dos processos comunicativos na gestão de recursos humanos envolvidos na reestruturação produtiva.[83]

---

[82] Para uma compreensão mais adequada das principais correntes teóricas do campo da comunicação, como o funcionalismo, sugerimos a leitura de MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 4ª edição. São Paulo: Loyola, 2001. Sobre mediações, vale retomar o conteúdo relacionado às notas de rodapé números 26 e 27.

[83] FIGARO, Roseli. *Estudo de recepção e ergologia*: novos desafios teórico-metodológicos. **Revista Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, E-Compós, volume 12, número 3, 2009, p. 1.

Sendo a atividade laboral elemento constitutivo do homem[84], reforçamos que somente há lógica falarmos do binônimo comunicação e trabalho se o assimilarmos pela óptica da ontologia do ser social. Nesse sentido é que teremos, em nossa investigação, o entendimento do que significa a rotina dos carregadores que atuam no Entreposto Terminal São Paulo.

Ademais, há que se salientar que a completude pela perspectiva ergológica[85] faz com que a comunicação ganhe um contorno bem interessante se analisarmos de que forma ela pode colaborar para que esses profissionais, que executam seu serviço de maneira autônoma, possam ser considerados em relação às suas demandas sobre o trabalho na CEAGESP.

Isso somente será plausível se as informações circularem no sentido de quem trabalha para a direção da empresa e se as questões de trabalho concreto conseguirem prevalecer na chamada governança corporativa.[86] Essas condições vão ocorrer se houver a confrontação das situações concretas de trabalho com a prescrição e a busca por soluções negociadas, o que significa dar voz a quem, efetivamente, trabalha.

> Estudar a comunicação no mundo do trabalho permite entender como se dá a resolução de problemas e a partir de que valores as pessoas fazem suas escolhas, como se constituem os coletivos de trabalho que estão fora do enquadramento do organograma da empresa; como se constituem as redes de ajuda e solidariedade na resolução de problemas e tarefas. É, ainda, compreender como o mundo do trabalho transborda de seu meio e abarca outros espaços sociais, tais como a casa, o bairro, a mídia etc.[87]

A percepção sobre tal conformação será fundamental para depreendermos de que modo se configuram as relações sociais dos carregadores em seu mundo do trabalho, mediadas pela esfera comunicacional. É essa questão que aflora os sentidos de nossa pesquisa e que conduziu as escolhas, tanto empíricas quanto práticas, que fizemos ao longo dessa jornada científica.

---

[84] Aprofundaremos essa discussão no Capítulo V.

[85] Os pressupostos da ergologia serão apresentados no Capítulo V.

[86] Dentro da lógica administrativa, a governança corporativa é o conjunto de práticas que visam melhorar a qualidade da gestão empresarial, o que pressupõe, entre outros pontos, a criação de mecanismos de controle internos e externos das atividades de trabalho.

[87] FIGARO, Roseli. *Atividade de comunicação e de trabalho*. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, volume 6, número 1, 2008, p. 129.

10. EM QUAL CORRENTE TEÓRICA NOS INSERIMOS?

(...) o fato científico se conquista contra a ilusão
do saber imediato (...)
GASTON BACHELARD

Em nossa pesquisa de mestrado, a empiria tem um papel determinante no que se refere ao sistema de fundamentação do nosso objeto de estudo pela vertente da comunicação. Daí ser mais do que apropriado elegermos os conceitos que se encaixam à investigação que realizamos junto aos carregadores autônomos da CEAGESP.

Entre as diversas correntes teóricas comunicacionais[88], listamos aquelas que embasam com melhor propriedade nossas premissas, permitindo assim a construção de um quadro teórico de referência factível de ser problematizado de modo dialético, inclusive, para se vislumbrar a imbricação entre comunicação e mundo do trabalho.

> A revolução do século XXI não é a da informação, mas a da comunicação. Não é a da mensagem, mas a da relação. Não é a da produção e da distribuição da informação por meio de tecnologias sofisticadas, mas a das condições de sua aceitação ou de sua recusa pelos milhões de receptores, todos sempre diferentes e raramente em sintonia com os emissores. Os receptores, destinatários da informação, complicam a comunicação. A informação esbarra no rosto do outro. Sonhava-se com a aldeia global. Estamos na torre de Babel.[89]

Tal consideração nos dá a medida da relevância de nos atermos aos estudos de recepção que põem foco específico nas pessoas que estão no mundo do trabalho, o qual "(...) vai se mostrando como mediação privilegiada para o estudo da recepção dos meios de comunicação, pois é nele, e a partir dele, que se constituem e se materializam as experiências vividas no cotidiano."[90]

Reforça-se, portanto, que é esse espectro laboral, que está atrelado às escolhas dos indivíduos, que serve para realizar as mediações. Então, a questão é ver como a comunicação entra em suas vidas e como elas compreendem o mundo. É o que mostraremos a partir de agora, com base nos postulados que elencamos como sendo basilares para a nossa formulação teórica.

---

[88] Outra boa fonte que indicamos a respeito das correntes teóricas do campo da comunicação é HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz Carlos; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da comunicação** – Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2013.
[89] WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 15.
[90] FIGARO, Roseli. **Comunicação e trabalho**, p. 159.

Convém salientar que tal seleção não foi tarefa das mais fáceis, uma vez que sempre corremos o risco de nos prender em visões já recorrentes ou que apenas possam reforçar e mesmo replicar nossas suposições, sem nos darmos à mínima tarefa de tecermos os possíveis questionamentos empíricos necessários.

Para evitar essa situação, buscamos propor a discussão que se segue dentro do maior rigor técnico científico, sem nos fecharmos em leituras que possam, por sinal, reverberar ou até mesmo legitimar estereótipos que, no fim, acabem resultando em preconceitos epistemológicos.

10.1 SOBRE OS ESTUDOS CULTURAIS

Sem menosprezar nem tampouco diminuir a importância das diversas correntes teóricas de comunicação, uma escolha que julgamos bem procedente, e que acabamos por acolher em nossa pesquisa, é a linha dos Estudos Culturais[91], reunida no entorno do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS)[92] da Universidade de Birmingham, na Inglaterra.

As ideias do CCCS, propagadas por teóricos como Richard Hoggart e Raymond Williams, que por sinal foram diretores da instituição, configuravam uma crítica à visão maniqueísta de infra e superestrutura[93], com a contraposição à noção de desenvolvimento das forças produtivas separado das relações de produção. Dessa forma, buscava-se pensar nos aspectos atrelados à existência dessa relação social, nunca em uma cisão dialética entre esses elementos.

> Os estudos culturais não configuram uma "disciplina" mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade. A área, então, segundo um coletivo de pesquisadores do Centro de Birmingham que atuou, principalmente, nos anos 70, não se constitui numa nova disciplina, mas resulta da insatisfação com algumas disciplinas e seus próprios limites. É um campo de estudos em que diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado.[94]

---

[91] Para uma depreensão melhor das origens dessa linha de estudos, uma sugestão é a leitura do capítulo *O Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham*: uma história intelectual, de Norma Schulman, que está em JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

[92] O Centro foi fundado em 1964 por Richard Hoggart, tendo como inspiração a pesquisa de sua autoria, intitulada **The uses of literacy** (1957). Inicialmente como órgão ligado ao English Department da Universidade de Birmingham, constituiu-se, posteriormente, em um centro de pesquisa de pós-graduação da instituição.

[93] Segundo Marx, a infraestrutura é a base econômica da sociedade, onde ocorre a exploração da força de trabalho pelo processo de acumulação capitalista. A superestrutura representa as estratégias utilizadas pelo grupo dominante para sua consolidação e perpetuação social.

[94] ESCOTESGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos Estudos Culturais** – Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 34.

O *modus operandi* dos Estudos Culturais guarda proximidade com nossa investigação por usar "(...) o trabalho de campo etnográfico, a entrevista, a análise de texto e de discurso e os métodos históricos tradicionais de pesquisa para investigar uma ampla variedade de questões relacionadas à comunicação (...)".[95]

Consideramos que o grande legado de Raymond Williams é que, juntamente com outros autores, a cultura é colocada no centro de debate. Desse posicionamento decorre que "(...) todos os homens têm igual direito a serem seriamente considerados como consumidores de cultura."[96] Convém destacar que estamos nos referindo à cultura enquanto lugar de produção e circulação de sentidos (ideologias) em disputa *com* e *no* sistema hegemônico tradicional (economia e política).

> (...) os Estudos Culturais buscam investigar de forma intensiva os significados da experiência humana, na medida em que eles se efetivam na linguagem e em outras práticas de significação, procurando também examinar de forma sistemática as práticas institucionais, a estrutura da sociedade britânica e os movimentos políticos contemporâneos.[97]

Vemos muita simetria na orientação dessa corrente teórica em relação ao que identificamos no mundo do trabalho dos carregadores autônomos do Entreposto Terminal São Paulo da CEAGESP. Não à toa, são os pressupostos de Williams que propiciam uma lógica específica das pesquisas de comunicação na América Latina, em que a cultura vem exercer um papel significativo, acabando-se com a ideia de midiacentrismo.[98]

No caso dos profissionais que movimentam mercadorias na central de abastecimento, buscamos entender a sua essência à luz dos Estudos Culturais, juntando informações da sua rotina de trabalho e, dentro do possível, familiar. Essa procura veio mais acentuada nas entrevistas em profundidade que realizamos, sendo que também fizemos isso na própria observação de campo, quando fomos verificar, por exemplo, o local em que os trabalhadores ficavam concentrados e onde se alimentavam.

---

[95] JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?**, p. 180.

[96] JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?**, p. 175.

[97] JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?**, pp. 197-198.

[98] O midiacentrismo é "(...) uma ordem de mediações socialmente realizadas – um tipo particular de interação, portanto, a que poderíamos chamar de tecnomediações – caracterizadas por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *medium*. Trata-se de dispositivo cultural historicamente emergente no momento em que o processo da comunicação é técnica e mercadologicamente redefinido pela informação, isto é, por um produto a serviço da lei estrutural do valor, também conhecida como capital." SODRÉ, Muniz. *Eticidade, campo comunicacional e midiatização*. In: MORAES, Denis de (org.). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 20.

Ainda nesse contexto, chamou-nos a atenção o fato de que se trata de uma categoria profissional em que os meios de comunicação de massa, representados sobretudo pelos aparatos tecnológicos e, especificamente, pelo celular, não exercem influência alguma no desenvolvimento da atividade laboral, prevalecendo o contato interpessoal e presencial.

Para se ter ideia, não há grupo(s) de WhatsApp entre os carregadores nem o Sindicar utiliza esse mecanismo como ferramenta de comunicação. A forma de diálogo que prevalece, levando-se em consideração, inclusive, de que estamos nos referindo a um grande mercado ao ar livre, é o tradicional "boca a boca", como já mencionamos.

10.2 A LÓGICA DAS MEDIAÇÕES

Conforme apontado na Introdução, as mediações encontram ressonância em nossa pesquisa, tanto que ratificamos que nos apoiamos em Jesús Martín-Barbero que, por sinal, é quem melhor absorve a vertente trazida pelos Estudos Culturais na América Latina, criticando, com muita pertinência, a ideia da centralidade dos *media*.

Segundo ele, a experiência do popular vinculada à comunicação é que deu vazão à emergência dos Estudos Culturais no nosso continente. "Esta é uma das singularidades do processo latino-americano que se revela no acento do viés sociocultural. Disciplinarmente evidenciado no triângulo comunicação, sociologia e antropologia."[99]

Dessa maneira, a comunicação e a cultura se convertem em um campo de batalha em que "(...) o estratégico cenário exige que a política recupere sua dimensão simbólica – sua capacidade de representar o vínculo entre os cidadãos, o sentimento de pertencer a uma comunidade – para enfrentar a erosão da ordem coletiva."[100] Logo, o que se quer saber é o que as pessoas fazem com a produção cultural na área comunicacional.

---

[99] ESCOTESGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos Estudos Culturais**, p. 55.
[100] MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003, p. 15.

> Ao postular que a comunicação se tornou "questão de mediações mais do que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos, senão de re-conhecimento", Martín-Barbero sintetiza uma das principais premissas em torno da qual se articularam, nessas últimas décadas, diferentes contribuições de autores latino-americanos que, desde o consumo e a recepção comunicacional, vêm se dedicando a pensar a comunicação no marco do processo das culturas. Pesquisadores (...) convergem na definição da cultura como um processo plural, instável, ambíguo, conflitivo e complexo, que se dinamiza no cotidiano e conforma distintos processos comunicacionais mediados ou não pelos meios de comunicação. (...) Como premissa orientadora, está a percepção de que, embora os processos midiáticos intervenham fundamentalmente na constituição e na conformação das interações, memórias e imaginários sociais, os indivíduos são sujeitos ativos em todo o processo de comunicação (...).[101]

Oportuno comentar que a própria configuração do Entreposto Terminal São Paulo é que faz com que as relações interpessoais mantidas pelo carregador com permissionários e compradores tornem-se extremamente fundamentais para a execução da tarefa de movimentação de mercadorias.

Afinal, é essa mediação diária e direta que responde pelo "sucesso" do profissional em sua jornada laboral exaustiva: "O carregador que precisa fazer o nome do trabalho dele. Ele tem que trabalhar bem ali, educado, se ele for meio ignorante em tudo, o cara que vem é comprador, ele vai ficar sentado e o cara não vai chamar ele."[102]

Um aspecto que auxilia, e muito, a compreender essa esfera da mediação no mundo dos carregadores é a análise do discurso desses trabalhadores, capturada nas entrevistas aprofundadas – como exemplo, temos o sentido da "responsabilidade autônoma", que já se revela na última passagem que transcrevemos. Soma-se a isso também a conferência da atividade linguageira dos profissionais em questão. O contexto de tais discussões é o que passaremos a explicar empiricamente na sequência.

11. A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL

Segundo Maria Aparecida Baccega, o sujeito é um indivíduo concreto e sua constituição se dá pela interação social, que ocorre por meio da linguagem, em especial pela verbal, que é a referência de seu pensamento conceitual.[103] É essa circunstância que gera a

---

[101] COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. *Redes sociais e os estudos de recepção na internet*. **Revista Matrizes**, número 2, 2011, pp. 76-77.
[102] Explicação dada em entrevista aprofundada pelo dirigente sindical.
[103] BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso** – Literatura e história, São Paulo: Ática, 1995, pp. 11, 12.

produção de sentidos, ocasionando consequentemente um espaço de tensão necessário – a luta de classes.[104]

É preciso vislumbrar pensamento e linguagem numa perspectiva conjunta, e não isoladamente. A linguagem representa todo um sistema de signos que possibilita a comunicação, o que faz com que desempenhe um papel ativo no pensamento. A palavra, por sua vez, é uma operação do pensamento. Trata-se de um pensamento em potencial, em que os sinais linguísticos têm significação que resulta da experiência do sujeito. Daí que a linguagem, que é uma unidade verbal e mental, contribui para a formação individual do homem.

> A natureza do significado como tal não é clara. No entanto, é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal. É no significado, então, que podemos encontrar as respostas às nossas questões sobre a relação entre o pensamento e a fala. (...) Uma palavra não se refere a um objeto isolado, mas a um grupo ou classe de objetos; portanto, cada palavra já é uma generalização. A generalização é um ato verbal do pensamento e reflete a realidade de modo bem diverso daquele da sensação e da percepção.[105]

Logo, a linguagem e o pensamento têm uma dinâmica no mundo do trabalho. O processo de significação é uma atividade laboral e de comunicação. A linguagem é fruto das generalizações e das abstrações do trabalho, da maneira como os instrumentos são manipulados e utilizados nas interações sociais laborais e na transformação da natureza.[106]

Assim, ela carrega em si uma ideologia e estereótipos – há uma cristalização e generalização de conceitos pré-concebidos e aceitos como naturais. Desse modo, o signo é ideológico por guardar uma relação de representação. A consciência se forma por meio dos signos, o que lhe assegura ser um material ideológico.

Nesse contexto, convém apontar que um produto impregnado de ideologia pertence a uma determinada realidade, seja ela natural ou social, como todo corpo físico, instrumento de produção ou bem de consumo. Porém, ao contrário desses elementos, ele também reflete e refrata[107] outra realidade, exterior a essa situação. “Tudo que é ideológico possui um

---

[104] A conceituação de luta de classes a que nos referimos se baseia nos preceitos contidos em BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, Valentin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
[105] VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 5-6.
[106] LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004, p. 92.
[107] Segundo as leis da física, a refração é um fenômeno óptico, em que ocorre alteração da velocidade da luz em virtude da mudança de meio de propagação. Como exemplo, isso ocorre quando um objeto é mergulhado em água e aparenta estar quebrado.

significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia."[108]

A filosofia da linguagem é vital para compreender a própria existência humana. O sistema de signos é que vai materializar os conflitos da sociedade. Na interação verbal ocorre a produção de sentidos, que gera um espaço de tensão. Só se entende o lugar ocupado por um discurso quando há a confrontação.[109]

Todo discurso tem uma forma de identificar com quem se conversa pela materialidade discursiva. Daí que cada visão de mundo se apresenta em um discurso específico. "Por isso é que o discurso é o espaço da reprodução, do conflito ou da heterogeneidade."[110]

Destaca-se aqui o papel da ideologia, que é constituída pela realidade e ela mesma sendo constituinte da realidade. Em relação à ideologia do cotidiano, temos todas as contradições da luta de classes. De acordo com Helena Nagamine Brandão, há três elementos que definem conceitualmente o discurso:

> Primeiro: O discurso ultrapassa o nível puramente gramatical, linguístico. O nível discursivo apoia-se sobre a gramática da língua (...) e sobre os aspectos extralinguísticos que condicionam a sua produção.
> (...) Segundo: O discurso diz respeito a enunciados concretos, a falas/escritas realmente produzidas (e não idealizadas, abstratas, como as frases da gramática) e os estudos na perspectiva discursiva visam descrever como funciona a língua no seu uso efetivo, como se dá a produção de efeitos de sentidos entre os interlocutores, sujeitos situados social e historicamente.
> (...) Terceiro: No nível do discurso, portanto, o falante/ouvinte, escritor/leitor devem ter conhecimentos linguísticos, isto é, dominar a língua, suas regras (...) para produzir discursos adequados aos diferentes contextos de comunicação.[111]

Desse modo, podemos categorizar o discurso como um conjunto de enunciados marcados por duas formações: a ideológica, que é a visão de mundo voltada a certas condições materiais e de embates entre classes sociais; e a discursiva, que são os temas e figuras que expressam determinada formação ideológica.[112]

A análise do discurso procede à compreensão das relações entre a formação discursiva e a ideológica na construção dos sentidos do discurso. Além disso, é responsável por revelar

---

[108] BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, Valentin). **Marxismo e filosofia da linguagem**, p. 31.
[109] BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, Valentin). **Marxismo e filosofia da linguagem**, p. 46.
[110] FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1998, p. 45.
[111] BRANDÃO, Helena Nagamine. *Enunciação e construção do sentido*. In: FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 19.
[112] FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**, p. 32.

as vozes dos sujeitos. Por sinal, somos sujeitos porque somos seres sociais que interagimos por meio da comunicação (a noção do "eu").

Cumpre ressaltar que, ao nos referirmos à ideia de sujeito, estamos nos atendo ao particular que é constituído socialmente. Nesse sentido, a subjetividade deve ser compreendida como o resultado da polifonia dos discursos recebidos na formação que circunda esse sujeito.

> O indivíduo resulta, portanto, de vários discursos; é paciente de uma pesada carga social, que atua ditatorialmente sobre cada um. Mesmo assim a subjetividade é única, carrega os traços da especificidade do ser que reelabora essa carga e do universo a que ele pertence. (...) Mas ele também é agente. Portador de uma subjetividade plural, o indivíduo tem condições de reelaborar, de inovar os discursos da sociedade, que são muitos, produzindo outros muitos discursos. Daí sujeito. (...) O processo de conhecimento supõe um indivíduo/sujeito que escolhe sua posição ideológica e assume a palavra. Ele terá sensibilidade maior ou menor para a palavra dando-se ou para a palavra dada (...)[113]

Disso advém a relevância da análise que procedemos das entrevistas em profundidade com o dirigente sindical e os carregadores da Feira de Flores e do Pátio do Pescado. Com o embasamento teórico sobre o qual estamos nos apoiando, pudemos depreender como a comunicação se constitui em um mecanismo primordial na manutenção das relações laborais desses profissionais com os demais interlocutores que gravitam ao redor da CEAGESP. Ela permitiu ainda verificar como os processos comunicacionais habitam e reconfiguram esse mundo do trabalho em específico.

12. A ATIVIDADE LINGUAGEIRA

Compreender o papel assumido pela linguagem impõe entendermos que estamos tratando de uma atividade humana complexa, ou seja, de um campo de estudo amplo, com diversos conceitos, abordagens teóricas e metodologias de investigação. Partindo desse pressuposto, registramos que nos afiançamos a uma perspectiva que busca ampliar esse alcance.

[113] BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso**, pp. 22, 57.

> A especificidade da atividade de linguagem, em relação a outros tipos de atividade, consiste em dois aspectos. O primeiro diz respeito à dupla dimensão que constitui a linguagem: a sua materialidade se encontra na língua, mas essa dimensão é indissociável da dimensão simbólica, referente à significação da materialidade linguística. O segundo aspecto se relaciona à interligação entre a atividade de linguagem e outros tipos de atividade. Muitos deles são atravessados pela atividade linguageira, na medida em que é pela linguagem que o sujeito manifesta – narrando, descrevendo, relatando – os saberes e experiências produzidos nessas atividades. Ou seja, o sujeito tenta transmitir um saber ou experiência singular a um interlocutor, através de signos linguísticos – portanto, elementos culturais partilhados por uma comunidade de falantes.[114]

Portanto, nosso intuito é aproximar a linguagem do espectro do mundo do trabalho. Para isso, é pertinente atinarmos que são duas práticas sociais situadas histórica e culturalmente, em que a criação, a mobilização, a reprodução e/ou a transformação visam atender a uma demanda humana.

A essa ponderação devemos acrescentar que ambas são dialeticamente constitutivas das relações sociais e, ao mesmo tempo, constituídas por elas, sendo que a interação dos sujeitos possibilita a confrontação, a tensão, a produção e a reprodução de saberes e valores que circulam em um grupo social ou em distintos grupos.[115]

Nesse sentido é que nos apropriamos da formulação elaborada por Abdallah Nouroudine, que aponta que a atividade da linguagem se dá em três vertentes distintas: *sobre*, *como* e *no* trabalho. Tal fundamento permite identificar a ligação entre linguagem e trabalho e, consequentemente, captar o uso da língua na esfera laboral, o que é essencial para se entender a lógica em que estão inseridos os carregadores.

De acordo com Nouroudine, "(...) ao tratar essa questão, a reflexão recairá, necessariamente, em um debate sobre as condições de produção de saber, a partir de prospecções acerca das condições de produção simplesmente".[116] Para que não pairem dúvidas, vamos explicitar o que representa cada uma das vertentes.

A linguagem *como* trabalho é realizada pelo sujeito para orientar o próprio trabalho e ocorre no processo coletivo de produção que exige cooperação e diálogo porque faz parte da

---

[114] CAVALLI, Ângela Beatriz; GODINHO, Ana Cláudia Ferreira. **Linguagem e trabalho**: aproximações a partir da experiência da cooperativa Univens. IV Simpósio Nacional Tecnologia e Sociedade. Curitiba, UTFPR, 2011, p. 4.

[115] CAVALLI, Ângela Beatriz; GODINHO, Ana Cláudia Ferreira. **Linguagem e trabalho**, p. 3.

[116] NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem:* dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez; FAÏTA, Daniel (orgs.). **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002, p. 18.

gestão do tempo do trabalho. A orientação do ofício e a cooperação somente são oportunos se permitirem conciliar a saúde dos atores do trabalho e a eficácia no produto do trabalho.[117]

> (...) a linguagem como atividade integra aspectos estratégicos definíveis como fala para si e fala ao outro, fala para o outro, centrada essencialmente aqui nos desafios da realização do trabalho e da existência da identidade pessoal dentro e pelo grupo, sobretudo através do tempo[118].

Assim, a própria linguagem é trabalho, legitimada pela atividade laboral, sendo que a complexidade dessas categorizações se confunde e se entrelaça. "A linguagem como trabalho não é somente uma dimensão, dentre outras, do trabalho, mas ela própria se reveste de uma série de dimensões."[119] Portanto, todos os gestos, falas e sinais, que são feitos com o objetivo de realizar a ação, constituem parte do trabalho.

Esse olhar é importante para apreender os aspectos do trabalho como um todo, e não somente a prescrição formal da atividade laboral. Omitir essas características é atingir apenas e tão somente a superficialidade de qualquer análise das relações de comunicação no trabalho.

Na mesma linha, não podemos anular a linguagem *no* trabalho também como atividade que contém elementos complexos, como as formas de relacionamento dentro do coletivo, as interações, as relações feitas pela linguagem. Daí que enquanto a linguagem *como* trabalho é "(...) expressão pelo ator e/ou coletivo dentro da atividade, em tempo e lugar reais, a 'linguagem no trabalho' seria, antes, uma das realidades constitutivas da situação do trabalho global na qual se desenrola a atividade."[120] É nesse ínterim que as duas variáveis são, simultaneamente, distintas e ligadas.

Os limites entre as recorrências da linguagem *no* e *como* trabalho são híbridos e representam múltiplas dimensões para a análise da linguagem onde se manifestam as relações, falas e emoções, evidenciando os aspectos históricos e sociais do indivíduo e a realidade do trabalho. Com isso, um trabalhador pode, na mesma situação, utilizar a linguagem *no* trabalho, enquanto outro estará utilizando a linguagem *como* trabalho.

---

[117] NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*, p. 19.
[118] Idem.
[119] NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*, p. 21.
[120] NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*, p. 22.

> Conversar sobre a vida pessoal de um ou de outro, sobre problemas da política atual, fazer observações sobre as ferramentas empregadas no setor vizinho ou na empresa concorrente, comentar o jogo de futebol da véspera etc. – todos esses assuntos fazem parte da linguagem no trabalho, uma vez que favorecem troca na situação de trabalho. A interação entre os elementos materiais e simbólicos da situação de trabalho a partir de um centro de referência, que é o sujeito individual/coletivo, atribui à linguagem um papel privilegiado no processo de representação e de discriminação dos fatores pertinentes a um momento determinado para realizar o trabalho com eficiência e segurança.[121]

Não há uma demarcação entre a linguagem *como* e *no* trabalho, mesmo quando se visa alcançar a linguagem *sobre* o trabalho, ponto que fecha o triângulo dos níveis da produção discursiva da linguagem nessa esfera.[122] Por sinal, essa última categoria – a linguagem *sobre* o trabalho – é representada pelas falas do trabalho que são produzidas pelos próprios protagonistas da atividade: "(...) evoca-se o trabalho para comentá-lo ou avaliá-lo, para lembrá-lo, para se justificar, ou por mil razões surgidas no momento".[123]

Os desafios de análise dessa triangulação são relevantes, principalmente devido à dificuldade que há para se identificar quando a linguagem assume as dimensões *como*, *no* ou *sobre* o trabalho ou mesmo quando se dá o entrelaçamento desses níveis. Daí que fica claro o motivo pelo qual essa verificação é bastante significativa no que se refere às falas dos carregadores, que aparecem na observação de campo e nas entrevistas aprofundadas.

Importante destacar que, assim, o trabalho não se limita a um simples conjunto de verbalizações a ser coletado e analisado. Muito pelo contrário, temos que o exercício laboral e os dados linguageiros servem para embasar uma série de questionamentos de ordenamento teórico como, por exemplo, o modo pelo qual a atividade de linguagem colabora para o desenvolvimento da tarefa laboral.

Nesse contexto, é assaz bem-vindo, para reforçar o que temos defendido, o conceito de parte linguageira do trabalho, formulado por Josiane Boutet. Segundo a pesquisadora, trata-se da contribuição da linguagem e das línguas à realização do trabalho, em que se visa compreender as especificidades da contextualização da linguagem em situação de trabalho, ou seja, a maneira como interagem as práticas do falar e do trabalhar.[124]

---

[121] NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*, p. 24.
[122] NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*, p. 17.
[123] NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*, p. 25.
[124] BOUTET, Josiane. *Atividades de linguagem em situações de trabalho*. **Revista Parágrafo**, volume 4, número 1, janeiro/junho de 2016, pp. 91-92.

> A reestruturação dos ofícios operários de produção, no sentido das atividades de controle e de acompanhamento de processos, a informatização, o crescimento de profissões de serviço e de relacionamento, geraram novas exigências em matéria de competências linguageiras e, desse modo, desenhou-se um lugar novo para a linguagem e às línguas no mundo do trabalho.[125]

No caso da nossa pesquisa, tal conceituação auxilia a entender como o trabalho se junta à comunicação para criar a identidade profissional (e pessoal) dos carregadores. Para tanto, conforme pondera Josiane Boutet, o reconhecimento, a visibilidade e a exploração "(...) dos recursos linguageiros dos assalariados na economia globalizada fazem aparecer uma mobilização particular dessas competências e uma evolução das características da parte linguageira do trabalho."[126]

Vislumbramos isso, por exemplo, na mudança do *status* do diálogo que envolve os profissionais no trabalho. Se anteriormente a fala era vista como mero bate-papo, reduzido inclusive a algo lúdico na visão taylorista, hoje em dia vê-se o seu valor e a sua função cognitiva, que ocorrem por meio da deliberação, da argumentação e do debate no grupo de pessoas que operam a conversa.[127]

Dentro do escopo do nosso objeto de estudo merece menção outra ponderação trazida por Boutet. Como as atividades linguageiras no trabalho não são independentes do contexto social laboral, há que se salientar que elas aparecem sempre "(...) sob a restrição de determinantes ambientais poderosos: o tempo, o barulho, o perigo, a organização de postos de trabalho no espaço etc."[128]

Em relação aos carregadores do entreposto paulistano, é justamente a forma de organização da categoria, em torno do Sindicar, que confere a integralidade de verdade às palavras ditas pela entidade sindical e o conjunto de seus diretores. Daí que se reitera a importância da análise proposta por Nouroudine como forma de focar a problemática de depreender o papel da linguagem na concretização dessa atividade de trabalho.

---

[125] BOUTET, Josiane. *Atividades de linguagem em situações de trabalho*, p. 92.
[126] Idem.
[127] Idem. A visão taylorista prima pelo máximo alcance da produção e, consequentemente, do rendimento com o mínimo de tempo e de esforço.
[128] Idem.

CAPÍTULO IV

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO DE CAMPO

13. O DESAFIO DA OBSERVAÇÃO DO MUNDO DO TRABALHO DOS CARREGADORES

Se o operário soubesse
Reconhecer o valor que tem seu dia
Por certo que valeria
Duas vezes mais seu salário (...)
NELSON SARGENTO/ALFREDO PORTUGUÊS/CARTOLA

Mais que retomar e reiterar os processos metodológicos que utilizamos na pesquisa de mestrado, consideramos válido ponderar, nesse momento, sobre os desafios que enfrentamos ao longo de nossa trajetória. Daí que, sem sombra de dúvida, a vigilância epistemológica[129] adotada na observação de campo dos carregadores autônomos do Entreposto Terminal São Paulo nos auxiliou bastante, propiciando que pudéssemos avaliar, e mesmo reavaliar, as técnicas empregadas na investigação.

Cumpre salientar que, sem essa acuidade, não teríamos alcançado um percurso coerente e adequado metodologicamente à rotina laboral dos trabalhadores analisados. Por isso, não se trata aqui de se ater aos eventuais percalços ocorridos durante o processo científico, mas sim às descobertas que emergiram da exploração de campo realizada, as quais nos permitiram uma condução segura do processo completo.

Nessa perspectiva, um ponto que emergiu em nossa aferição é que definitivamente a tecnologia não é determinante para o ofício dos carregadores. Um exemplo dessa situação, especificamente pelo viés do mundo do trabalho, é a postura crítica desses profissionais no que diz respeito à presença das empilhadeiras no entreposto paulistano.

A negação ao equipamento se traduz no fato de que, visual e numericamente, são os carrinhos de madeira que prevalecem para o transporte interno de mercadorias. A saber, há na central de abastecimento apenas 60 máquinas[130], todas vinculadas diretamente aos permissionários, em contrapartida aos 3.800 trabalhadores autônomos que atuam na movimentação interna de produtos.

---

[129] Para entender essa questão, destacamos que "(...) a reflexão epistemológica desenvolve-se internamente à prática da pesquisa, encarregando-se de renovar continuamente uma série de operações que asseguram a cientificidade dessa prática." LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**, p. 121.
[130] O dado faz parte de levantamento do Sindicar.

> Empilhadeira, empilhadeira podia ser bom se elas tivessem o lugar certo delas ficarem e a mercadoria ser da própria firma que ela descarrega. Não ela fazer o serviço que ela está fazendo, com entrega de caminhão de feirante, tirando serviço do carregador.[131]
>
> (...) são as empilhadeiras que tomaram o serviço do carregador, porque a empilhadeira entrou, tomou o serviço do carregador. Em cima do caminhão, a empilhadeira vem na lateral, pá, joga no chão e tudo bem. Fica só o trabalho do carregador, a empilhadeira puxava. Antes, ele descarregava o caminhão, levava duas, três horas, mas ele descarregava caixa por caixa. Ele puxava o carrinho caixa por caixa. Eram três carregadores. Era um em cima do caminhão para soltar a mercadoria, o outro para puxar para cima e o outro para embalar lá. (...) A gente é contra a empilhadeira. Aqui no sindicato a gente é contra a empilhadeira. A maioria dos carregadores são contra as empilhadeiras (...)[132]
>
> Olha, o Ceasa tem muita coisa a melhorar, muita coisa para melhor, muitas coisas que vêm atrapalhando o trabalhador, por exemplo, as empilhadeiras, que tiraram muito o movimento dos carregadores, tirou muito serviço nosso. Essas empilhadeiras tiraram muito serviço do carregador. A gente fica muito triste com isso. Tirando muito serviço de pai de família, tem muito carregador sendo prejudicado por isso.[133]

Um fator característico de nosso estudo é que a observação de campo que fizemos aconteceu majoritariamente de madrugada, tendo em vista os espaços de comercialização escolhidos. Houve uma única exceção, que foi quando conferimos a atividade exercida pelos profissionais na locomoção de hortifrutícolas, cuja venda ocorre no período diurno.

O quadro a seguir mostra como procedemos à dinâmica na investigação[134]. Em todas as visitas realizadas, especialmente as duas últimas (que são as específicas com os trabalhadores selecionados), procuramos ficar o máximo de tempo possível, acompanhando desde o início até o final da jornada de trabalho dos carregadores. As idas ao entreposto para a exploração científica de campo, nunca é demais lembrar, sempre contaram com anotações em diário de campo e registro fotográfico.

---

[131] Fala extraída da entrevista em profundidade com carregador do Pátio do Pescado.
[132] Observação do diretor do Sindicato que consta em entrevista aprofundada.
[133] Trecho selecionado da conversa específica com carregador da Feira de Flores.
[134] Não estão listados na tabela os encontros que o pesquisador teve com a direção do Sindicar nem a ida presencial ao Departamento de Entreposto da Capital para protocolar pedido de informações referentes à pesquisa com os carregadores.

Tabela 2 – Cronograma das observações de campo gerais e específicas realizadas na central paulistana

DATA	LOCAL VISITADO	ATIVIDADE	CONSIDERAÇÕES
20 e 21 de julho de 2017	Feira de Flores	Observação de campo	Registros de imagens e em caderno de anotação
22 e 23 de janeiro de 2018	Feira de Flores	Observação de campo	Registros de imagens e em caderno de anotação
26 de janeiro de 2018	Pátio do Pescado	Observação de campo	Registros de imagens e em caderno de anotação
29 de janeiro de 2018	Pátio do Pescado	Observação de campo	Registros de imagens e em caderno de anotação
6 de fevereiro de 2018	Pátio do Pescado	Observação de campo	Registros de imagens e em caderno de anotação
28 de fevereiro de 2018	Pavilhão MLP e arredores	Observação de campo[135]	Registros de imagens e em caderno de anotação
1 e 2 de março de 2018	Feira de Flores	Observação de campo	Registros de imagens e em caderno de anotação
4 e 5 de fevereiro de 2019	Feira de Flores	Observação específica[136]	Registro de imagens e caderno de anotação
7 de fevereiro de 2019	Pátio do Pescado	Observação específica	Registro de imagens e caderno de anotação

Fonte: Compilação do próprio pesquisador, com base em consulta ao diário de campo

Por sinal, cumpre ressaltar que o caráter da observação de campo ter sido empreendida de maneira solitária só fez aumentar a importância do uso de diário para anotar nossas impressões (e dúvidas) sobre o que vimos. Do mesmo modo, as imagens que fizemos serviram para que, posteriormente, pudéssemos vislumbrar elementos que nos permitissem (re)construir a trajetória de trabalho dos próprios carregadores.

Não é demais reforçar que esses dois elementos contribuíram muito satisfatoriamente para a fase seguinte da nossa pesquisa, quando promovemos as entrevistas em profundidade com os profissionais destacados para o acompanhamento específico da atividade laboral.

[135] Importante destacar que tal observação de campo ocorreu no período diurno, de modo a comparar com a comercialização que é realizada de madrugada nos dois outros pontos escolhidos.

[136] As explorações de campo específicas, que estão relacionadas às entrevistas aprofundadas que promovemos posteriormente, aconteceram com carregadores indicados a nós pelo Sindicar. A aprovação para participar do processo de investigação foi obtida diretamente pelo pesquisador junto aos trabalhadores sugeridos.

14. O CARREGADOR EM ESTUDO

Mas o malandro pra valer
Não espalha
Aposentou a navalha
Tem mulher e filho e tralha e tal
Dizem as más línguas que ele até trabalha
Mora lá longe e chacoalha
Num trem da Central
CHICO BUARQUE

A nossa exploração de campo, conforme verificamos na tabela anterior, se deu em dois momentos distintos. Em sete visitas feitas ao Entreposto Terminal São Paulo a orientação adotada foi a de se dispor de uma observação geral da tarefa laboral, exercida pelos carregadores autônomos, nos respectivos espaços de comercialização elencados.

As duas últimas agendas tiveram como diferencial o fato de terem sido realizadas com profissionais específicos, selecionados com auxílio da direção do Sindicar. O consentimento para que eles fossem observados obtivemos diretamente quando expusemos a eles as razões da pesquisa e como seria desenvolvida nossa ação. Nessas ocasiões, seguimos os trabalhadores desde o momento em que saíram com seus carrinhos do galpão do sindicato até à volta, quando encerraram a jornada de trabalho.

Há que se destacar que em todas as visitas buscamos ter o máximo de atenção possível para não atrapalhar a atividade dos carregadores, de modo a não prejudicar o seu ganho financeiro. Tal acuidade também mantivemos quanto ao aspecto científico, no que se refere a observar, discorrer e interpretar, coerentemente, o panorama que configurou o nosso estudo.

Essa preocupação esteve presente ainda na abordagem que adotamos quando partimos para as entrevistas em profundidade. Nesse momento, a estratégia usada foi a de nos estabelecermos próximos às referências e às lembranças dos entrevistados sobre a representação do seu árduo e difícil trabalho braçal, além do significado, para eles, do entreposto da Vila Leopoldina e da CEAGESP.

Assumimos a postura de que sempre estávamos lidando com sujeitos dotados de significações pessoais, culturais e simbólicas, e não com meros objetos de estudo estáticos. Assim, consideramos que nos relacionávamos presencialmente com testemunhas de um momento peculiar em que se achava inserida a nossa pesquisa, cujas memórias nos propiciaram encontrar as respostas epistemológicas que tanto queríamos.

> A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. (...) O tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa. (...) É verdade, porém, que nossos ritmos temporais foram subjugados pela sociedade industrial, que dobrou o tempo a seu ritmo, "racionalizando" as horas de vida. É o tempo da mercadoria na consciência humana, esmagando o tempo da amizade, o familiar, o religioso... A memória os reconquista na medida em que é um trabalho sobre o tempo, abarcando também esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil.[137]

Ao darmos a devida dimensão merecida e reconhecida a nossos entrevistados, procuramos deixar que emergissem as falas que demonstram a complexidade da tarefa que eles realizam e que, muitas vezes, não encontra o devido amparo nem o significado real competente. Tal postura também possibilitou que permanecêssemos cientes da necessidade de nos colocar no lugar dos carregadores para tentar entender as representações trazidas por esses trabalhadores.

14.1 OBSERVAÇÃO GERAL NA FEIRA DE FLORES

A primeira observação de campo na Feira de Flores aconteceu entre 20 e 21 de julho de 2017. Chegamos ao local às 23h30 de quinta-feira e permanecemos lá, acompanhando e registrando a maneira de trabalhar dos carregadores, até às 4 horas da sexta-feira, quando a comercialização diminuiu bastante e, consequentemente também, a quantidade de profissionais encarregados do transporte das mercadorias.

Normalmente, a feira que é realizada próximo ao final de semana costuma ser mais movimentada do que a que ocorre de segunda para terça-feira. Verificamos nessa agenda que, de fato, há uma prevalência de trabalhadores mais idosos envolvidos na locomoção de flores e plantas – a faixa etária média aparenta estar perto dos 60 anos.

A partir das 23h30 começa a se verificar grande circulação de pessoas (compradores e visitantes) pelo Pavilhão Mercado Livre do Produtor (MLP). Ao mesmo tempo, os permissionários (cuja localização no lugar é identificada por numeração) já se encontram com seus produtos devidamente ajeitados para as vendas. Os carregadores, por sua vez, ficam espalhados pelos corredores do espaço, junto a seus carrinhos de madeira, aguardando o soar de uma sirene que anuncia o início da feira.

---

[137] BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória** – Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 53.

Enquanto esperam o começo da comercialização, os profissionais responsáveis pelo carregamento dos produtos conversam entre si, especialmente tratando de temas pertinentes à rotina do ofício como, por exemplo, saber qual é o permissionário que está ou que deve estar com mais pedidos de entrega no dia ou mesmo quais são as principais novidades sobre a CEAGESP. Ou seja, os assuntos dizem respeito, prioritariamente, à atividade de trabalho.

À meia-noite o corre-corre no pavilhão é intenso e permanece assim até a primeira hora de realização da feira. Os carrinhos, alguns até mesmo em alta velocidade, atravessam os corredores montados entre os espaços de comercialização com as mercadorias transportadas, mas sem estarem totalmente cheios ou abarrotados.

Nota-se que às 24h30 não há carregador algum disponível para contratação – todos estão em circulação pela Feira de Flores. Por volta da 1h30 já se vê fila de profissionais parados, à espera de novo serviço – lembremos que o comércio se estende até às 9h30. Eles ficam pelos corredores ou em frente aos pontos ocupados pelos permissionários.

Para se alimentarem, recorrem aos carrinhos e ambulantes (legalizados) espalhados pelo Pavilhão MLP que vendem bolos, salgados, café, leite e tapioca ou, então, às barracas de pastel ou de lanches, montadas por ocasião da feira. As lanchonetes que existem na central de abastecimento paulistana não funcionam de madrugada, com exceção de duas que ficam muito distantes do polo de venda de flores, o que faz com que não sejam muito frequentadas nesse horário.

Promovemos mais duas explorações de campo em moldes idênticos: a segunda entre os dias 22 e 23 de janeiro de 2018 (de segunda para terça-feira) e a outra entre os dias 1 e 2 de março do mesmo ano (de quinta para sexta-feira). Em todas as visitas seguimos fielmente a regra de registrar nossas impressões no diário de campo e em imagens fotográficas. Não conversamos com nenhum carregador nas três ocasiões.

14.2 Observação específica na Feira de Flores

Natural do Estado do Piauí, E.S.A. trabalha faz cerca de cinco anos na Feira de Flores do Entreposto Terminal São Paulo. Casado, com dois filhos (um de 19 e outro de dez anos), mora no município de Osasco, na região metropolitana de São Paulo. Diretor (não remunerado) do Sindicar, ele saiu do município de Picos do Piauí, em 1998, trazido pelo pai, que já atuava como carregador na unidade da Vila Leopoldina. Por sinal, convém destacar que tal migração se assemelha muito aos moldes do processo ocorrido em São Paulo entre as décadas de 1960 e 1970.

Menor de idade, sem conhecer a capital paulista e tendo cursado até a 6ª série do ensino fundamental, ele migrou para vir diretamente à CEAGESP. “Meu pai me trouxe, eu nem tinha completado 18 anos ainda. Eu tirei os documentos daqui (...) aí, meu pai me trouxe e eu comecei a trabalhar de carregador, comecei a trabalhar...”[138] Desde então, já são 20 anos exercendo o ofício de transportar mercadorias no ETSP.

Com 38 anos, ele acaba sendo uma das poucas exceções à faixa etária prevalente entre os profissionais no carregamento de flores. Outro diferencial é pertencer à segunda geração em uma mesma família de trabalhadores autônomos no entreposto paulistano. Esse último fator foi decisório para que o mantivéssemos na observação de campo específica que realizamos, independentemente da questão da idade.

E.S.A. trabalha também no setor de hortifrutícolas, onde iniciou na profissão. Ele cumpre uma jornada de trabalho bem puxada, que o faz chegar na central por volta das 10 horas. Todas as tardes, de segunda-feira a sábado, movimenta carga para um feirante, sem turno definido de horário para finalizar a tarefa: “Um dia é sete da noite, outro dia é nove, é 11. Não tem um horário certo.” Aliás, o próprio pai dele prestou serviço durante 15 anos a esse mesmo contratante.

Para vir ao Entreposto Terminal São Paulo, utiliza o transporte público (ônibus intermunicipal), perfazendo duas viagens diárias (ida e volta). Nos dias em que atua na Feira de Flores, ele permanece na central de abastecimento após o serviço diurno. “Acabo com o feirante seis, sete horas da noite e já fico direto. Eu só vou embora no outro dia, é muito puxado.”

Nosso entrevistado dorme, em média, seis horas por dia – muitas vezes, repousa, de fato, de quatro a cinco horas. Apenas aos finais de semana é que consegue descansar oito horas. Os momentos fora do entreposto são destinados a cuidar da família e, aos sábados e domingos, servem para visitar os parentes.

Percebe-se, assim, que o trabalho assume uma dimensão grande no dia a dia de E.S.A. A explicação, obviamente, é a necessidade de garantir o sustento da família, sendo que a mulher dele também colabora para completar o rendimento domiciliar, atuando em uma empresa. Daí que ele expõe claramente a razão para os longos períodos em que passa no entreposto da Vila Leopoldina:

---

[138] Trecho de entrevista aprofundada com E.S.A. O uso das iniciais do nome do entrevistado está em conformidade com o parecer 3.234.228 obtido junto à Comissão de Ética em Pesquisa da EACH-USP. Como as próximas menções pertencem à mesma conversa, não iremos referenciá-las individualmente em notas de rodapé. Além disso, todos os destaques que aparecem grifados são de nossa autoria.

> Trabalhar na feira da flor, no dia a dia, na correria do dia a dia, e a pessoa casada, a pessoa precisa muito. Trabalha na feira da flor, é casado, tem dois filhos para criar, aluguel para pagar, tudo isso que fui me acostumando para **trabalhar na feira da flor e no geral**. (...) eu **não tenho aquele salário certo, não tenho aquele salário fixo não.** Quanto mais a gente trabalha, mais a gente ganha aquele dinheirinho.

Cada carregamento de mercadoria (independentemente do peso transportado) rende R$ 25 na Feira de Flores. O carregador específico que acompanhamos costuma atuar, preferencialmente, na comercialização do início de semana (de segunda para terça-feira) porque já conta com um cliente fixo, que vem de Curitiba (PR) e com quem tem, inclusive, um valor fixo, fechado antecipadamente, para desempenhar a tarefa.

A situação faz com que E.S.A. não fique parado, nos corredores do Pavilhão Mercado Livre do Produtor, à espera de ser contratado – são de 400 a 500 trabalhadores autônomos habilitados para o transporte de flores e plantas.[139] Ao mesmo tempo, isso influencia diretamente na dinâmica das viagens, já que não há um limite exato de carregamentos para o comprador paranaense. Assim, pelo preço já combinado previamente podem ocorrer duas ou até 15 locomoções.

O relato a seguir, que reproduzimos, mostra o que significa a Feira de Flores para o profissional que fez parte da segunda fase da nossa exploração de campo. Fornece, ainda, a dimensão do que representa a iniciativa dentro da própria CEAGESP:

> Olha, no dia a dia, a gente vem, trabalha, a gente vem procurando a pessoa, aí, quando eu não tinha feirante certo, procurando, vendo se encontrava emprego, se encontrava um feirante fixo e a gente foi se movimentando no dia a dia e é muito boa essa feira da flor. É muito bom, porque essa feira da flor, eu quero que muitos continuem sempre esse movimento da flor. É um setor que é muito bom, é um setor legal, mesmo com tudo isso, mas é muito bom, essa feira da flor. (...) É muito bom trabalhar na feira da flor. É um setor que movimenta com planta, **com ar mais puro, é muito bom trabalhar na feira de flor**.

O diferencial apontado pelo carregador, que elencamos com grifo em sua fala, pode ser compreendido pelo fato de que a qualidade das condições de serviço na locomoção de flores costuma ser melhor do que nos outros setores. Explica-se isso pelo carregamento ser menos pesado se comparado, por exemplo, com o transporte de melancias e abóboras e também por se encontrar menos sujeira no pavilhão, ao contrário do que acontece quando o espaço é ocupado pela venda de hortaliças.

---

[139] Segundo informação passada pelo próprio E.S.A.

Como passa parte bastante considerável do tempo no entreposto da capital, uma vez que concilia a Feira de Flores com a movimentação de legumes, E.S.A. faz suas refeições dentro do próprio local. Ele não traz marmita nem lanche de casa. “Olha, na correria danada, a gente para meia hora, uma hora para se alimentar. (...) Eu me alimento por aqui mesmo. Tomo refrigerante, me alimento por aqui.”

A observação de campo específica foi realizada entre 4 e 5 de fevereiro de 2019 (de segunda para terça-feira). Encontramos o carregador às 22h30 do dia 4, na portaria do galpão do Sindicar. Ele já estava devidamente vestido com o uniforme e o carrinho também estava preparado. Na ocasião, conversava amenidades com outros profissionais.

Exatamente às 22h40 saímos do sindicato e em questão de cinco minutos já estávamos em um dos corredores do Pavilhão Mercado Livre do Produtor. A temperatura oscilava por volta de 19ºC, o que fez E.S.A. usar uma jaqueta para se proteger do frio. Enquanto aguardava o soar da sirene para iniciar o trabalho, ficou falando com outro trabalhador autônomo a respeito de política e dos políticos em geral. Às 23h10, comprou e tomou um copo de café com leite. Outros dois profissionais se aproximaram e a conversa passou a ser sobre os possíveis carregamentos a serem efetuados na feira.

Pontualmente à meia-noite, nosso carregador começou sua tarefa, deixando estacionado seu carrinho de madeira e levando uma alta estante de ferro móvel pertencente a um permissionário, em que estavam expostas as mercadorias, até o caminhão do comprador fixo de Curitiba – ele carregou mais dois desses equipamentos contendo ervas, temperos e flores.

E.S.A. foi pegar o seu carrinho de madeira à meia-noite e meia. Junto ele tinha uma lista, passada pelo cliente curitibano, com os produtos adquiridos e os boxes onde deveriam ser retiradas as demais mercadorias para transporte. Foram realizadas mais duas viagens, com paradas em diversos pontos de venda.

Importante destacar que além de fazer o deslocamento das flores e plantas, o carregador precisou também acomodá-los dentro do caminhão do comprador. A atividade terminou à 1h20. Pouco tempo depois, antes de retornar para o galpão do Sindicar, ele sentou em um banco plástico para tomar um copo de café e comer bolo, trazidos por uma vendedora que atua na feira.

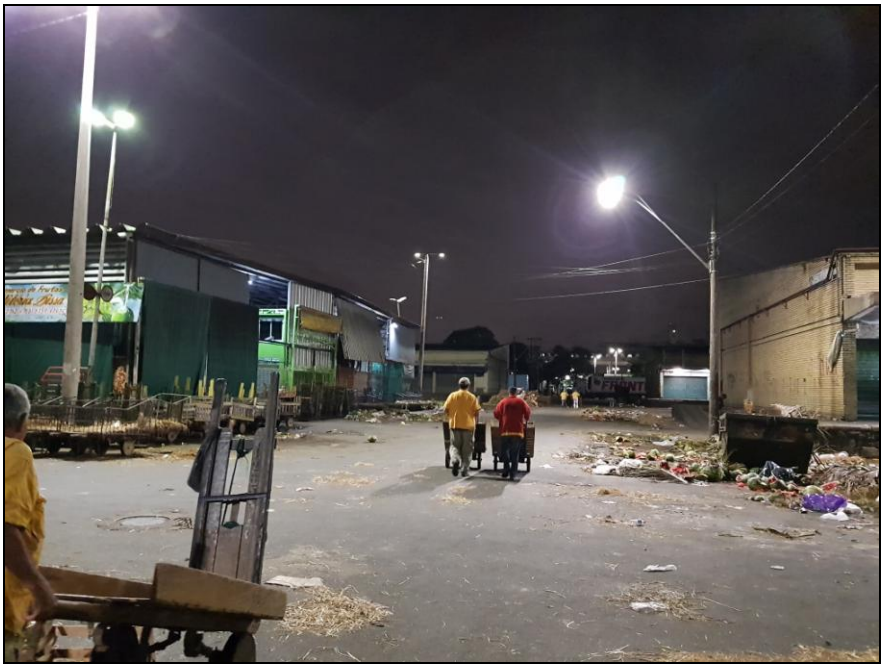
Próximo das 2 horas do dia 5 de fevereiro de 2019, E.S.A. estava de volta ao sindicato, onde guardou o seu instrumento de trabalho. Feito isso, caminhou até o vestiário para tomar banho e, na sequência, cochilar um pouco antes de iniciar as atividades, logo de manhã, no setor de hortifrutícolas.

As imagens que selecionamos representam um pouco desse cotidiano de trabalho verificado na nossa observação específica na Feira de Flores. Na ocasião, o carregador realizou cinco viagens para transportar mercadorias de um único cliente.

Foto 30 – Começo da observação de campo específica na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019)

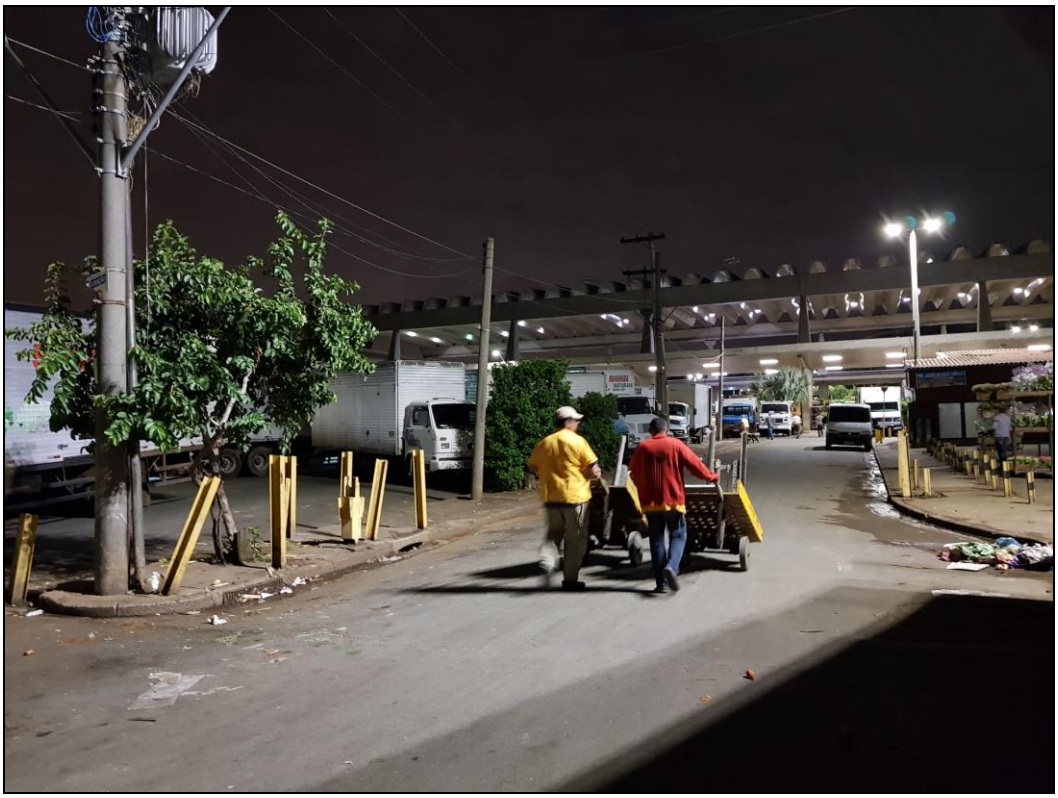
Saída de E.S.A., com seu carrinho, do galpão do Sindicar. Na ocasião, a iluminação estava queimada nas ruas do entorno, o que tornava perigosa e difícil a circulação para quem não conhece o local.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 31 – Começo da observação de campo específica na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019)



Sujeira nas ruas ao longo do trajeto de E.S.A. (de blusa vermelha) atrapalha a movimentação até a feira.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 32 – Começo da observação de campo específica na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019)



E.S.A. vai conversando sobre assuntos do cotidiano com outro trabalhador, enquanto chega a um dos acessos laterais do Pavilhão Mercado Livre do Produtor (MLP).
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 33 – Preliminares da atividade de trabalho observada na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019)

Carrinho de madeira de E.S.A. estacionado em frente ao ponto de um permissionário. Ele aguarda o início da feira para começar os carregamentos que fará em sua jornada de trabalho.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 34 – Preliminares da atividade de trabalho observada na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019)

Sentado em seu carrinho de madeira, E.S.A. aguarda o soar da sirene que dá início às atividades de comercialização. Ele já tem uma noção, após conversar com outros carregadores, de como será o movimento de mercadorias ao longo da madrugada, algo que praticamente todos os demais profissionais também sabem antes de começarem a trabalhar. É isso que lhes dá uma dimensão de quanto tempo terão de aguardar à espera de serviço e onde estão os permissionários que, na ocasião, oferecem os melhores preços de venda de produtos, atraindo mais compradores que, por sua vez, irão demandar a contratação de carregadores para o transporte de flores e plantas.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 35 – Preliminares da atividade de trabalho observada na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019)

Movimento de compradores e visitantes já é grande meia hora antes de começar a feira, que é uma das atrações mais conhecidas da CEAGESP, o que faz com que sempre haja vários visitantes.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 36 – A atividade de trabalho na observação de campo na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019)

Em seu primeiro carregamento, E.S.A. deixa seu carrinho e leva uma estante móvel de ferro de permissionário, repleta de produtos adquiridos pelo comprador com quem o carregador já tem contato e “trabalho fixo”.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 37 – A atividade de trabalho na observação de campo na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019)

Além de carregar a estante até o caminhão, buscando o melhor trajeto (que precisa ser o mais curto e seguro) E.S.A. tem de guardar as mercadorias, com todo cuidado, para que elas suportem a viagem do comprador.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 38 – A atividade de trabalho na observação de campo na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019)

Depois de levar duas estantes móveis, E.S.A. inicia transporte de plantas, para o mesmo comprador, em seu carrinho de madeira; há um jeito todo peculiar para acomodar as mercadorias no equipamento
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 39 – A atividade de trabalho na observação de campo na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019)

E.S.A. faz várias viagens, ainda para o mesmo comprador, pegando mercadorias em diversos permissionários.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 40 – O término da atividade de trabalho na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019)

Finalizado o serviço, E.S.A. toma café e come bolo na feira em um dos carrinhos dos vendedores autônomos.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 41 – O término da atividade de trabalho na Feira de Flores (4/5 de fevereiro de 2019)

E.S.A. guarda seu carrinho após concluir a jornada laboral na feira. Na sequência, ela vai para o vestiário tomar banho e descansar um pouco, no próprio galpão, para em questão de poucas horas reiniciar suas atividades.
Fonte: Jamir Kinoshita

14.3 OBSERVAÇÃO GERAL NO PÁTIO DO PESCADO

A observação de campo da atividade laboral dos carregadores na feira de pescados do Entreposto Terminal São Paulo teve início na madrugada de 26 de janeiro de 2018 (sexta-feira). Chegamos por volta da meia-noite e meia para verificarmos como se dava a montagem do ponto de comercialização e identificarmos outras referências relacionadas ao cotidiano desse serviço (como, por exemplo, possíveis locais para alimentação dos profissionais).

A primeira constatação que ficou muito clara para nós é que sem o uso de vestimenta adequada não se consegue exercer a tarefa com o mínimo de segurança no lugar. Estamos falando da necessidade, ou melhor, da obrigatoriedade de os trabalhadores usarem botas de borracha para andarem pelo Pátio do Pescado. A explicação é simples: em questão de poucos minutos o chão do espaço fica todo encharcado, com várias poças d´água, o que torna a chance de escorregar e sofrer uma queda, sem o calçado correto, muito grande.

Outra característica dessa feira é que o cheiro do ambiente não é dos mais agradáveis e isso se espalha, com enorme facilidade, pelas roupas usadas ao se movimentar pelo lugar. A propósito, nesse caso, os carregadores têm também de usar avental branco e luvas.

O Pátio do Pescado, que consiste de dois enormes galpões cobertos, demanda muita força por parte de quem atua com o transporte de mercadorias. Para entrar e sair é preciso utilizar uma rampa, uma vez que os dois locais estão em um nível bem superior ao solo. Aqui já começam as dificuldades para os carrinhos de madeira que, com a carga, quase sempre exigem a participação de duas pessoas para conseguirem ter acesso aos pontos de comercialização dos permissionários.

Outro problema diz respeito à extensão dos corredores internos que são formados nos galpões, bastante apertados e cuja medida permite apenas a locomoção de dois carrinhos lado a lado. Portanto, dessa forma, é necessário conhecimento específico para saber manejar esses equipamentos adequadamente e com a devida segurança.

No pescado, em que atuam, em média, 90 carregadores, o ganho ocorre por volume transportado.[140] Há o limite máximo de 25 caixas por carrinho. Cada caixa pesa 20 quilos e o valor para carregar uma delas é R$ 3. Assim, uma viagem cheia (500 quilos) pode chegar a render, então, até R$ 75. Importante salientar que a carga maior em comparação à capacidade tradicional do mercado (300 quilos) só é possível de ser suportada porque os carrinhos que deslocam esse tipo de produto são maiores.

São justamente as caixas que se transformam em outro complicador, deixando a tarefa de locomover peixes e frutos do mar mais complicada em relação aos demais gêneros. Enquanto, por exemplo, no setor de legumes as caixas vão junto com os produtos acondicionados, no Pátio do Pescado elas não são dispensadas – o permissionário não deixa que sejam levadas. Com isso, o comprador também precisa dispor desse material que, no geral, precisa ser transportado, vazio, pelo carregador até o galpão de comercialização.

Para se alimentar, há uma lanchonete que funciona 24 horas, numa área contígua ao pátio, servindo lanches, salgados e pratos executivos. Pelo que averiguamos nas explorações de campo feitas, os profissionais autônomos que carregam mercadorias não costumam frequentar esse recinto, que é mais utilizado por funcionários dos permissionários. Existe, na frente aos dois galpões de venda, um curto corredor em que se podem encontrar pequenos e poucos quiosques que fornecem lanches quentes e café, os quais têm maior preferência por parte dos trabalhadores autônomos.

---

[140] De acordo com informação passada pelo carregador que fez parte da segunda fase da observação no Pátio do Pescado.

Mesmo com uma duração menor que a Feira de Flores – o comércio de peixes e frutos do mar vai das 2 horas às 6 horas –, percebe-se que a concentração de serviço acontece mais na primeira hora e meia de funcionamento. Para se ter uma ideia, como parâmetro, na visita inicial que fizemos, fomos embora do lugar às 4h30. As outras duas observações ocorreram em 29 de janeiro (segunda-feira) e em 6 de fevereiro de 2019 (terça-feira), sempre com anotações em diário de campo e registro fotográfico.

14.4 OBSERVAÇÃO ESPECÍFICA NO PÁTIO DO PESCADO

Nascido no município de Osasco, na região metropolitana de São Paulo, onde também reside atualmente, E.L.O. exerce o oficio de carregador há 28 anos no Entreposto Terminal São Paulo. Casado, é pai de três filhos e estudou até a 5ª série do ensino fundamental.

A trajetória na movimentação de mercadorias teve início no setor de legumes da central de abastecimento paulistana e está relacionada a uma questão familiar. "Eu vim parar aqui no CEAGESP porque meu sogro era permissionário, aí, tinha a firma, ele vendia legumes, aí, ele começou a me trazer para cá e eu vi que dava negócio eu ficar por aqui."[141]

Com 48 anos, embora aparente fisicamente ter mais idade, E.L.O. atua no Pátio do Pescado há cerca de dez anos. É ainda diretor do Sindicar, onde trabalha na portaria do galpão – ele é um dos responsáveis pelo controle de saída e de entrada dos carrinhos de madeira.[142] Nessa função está há 15 anos, sendo os dez últimos no turno da noite, que começa às 22 horas.

O carregador que observamos nessa seleção faz carregamento de peixes e frutos do mar somente às quintas e às sextas-feiras, que são os melhores dias, em sua avaliação, para se conseguir trabalho. No momento, ele não tem cliente fixo, o que faz com que fique, na entrada do pátio, à espera de ser contratado. "Num dia bom de serviço, no pescado, no que é bom para mim, que não tenho quase freguês ali, é três, quatro viagens."

E.L.O. trabalha ainda umas duas horas na Feira de Flores que acontece no começo da semana (fica da meia-noite de segunda-feira até às 2 horas da terça-feira). Ele costuma vir de carro próprio para o entreposto paulistano, deixando seu veículo (um fusca cor creme)

---

[141] Trecho de entrevista em profundidade. A menção às iniciais do nome do entrevistado segue o estabelecido no parecer 3.234.228 obtido junto à Comissão de Ética em Pesquisa da EACH-USP. Como as próximas referências pertencem à mesma conversa, não iremos indicá-las individualmente em notas de rodapé. Eventuais grifos que apareçam na transcrição das falas são de autoria do pesquisador.

[142] Ele é remunerado por exercer essa função na portaria, e não pelo fato de ser diretor do Sindicar.

estacionado em uma das vagas em frente à portaria do sindicato. Habitualmente, retorna para casa até umas 6h30 e dorme, em média, sete horas diariamente.

Sem se furtar a responder alguma das perguntas da entrevista em profundidade, o profissional adota um tom mais lacônico nas suas ponderações. Conta que uma das principais dificuldades encontradas pelos carregadores autônomos na movimentação de pescado é ter de disputar serviço com os trabalhadores que têm vínculo empregatício com os próprios permissionários, além dos funcionários que atuam junto aos feirantes.

> (...) o feirante, se ele carrega bem é mais negócio ele trazer o cara que trabalha para ele na feira do que contratar nós. Só com o dinheiro que ele paga para nós, às vezes, ele paga o mês do funcionário. Existe uma **esperteza do feirante**, que ele contrata o cara e fala que duas horas nós temos que estar lá no Ceasa para pegar o peixe, daí a gente vem direto para a feira, e monta a banca para vender. (...) Então, quer dizer, o dinheiro que ele ia pagar para o carregador, ele paga para o funcionário e tem o funcionário na banca dele. Aí que eu digo que é esperteza, que muitos fazem isso. (...) a feira se estende até meio-dia, uma hora da tarde, aí, quer dizer, o cara pega duas horas da manhã e vai até uma hora da tarde, dá quantas horas de serviço? E aí, se o cara é bem remunerado, tudo bem, vamos para o sacrifício, mas não, o piso salarial que a pessoa quer dar é R$ 1.000, R$ 1.200 e, muitas vezes, se o cara fosse só carregador, para carregar um peixe, ganhava isso daí ou mais do que isso.

O destaque grifado na fala de E.L.O. merece atenção pelo fato de que sendo sindicalista, mesmo que não seja remunerado por essa tarefa, nota-se nitidamente a ausência de uma formação política (e mesmo sindical) que propicie uma análise mais consistente acerca do que representa a luta de classes. Fica claro, assim, que sua percepção se restringe somente à questão da venda do produto, o que faz com que o carregador tenha a vantagem de ganhar um pouco mais (e não muito mais) do que o funcionário que é empregado diretamente pelo feirante.

Na data em que realizamos a exploração de campo específica (7 de fevereiro de 2019), chegamos à sede do Sindicar às 22 horas do dia anterior, de modo a verificar a tarefa de nosso carregador no controle de acesso da portaria. À 1h40 ele trocou de roupa, vestindo o avental branco e as botas de borracha e, dez minutos depois, saiu do galpão com seu carrinho.

Pelo fato de o Sindicar estar situado muito próximo à área de venda de peixes e frutos do mar, a trajetória até o portão do recinto levou cinco minutos. Ao toque da sirene, às 2 horas, E.L.O. chegou, em mais cinco minutos, à frente da entrada do Pátio do Pescado. Passaram-se mais cinco minutos e teve início o primeiro carregamento.

O processo todo, que consistiu em pegar caixas vazias no veículo do cliente e depois se deslocar nos polos de comércio dos permissionários, ocorreu das 2h05 às 2h26, quando ele terminou de colocar as compras dentro do carro. Às 2h30, já se encontrava de novo na frente do pátio.

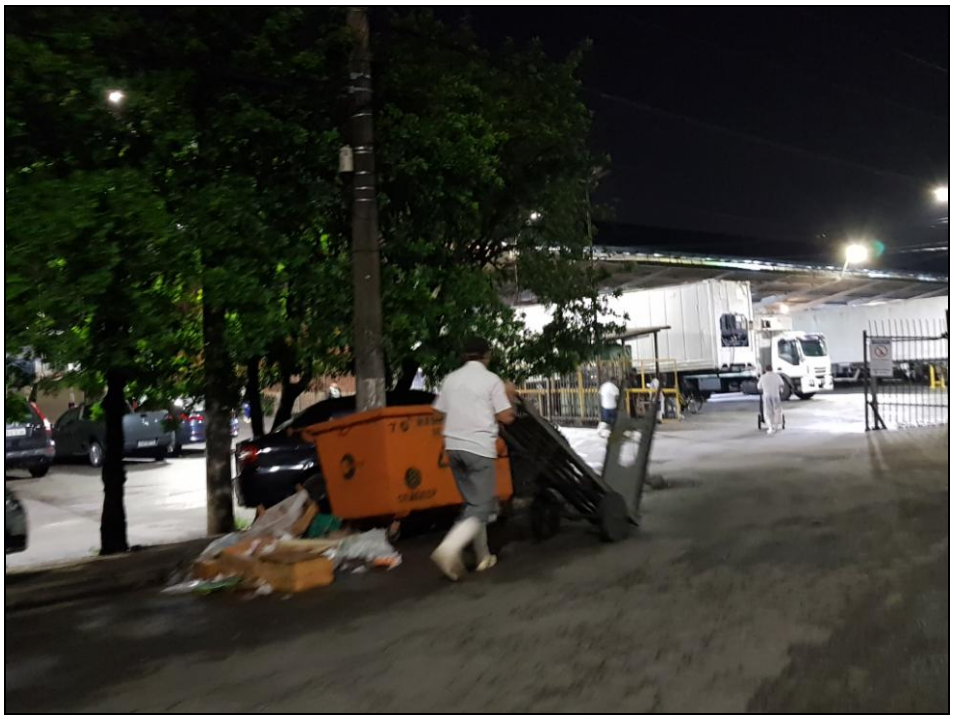
Passaram-se mais 15 minutos, em que aproveitou para conversar amenidades com outros profissionais autônomos e também discorrer sobre o fluxo de trabalho, até que às 2h45 começou a pegar caixas vazias para um novo carregamento. Dessa vez, ele transportou gelo também. A tarefa de colocar os pescados teve início às 3 horas, sendo finalizada às 3h23, com as mercadorias acondicionadas no carro do comprador.

Essa foi a última viagem da madrugada de E.L.O., que às 3h30 estacionou o carrinho de madeira no galpão do Sindicar. Na sequência, encaminhou-se ao vestiário para tomar banho e trocar de roupa, reassumindo então seu posto no portão do sindicato, onde ficou até às 6 horas. Nas imagens escolhidas, temos retratado um pouco do que representa essa rotina de trabalho.

Foto 42 – Começo da observação de campo específica no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019)

O carrinho de madeira do carregador observado, estacionado em frente à entrada do Sindicar, já posicionado para o trabalho.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 43 – Começo da observação de campo específica no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019)



Por ser próximo ao portão do setor de pescado, E.L.O. chega em questão de poucos minutos ao ponto de comercialização. Percebe-se novamente o acúmulo de sujeira pelas ruas, transbordando inclusive das lixeiras, o que atrapalha a locomoção diária.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 44 – A atividade de trabalho na observação de campo no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019)

O trabalho inicia com o carregamento de caixas vazias do veículo do comprador para acondicionar as compras.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 45 – A atividade de trabalho na observação de campo no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019)

E.L.O. precisa retirar os peixes da caixa do permissionário e despejar nos recipientes do cliente. É preciso bastante força para realizar esse movimento e, além disso, transportar os produtos no carrinho.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 46 – As dificuldades da atividade de trabalho observada no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019)

Carregador passa nos pontos dos permissionários em que o cliente fez as compras. Percebe-se que há uma maneira toda peculiar para colocar os peixes e frutos do mar no carrinho, de modo que as caixas não caiam e estejam seguras para locomoção.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 47 – As dificuldades na atividade de trabalho observada no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019)

Como os corredores do ponto de comercialização são bem estreitos e ficam muito molhados por conta da água e do gelo derretido, E.L.O. tem de prestar muita atenção para se deslocar entre as pessoas e os outros carrinhos, sem deixar a carga ser derrubada. Por isso mesmo, não existe repetição no modo de trabalhar, o que evidencia o caráter do inédito do trabalho, ainda mais em uma tarefa complicada e bem difícil como a que acompanhamos.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 48 – A espera por um novo cliente (7 de fevereiro de 2019)

Finalizado o primeiro carregamento, E.L.O. retorna à entrada do pátio para aguardar que o chamem novamente. A condição autônoma da profissão não facilita em nada, pois o que acaba prevalecendo é a lógica da livre concorrência entre os próprios carregadores.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 49 – A difícil tarefa de transportar produtos na observação no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019)

Na madrugada que realizamos a exploração de campo específica, E.L.O. teve sorte e conseguiu "ser contratado" por um segundo comprador.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 50 – Os cuidados com as mercadorias na observação no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019)

Além de transportar os produtos, o carregador precisa saber a melhor maneira de colocá-los no veículo do comprador para que os peixes e frutos do mar cheguem em segurança ao seu destino final.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 51 – Finalização da atividade de trabalho na observação no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019)

Terminado o segundo carregamento, E.L.O. retorna ao pátio do Sindicar, já que não havia mais perspectiva de realizar outro novo transporte. Independentemente do tempo gasto nas viagens, do quanto caminhem e da quantidade de peso levado (o limite são 25 caixas, que totalizam 500 quilos), cada deslocamento representa um ganho máximo de R$ 75 (cada caixa equivale a R$ 3). Na ocasião, o carregador observado realizou duas viagens.
Fonte: Jamir Kinoshita

Foto 52 – Finalização da atividade de trabalho na observação no Pátio do Pescado (7 de fevereiro de 2019)

E.L.O. estaciona seu instrumento de trabalho dentro do galpão do Sindicar, ao concluir sua jornada no pescado. Após tomar banho e trocar de roupa, ele vai reassumir a função de fiscalizar a entrada e a saída dos carrinhos de madeira, tarefa que só vai largar pela manhã.
Fonte: Jamir Kinoshita

CAPÍTULO V

A ATIVIDADE DE TRABALHO

15. OS SENTIDOS DO TRABALHO

(...) o mundo é produto do trabalho humano, como realidade histórica construída coletivamente pelos homens.

EMIR SADER

A pesquisa a que nos propusemos só tem significado se compreendermos, efetivamente, os imbróglios que cercam a atividade desenvolvida pelos carregadores do Entreposto Terminal São Paulo da CEAGESP. Portanto, para que isso seja possível, é preciso deixar inteligível a dimensão do que representa o mundo do trabalho. Disso decorre que nosso olhar está pautado por uma discussão que coloca em primeiro plano o sujeito que trabalha, e não o homem como coadjuvante do processo laboral.

Porém, debater o sentido do trabalho se torna uma tarefa bem árdua face ao atual cenário conflituoso, que privilegia a devastação de direitos por intermédio do pensamento neoliberal.[143] Essa óptica, inclusive, dá a tônica de que não existe mais emprego, auscultando uma lógica hegemônica que quer incutir a (falsa) diretriz de que cada trabalhador é um empreendedor em potencial.[144] Daí que se faz premente depreender que trabalho é esse gerado nos dias de hoje e para qual perfil humano.

Logo, entender o mundo do trabalho é buscar construir uma teoria de conhecimento que nos possibilite compreender a sociedade. Amparados na perspectiva hegeliana de que o objeto é condição *sine qua non* para a existência do sujeito[145], temos que o trabalho é justamente esse objeto que qualifica o sujeito, outorgando-lhe uma sensação de pertencimento e de reconhecimento social, haja vista se tratar de um elemento essencial para determinar a constituição do homem como ser social. Portanto, considerado uma atividade humana[146], o trabalho é quem confere identidade ao indivíduo.

---

[143] Sobre esse pensamento, convém salientar que "(...) o neoliberalismo não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida." DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo** – Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 7.

[144] Iremos discorrer, dialeticamente, essa questão mais adiante.

[145] Para compreender a gênese dessa ponderação, indicamos a leitura de HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **O sistema de vida ética**. Lisboa: Edições 70, 1991.

[146] FÍGARO, Roseli. *Comunicação e trabalho*: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção. **Mediaciones Sociales** – Revista de Ciencias Sociales y La Comunicación. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, número 4, primeiro semestre de 2009, pp. 33-34.

> Ele é um ser que se faz no dia a dia, no trabalho que realiza, que prova e mostra ser capaz de construir. Não no sentido redutor da prática, desconectada e alienante. Mas, no sentido da práxis, ou seja, a partir de sua atividade concreta diária a realidade se abre para ele. Ele age sobre ela, numa relação mútua de construção e conhecimento. O conhecimento está, portanto, diretamente vinculado ao operar, ao fazer.[147]

Nesse sentido, o entendimento sobre o processo de trabalho "(...) permite, ao mesmo tempo, a compreensão da origem da separação da teoria e da prática e das formas que permitem a sua reconexão."[148] Por isso a relevância de tentar vislumbrar que trabalho é esse, que foi construído historicamente, e qual é o seu valor. Da mesma maneira, convém atentar quem é o sujeito que se constrói a partir das relações laborais.

Essas questões ganham relevância uma vez que a característica determinante que diferencia o homem dos outros animais é a capacidade de trabalho. Enquanto os demais animais se limitam a recolher o que encontram na natureza, o homem a transforma para garantir as condições de sua sobrevivência. "A capacidade de trabalho faz com que o homem seja um ser histórico; isto porque cada geração recebe condições de vida e as transmite a gerações futuras, sempre modificadas – para pior ou para melhor."[149]

Uma rápida olhada no período que vivenciamos deixa muito evidente a atualidade dos preceitos marxistas no que diz respeito à noção de trabalho. O conhecimento do mundo se dá a partir das condições objetivas de produção e de reprodução da existência dos seres humanos e é justamente no modo específico com que o homem se apropria da natureza que se determinam as formas de organização social e a consciência humana. Pelo materialismo dialético, vemos as contradições do capital que nos ajudam a contextualizar nossa temporalidade na divisão do trabalho.

> (...) todas essas contradições estão dadas e (...) se baseia na divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em diversas famílias opostas umas às outras, estão dadas ao mesmo tempo a distribuição e, mais precisamente, a distribuição desigual, tanto quantitativa quanto qualitativamente, do trabalho e de seus produtos; portanto está dada a propriedade, que já tem seu embrião, sua primeira forma na família, onde a mulher e os filhos são escravos do homem.[150]

---

[147] FÍGARO, Roseli. **Comunicação e trabalho** – Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi/Fapesp, 2001, p. 177.
[148] MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 15.
[149] MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**, p. 14.
[150] MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**, p. 36.

Não há dúvidas de que a história social dos homens é aquela que retrata seu próprio desenvolvimento individual, tenham eles consciência ou não disso. “As suas relações materiais formam a base de todas as suas relações. Estas relações materiais nada mais são que as formas necessárias nas quais se realiza a sua atividade material e individual.”[151]

Daí que retomando nossa atenção aos carregadores, tendo por parâmetro a perspectiva marxista acerca do trabalho, podemos ponderar, seguramente, que estamos falando de uma atividade laboral produtiva, que gera diretamente mais-valia, ou seja, há valor de uso que se junta ao valor de troca.[152]

Porém, a discussão vai muito além, já que estamos falando de um trabalho precarizado, cuja lógica se mantém necessária às relações de troca e à lei do valor para o capital. E, evidentemente, nos referimos a um trabalho vivo, que é realmente realizado no dia a dia, o que denota se tratar de uma expressão humana. Essas ponderações serão fundamentais na análise que ora apresentaremos.

> **(...) o carregador tá pedindo a Deus que tenha um serviço. Quando você é empregado, a maioria dos carregadores, é um serviço que ele vai ganhar a mesma coisa, mas quando ele não é empregado, ele quer trabalhar 24 horas no ar, direto. Porque quanto mais trabalhar, mais ele ganha. Se ele não trabalhar, ele não ganha, ele só ganha se trabalhar**.[153]

Essa afirmação dá indícios claros de como é a atividade laboral desempenhada pelos profissionais autônomos encarregados do transporte de mercadorias na central da Vila Leopoldina. Identificamos plenamente a precarização do trabalho, a insegurança ocasionada pela incerteza de se conseguir realizar um carregamento e, com isso, obter dinheiro para o próprio sustento e de suas famílias.

Demonstra também a brutalidade, não somente em relação ao esforço físico dispendido, mas das condições a que o trabalhador está sujeito em sua rotina, pois “(,,,) quanto mais trabalhar, mais ele ganha.” Daí que, atuando solitariamente e por conta própria, só lhe resta recorrer a Deus para que tenha sorte em ser contratado para desempenhar essa árdua tarefa braçal.

---

[151] MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cultura, arte e literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 100.
[152] Abordaremos tais conceitos mais à frente nesse mesmo capítulo.
[153] Trecho da entrevista aprofundada com diretor do Sindicar. Os grifos que aparecerem nas próximas falas destacadas, a exemplo do capítulo anterior, são todos de nossa autoria.

Pelo que pudemos aferir nas observações de campo, não cabe atrelar o ofício dos carregadores autônomos à lógica da alienação[154], por mais que, às vezes, se fique com a impressão de que o conjunto dos profissionais e o próprio sindicato não têm a noção do que representam na estrutura operacional da CEAGESP.

Ao contrário do que estabelece a teoria marxista, eles se reconhecem no trabalho. Identificam-se enquanto sujeitos que têm uma função primordial dentro da cadeia de abastecimento. Mas isso não quer dizer, como vimos nos comentários dos carregadores que acompanhamos nas observações específicas de campo, que haja compreensão da mais-valia que é produzida diariamente.[155] Daí que, nesse paradoxo, a categoria não tem seu conhecimento laboral devidamente apropriado em sua dimensão intelectual, o que denota a exploração exercida pelo capital.

Desse modo, face a tais caracterizações, como qualificar adequadamente esses profissionais? A resposta à indagação somente será factível se adentrarmos nas transformações sofridas pela esfera do trabalho, o que inclui atinar para o significado contemporâneo de o que seja a classe trabalhadora.

16. AS RECONFIGURAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO

A figura do "cidadão" investido de uma responsabilidade coletiva desaparece pouco a pouco e dá lugar ao homem empreendedor.

PIERRE DARDOT/CHRISTIAN LAVAL

Faz-se conveniente demarcar que nossa investigação científica está pautada na óptica da conformação cultural da sociedade e dos efeitos (bons e/ou maus) reificados pelo trabalho no cotidiano. De acordo com Harry Braverman, a atividade laboral executada pelas pessoas é regulada pelo pensamento conceitual, sendo uma propriedade inalienável do indivíduo.

---

[154] A alienação é o momento em que os homens perdem-se a si mesmos e a seu trabalho na lógica capitalista. Para entender melhor tal conceito, vale recorrer à leitura de MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

[155] Trataremos daqui a pouco da mais-valia.

> O que distingue a força do trabalho humano é, portanto, não sua capacidade de produzir um excedente, mas seu caráter inteligente e proposital, que lhe dá infinita adaptabilidade e que produz as condições sociais e culturais para ampliar sua própria produtividade, de modo que seu produto excedente pode ser continuamente ampliado.[156]

Torna-se conveniente para o capital deter o controle sobre o método de trabalho, usurpando isso de quem efetivamente trabalha. Segundo Braverman, o que era uma alienação dos processos de produção do trabalhador passa agora a ser tratado, pelo viés capitalista, como uma mera questão de procedimentos gerenciais. Isso serve para estruturar o que Ricardo Antunes denomina de sistema de metabolismo social do capital, que é o resultado da divisão que subjugou o trabalho ao capital.[157]

No que concerne aos carregadores, como já comentamos, procuramos verificar que atividade laboral é essa que foi constituída no entreposto paulistano, qual é o seu valor e quem é o sujeito que se forma a partir dessa relação de trabalho. Na visão de Marx e Engels, a realidade deve ser entendida à luz da história da divisão do trabalho e do desenvolvimento das forças produtivas.[158] Assim, o trabalho vira mercadoria e acaba tendo um valor de uso e de troca.

> A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. (...) Os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta. Na forma de sociedade a ser por nós examinada, eles constituem, ao mesmo tempo, os portadores materiais do valor de troca.[159]

O cerne da elaboração de Marx e Engels sobre o capital e o motor da história, a luta de classes, é atual e bastante significativo para entendermos o processo histórico. Porém, o postulado marxista não se justifica por si só. Por isso, esses ideários cumprem o papel de ser um holofote que dá esteio à compreensão sobre a sociedade contemporânea, a qual é marcada pela fusão dos métodos de produção do fordismo, do taylorismo e do toyotismo.[160]

A "classe-que-vive-do-trabalho", expressão usada por Ricardo Antunes para se dirigir a todas as pessoas que vendem a sua força de trabalho nos dias de hoje, não é uma grande

---

[156] BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 58.

[157] ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho** – Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001, pp. 19-23.

[158] MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007, p. 15.

[159] MARX, Karl. **O capital** – Crítica da economia política. Volume I, Livro Primeiro. *O processo de produção do capital*. Tomo 1. São Paulo: Nova Cultural, 1985, pp. 45, 46.

[160] Para contextualizar o fordismo, o taylorismo e o toyotismo, sugerimos a leitura de CASAQUI, Vander; RIEGEL, Viviane. *Google e o consumo simbólico do trabalho criativo*. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, volume 6, número 17, novembro 2009.

massa homogênea. Ao contrário, trata-se de uma classe que tem em seu núcleo central os trabalhadores produtivos. "Ela não se restringe, portanto, ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho coletivo assalariado."[161] Também pertencem a ela aqueles em que, "(...) segundo Marx, o trabalho é consumido como valor de uso e não como trabalho que cria valor de troca."[162]

Antunes amplia essa visão ao incorporar os trabalhadores assalariados. Ele considera que "(...) todo trabalhador produtivo é assalariado e nem todo trabalhador assalariado é produtivo"[163] para melhor compreender o que é a classe trabalhadora no cenário atual. As mudanças históricas na divisão do trabalho têm como consequência a diminuição do "(...) trabalhador industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado"[164] e a multiplicação do trabalho precarizado, resultado direto do desemprego estrutural e da crise do capital.

Vê-se, dessa forma, que o entendimento sobre o trabalho e a nova classe trabalhadora é essencial para depreendermos a própria sociedade. Nessa linha, é assaz oportuno e esclarecedor retomar o que representa o pensamento neoliberal, apenas citado anteriormente, para contextualizá-lo ao cenário que vivemos, dada a relevância do papel da liberdade econômica na eficácia da máquina capitalista.

> O neoliberalismo é um sistema de normas que hoje estão profundamente inscritas nas práticas governamentais, nas políticas institucionais, nos estilos gerenciais. Além disso, devemos deixar claro que esse sistema é tanto mais "resiliente" quanto excede em muito a esfera mercantil e financeira em que reina o capital.[165]

Essa visão coloca o mercado como uma autêntica instituição, uma espécie de ser subjetivado que utiliza motivações psicológicas, sendo ao mesmo tempo educador e disciplinador. "Ela é a expressão mais clara de que estamos lidando não com uma 'mercantilização sorrateira', mas com uma expansão da racionalidade de mercado a toda a existência por meio da generalização da forma-empresa."[166]

A ideia da livre concorrência como sinônimo de liberdade está no centro da dinâmica neoliberal, que tem no indivíduo a realização de sua dimensão micro e subjetiva. Cerne do capitalismo, eis que surge, então, a figura do empreendedor como princípio de conduta mais

---

[161] ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**, p. 102.
[162] Idem.
[163] Idem.
[164] ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**, p. 104.
[165] DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**, p. 30.
[166] DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**, p. 27.

fundamental à vigência da ordem econômica. Trata-se, portanto, de um sujeito empresarial, simbolizado por qualquer pessoa de potencial econômico e essencial ao mantra capitalista.

> O empreendedor não é um capitalista ou um produtor nem mesmo o inovador schumpeteriano que muda incessantemente as condições da produção e constitui o motor do crescimento. É um ser dotado de espírito comercial, à procura de qualquer oportunidade de lucro que se apresente e ele possa aproveitar, graças às informações que ele tem e os outros não. Ele se define unicamente por sua intervenção específica na circulação de bens. (...) O espírito que ele desenvolve é o da especulação, que mistura risco e previsão (...)[167]

Conforme aponta Vander Casaqui, "(...) o empreendedor, em tese, prioriza o lucro, o ganho individual e os interesses de sua organização (...)"[168]. Esse homem ativo, que é impelido a melhorar seus recursos em prol de objetivos os mais diversos, precisa entrar em ação, propalando o espírito da competência e da concorrência, "(...) movido pelo espírito empresarial que se encontra em graus diferentes em cada um de nós e cujo único freio é o Estado, quando este trava ou suprime a livre competição."[169]

Dessa maneira, fica patente que esse sujeito trabalhador dos supostos novos tempos globalizado é, sem sombra de dúvida, um profissional ideologicamente precarizado, que por vezes nem se dá conta de como a sanha capitalista se insurgiu de tal forma nele, tornando-o um ser alienado da realidade socioeconômica.

É nesse contexto que reforçamos a posição assumida pelos carregadores autônomos do Entreposto Terminal São Paulo. Eles não são nem assalariados muito menos empreendedores; apenas e tão somente profissionais explorados por uma lógica patronal (e sindical) que, infelizmente, não lhes confere a figura de o que seja, de fato, um trabalhador com direitos que lhe permitam exercer, dignamente, sua atividade.[170]

---

[167] DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**, pp. 145, 146. O termo "schumpeteriano" refere-se ao ideário proposto por Joseph Schumpeter, que reformulou a teoria do crescimento e do desenvolvimento econômico ao considerar a figura central dos homens de negócio, a inovação e a constante destruição como pilares do capitalismo.

[168] CASAQUI, Vander. *A construção do papel do empreendedor social*: mundos possíveis, discurso e o espírito do capitalismo. **Galaxia**, São Paulo, número 29, junho 2015, p. 48.

[169] DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**, p. 136.

[170] A visão pessimista decorre da forma como tem se sedimentando no Brasil as reformas trabalhista e previdenciária em curso pelo atual governo federal, com a cassação de direitos e nenhuma garantia mínima que favoreça as classes trabalhadoras menos favorecidas economicamente.

17. QUEM FICA COM A MAIS-VALIA DO CARREGADOR?

O homem é o Deus do homem.
LUDWIG FEUERBACH

Pelo que temos exposto, as novas configurações do trabalho são desafiadoras para verificarmos como são gerados o valor do trabalho e a expropriação da mais-valia pelo capital. O trabalho não remunerado tem impacto no trabalho remunerado e ambos estão envolvidos, cada vez mais, em um sistema complexo de geração de valor.

Por isso é que urge entender o mundo do trabalho para depreender as mudanças na sociedade, ainda mais em face do *modus operandi* capitalista que busca ocultar a luta de classes e continuar com a (re)produção de uma sociedade com cada vez menos sentido, fazendo uso inclusive da lógica neoliberal do empreendedorismo.

Em relação aos carregadores, é perceptível a atualidade da visão marxista sobre sua atividade laboral, haja vista o reconhecimento dessa força de trabalho, conforme enumerado anteriormente. Com base nisso e nas ponderações que acabamos de trazer acerca da atual ordem econômica mundial, cumpre assinalarmos, mais uma vez, que não se pode nem tampouco se deve equiparar esses trabalhadores a empreendedores.

> A empresa de si mesmo é uma "entidade psicológica e social, e mesmo espiritual", ativa em todos os domínios e presente em todas as relações. É sobretudo a resposta a uma nova regra do jogo que muda radicalmente o contrato de trabalho, a ponto de aboli-lo como relação salarial. A responsabilidade do indivíduo pela valorização de seu trabalho no mercado tornou-se um princípio absoluto. (...) Em outras palavras, como o trabalho se tornou um "produto" cujo valor mercantil pode ser medido de forma cada vez mais precisa, chegou a hora de substituir o contrato salarial por uma relação contratual entre "empresas de si mesmo". Desse ponto de vista, o uso da palavra "empresa" não é uma simples metáfora, porque toda a atividade do indivíduo é concebida como um *processo de valorização do eu*.[171]

A crítica a essa perspectiva se faz necessária para não deixar dúvidas sobre a precariedade das condições de trabalho enfrentadas cotidianamente por esses profissionais, autônomos, que atuam na movimentação interna de mercadorias no Entreposto Terminal São Paulo da CEAGESP.

Ratifica-se, assim, que de maneira alguma eles se encaixam no imaginário do trabalhador empreendedor. "O sujeito neoliberal não pode perder, porque é a um só tempo o

[171] DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**, p. 335, com grifo dos autores.

trabalhador que acumula capital e o acionista que desfruta dele."[172] Bem ao contrário disso, a força de trabalho dos carregadores incorre nos mais tradicionais e reificados preceitos e moldes da exploração de mão de obra capitalista.

> **(...) se o patrão subir, ele [carregador] vai subir e se o patrão quebrar, ele vai ser quebrado e não vai receber. Por isso que eu falo para o carregador: "Vocês têm sempre que trabalhar, mas vocês têm que ficar preocupados com seu patrão. Seu patrão está acima de vocês, ele é sempre mais do que você. Porque ele tem que ganhar sempre mais do que você, porque se ele ganhar sempre mais do que você, você vai estar empregado."**[173]

Nessa passagem, extraída da conversa aprofundada que tivemos com o diretor do Sindicar, percebe-se que estamos tratando de um trabalho precário, sem o devido reconhecimento, por mais importante que seja a circulação e o transporte de mercadorias na realização do capital para a mais-valia.

As marcas ideológicas do assujeitamento aparecem expressas na ideia de que "(...) se o patrão subir, ele [carregador] vai subir e se o patrão quebrar, ele vai ser quebrado e não vai receber." Tem-se aí uma situação no mínimo *sui generis* (para não se falar totalmente contraditória), que reforça estereótipos da expropriação capitalista, uma vez que o dirigente sindical menciona a figura do patrão, sendo que essa "entidade" não existe, dado o fato de que são profissionais autônomos, sem vínculos empregatícios.

Assim, o carregador não é seu próprio trabalhador nem seu próprio acionista, por mais que a condição autônoma possa até dar margem a essa interpretação totalmente equivocada. Ele está, como veremos, sempre atuando profissionalmente para alguém (permissionário ou comprador) e diariamente atrás de serviço, pois ser autônomo não significa ter controle sobre as horas trabalhadas nem um rendimento fixo, mas sim ter de se virar, sozinho, para garantir o mínimo para o seu sustento e de sua família.

> (...) o carregador é autônomo, ele trabalha no setor do Ceasa, dentro do Ceasa. A maioria é da fruta para a verdura, a maioria, né, mas ele circula pelo mercado inteiro, porque se ele pega um caminhão para carregar na fruta, ele carrega na fruta, na verdura, no legume, na batata, eles circulam então pelo Ceasa completo, né.[174]

---

[172] DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**, p. 373.
[173] Fala da entrevista aprofundada com o diretor do Sindicar, com explicação entre colchetes e grifo nossos.
[174] Explicação de como trabalham os carregadores, extraída da entrevista em profundidade com o dirigente do Sindicar.

Por mais que o trabalho braçal tenha um caráter exasperadamente bruto, há uma especialização no que concerne aos tipos de produtos que são transportados pelo entreposto paulistano. Tal diferencial pudemos ratificar nas explorações de campo (geral e específica) e nas entrevistas aprofundadas. Mesmo assim, por ser tratar de uma ação laboral precarizada, a maioria dos carregadores tem de trabalhar naquele serviço que encontrar, ou seja, tanto faz transportar plantas, peixes, melancias, alfaces ou ovos.

Disso advém pensarmos quem se apropria da mais-valia que é gerada por esses trabalhadores. Dado o fato de que eles podem atuar em todos os setores de comercialização do entreposto paulistano, quem acaba se beneficiando economicamente dessa atividade braçal árdua são os permissionários e a própria CEAGESP, que não necessitam manter nenhum vínculo formal com a categoria. Afinal, os carregadores são autônomos, sem direito empregatício algum assegurado pela CLT.

Fundamental destacar que a movimentação dos produtos na companhia federal depende essencialmente do trabalho de transporte. Os profissionais que atuam nessa tarefa estão vinculados ao processo de realização do capital que depende da produção, da circulação e do consumo das mercadorias. Portanto, estamos falando de trabalhadores produtivos que acrescentam valor diretamente ao capital dos permissionários e dos compradores (feirantes, sacolões e supermercados).

Mas isso não significa, de modo algum, que tal força de trabalho seja devidamente valorizada, em que pese o ofício ter um reconhecimento que é outorgado legalmente, pois como já comentamos, norma interna da estatal prevê a obrigatoriedade do transporte dos produtos ser executada exclusivamente pelos carregadores.

Essa situação traz consequências, inclusive, em outras questões. Por exemplo, os trabalhadores não têm voz ativa nas reivindicações relacionadas a melhorias na infraestrutura da central da Vila Leopoldina, sendo que a posição que prevalece no assunto é a dos permissionários. O mesmo vale para a não participação direta da categoria nas discussões sobre a mudança de endereço do entreposto. Quem ocupa esse debate, mais uma vez, são os proprietários dos boxes comerciais.

18. O QUE SIGNIFICA PUXAR UM CARRINHO DE MADEIRA?

Quando chego no trabalho
O patrão vem com aquela história
Que o serviço não está rendendo
Eu peço minhas contas e vou-m'embora
Quando falo no aumento
Ele sempre diz que não é hora
PAULINHO DA VIOLA

Em meio ao panorama socieconômico brasileiro, em que a reforma trabalhista expôs escancaradamente que não existe mais emprego, torna-se vital entender os significados que ostentam o mundo do trabalho dos carregadores, até para não resvalarmos em potenciais clichês que de nada servem para contextualizar a importância dessa força produtiva na estrutura da CEAGESP.

Já dissemos reiteradas vezes que estamos diante de uma atividade braçal muito árdua e de difícil execução. Mas além do quesito força, a exploração de campo e as entrevistas em profundidade que realizamos trouxeram à tona outro elemento relevante desse serviço: as especificidades de manejo adequado dos produtos.

Isso se torna evidente ao constatarmos que transportar flores e plantas é totalmente diferente de quando se faz a movimentação de uma carga de pescados, que por sua vez conta com uma logística operacional absolutamente diversa da locomoção de frutas e hortaliças.

> (...) quando vem a mercadoria, você **não pode jogar de qualquer jeito**. Se você for jogar, vai estragar a mercadoria. Você pega uma caixa de uva, **se você bater, ela já começa a estragar ali**. Tem que ter muito cuidado com a mercadoria. **(...) Em cada setor é um sistema de trabalho**. Você vai descarregar laranja é um sistema, vai descarregar mamão é outro sistema. Tudo que você vai carregar é um sistema bem diferente. (...) Você pega uma caixa de tomate, faz de qualquer jeito, porque está fechado. Você pega uma caixa de morango, o carregador tem que ter conhecimento de que ele tem que ter uma cantoneirinha pequena para colocar em cima da caixa, na frente e atrás. Porque se a corda pegar de um lado, estragou. E a caixa não pode abaixar muito.[175]

Conforme já vimos antes, novamente emerge nas conversas em profundidade a especificidade de como locomover os diversos alimentos que são vendidos no Entreposto Terminal São Paulo. Cada gênero demanda uma maneira diferenciada para ser acondicionada

[175] Trechos que constam da entrevista aprofundada com o dirigente do Sindicar.

e carregada nos carrinhos de madeira e é justamente isso que faz com que, muitas vezes, haja preferência pela contratação de um carregador, e não de outro.

Esse conhecimento específico no deslocamento de mercadorias não é algo que seja ensinado com o auxílio de manuais nem de regras decoradas. O aprendizado ocorre na prática da rotina de trabalho, o que perpassa, entre outros elementos cognitivos, pelos processos de comunicação usados, além da transmissão oral e visual de como se deve puxar um carrinho e levar, corretamente e com segurança[176], os itens transportados.

A situação pode ser comprovada nessas duas afirmações extraídas das entrevistas aprofundadas, uma do diretor do sindicato da categoria e a outra do profissional que atua no carregamento de plantas: "Ele vai ter que fazer um processo. Se ele não tiver um conhecimento, ele não vai saber puxar. Ele vai ter que aprender e acompanhar os outros."[177] "Meu pai me ensinou a trabalhar no dia a dia."[178]

Importante reforçar que o ofício de carregador autônomo é previsto em norma da CEAGESP. Atualmente, há até placas, afixadas no entreposto da Vila Leopoldina, que deixam claro que o carregamento de produtos, internamente, deve ser realizado, obrigatoriamente, pela categoria, posto que é proibida a utilização de carrinhos de ferros ou equipamentos similares para tal tarefa, sob pena de apreensão dos mesmos.

> As operações de carga, descarga e movimentação de mercadorias nos entrepostos da CEAGESP somente poderão ser realizadas por:
> a) carregadores autônomos: desde que credenciados, devidamente uniformizados e identificados com o crachá de carregador autônomo;
> b) trabalhadores com vínculo empregatício junto aos concessionários/permissionários/autorizatários: desde que devidamente registrados, uniformizados e portando a identificação da empresa na qual são empregados.[179]

---

[176] Tudo conspira no Entreposto Terminal São Paulo para que ocorram acidentes de trabalho, principalmente tendo os carregadores como potenciais vítimas. Última estatística levantada pelo serviço de ambulância, que funciona 24 horas no lugar, com equipe para socorrer o público, mostra que houve 1.117 chamados em 2018. Os principais casos registrados, que responderam por 68% dos atendimentos prestados, foram aferição de sinais vitais (174), ferimentos com cortes (166), mal estar (143), convulsão (56), dores em geral (52), hipertensão arterial severa (45), traumas (36), cefaleia (32), escoriações (31) e hipotensão (21).
[177] Fala do diretor do Sindicar.
[178] Fala do carregador da Feira de Flores.
[179] **Norma interna NP-OP-032**, p. 2.

Foto 53 – Placa que restringe o transporte interno de mercadorias no Entreposto Terminal São Paulo

A "Lei do Carregador" especifica que a atividade de locomoção de produtos na central paulistana é privativa desses trabalhadores, sob pena de apreensão do gênero comprado e movimentado inadequadamente.
Fonte: Jamir Kinoshita

Em relação aos carrinhos de madeira que são usados pelos trabalhadores vinculados ao Sindicar, cabe uma ponderação, que viemos a constatar a partir das observações de campo que procedemos em nossa pesquisa.

Por vezes, tem-se a impressão de que o equipamento e o carregador formam um só mecanismo, cuja finalidade é concretizar uma ação determinada. Ou seja, considerado um artefato, é como se o carrinho fosse a extensão do corpo do profissional, representando um organismo único.

> As abordagens dos sistemas homens-máquinas consideram o homem e a máquina como os dois componentes de um sistema funcional engajados em conjunto na realização de uma tarefa. (...) Duas características dos sistemas homens-máquinas se destacam. A primeira diz respeito à acoplagem, no interior do sistema funcional, da máquina aos processos cognitivos do operador. A segunda diz respeito ao fato de que a tarefa considerada é a do sistema em seu conjunto.[180]

[180] FOLCHER, Viviane; RABARDEL, Pierre. *Homens, artefatos, atividades*: perspectiva instrumental. In: FALZON, Pierre (ed.). **Ergonomia**. São Paulo: Blucher, 2007, p. 209.

Essa concepção leva em conta que o carrinho não é um instrumento, mas sim um artefato, como mencionamos anteriormente. Nesse sentido, o sistema homem-máquina é constituído por um ser humano, que é equipado por vários órgãos funcionais.

Daí que o desenvolvimento desse aparato se insere em um contexto cultural e em uma história pessoal de interações com o mundo. "Um novo artefato não se torna necessariamente um órgão funcional. É uma potencialidade que pressupõe a construção de uma articulação com a atividade do(s) sujeito(s)."[181]

Foto 54: Trabalhador descansa no carrinho de madeira

O equipamento é tido como extensão do próprio corpo do carregador, articulando-se com ele para a realização da atividade de trabalho.
Fonte: Jamir Kinoshita

Se considerarmos que estamos falando de um só corpo (carrinho com carregador), podemos até inferir a respeito da imagem estética que temos desse organismo. Para isso, levando-se em conta o universo que compõe o entreposto paulistano da CEAGESP, a percepção de desenvolver o ofício em um local sujo e malcuidado contribui para influenciar, erraticamente, a formação de uma impressão grotesca sobre a figura do carregador.

[181] FOLCHER, Viviane; RABARDEL, Pierre. *Homens, artefatos, atividades*: perspectiva instrumental, p. 213.

> (...) as imagens grotescas conservam uma natureza original, diferenciam-se claramente das imagens da vida cotidiana, preestabelecidas e perfeitas. São imagens ambivalentes e contraditórias que parecem disformes, monstruosas e horrendas, se consideradas do ponto de vista da estética "clássica", isto é, da estética da vida cotidiana preestabelecida e completa. (...) São imagens que se opõem às imagens clássicas do corpo humano acabado, perfeito e em plena maturidade, depurado das escórias do nascimento e do desenvolvimento.[182]

A descrição que mencionamos se refere ao jeito como a burguesia via negativamente, na Idade Média, o corpo que trabalha. Acaso ou não, temos reiteradamente apontado que a atividade dos trabalhadores de carga, em pleno século XXI e numa das principais cidades da América Latina, carrega ares medievais no que tange à precariedade da profissão. Tal comparação decorre do fato de que as condições de trabalho e a existência desse tipo de atividade laboral ainda hoje fazem parte desse viés grotesco surgido naquele período histórico.

Apesar disso, não compactuamos com uma visão negativa sobre os carregadores, embora, muitas vezes, seja ela que prevaleça, infelizmente, na concepção do público externo do entreposto paulistano. Faz-se necessário ponderar que essa perspectiva joga nas costas deles todos os problemas de uma estrutura clientelista, em que há privilégios para determinadas classes de profissionais em detrimento a outras. Não que com isso estejamos mitigando o caráter árduo que soçobra o oficio dos trabalhadores autônomos.

Nossa impressão é totalmente inversa. "A vida se revela no seu processo ambivalente, interiormente contraditório. Não há nada perfeito nem completo, é a quintessência da incompletude. Essa é precisamente a concepção grotesca do corpo."[183] Por isso, mesmo em face a uma suposta aparência bruta e feia, provocada pelas características inerentes a esse trabalho, conseguimos enxergar beleza na imagem do inédito da atividade dos carregadores da central de abastecimento. É justamente isso que iremos abordar agora na sequência.

---

[182] BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento** – O contexto de François Rabelais. 4ª edição. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999, p. 22.
[183] BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**, p. 23.

19. A PERSPECTIVA ERGOLÓGICA DO CARREGADOR

(...) a atividade nunca será a pura execução de quaisquer normas.
YVES SCHWARTZ

A prática profissional dos carregadores comporta uma enorme carga de aspectos que lhes permitem se inserirem socialmente como sujeitos. Reconhecer-se e ter a devida noção da atividade que desempenham é importante para que saibam, entre outras circunstâncias, qual é (será) o seu papel diante das alterações trabalhistas e previdenciárias que se configuram no país.

Partindo desse sujeito que trabalha é que chegamos à abordagem ergológica, que ajuda a descrever o que é esse ofício, sendo que a observação de campo foi fundamental para entender as nuances do micro do trabalho, mostrando os valores de quem trabalha. "Reverter a dialética singular/geral, a fim de construir as questões a partir da atividade sempre singular das mulheres e dos homens, aí está (...) 'o ponto de vista do trabalho'. É efetivamente uma maneira de interpelar a governança do trabalho (...)".[184]

Para a ergologia, a atividade de trabalho é renormalizadora dos atores sociais e do meio laboral. As prescrições, em qualquer tarefa, são essenciais para o desenvolvimento do trabalho, mas elas não podem ser um fim em si mesmas. Essa perspectiva considera que todo ofício sempre comporta aspectos pessoal, criador, inédito e transformador do mundo.

Tal percepção é bastante relevante para se alterar o ponto de vista do trabalho, que não pode estar centrado exclusivamente na mera adaptação do homem às condições que lhe são impostas. Cumpre salientar que isso é algo que a CEAGESP e todo o sistema que está em seu entorno promovem em relação aos carregadores autônomos. Por sinal, são esses trabalhadores que, mesmo sem consciência da exploração sofrida, fazem tudo para manterem as características humanas de seu ofício.

Assim, torna-se imprescindível uma interpretação mais geral das situações laborais, buscando focar a discussão na atividade de quem, realmente, trabalha. "Constatar que os trabalhadores se apropriam das normas, mascaram, transgridem, jogam com elas inventando

[184] SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. **Trabalho e ergologia** – Conversas sobre a atividade humana. Rio de Janeiro: Eduff, 2008, p. 60.

novas normas, em resumo, renormalizam permanentemente, isto significa que há vida, significa a possibilidade de dominar o sistema."[185]

É justamente essa situação que confere o caráter do inédito do trabalho, uma vez que se trata de um momento único, em que determinada tarefa é executada de maneira peculiar por cada pessoa. Nesse contexto, o debate das normas parte da análise das situações concretas de trabalho para confrontá-las com a prescrição e buscar soluções negociadas, dando vez e voz a quem trabalha. "O trabalho real, na verdade, é o resultado das renormatizações, não da estrita aplicação e execução das normas. Ou, melhor, é a 'execução' das normas através das renormatizações."[186]

> Todo ato, mesmo o mais simples, é num primeiro momento, um uso de si por si mesmo e este uso é sempre absolutamente singular. Não existem duas pessoas, não existem dois momentos, para uma mesma pessoa, em que o uso de si por si seja idêntico. Estamos no âmbito da história em construção. Todo ato de trabalho é, portanto, uso de si por si. Mas, além disso, ele é uso de si pelos outros. (...) Toda análise da atividade de trabalho deve dar conta isso, trabalhando esta dialética do uso de si por si e do uso de si pelos outros. (...) É efetivamente na atividade de trabalho que se manifesta a dialética do uso de si, ou seja, a maneira singular pela qual os homens e as mulheres fazem uso deles próprios em função deles próprios e daquilo que os outros lhes demandam.[187]

Esse panorama fica muito evidente nas observações de campo realizadas no Entreposto Terminal São Paulo. Para cada setor da central de abastecimento, os carregadores dispõem de jeitos específicos para lidar com as mercadorias que são transportadas.

Por exemplo, vale lembrar que, no Pátio do Pescado, eles usam botas de borracha e luvas por conta do manuseio de gelo e da grande quantidade de água que fica acumulada pelo piso do pavilhão. Aliás, eles usam também avental branco.

É necessário não somente muita força física, inclusive para subir e descer do galpão com os carrinhos, mas também enorme habilidade para carregar quantidades pesadas de peixe pelos corredores apertados do local. Tudo isso sem atropelar as centenas de pessoas que circulam no pátio nem deixar que os produtos carregados caiam, além de desviar dos veículos que trafegam, de madrugada, no entorno do ponto de venda.

---

[185] SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. **Trabalho e ergologia**, p. 81.
[186] **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, volume 4, número 2, 2006, p. 462.
[187] SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. **Trabalho e ergologia**, pp. 69-70.

Dessa forma, percebemos que puxar e empurrar o carrinho de madeira não é a principal preocupação desses profissionais, mas sim executar a ação com segurança e agilidade, o que depende, sobremaneira, da habilidade particular do trabalhador.

Outro ponto do viés ergológico é que a singularidade do trabalho é revelada pela comunicação, que faz as informações circularem no sentido de quem trabalha para a direção da empresa. Ademais, o reconhecimento se dá também quando se depreende o papel da comunicação *como* trabalho e da comunicação *no* trabalho.[188]

É nessa vertente que a ergologia atua, fazendo com que as questões do trabalho concreto prevaleçam na governança da instituição em que se trabalha. Dispor desse conhecimento é primordial para compreender e lidar com as situações reais laborais.

Isso nos ajuda a entender o motivo pelo qual alguns carregadores acabam por intermediar a comercialização de mercadorias junto a permissionários e compradores. Auxilia ainda a compreender como eles conseguem desempenhar seu trabalho, sem correrem o risco de se envolver, a todo tempo, em acidentes, haja vista que o ambiente em que atuam não oferece condições seguras de mobilidade.

> (...) tem carregador aí que **compra e carrega mercadoria para o patrão**. Tem patrão que não vem nem aqui. **Tem carregador aí que compra três, quatro carretos e manda por dia. Ele compra toda a mercadoria e pega a turma de carregador, que carrega. (...) às vezes, o carregador conhece mais a mercadoria do que o patrão dele**. Ele sabe mais da mercadoria, porque a gente trabalha aqui dentro, sabe a mercadoria que é boa. Você vem de fora, está comprando a mercadoria de uma semana, e o carregador, ele sabe qual a mercadoria que descarregou no dia, ele está aqui 24 horas. Então, ele manda uma mercadoria muito melhor para o cara do que se ele vier comprar.[189]

Mais uma vez o termo “patrão” aparece na fala do trabalhador e, novamente, quem o diz é o diretor sindical. Isso, por si só, já demonstra o quanto o discurso de seu dirigente está impregnado de uma contradição, que se espraia para a própria atividade do Sindicar que, como indicamos anteriormente, não parece estar centrada na óptica que se espera de um sindicato, fazendo muito mais às vezes até de uma cooperativa.

Aqui é preciso depreender o que significa a utilização do substantivo “patrão”. Do ponto de vista formal, o comprador, que contrata o serviço de transporte interno de produtos, não é patrão porque não paga salário e o carregador é um trabalhador autônomo. Porém, se pensarmos pela lógica da circulação da mercadoria, ele é patrão sim, pois o que remunera pelo

---

[188] Veremos essa questão adiante, quando tratarmos da atividade linguageira dos carregadores.
[189] Trechos que constam da entrevista aprofundada com o dirigente sindical.

trabalho do profissional braçal é uma parte mínima, ficando com a maior parcela do valor que lhe permite trazer o produto à feira, ao sacolão ou ao supermercado, trocando assim esse gênero por dinheiro.

Dessa maneira, vemos que esse processo não se realiza sem a atividade laboral do carregador autônomo. O representante sindical naturaliza a relação de subordinação dos trabalhadores, prevalecendo a dependência desses profissionais em relação ao seu ganha-pão. Ademais, convém lembrar também que o termo "patrão" é usado no senso comum para dar prestígio, conferir autoridade.

Mas isso não quer dizer que o diretor não reconheça a importância da categoria. Prova disso é que a menção à aquisição de mercadoria pelo carregador, que destacamos na passagem, acaba acontecendo pelo fato de, por vezes, ele saber onde é possível encontrar, junto aos permissionários do entreposto, produtos de qualidade, que sejam mais frescos e a preços menores: "Ele sabe mais da mercadoria, porque a gente trabalha aqui dentro, sabe a mercadoria que é boa. (...) ele sabe qual a mercadoria que descarregou no dia (...)".

Esse conhecimento vem bastante do "boca a boca" e da chamada "rádio peão" que circula pela central de abastecimento – nunca é demais lembrar que estamos falando de um grande mercado a céu aberto. E, na situação descrita, quando a quantidade de gêneros alimentícios, cuja compra foi intermediada pelo carregador, é grande, ele próprio trata, também, de contratar outros colegas seus para auxiliá-lo no transporte.

Daí que apontar as vicissitudes existentes no mundo do trabalho, descortinando inclusive a percepção entre o que é ideal e o que é possível (e existente) nesse campo, é essencial quando pensamos essa discussão à luz da ergologia, que significa remetermos à noção de "corpo si", traduzidos pela concepção do "uso de si" (construção de uma consciência individual acerca da atividade laboral desempenhada) e do "uso de si pelos outros" (disponibilização do trabalho individual ao outro).[190]

[190] **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, p. 460.

> Quando falei pela primeira vez na expressão "uso de si" (...) era para transmitir a ideia de que, mesmo numa situação de maior constrangimento, como no trabalho em linhas de montagem, existe atividade, transgressão, "renormatização" das normas. Isso nos afasta da ideia de pura execução e nos conduz à ideia de uso de si, porque, mesmo nas linhas de montagem, encontramos uso de si – seja "por si mesmo", seja "pelos outros". Podemos então falar que, no trabalho, o uso de si envolve o "uso de si pelos outros" e o "uso de si por si mesmo", e aqui a elaboração ergológica e a elaboração filosófica vão extrapolar, generalizar, para além do trabalho assalariado, do trabalho mercantil.[191]

No caso dos carregadores autônomos, o "uso de si", que é evidenciado pela especificidade atrelada ao jeito de acondicionar e carregar cada tipo de produto, como vimos em relação às flores e pescados, parece ficar, muitas vezes, escondido pelo fato de que a atividade não é devidamente reconhecida e valorizada por permissionários e até mesmo pelos compradores.

Por sua vez, quando pensamos no "uso de si pelos outros" no tocante a essa categoria profissional, temos a impressão de que o serviço é simplesmente tolerado na central de abastecimento, por mais essencial que seja, devido à prevalência de normas internas da CEAGESP, como mostramos, que estabelecem que a movimentação de produtos nos entrepostos é privativa a esses trabalhadores. Portanto, é preciso entender a perspectiva do exercício laboral dos carregadores como sendo um trabalho humano, em que há uma atividade inédita, que tem um saber não reconhecido.

[191] Idem.

CAPÍTULO VI

MAIS DESCOBERTAS SOBRE OS CARREGADORES

20. O QUE MAIS REVELAM AS ENTREVISTAS APROFUNDADAS

(...) o importante não é o que se vê, mas o que se vê com método (...)

MARIA IMMACOLATA VASSALLO DE LOPES

Pelo que já temos exposto, as entrevistas em profundidade que efetivamos com o diretor do Sindicar (em dois momentos distintos) e os carregadores selecionados[192] na observação de campo específica na Feira de Flores e no Pátio do Pescado ajudaram a colocar em evidência os discursos proferidos nesse mundo do trabalho tão peculiar.

Entre outros pontos, pudemos compreender a significância assumida pela comunicação nas relações que esses profissionais mantêm com os demais interlocutores do entreposto paulistano. Afinal, "(...) os discursos são inseparáveis de seu contexto de produção e de enunciação"[193], o que demonstra a necessidade de se apreender como aparecem as "(...) condições de produção do discurso."[194]

Não à toa, proporcionar a esses trabalhadores, que atuam de forma totalmente autônoma em seu dia a dia, o (re)conhecimento e a relevância que a comunicação desempenha em sua atividade laboral é lhes dar o devido enlevo social, tão necessário, aliás, nesses tempos de desconstrução de direitos e de conquistas históricas que vivenciamos no país.

As recentes transformações trabalhistas e a aprovação da reforma previdenciária[195] são temas que preocupam, e muito, a categoria profissional. A consciência das dificuldades do ofício que desempenham, atrelada à conjuntura socioeconômica em que se encontra a maior parte da população brasileira, emerge nas declarações dos entrevistados, mesmo que haja, por vezes, dúvidas decorrentes da falta de um acompanhamento mais pormenorizado das duas questões.

---

[192] Convém recordar que o dirigente sindical, que é remunerado para essa tarefa, também atua como carregador no Entreposto Terminal São Paulo, o que, por vezes, como temos visto, causa perplexidade pelo que sua fala revela a respeito do papel do sindicato.

[193] POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**, p. 244.

[194] Idem.

[195] A dissertação de mestrado foi concluída no período após a primeira votação favorável, na Câmara dos Deputados, do projeto de reforma da Previdência, elaborado pela gestão Jair Bolsonaro.

> Essas reformas das leis, **a gente fica preocupado porque só é para complicar os pequenos**. Nada vem para melhorar a situação do pequeno. Uma reforma que você chegava numa idade, que não podia mais trabalhar, **não tem mais condição de trabalho, cansava**, pagava INPS para poder receber aquele salário pouco, o governo tira. O governo aumenta a idade. Para o cara poder aposentar, tem que ser com 75 anos? **Com 75 anos o cara já está morto**. (...) O carregador sabe que seu serviço é muito pesado. E a gente paga INPS e tudo e daí não vai aposentar. **A vida do trabalhador, você trabalha com sol, chuva, sereno, tudo, às vezes até doente trabalha para bancar sua casa**, aí não recebe. Pelo governo, você não vai receber. O que o governo quer é acabar. **Com a reforma, eles querem acabar para todo mundo**.[196]

> Essa mudança aí prejudica um pouco. Mexe muito com as pessoas, nós, contribuintes, carregadores, mexe muito com essa mudança aí. **Essa previdência mexe um pouco muito com essa mudança aí**. Fico muito preocupado, **ninguém sabe o que vai acontecer lá na frente conosco**. Esse sistema aí, não sei se foi aprovado ainda. Agora, dia 1º de fevereiro, todos os deputados estaduais, federais, senadores, foram aprovados, não sei se foi sobre isso. A gente procura coisa melhor, **que eles coloquem na cabeça deles para melhorar mais para o trabalhador, para todos nós, brasileiros**.[197]

> Por enquanto eu não estou vendo nada, eu não estou entendendo nada ainda, não sei nem como é que está esse negócio aí. **Ainda mais, fazer que nem o outro**, que é para ficar mais difícil, é, porque do jeito que era já não era fácil.[198]

As afirmações elencadas, que abordam a situação da contribuição previdenciária, revelam, no fundo, mais uma vez, as duras condições de trabalho a que os carregadores autônomos são submetidos cotidianamente na central de abastecimento da Vila Leopoldina. Retratam, novamente, a forma como acontece a disponibilização do "corpo si" para o desenvolvimento da atividade laboral.

Isso só reforça o aspecto de que a linguagem *no* e *sobre* o trabalho vem impregnada de um forte componente que se espraia em uma ressonância prática, representada pelas dificuldades advindas de uma profissão que, supostamente, conta com respaldo representativo sindical, mas que está muito mais sujeito à imposição neoliberal de organização das formas de trabalho atuais, que só se acentua com o caráter autônomo que é conferido ao ofício.

---

[196] Declaração do diretor do sindicato. A sigla INPS se refere ao antigo Instituto Nacional de Previdência Social, atual INSS. Os grifos que aparecem nas falas destacadas, a exemplo do ocorrido nos dois capítulos anteriores, são de nossa autoria e, portanto, não serão referenciados novamente.

[197] Extraído da conversa aprofundada com E.S.A., que atua na Feira de Flores. A menção à data de 1º de fevereiro de 2019 decorre de que nesse dia houve a eleição da presidência da Câmara dos Deputados e do Senado. Não há nada relacionado aos deputados estaduais que, muito provavelmente, foram trazidos ao discurso por confusão/desconhecimento do entrevistado. A fala só reforça a falta de um melhor acompanhamento dos fatos políticos do Brasil, o que nem de longe é exclusividade dos carregadores.

[198] Fala de E.L.O., que trabalha no Pátio do Pescado.

Percebe-se nas declarações uma forte sensação de temor pelo que pode acontecer no futuro (mais próximo até do que se imagina distante) com as mudanças socioeconômicas em curso no Brasil. A constatação é claramente diagnosticada quando se aponta que "(...) ninguém sabe o que vai acontecer lá na frente conosco."

Há até uma esperança, pequena, de que tais alterações possam acontecer pensando-se nas classes menos favorecidas. Mas isso não se encontra, infelizmente, ao alcance da classe trabalhadora. A decisão está com os deputados federais e senadores, responsáveis pela análise e votação da proposta de reforma da Previdência apresentada pelo governo federal. E aí, como consequência, pairam dúvidas e só lhes resta, assim como para boa totalidade da sociedade, torcer para "(...) que eles coloquem na cabeça deles para melhorar mais para o trabalhador, para todos nós, brasileiros."

Nesse sentido, a última fala desse bloco mostra, nitidamente, a descrença em um regime previdenciário que consiga tratar, com a devida consideração necessária e esperada, os trabalhadores que contribuem mensalmente com o sistema de seguridade social. Se hoje em dia o modelo não atende às expectativas da maior parcela das pessoas que se encontram aposentadas (não vamos pormenorizar a estrutura nem a categoria dos beneficiados), não faltam críticas bem negativas ao que deverá vir a ser implementado. "Ainda mais, fazer que nem o outro [atual sistema de contribuição previdenciário], que é para ficar mais difícil, é, porque do jeito que era já não era fácil."[199]

Um outro ponto que merece ser retomado, já sinalizado em momentos anteriores, é a frequente discussão a respeito da mudança de endereço do Entreposto Terminal São Paulo, pronunciada erroneamente tanto pelos *media* quanto por autoridades públicas. A posição da categoria, frontalmente contrária, é unânime, conforme aponta o dirigente sindical: "Todos eles [carregadores] são contra essa mudança, porque aqui trabalha todo mundo, que tem estudo e que não tem, aqui dentro. **Nada vai mudar. Tudo que é mudança 'atrapaia'**".[200]

A noção de atrapalhar, dita pelo diretor do Sindicar, precisa ser entendida sob dois parâmetros. Primeiramente, em relação à experiência de trabalho, mudar representa ter de reordenar o cotidiano, as normas e as renormalizações da atividade laboral. Em segundo lugar, as alterações, que normalmente ocorrem nas estruturas organizacionais, vêm sempre de uma decisão superior, que é imposta às categorias consideradas subalternas, prejudicando sua vida. Afinal, estão embutidos aí potenciais problemas como o tempo maior para se chegar ao novo local de trabalho, o aumento dos gastos diários com o ofício (por exemplo, alimentação

[199] Explicação entre colchetes nossa.
[200] Idem.

e locomoção), sem falar no pior, que é o desemprego, ocasionado por corte de antigos postos, remodelados nessa reconfiguração.

A dificuldade natural que é associada à mudança de hábito aparece ressaltada por E.S.A., que lembra que existem vários profissionais que trabalham há cerca de 40 a 50 anos, na central da Vila Leopoldina, e que estão bastante acostumados e ambientados ao espaço atual. Ele se apega à memória do próprio pai, que conseguiu sustentar a família atuando no entreposto da capital paulista:

> **A gente se preocupa muito ao ouvir falar nessa mudança do Ceasa. Eu sou contra, eu prefiro que a gente continue aqui mesmo. Eu tenho dois filhos, estou criando meus filhos com aqui, meu pai criou a gente tudo daqui.**

A fala é muita rica no que concerne aos aspectos que ela revela. Fica clara a preferência do referido carregador pela localização atual do Entreposto Terminal São Paulo e o respeito pelo espaço, que lhe proporciona trabalho para sustentar sua família. Situação essa, aliás, que aflora sua memória afetiva, já que seu pai também trabalhou lá e o criou graças ao serviço no transporte interno de produtos.

Persiste, ainda, a concepção de um futuro programado, ou seja, se E.S.A. é de uma geração, cuja visão de mundo foi formatada por intermédio da atividade laboral promovida pelo seu pai na central de abastecimento, nada mais natural que ele mesmo trabalhe lá para, assim, poder dispor de condições financeiras que lhe assegurem a educação de seus próprios filhos.

Ao mesmo tempo, ainda sobre esse assunto, convém destacar que a alteração geográfica do entreposto da capital não representa novidade alguma, o que é atestado por E.L.O. “Eu vejo essa história como uma imensa canseira, porque já tenho 28 anos que está essa história que o Ceasa vai mudar no ano que vem, que o Ceasa vai mudar esse ano, tem 28 anos”, diz. Por isso mesmo, ele não apoia, em nenhuma condição, que tal discussão seja levada adiante.

O diretor sindical, por sua vez, aponta outras questões ligadas ao debate como, por exemplo, a inexistência de um lugar definido, a necessidade de construção de toda uma infraestrutura como se tem hoje no entreposto e, principalmente, o investimento para criar um novo mercado. “Quem vai fazer outro local igual esse daqui? O governo, do jeito que o país está quebrado, o desemprego, você acha que vai fazer? Não vai.”

Percebemos que as declarações vinculadas a essa temática são proferidas sem um respaldo técnico mais seguro, inclusive no caso do representante do Sindicar. É recorrente, em todas as conversas que mantivemos sobre essa pauta, o sentimento de ameaça. Há medo, dúvida e muita insegurança quanto ao futuro do entreposto paulistano e dos próprios carregadores, quando se der a efetivação da mudança de endereço. Trata-se de algo compreensível, pois é da continuidade ou não do trabalho deles que se está falando, ainda que eles não consigam enunciar isso de maneira clara.

Importante salientar que mesmo sendo dirigentes (sem atribuições específicas tampouco remuneração por ocuparem, nominalmente, o posto), os profissionais de flores e de pescado discordam do sindicato sobre a maneira com que o público externo à CEAGESP[201] enxerga a categoria e, consequentemente, a existência de suas atividades.

Para o representante sindical, a população os têm em alta conta: "(...) todos que vêm de fora sempre procuram o carregador e sempre procuram se informar das coisas do carregador, sempre se interessam, pedindo informação e sempre dando parabéns para a gente." Tal visão é contraposta, no entanto, pelos outros dois entrevistados, que sentem a falta de reconhecimento profissional.

> A gente queria que eles dessem mais importância ao carregador. **Toda mercadoria que passa, passa na mão do carregador**. Toda mercadoria que vem da roça, que vem para cá, **toda mercadoria que é movimentada no CEAGESP passa na mão do carregador. Eu queria que dessem mais importância para nós**.[202]

> Às vezes não. Tem quando é preciso, quer um serviço meio exagerado, aí, nego sabe quanto é importante o carregador e a pessoa pensa: "Puxa vida, se não fosse o carregador como eu ia carregar isso?" **Aí, a pessoa reconhece, mas se for no dia a dia assim**, as pessoas... Olha, tudo no mundo que se trata para a pessoa ter gasto e para a pessoa pagar, as pessoas não fica satisfeita com o que paga.[203]

Emerge nesses dois depoimentos a noção do lugar ocupado (ou que deveria ser ocupado) pelo trabalhador na sociedade. Indubitavelmente, vê-se a questão da classe social que, a exemplo de tantos outros períodos históricos, sempre ostenta, sem o menor pudor, o desprezo pelos profissionais que desempenham atividades braçais.

---

[201] Nesse caso, estamos nos referindo às pessoas que não trabalham na estatal, além daquelas que não são frequentadoras assíduas do entreposto da Vila Leopoldina.
[202] Fala extraída da entrevista com E.S.A.
[203] Consideração dita por E.L.O., que transporta peixes e frutos do mar.

Nota-se, pelos enunciados dos carregadores de flores e pescados, que tiveram sua atividade observada por nós, a prevalência, estereotipada e preconceituosa, que é atribuída ao trabalho desenvolvido a partir do esforço físico humano. Isso é encarado, pelas outras classes sociais, como algo que não proporciona nenhum motivo de prestígio, de orgulho.

Nas entrelinhas dessas falas, a sociedade encara o ofício – e sempre foi assim com trabalhos pesados e braçais – como uma tarefa de menor valor simbólico (e monetário), que não serve de exemplo a ser seguido. Pior, tem-se aqui um serviço que foi imposto ao trabalhador devido à sua pura e completa falta de conhecimento intelectual, o que não lhe permitiu alçar uma função "mais digna" aos padrões sociais.

Indo nessa corrente, qualquer semelhança com o ideário da meritocracia neoliberal empreendedorista dos tempos atuais é mera coincidência. Da mesma forma, só o acaso (ou ocaso) há de explicar a verossimilhança da situação laboral do carregador autônomo em relação aos trabalhadores braçais da Idade Média, ainda mais tendo em vista tudo que anda acontecendo atualmente de retrógrado no país.[204]

Atendo-se ainda à especificidade da atividade de trabalho, pudemos comprovar nas entrevistas aprofundadas que não existe nenhuma linguagem típica, expressão ou termo diferenciado, que seja utilizado no dia a dia, para a execução da tarefa desempenhada pelos carregadores. Tampouco são usados sinais ou outros tipos de códigos não-verbais. As observações de campo (gerais e específicas) promovidas já haviam constatado tal ponto.

Nesse sentido, sendo a expressão oral a principal forma com a qual esses profissionais se comunicam, verificamos a predominância da posição da atividade linguageira *sobre* o trabalho. Desse modo, os discursos acabam se voltando, preponderantemente, a auxiliar na execução do ofício, uma vez que o caráter autônomo lhes impõe dispor essencialmente da relação interpessoal para conseguirem trabalhar.

Mesmo assim, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela categoria (e do preconceito social), há procura frequente de pessoas interessadas em se candidatar às vagas que se abrem no Entreposto Terminal São Paulo. Mensalmente, são disponibilizados de 20 a 30 postos, decorrentes do cancelamento de autorizações de trabalho por, normalmente, abandono do ofício pela não renovação da licença (que, lembramos, deve ser feita todos os anos).

A maior parte desses postulantes é proveniente da região Nordeste e, normalmente, parente ou conhecido de carregadores que estão na ativa. Compete muitas vezes ao Sindicar a

[204] Para entender o cenário atual brasileiro, rever a nota de rodapé 10.

responsabilidade por orientar os novos profissionais que entram na CEAGESP. “Ele vem do Nordeste, **ele vem perdido, ele vem sem saber como é o sistema**, tem parente, mas vem perdido. Então, ele tem que passar pela gente [sindicato] para dizer como é o sistema de trabalho.”[205]

Conforme já comentamos, não há manual nem palestra específica para ensinar a maneira de trabalhar aos carregadores que acabaram de ingressar na profissão. A aprendizagem da tarefa ocorre por meio de orientação individual passada pelo Sindicar, por parentes e conhecidos ou pela própria observação pessoal do ofício junto aos trabalhadores mais experientes, como atesta E.S.A.: **“Olha, no começo a gente fica assustado um pouco com o movimento do Ceasa (...) Eu cheguei de menor, não tinha 18 anos ainda (...) Meu pai me ensinou a trabalhar no dia a dia.”**

Essa fala só vem reiterar a total desconsideração que se faz presente quanto à figura desses profissionais. Mostra que eles são, de fato, escravos de uma sistemática perversa que sequer lhes mostra o *modus operandi* do trabalho. Trata-se, simplesmente, de um modelo que vai moendo as pessoas como se elas não fossem nada. Não existe, portanto, espaço nem escapatória para o desenvolvimento do ser humano.

Além disso, novamente, percebe-se a presença da comunicação oral na atividade laboral, exercendo, nesse caso, uma participação essencial na (suposta) formação profissional adequada do carregador. Por sinal, vemos a predominância, mais uma vez, do processo da linguagem *sobre* o trabalho.

Nas conversas em profundidade é que pudemos distinguir as principais dificuldades que se apresentam, especificamente, para a categoria na tarefa diária de movimentar mercadorias na central de abastecimento.

Cumpre destacar que a maior parte dos itens elencados pelos entrevistados não apareceram nas explorações de campo até por se tratarem de situações que, de acordo com as conversas, prescindem de presença física da administração da estatal, o que nem de longe acontece. Tal constatação, por si só, demonstra como o entreposto da Vila Leopoldina é um território de ninguém, que funciona e basta, não importando de maneira alguma o que acontece com esses trabalhadores.

[205] Explicação dada pelo dirigente sindical, com explicação em colchetes nossa.

> O que precisa melhorar? Precisa melhorar as partes que zelam pelo entreposto, **porque tem lugar aí que é quase impossível andar com o carrinho. Então, é uma parte meio abandonada**, que é a parte de manutenção, a manutenção da CEAGESP é largada. (...) O que tem que melhorar ali no pescado, vamos dizer... Algumas coisas que acontecem, **que às vezes fogem dos limites**. Entra carro para carregar sem ser da firma de lá. Entra carro de feirante, então, quer dizer, quando se tem a norma, que o feirante tem que ficar do lado de fora da cerca. (...) Pouca fiscalização. Falta fiscalização, falta sim.[206]

> Tem muita coisa para melhorar um pouco, fiscalização, para bater em cima do clandestino, **para bater em cima das empilhadeiras**, que **atrapalha muito o serviço do carregador**, e muito mais. Melhorar essa buraqueira para melhorar para o carregador, para todos nós que vêm, vêm muitas pessoas aí.[207]

> Falta fiscalização. Nós tivemos uma reunião sobre isso. Porque eles [direção da CEAGESP] não aceitam a gente acompanhar [a fiscalização]. Porque quando nós acompanhamos, melhora. Porque nós conhecemos as pessoas. A gente fala: "Aquele não tem documento, aquele não tem, conhece as pessoas que têm documento e as que não têm". Eles não aceitam, se a gente acompanhasse eles seria melhor.[208]

Não iremos esmiuçar os diversos problemas estruturais e de infraestrutura do Entreposto Terminal São Paulo até por não ser esse o eixo central de nossa investigação. Porém, é evidente, pelo que já trouxemos em outros momentos na dissertação, que o espaço é muito sujo, sujeito à ocorrência de acidentes, sem fiscalização do que acontece internamente, malcuidado (há buracos nas ruas) e, portanto, também mal administrado.

As declarações que acabamos de reproduzir retratam, ou melhor, ratificam, por si só, a inexistência de um sistema de gestão mínimo que seria necessário para uma central de abastecimento que é, simplesmente, a maior da América Latina e que gosta de ostentar tal título. Tamanha contradição, aliás, ocorre em uma empresa federal que é mantida com dinheiro público e que deveria servir de modelo para os outros equipamentos do gênero no país.

O paradoxo é que o Entreposto Terminal São Paulo, mesmo assim, ainda é referência, apesar de todas as dificuldades e falhas que se mostram presentes no seu dia a dia. Tudo parece conspirar para dar errado, como no caso dos acidentes, que dissemos anteriormente. Entretanto, mesmo com os altos números de atendimentos realizados pelo serviço de

---

[206] Extraído da entrevista com carregador do Pátio do Pescado.
[207] Trecho de fala do profissional da Feira de Flores.
[208] Consideração feita pelo diretor do Sindicar, com explicação entre colchetes nossa.

ambulância[209], a situação, surpreendentemente, não é tão calamitosa. Os motivos estão nas justificativas dadas pelos entrevistados.

> Isso [acidente] é pouco aqui dentro, porque andar com carrinho para cima e para baixo, trânsito, caminhão, empilhadeira no meio... **depois das empilhadeiras aumentou mais**, já teve acidente com empilhadeira, **porque a empilhadeira é muito arriscada**, ela vira para andar, anda de ré, para trás, vai passar com peso, carregada, por aí, quando ela sobe, é mais difícil de acontecer.[210]

> Eu nunca tive nenhum acidente não e também nunca provoquei um não, mas eu já vi acontecer com outras pessoas. **Por causa de que, às vezes, as pessoas se distraem e, às vezes, o carregador vem vindo. É por isso que botou um limite de caixa**. Botou um limite de caixas, porque antes o cara ia fazer uma viagem, queria aproveitar bem, e se pudesse colocar 35 caixas, ele punha 35 caixas no carrinho e aí, 35 caixas vai dar quanto de peso? (...) E aí, fica ruim para a pessoa segurar, **se a pessoa entra na frente, não tem como o carregador controlar**. Por isso que **diminuiu para 25 caixas, mas assim mesmo, é quase 300 quilos**.[211]

> Eu acho que o acidente mais comum um pouco é da gente se movimentar do serviço, **tem que ter cuidado de não machucar um braço, perna, se livrar um pouco do próprio companheiro de trabalho**, porque todos nós somos companheiros de trabalho (...) a gente procura não se livrar do outro. Mulher, porque **tem muita mulher no setor da flor**, que é um setor também que vem muita mulher para conhecer o Ceasa. **A gente tem preocupação com uma criança, com uma senhora de idade, a gente tem essa preocupação no dia a dia ali**.[212]

A primeira declaração retoma a contrariedade com a presença da automação no transporte de mercadorias. Ao fato, já citado, de que isso tira trabalho dos carregadores pela questão da economia de tempo, soma-se a questão de que os acidentes provocados pelas máquinas acabam, geralmente, tendo consequências mais graves "(...) porque a empilhadeira é muito arriscada (...)".

Até com base nas observações de campo gerais e específicas que fizemos, ratifica-se, conforme consta no segundo comentário, que a distração das pessoas, ao circularem dentro do entreposto paulistano, é que gera esse tipo de ocorrência, uma vez que é preciso atenção para transitar em meio aos veículos e carregadores.

Chama a atenção, ainda nessa fala, que o limite máximo de caixas que pode ser movimentado nos carrinhos de madeira foi estabelecido justamente para se evitar acidentes,

---

[209] Rever números de acidentes na nota de rodapé 176.
[210] Extraído da conversa em profundidade com o diretor sindical, com explicação entre colchetes nossa.
[211] Afirmação de E.L.O., que transporta pescados.
[212] Fala de E.S.A., da Feira de Flores.

pois “(...) se a pessoa entra na frente, não tem como o carregador controlar Por isso que diminuiu para 25 caixas, mas assim mesmo, é quase 300 quilos.”

É perceptível, não só no discurso, mas também na prática da atividade, o cuidado que esses profissionais mantêm para não machucarem partes do corpo como braços, mãos e pernas. No caso da Feira de Flores, que recebe um perfil variado de visitantes, além dos tradicionais compradores atacadistas, a atenção é redobrada: “A gente tem preocupação com uma criança, com uma senhora de idade, a gente tem essa preocupação no dia a dia ali.”

A forte presença do Sindicar junto aos carregadores, atestada anteriormente inclusive pela influência na indicação de votos nas campanhas eleitorais, se faz sentir também na simbologia que significa fazer parte da entidade. Mesmo sem dispor de remuneração alguma, ser diretor é visto como um fator extremamente relevante, que não tem nada a ver com um suposto personalismo.

Pelo contrário, a atividade linguageira *sobre* o trabalho nos revelou que integrar a esfera sindical é sinônimo de manter-se atualizado sobre os acontecimentos do entreposto paulistano e da rede que compõe a CEAGESP. O panorama é certificado por E.S.A., da Feira de Flores, que por ser dirigente (não remunerado), participa das reuniões mensais do sindicato e, com isso, acaba dispondo de “mais informação”.

Esse diferencial serve, como pontuado anteriormente, para propagar as notícias aos demais profissionais, segundo conta E.L.O.: “(...) a gente tem como **ter um conhecimento melhor com a diretoria da CEAGESP** e, através disso, **a gente tem outros conhecimentos**, que ajuda a categoria.” Logo, a comunicação oral, no “boca a boca”, realizada inclusive pelos dirigentes não remunerados, configura um importante instrumento, que é usado pelo Sindicar para exercer influência junto aos associados.

Uma dinâmica que promovemos ao final das conversas em profundidade, a partir dos registros fotográficos que realizamos, foi a exibição, para os entrevistados, das imagens tiradas por nós, que retratavam a atividade laboral desempenhada por eles nas observações de campo específicas. O intuito era verificar se esses carregadores se reconheciam enquanto trabalhadores.

As impressões ao se verem retratados causaram reações diferentes em cada um deles. E.S.A., que nunca tinha se visto em ação no entreposto, se surpreendeu e demonstrou contentamento com as fotos em que aparecia em atividade: “Olha, **é estranho** [se ver

trabalhando] porque **a gente não é acostumado a se ver trabalhando** assim, a gente fica muito feliz."[213]

Já o profissional do Pátio do Pescado foi bastante lacônico e não se mostrou surpreso com as imagens. Dizendo não ser a primeira vez em que se via fotografado profissionalmente, ele alegou se tratar de algo bastante "normal" a sequência exibindo as dificuldades inerentes ao seu trabalho.

Por sua vez, o dirigente sindical voltou seu olhar para a falta de fiscalização, por parte da CEAGESP, na movimentação de produtos na central de abastecimento: "**Carregador é sempre bom**, só esses carrinhos amarelos que atrapalham. (...) eles não podem fazer a circulação, de entrega de mercadoria, só pode descarga. (...) A briga nossa com o sindicato é com isso daí." Em tempo, os equipamentos mencionados são dos trabalhadores que têm vínculo empregatício formal com os permissionários. Os dos autônomos, recordamos, são pintados na cor cinza.

Ressalta-se que havíamos avisado formalmente todos os três carregadores que adotaríamos esse procedimento durante a exploração de campo específica. Ou seja, eles sabiam que estavam sendo retratados iconograficamente ao longo da observação do ofício, dando até a sensação de pararem, por vezes, a atividade para saber se estávamos conseguindo tirar as fotos. Não que, com isso, fizessem poses, estratégica e intencionalmente, para nós.

Pelo que expusemos nesse capítulo, percebemos o quão enriquecedor é notar os pormenores que submergiram nas entrevistas em profundidade que empreendemos. Dar vez e, principalmente, voz a esses profissionais autônomos só mostrou o quanto as relações interpessoais estabelecidas pela categoria, sempre mediadas pela comunicação oral, são basilares para a execução diária de um ofício braçal árduo, bruto e bem difícil.

O conhecimento do trabalho se materializa pelos discursos que circulam o cotidiano da profissão e também auxiliam no próprio posicionamento social desses trabalhadores enquanto sujeitos que desempenham uma atividade essencial na cadeia de abastecimento, o que, na maioria das vezes, passa despercebida ou, pior, é preconceituosamente desprezada na luta de classes.

[213] Com explicação, entre colchetes, nossa.

21. QUAIS RESULTADOS ALCANÇAMOS

Antes disso, não conhecia nada além do deserto
e das trilhas da caravana.
ITALO CALVINO

Quando pensamos o ponto que chegamos em nossa empreitada, o primeiro item a ser salientado é que não finalizamos um projeto que nos possibilite a obtenção de produtos inéditos ou de novas tecnologias de ponta. A constatação aparenta ser até muito óbvia, dada a natureza do nosso objeto de estudo. Porém, face ao atual cenário de menosprezo e desmantelamento no país às pesquisas, ainda mais daquelas que não se encaixem no escrutínio meramente monetarista, torna-se imperativo reafirmar a importância de estudos que questionem o papel do homem na sociedade.

Como vimos ao longo de nosso percurso, a investigação que promovemos se situa na discussão sobre a imbricação entre a comunicação e o mundo do trabalho, o que é compreendido na perspectiva da ontologia do ser social. Assim, analisamos o homem que trabalha e cuja atividade laboral, a qual é repleta de sentidos e (res)significações, contribui para a formação da identidade do próprio indivíduo.

Inserida no contexto das Ciências Sociais, o que indica o constante processo de mutação do objeto empírico, nossa pesquisa não é estática nem passível de procedimentos repetitivos em salas fechadas de laboratórios. Assim, tivemos de buscar postulados epistemológicos que justificassem o que acontece na prática laboral dos carregadores autônomos da CEAGESP. Isso possibilitou que entendêssemos melhor o que víamos no cotidiano da companhia federal, quando da nossa passagem profissional pela Coordenadoria de Comunicação e Marketing.

Daí, inclusive, todo o cuidado e rigor metodológico que mantivemos durante as fases da investigação, de modo que as nossas escolhas e interpretações não ficassem sujeitas a visões pré-concebidas, advindas de um suposto conhecimento prévio dos cenários e do próprio objeto de estudo. Essa postura permitiu guiar nosso trabalho pela égide do que representa o papel social do pesquisador.

Tal posicionamento esteve presente desde o início, quando da nossa opção por estudarmos os carregadores. A inexistência de uma pesquisa que avaliasse a importância dessa atividade laboral, que não é percebida tampouco assimilada pelos próprios trabalhadores braçais, despertou em nós a necessidade de vislumbrar essa questão pelo viés da

comunicação, como forma de entender que tipo de profissional é esse que atua, em pleno século XXI, dentro de padrões medievais de produção capitalista.

Disso decorre a compreensão de que a empreitada científica que realizamos se situa, como acabamos de reiterar, no campo das Ciências Sociais, uma vez que o objeto empírico, analisado pela óptica comunicacional, se mostrou dinâmico e complexo, haja vista estarmos tratando de algo que coloca o ser humano, e todas as suas contradições, no centro da discussão.

Era evidente, mesmo antes de iniciarmos a investigação, a centralidade da comunicação junto aos carregadores autônomos, que mantêm interlocução com os mais diversos tipos de públicos que circundam a esfera do entreposto paulistano. E, nessa perspectiva, é justamente esse elemento, assentido pelo tradicional "boca a boca", que lhes possibilita as condições para a execução de seu ofício. Portanto, os aparatos tecnológicos de informação não têm valia alguma na rotina desses profissionais.

Para chegarmos às características que configuram esse trabalhador, tivemos de depreender, ainda que sem nos aprofundarmos empiricamente, os cenários que propiciam a sua atuação. Afinal, nunca é demais lembrarmos que estamos nos referindo a um trabalho eminentemente masculino, braçal e árduo que sobrevive na maior central de abastecimento da América Latina de frutas, legumes, verduras, flores, pescados e diversos (alho, batata, cebola, coco seco e ovos). E, como se não bastasse, com todos os percalços existentes no gerenciamento de uma empresa estatal que, ao longo dos tempos, nunca conseguiu, com raros períodos de exceção, demonstrar sua relevância para a sociedade.

Nesse sentido é que imiscuímos as indagações que perpassaram o andamento da nossa pesquisa. Como as relações de comunicação permitem a realização do trabalho dos carregadores? Há alguma maneira específica para se transportar os diferentes tipos de produtos? Quantos quilômetros o carregador caminha ao longo da jornada de trabalho? Quantas horas ele trabalha diariamente? Quanto ganha com esse trabalho? Como o trabalhador se informa sobre o que acontece na CEAGESP? Como é a sua relação com permissionários e compradores? Há alguma linguagem específica que utiliza para executar seu ofício? Esses são alguns dos questionamentos com os quais deparamos em nossa trajetória.

Tais dúvidas foram fundamentais para orientar nossa busca científica. De todas as questões levantadas, a única que não conseguimos aferir foi a quilometragem percorrida pelo carregador autônomo em sua atividade de trabalho. O dado, buscado junto aos próprios profissionais, é difícil de ser catalogado e nunca foi contabilizado, pois isso depende,

exclusivamente, de se conseguir ou não serviço e da quantidade de viagens realizadas, as quais não têm percurso definido. Aliás, quantificar o ganho financeiro do trabalhador também é tarefa complicada, já que por serem autônomos, dependem desses dois elementos para obterem renda.

Face a essa conjuntura é que a decisão por se desenvolver uma pesquisa exploratória se apresentou deveras acertada. Dessa maneira, pudemos construir (e reconstruir) nosso objeto de estudo, com base na série de observações de campo gerais e específicas que efetuamos na central de abastecimento da Vila Leopoldina. A essa técnica se somaram as entrevistas aprofundadas e o registro de imagens fotográficas, que foram fundamentais para se entender, epistemologicamente, a rotina desse trabalho.

Como exemplo, a análise das fotos nos permitiu ratificar o que acompanhamos nas explorações de campo: a atividade diária de movimentar mercadorias no entreposto paulistano é extremamente bruta, árdua e exaustiva, demandando sempre muito esforço físico por parte dos trabalhadores. A exceção no quesito força fica por conta do transporte de flores e plantas, cuja carga costuma ser mais leve que a dos demais setores, despendendo, porém, maior delicadeza na sua manipulação.

> (...) a orquídea, que é uma planta que a gente não pode bater muito, é um setor que a pessoa tem mais... que **a pessoa presta mais atenção àquele produto**, está entendendo?[214]

Essa acuidade com o produto é que faz com que o perfil de quem trabalha na Feira de Flores seja de homens mais idosos, que levam carregamentos menos pesados e sabem lidar melhor com esse tipo de gênero. Bem diferente daqueles que atuam no pescado, que normalmente são de faixa etária mais nova por precisarem de força maior para o transporte, que é, obviamente, mais complicado, como pudemos verificar *in loco* e também nas conversas em profundidade.

Por sinal, a entrevista que promovemos inicialmente com o diretor sindical foi determinante para traçarmos a estratégia de observação do trabalho dos carregadores. Serviu para que víssemos as diferenças que há na maneira de se transportar flores e pescados, alvos que definimos para a nossa investigação de campo. Aliás, esse jeito peculiar, que não passa por nenhum tipo de treinamento especializado, é que propicia que determinado profissional seja escolhido para a execução do serviço, e não outro. A isso se alia ainda a questão da relação interpessoal, que também contribui para se ter “sucesso na carreira”.

[214] Afirmação de E.S.A., que trabalha na Feira de Flores.

Nesse ínterim, convém destacarmos a importância de outro agente essencial ao nosso estudo, no caso, o Sindicar. Sem nos aprofundarmos institucionalmente a seu respeito, o fato é que a entidade, que por vezes assume um caráter muito próximo ao de uma cooperativa de trabalhadores, se vê refém de uma estrutura que nos parece não contemplar o que se espera de uma atividade sindical que lute, abnegadamente, pelos direitos da classe trabalhadora.

Mesmo assim, diante até de um certo paternalismo, que ajuda a explicar o motivo de seu presidente estar praticamente há três décadas ininterruptamente à frente da direção, o Sindicar acaba assumindo um papel de intermediador dessa mão de obra junto aos permissionários, compradores e à CEAGESP. Afinal, é o sindicato que define a tabela de valores cobrados pelos gêneros transportados (em conjunto com o sindicato patronal) e quem faz a interface para a entrada de novos carregadores na estatal (em parceria com a própria empresa).

Vale destacar que fazer parte da diretoria (mesmo sem ser remunerado para a função) é algo bastante significativo para o carregador – não que isso lhe confira *status*. Nessa posição, ele dispõe de mais informações sobre o cotidiano do Entreposto Terminal São Paulo e de toda rede da companhia federal, por poder participar de reuniões e agendas com as cúpulas das instituições que integram a cadeia de abastecimento. Logo, ser diretor significa transmitir as notícias que dizem respeito à profissão ao restante da categoria. Ou seja, ele é o instrumento primordial de comunicação do sindicato com seus associados.

Mas por conta das vissicitudes que cercam o Sindicar, e também a direção da CEAGESP, não é exagero algum apontarmos que os carregadores autônomos, que desempenham suas atividades em um estado quase pleno de barbárie, dependem somente deles mesmos para se organizarem e, assim, manterem seu trabalho. Disso advém, inclusive, a alusão que estabelecemos com as condições laborais dos trabalhadores braçais da época medieval.

Frise-se que a compreensão desse quadro só se tornou plausível quando passamos a analisar a relação da comunicação com o mundo do trabalho. Estudar esse binômio permitiu verificar como a intersecção dessas duas áreas do conhecimento contribui para conferir identidade a esse profissional, proporcionando que ele se reconheça enquanto um ser social.

Para lograrmos essa constatação, tivemos de nos debruçar sobre as correntes teóricas comunicacionais que nos auxiliassem a compreender melhor que situação de trabalho era essa que se descortinava. Disso decorre a relevância da linha dos Estudos Culturais, que

possibilitam adentrar nos significados da experiência humana, que é espraiada em variados aspectos e práticas cotidianas.[215]

Como reflexo disso, aliás, nos amparamos na lógica das mediações, proposta por Jesús Martín-Barbero, que foi basilar por ser quem, acreditamos, melhor exponha as influências dos Estudos Culturais na América Latina. Para tanto, ele vincula a cultura popular à comunicação para mostrar como essa junção se traduz em um processo de mediações.[216] Isso conflui à nossa pesquisa, já que são os contatos interpessoais estabelecidos pelos carregadores autônomos, especialmente com os permissionários e os compradores, que viabilizam a sua rotina de trabalho no entreposto da Vila Leopoldina.

Dessa forma, a linguagem é outro foco no qual nos ativemos conceitualmente, haja vista ser ela o resultado das generalizações e das abstrações da atividade laboral.[217] Como estamos tratando de um profissional que é embasado/formatado pela constituição da ideologia do cotidiano, prescindimos da filosofia da linguagem para compreender a sua própria existência humana.[218]

Por isso é que a análise do discurso desse trabalhador ostenta uma importância na nossa investigação. Esse encaminhamento só se tornou viável ao interpretarmos as conversas aprofundadas, tendo em vista a significação da atividade linguageira relacionada *sobre*, *como* e *no* trabalho do carregador.[219] Sem dúvida, essa formulação ajudou a depreendermos como o trabalho se junta à comunicação para conceber a identidade profissional, e mesmo pessoal, do nosso objeto de estudo, além de apontar como a linguagem atua na concretização da atividade laboral.

Cabe pontuar também os percalços que tivemos em nosso estudo. Nesse contexto, a falta de informações institucionais e de entrevista por parte da direção da CEAGESP e a negativa do Sindicato dos Permissionários em Centrais de Abastecimento de Alimentos do Estado de São Paulo (Sincaesp) em participar da nossa investigação valorizaram ainda mais o sentido das observações de campo gerais e específicas, que promovemos majoritariamente no turno da madrugada. Esse desafio só endossou o compromisso para que construíssemos, atentamente e com todo rigor metodológico necessário, nosso objeto empírico.

---

[215] JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?**, pp. 197-198.
[216] Para relembrar esse sentido, consideramos rever COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. *Redes sociais e os estudos de recepção na internet*, pp. 76-77.
[217] LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**, p. 92.
[218] BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, Valentin). **Marxismo e filosofia da linguagem**, pp. 31, 46.
[219] As três vertentes da linguagem podem ser revistas em NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem*, pp. 19, 22, 25 e também em BOUTET, Josiane. *Atividades de linguagem em situações de trabalho*, p. 92.

Compreender os sentidos desse ofício, à luz dos preceitos marxistas, mais atuais do que nunca, e de crítica à lógica eminentemente capitalista, possibilitou que déssemos visibilidade aos carregadores. Nem assalariados tampouco empreendedores, mesmo que a caracterização autônoma da tarefa lhes pareça impingir, erroneamente, essa impressão, eles desenvolvem um trabalho declaradamente precarizado.

Ao mesmo tempo, apesar de toda vertente opressora que assoma e assombra a figura desse trabalhador, é possível vislumbrar, pelo viés da ergologia, o inédito da atividade e o conhecimento que ela carrega consigo. Daí que locomover um carrinho de madeira, com 300 quilos de carga, pelas ruas e corredores apertados da central da capital paulista, diz muito mais que força, brutalidade e suor. Representa a garantia, desconhecida intencionalmente ou não, de que não faltará comida, todos os dias, na mesa das famílias brasileiras, independentemente do seu patamar socioeconômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

22. À GUISA DE UMA CONCLUSÃO

Eu sou o início, o fim e o meio
RAUL SEIXAS/PAULO COELHO

É fato que, passados pouco mais de dois anos, pudemos ver que a trajetória que nos trouxe até a finalização da nossa pesquisa de mestrado foi demorada por vezes, porém, na mesma medida, muito rápida. Tal dicotomia fez com que pudéssemos aprender, ao longo desse percurso, que empiria e prática são fundamentais para a consecução de investigações epistemológicas, ainda mais daquelas que tenham o homem como cerne da práxis social, o que nos coloca a obrigação de sermos zelosos especialmente com os erros, criticando-os dialética e enfaticamente, e sabendo entender os acertos como resultante do desenvolvimento de uma sociedade que se queira avançar democrática e cientificamente.

No nosso caso específico, o estudo que realizamos nos permitiu enxergar muito além da figura tradicional do carregador da CEAGESP, que já conhecíamos quando da nossa passagem profissional pela estatal. Mais que averiguar que empurrar ou puxar um carrinho de madeira requer muita força física, conseguimos ampliar nossa percepção acerca dessa atividade para outros elementos, não identificáveis em um primeiro momento diante da temporalidade efêmera dos significados assumidos pela realidade que vivenciamos.

Nesse sentido, cumpre destacarmos a compreensão que obtivemos do aporte metodológico em uma pesquisa de comunicação como a nossa. Entre outros pontos, evidenciaram-se a necessidade do conhecimento metodológico, o exercício da vigilância epistemológica ou da crítica do conhecimento do que se está produzindo, a precisão da crítica aos obstáculos metodológicos que se apresentam no processo de investigação, além das opções e decisões que caracterizam esse trabalho e o atrelam à responsabilidade científica do pesquisador.[220]

> As técnicas de pesquisa são instrumentos por meio dos quais são obtidas ou coletadas as informações ou dados brutos da pesquisa. Elas são propriamente técnicas de observação ou de investigação (questionário, entrevista, história de vida etc.), no que se diferenciam das técnicas de análise (tabulação e classificação) que lhes sucedem (...) Uma vez escolhidas, as técnicas conferem um significado epistemológico ao tratamento do objeto e um significado teórico aos problemas que se apresentam ao objeto.[221]

---

[220] LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**, pp. 159-161.
[221] LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**, pp. 146-147.

Essa acuidade no desenvolvimento técnico da pesquisa possibilitou vislumbrarmos que, mesmo em meio ao cenário de modernidades e aparatos tecnológicos tão presentes no mundo atual, inclusive na área da comunicação, a atividade dos carregadores sobrevive calcada em situações medievais no seu fazer laboral cotidiano, por mais que eles estejam trabalhando na maior central de abastecimento da América Latina de frutas, legumes, verduras, flores, pescados e diversos (alho, batata, cebola, coco seco e ovos).

Não iremos aqui discorrer novamente sobre todas nossas descobertas. Ao que interessa nesse ponto de inflexão (e de reflexão), vamos ratificar que nosso estudo entende o binômio comunicação e mundo do trabalho pela perspectiva da ontologia do ser social, o que serviu para guiar, sobremaneira, todas as decisões adotadas para completar essa investigação.

Amparados pela lógica marxista do que representa o trabalho e o próprio mundo, tão atuais nos dias de hoje, concluímos que a mais-valia desse ofício é expropriada pelos permissionários e a direção da CEAGESP, que se valem da situação autônoma da profissão para legitimarem, sem direitos trabalhistas algum, a atividade dentro dos moldes precários de apropriação do valor de uso e do valor de troca.

Aliás, tenta-se vender a ilusão de empreendedorismo, balizada inclusive pela obrigatoriedade dos próprios carregadores terem de arcar com a contribuição previdenciária para poderem trabalhar na movimentação interna de mercadorias. Pelas entrevistas aprofundadas, ficam claras as dificuldades para eles garantirem o sustento de suas famílias, o que faz com que atuem em mais de um setor de comercialização de produtos, o que só prolonga a quantidade de horas passadas no trabalho.

Salientamos que esses profissionais dispõem de uma maneira toda peculiar para carregar e preservar os gêneros transportados, sejam eles quais forem. Essa constatação só se tornou palpável a partir do momento em que empreendemos uma exploração de campo, que nos revelou o significado dos sentidos desse trabalho.

Por sinal, o conhecimento específico que a tarefa laboral requer, e que passa despercebida muitas vezes pelos próprios profissionais, veio à tona quando nos apoiamos na perspectiva ergológica, ocasião em que pudemos notar o caráter do inédito desse trabalho, que faz com que cada tipo de mercadoria tenha uma maneira diferenciada de ser carregada.

Essa atividade, essencialmente masculina (não há mulheres) e forçosamente bruta e árdua, só se viabiliza, atualmente, graças às relações interpessoais que a categoria mantém junto a permissionários, compradores, à CEAGESP e ao sindicato que os representa.

É com base nas mediações, estabelecidas pela comunicação oral, que os carregadores desenvolvem sua profissão diariamente no entreposto paulistano. Nesse sentido, a análise dos

discursos *sobre* o trabalho, afloradas nas entrevistas em profundidade, se mostrou fundamental para entender os liames que regem tal cotidiano.

Em que pese formalmente terem sua função registrada na central paulistana por meio de norma interna que lhes garante a exclusividade da tarefa, falta-lhes ainda o reconhecimento, na prática, de seu papel na estrutura da companhia federal. Isso faz com que essa força de trabalho não seja devidamente valorizada como deveria, o que implica na dificuldade de obter melhorias para o bom desempenho diário do trabalho.

Frisamos que, para o desenvolvimento de nossa investigação, não contamos com informações institucionais sobre a CEAGESP, o que nos auxiliaria a entender a lógica laboral dos carregadores. O fato chega a ser surreal, já que a Lei de Acesso à Informação (Lei federal 12.527/2011) garante que todos os dados públicos devem estar disponíveis para consulta ou passados quando solicitados. A situação só reforçou o cuidado epistemológico na metodologia que adotamos, de modo que fizéssemos surgirem essas informações.

Não à toa, começamos a dissertação relembrando a origem histórica das feiras. Afinal, em pleno século XXI e numa metrópole da dimensão e importância de São Paulo, subsiste com vigor um ofício com características eminentemente medievais. Assim, urge contrapor tamanha precariedade, que viceja a olhos nus ao percorrer o entreposto da Vila Leopoldina.

Desse modo, esperamos que a pesquisa forneça aos carregadores condições de se tornarem vozes ativas e realmente partícipes nas discussões que dizem respeito ao futuro da CEAGESP, como a mudança (inevitável) de endereço da central paulistana. Reiteramos que mais do que uma alteração de CEP, esse processo precisa garantir a esses trabalhadores qual será o papel deles dentro da estrutura e da lógica de operação de um novo perfil de mercado que, assim se espera, seja diferente do que se tem hoje.

No momento em que direitos e conquistas sociais se encontram em fragmentação no país[222], o que inclui críticas preconceituosas a estudos acadêmicos, especialmente os que vicejam a igualdade de condições dentro de um mundo do trabalho cruel, neoliberal e voltado unicamente para a expropriação cada vez maior da classe trabalhadora, tirando-lhe inclusive o significado dessa alcunha, esperamos que os carregadores autônomos do Entreposto Terminal São Paulo se apropriem dos resultados, e mesmo das dúvidas suscitadas nessa pesquisa.

Sem querermos ser fatalistas, ou esses profissionais fazem valer a sua força de trabalho, inclusive utilizando a comunicação para registrar sua importância na cadeia de abastecimento ou, do contrário, eles correrão o risco de verem sua atividade ser extinta, em

[222] A contextualização ao momento que vivenciamos está mencionada na nota de rodapé número 10.

um futuro não tão remoto assim. É preciso, inclusive, repensar a lógica da representatividade sindical, uma vez que em nome de uma nova concepção de entreposto, calcada em uma pretensa modernidade, há a possibilidade real de que o ofício venha a ser realizado por máquinas, como as empilhadeiras, ou outro tipo de mão de obra explorada diretamente por permissionários ou mesmo pela direção da CEAGESP. Assim, por ora, cumpre aos carregadores estarem bem atentos a um conhecido jargão romano: “Alea jacta est (A sorte está lançada)”.

BIBLIOGRAFIA

23. REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *A indústria cultural*. in: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e indústria cultural**. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho** – Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

APPADURAI, Arjun. *Disjunção e diferença na economia cultural global*. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura global**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso** – Literatura e história, São Paulo: Ática, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento** – O contexto de François Rabelais. 4ª edição. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BONIN, Jiani Adriana. *Nos bastidores da pesquisa*: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória** – Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O campo científico*. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *Compreender*. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOUTET, Josiane. *Atividades de linguagem em situações de trabalho*. **Revista Parágrafo**, volume 4, número 1, janeiro/junho de 2016.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Enunciação e construção do sentido*. In: FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CAVALLI, Ângela Beatriz; GODINHO, Ana Cláudia Ferreira. **Linguagem e trabalho**: aproximações a partir da experiência da cooperativa Univens. IV Simpósio Nacional Tecnologia e Sociedade. Curitiba, UTFPR, 2011.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. *Redes sociais e os estudos de recepção na internet*. **Revista Matrizes**, número 2, 2011.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo** – Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESCOTESGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos Estudos Culturais** – Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

FÍGARO, Roseli. **Comunicação e trabalho** – Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi/Fapesp, 2001.

_____. *Atividade de comunicação e de trabalho*. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, volume 6, número 1, 2008.

_____. *Comunicação e trabalho*: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção. **Mediaciones Sociales** – Revista de Ciencias Sociales y La Comunicación. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, número 4, primeiro semestre de 2009.

_____. *Estudo de recepção e ergologia*: novos desafios teórico-metodológicos. **Revista Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, E-Compós, volume 12, número 3, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1998.

FOLCHER, Viviane; RABARDEL, Pierre. *Homens, artefatos, atividades*: perspectiva instrumental. In: FALZON, Pierre. **Ergonomia**. São Paulo: Editora Blucher, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Sueli de Castro. **O território de trabalho dos carregadores piauienses no Terminal da CEAGESP**: modernização, mobilização e a imigração. São Paulo, 2007. Tese de doutorado – FFLCH/USP.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **O sistema de vida ética**. Lisboa: Edições 70, 1991.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz Carlos; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da comunicação** – Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2013.

ISER, Fabiana. *Pesquisa exploratória*: a relevância da aproximação empírica para as definições da pesquisa. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KOSSOY, Boris. *Elementos para el dessarollo de la historia de la fotografia em America Latina*. In: **Memorias del primer coloquio latino-americano de fotografia**. México, Conselho Mexicano de Fotografia (org.), 1978.

_____. **A fotografia como fonte histórica**: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, Coleção Museu & Técnicas, número 4, 1980.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 5ª edição. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. *Pesquisa de comunicação*: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, volume XXVII, número 1, janeiro/junho 2004.

_____. *Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação*. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; MARTINO, Luiz Claudio (orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

_____; ROMANCINI, Richard. *Epistemologia da comunicação*. In: CITELLI, Adilson; BERGER, Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; FRANÇA, Vera (orgs.). **Dicionário de comunicação** – Escolas, teorias, autores. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *História dos estudos em comunicação no Brasil*: a institucionalização de um campo interdisciplinar. In: SIMONSON, Peter, PARK, David (eds.). **New histories of communication study**. London: Routledge, 2016.

MACHIN, Rosana; COUTO, Márcia Thereza; ROSSI, Cintia Cristina Silva. *Representações de trabalhadores portuários de Santos-SP sobre a relação trabalho-saúde*. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, volume 18, número 4, 2009.

MARIN, Elizara Carolina. *O ofício da pesquisa*: processos do fazer. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

_____. **Ofícios de cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARX, Karl. **O capital** – Crítica da economia política. Volume I, Livro Primeiro. *O processo de produção do capital*. Tomo 1. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

_____. **Cultura, arte e literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 4ª edição. São Paulo: Loyola, 2001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem:* dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez; FAÏTA, Daniel (orgs.). **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002.

PIRENNE, Henri. **As cidades da Idade Média**. Coleção Saber. 6ª edição. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2009.

POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa** – Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. **Trabalho e ergologia** – Conversas sobre a atividade humana. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.

SODRÉ, Muniz. *Eticidade, campo comunicacional e midiatização*. In: MORAES, Denis de (org.). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**, São Paulo: Polis, 1980.

CASAQUI, Vander. *A construção do papel do empreendedor social*: mundos possíveis, discurso e o espírito do capitalismo. **Galaxia**, São Paulo, número 29, junho 2015.

_____; RIEGEL, Viviane. *Google e o consumo simbólico do trabalho criativo*. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, volume 6, número 17, novembro 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

OUTRAS PUBLICAÇÕES E FONTES DE CONSULTA:

Diário Oficial do Estado de São Paulo, edição do dia 18/10/2017.

Revista Trabalho, Educação e Saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, volume 4, número 2, 2006.

CEAGESP presta homenagem aos carregadores. Disponível em www.ceagesp.gov.br. Acesso em 20/6/2018.

Nota oficial sobre PND e mudança de endereço do entreposto da capital. Disponível em www.ceagesp.gov.br. Acesso em 28/8/2018.

Site institucional da CEAGESP: www.ceagesp.gov.br.

Legado da privatização e contratos intermináveis causam conflito na Ceagesp. Disponível em www.redebrasilatual.com.br/politica/2014/03/exclusivo-legado-da-privatizacao-e-contratos-interminaveis-causam-conflitos-na-ceagesp-9843.html. Acesso em 25/7/2018.

Norma interna NP-OP-032 – Procedimentos para carregadores.

ANEXOS

A. QUESTIONÁRIO DE PESQUISA RELACIONADO AO DEPEC

Data do primeiro envio por e-mail: 10/4/2017
Situação: resposta final, negando repasse de informações, passada por e-mail, pelo gerente do Departamento de Entreposto da Capital (DEPEC), Pedro Horta, no dia 20/6/2017
Observação: após contatos telefônicos e por e-mail por parte do pesquisador, a partir da data inicial de envio das questões, o pedido de informações, por solicitação do próprio DEPEC, foi protocolado pessoalmente, na sede do órgão, no dia 25/4/2017

- Preciso saber exatamente o número de carregadores que hoje existem no ETSP.
- O cadastro que os carregadores precisam ter para atuarem no ETSP é renovado anualmente? Caso contrário, qual é a periodicidade?
- O que é preciso para fazer esse cadastro?
- Para fazer o cadastro paga-se alguma taxa? Se sim, qual o valor.
- Qual é a idade média dos carregadores do ETSP?
- Qual é a porcentagem de carregadores que vieram do Piauí? É possível dispor, pelo cadastro, de levantamento de origem dos carregadores?
- Em qual região, bairro ou município residem a maior parte dos carregadores que atuam no ETSP?
- Preciso de cópia da tabela de preço de produtos e de quantidade de caixas que os carregadores são autorizados a transportar em cada viagem feita.
- Há fila de espera para novos carregadores? Se sim, estimar, por favor.
- Há muita rotatividade de carregadores no ETSP, ou seja, há muita gente que abandona a profissão? Se sim, favor estimar.

B. QUESTIONÁRIO DE PESQUISA RELACIONADO AO SINCAESP

Data do primeiro envio por e-mail: 13/4/2017
Situação: resposta final, negando entrevista e informações, passada por contato telefônico, pela assessoria de imprensa da entidade, no dia 22/6/2017
Observação: até o momento de conclusão da dissertação, o Sindicato dos Permissionários em Centrais de Abastecimento de Alimentos do Estado de São Paulo (*Sincaesp) não encaminhou via e-mail tal posicionamento; a assessoria de imprensa da entidade já havia comentado que dificilmente ocorreria o registro por questões de ordem jurídica envolvendo os carregadores*

- Como o Sincaesp vê o trabalho desenvolvido atualmente pelos carregadores no ETSP?
- Quais são as principais necessidades de melhorias que o Sincaesp aponta no caso dos carregadores que atuam no ETSP?
- Como é, em geral, a relação dos permissionários com os carregadores?
- O Sincaesp faz uso de alguma interlocução junto ao Sindicar no sentido de auxiliar os permissionários na contratação de carregadores ou mesmo em outras situações? Detalhar.
- Como o Sincaesp vê a atuação restrita de empilhadeiras no ETSP?
- A presença de um número maior ou mesmo a liberação de uso de empilhadeiras melhoria a atuação dos permissionários no ETSP? Se sim, explicar o(s) motivo(s).
- O Sincaesp considera adequada a tabela de preço e quantidade de mercadorias que os carregadores têm para transportar? Explicitar.
- Que visão o Sincaesp tem de futuro para um mercado nos moldes (não físicos) do ETSP?
- Que modelo de mercado o Sincaesp defende?
- Qual é a relação do Sincaesp com a direção da CEAGESP?
- Qual é a relação do Sincaesp com o Sindicar?
- Como o Sincaesp avalia a criação, via lei estadual, de uma data comemorativa aos carregadores?[223]
- O Sincaesp acredita ser possível o ETSP permanecer no mesmo local até quando?

[223] No período em que mantivemos contato com a assessoria de imprensa do Sincaesp, o Dia do Carregador era um projeto de lei ainda em tramitação na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

- Quais entraves o Sincaesp vê ser preciso a CEAGESP superar, de modo que ela alcance uma posição de destaque como modelo de gestão eficiente?
- Em um novo endereço e em um novo modelo de mercado, o Sincaesp acredita na permanência de atuação dos carregadores nos moldes atuais? Detalhar.
- Quais são hoje as principais dificuldades enfrentadas pelo Sincaesp no ETSP?

C. ÍNTEGRA DA ENTREVISTA INICIAL COM DIRETOR DO SINDICAR

Entrevistado: A.J.S.

Duração: 1 hora e 3 minutos

Data: 7/4/2017

Local: Sala de reunião do Sindicar

Pesquisador: Quantos carregadores nós temos no momento aqui no entreposto?

Entrevistado: 3.800.

Pesquisador: A gente tem como saber mais ou menos a faixa etária, a idade desses carregadores?

Entrevistado: A idade? A idade é a partir dos 18, tem gente de 18, tem gente de 60, tem gente de 68, tem até de 70, tem até de 80 aí. Tem até um carregador de 93 anos.

Pesquisador: Nossa! E a gente consegue falar que têm mais carregadores na faixa dos 40, 50, assim? Dá para a gente ter uma noção?

Entrevistado: Dá, para falar com eles?

Pesquisador: Não, eu digo assim, dentro desses 3.800, a faixa etária está onde?

Entrevistado: Aí tem que ir até a gerência, lá com o Raimundo, mandar puxar a ficha, que ele dá as idades de cada pessoa. Lá tem o nome, o endereço, telefone, idade e tudo.

Pesquisador: A gente tem como saber o grau de instrução de maior parte dos carregadores?

Entrevistado: O grau de estudos?

Pesquisador: É, o grau de estudos.

Entrevistado: Não, de estudos não tem não.

Pesquisador: Não? E a maior parte dos carregadores é de gente que veio lá do Piauí? Ainda é a maior parte?

Entrevistado: Que veio do Piauí? A maior parte ainda é piauiense.

Pesquisador: O senhor sabe mais ou menos quanto por cento que representa?

Entrevistado: Aí, tem uma base, mais ou menos, mas tem que ver com a presidência do sindicato qual é uma base assim porque lá, o Raimundo também sabe, porque lá tem o endereço no cadastro do carregador.

Pesquisador: Como os carregadores estão distribuídos aqui no mercado? Dá para a gente saber quantos trabalham com abóbora, por exemplo, quantos são...

Entrevistado: Não, porque de uma forma geral fica difícil, porque o carregador é autônomo, ele trabalha no setor do Ceasa, dentro do Ceasa. A maioria é da fruta para a verdura, a maioria, né, mas ele circula pelo mercado inteiro, porque se ele pega um caminhão para carregar na fruta, ele carrega na fruta, na verdura, no legume, na batata, eles circulam então pelo Ceasa completo, né.

Pesquisador: Então, não tem restrição...

Entrevistado: Não, em cada local não tem. Restrição não porque cada carregador é autônomo. Se ele é autônomo, ele circula no mercado todo.

Pesquisador: Certo. Como é que a pessoa pode se tornar um carregador aqui?

Entrevistado: O carregador, ele chega, normalmente tem pouco estudo, vem direto para o Ceasa. Aí ele tem parente, aí começa a pedir a vaga de carregador. Nessa vaga, o Zé Pinheiro, presidente, ele consegue pegar a vaga da gerência. Hoje em dia, para ter uma vaga é assim: cancela um, entra outro.

Pesquisador: E tem fila de espera?

Entrevistado: Não. Não tem a fila porque se não tem a vaga, a gente fala que não está tendo. Quem libera a vaga é a gerência.

Pesquisador: A gerência do sindicato?

Entrevistado: Não, a gerência do CEAGESP que tem a vaga, ele libera a vaga, fala para a gente: “Tem a vaga”. Aí o Zé Pinheiro faz a carta fazendo o pedido para aquele carregador...

Pesquisador: Entendi, na verdade, a vaga é aberta diretamente pelo DEPEC, é isso?

Entrevistado: É, pelo DEPEC.

Pesquisador: DEPEC abre a vaga, a partir disso...

Entrevistado: Tem uma carta para autorizar aquele carregador, entendeu? Porque o carregador, para entrar no Ceasa, tem que ser limpo. Ele tem que ter atestado de antecedência, ele tem que ter todas essas coisas. Se ele tiver processo, ele não pode ser aceito.

Pesquisador: Mas todo esse procedimento é feito pela gerência ou é feito aqui pelo sindicato?

Entrevistado: Pelos dois. O sindicato pede para o carregador que para ele entrar tem que trazer aquele atestado de antecedentes. Daí, a gerência também pede para não entrar qualquer pessoa que seja impedido, que a gente não possa ter ideia com o mesmo.

Pesquisador: E tem muita procura?

Entrevistado: Tem, tem.

Pesquisador: Mas sempre é indicação de outro parente?

Entrevistado: Indicação de outro parente. Tem parente que sempre informa...

Pesquisador: A gente tem como saber de onde vem uma parte dos carregadores? Eu quero dizer o seguinte: onde eles moram? Dá para saber?

Entrevistado: A maior parte deles vem do Piauí, lá tem um monte de cidade. Mas a maioria, hoje, é de São José do Piauí.

Pesquisador: Algum motivo?

Entrevistado: Não. Porque tem mais gente de lá. Os mais antigos são de lá mesmo. Hoje, também tem muita gente que vem de São João de Cana Brava, que é a minha cidade.

Pesquisador: Onde os carregadores residem aqui? Eles residem aqui próximo?

Entrevistado: A maioria é Osasco.

Pesquisador: A maioria é Osasco?

Entrevistado: É.

Pesquisador: A gente tem também como saber a porcentagem?

Entrevistado: É só lá no DEPEC, lá que tem todo endereço, né. Lá, você vai saber com o Raimundo, que vai dizer.

Pesquisador: O Raimundo é do DEPEC?

Entrevistado: É. Vai ver na gerência, porque na gerência está todo endereço de onde o cara mora e de onde o cara é.

Pesquisador: Entendi. Não sabia. Sempre achei que era o sindicato que fazia.

Entrevistado: Não, o sindicato faz a carta, mas de vez em quando eles falam, mas como eles renovam todos os anos, ele pode estar mudando de lugar. Todos os anos tem que dar o endereço lá.

Pesquisador: O que é essa renovação todos os anos? É obrigatório?

Entrevistado: É obrigatório, porque se morre a pessoa, você não vai saber. A pessoa vai embora...

Pesquisador: É uma atualização na verdade, é isso?

Entrevistado: Daí cancela o documento. Isso, todos os anos, porque o cara vai embora, o cara morre, então, tem que cancelar aquele documento para entrar outra pessoa no lugar, senão não entra.

Pesquisador: Entendi. Existe uma diferença da atuação dos carregadores aqui dentro? Ou seja, de repente, tem um carregador que trabalha mais em uma Feira de Flores, esse é melhor do que outro, dá para a gente qualificar?

Entrevistado: Não. É o seguinte. Na Feira de Flores trabalham as pessoas mais idosas. Por quê? Porque tem gente que é mais idoso e não vai aguentar descarregar um caminhão de laranjas. Ele não vai aguentar descarregar um caminhão de batatas. Chega um tempo que ele

faz aquele que é mais em conta. Hoje, não tem mais muito idoso porque na Feira de Flores tem muita mercadoria pesada. Tem embalagem, que precisa de quatro pessoas para pegar. Então, tem que ter um mais novo que tem mais força. Na Feira das Flores tem mais poucas pessoas que trabalham, não é muita gente que trabalha. Se ele é um carregador bom, vai ser lá, porque lá tem mais madame, mais pessoas... Não vai qualquer pessoa lá.

Pesquisador: Entendi. Tem algum setor aqui no entreposto que seja melhor para o carregador trabalhar ou não?

Entrevistado: Não, porque quem tem que ser bom é o carregador, para o cara chamar. O carregador que precisa fazer o nome do trabalho dele. Ele tem que trabalhar bem ali, educado, se ele for meio ignorante em tudo, o cara que vem é comprador, ele vai ficar sentado e o cara não vai chamar ele.

Pesquisador: Como é que funciona para chamar o carregador? O comprador vem aqui... como é que funciona?

Entrevistado: O cara contrata o carregador.

Pesquisador: Isso.

Entrevistado: Ele é autônomo, ele pega o carrinho dele e vai para a praça. Lá ele está sentado no carrinho. O feirante vem e chama ele para trabalhar. Aí ele vai fazer o carreto para a pessoa. E o caminhão que carrega, sempre, eles procuram mais uma pessoa que seja mais bom no serviço. Para amarrar o caminhão... esses que são melhor do que os outros arrumam mais serviço.

Pesquisador: Então tem isso também. Não é só...

Entrevistado: Não, não é só chamar qualquer pessoa que está ali. Ele tem que trabalhar mais com as companhias, ir aprendendo com outras pessoas, para poder ver o que ele tem que fazer. Se ele não aprender...

Pesquisador: E no caminhão de transporte é a própria acomodação da mercadoria...

Entrevistado: É, ele tem que cuidar da mercadoria. Carregador tem que cuidar muito bem da mercadoria. Não pode cuidar só do trampo, ele tem que cuidar da mercadoria. O mais importante é cuidar da mercadoria. A mercadoria é o mais importante porque essa mercadoria, ela vai chegar na mesa de outra pessoa. Ela vem da roça para o Ceasa, já é batida quando carrega o caminhão, já bate quando descarrega. Se o carregador bater ela, vai estragar a mercadoria. O carregador precisar ser... quanto mais “mior” ele for, “mior” serviço ele vai ter aqui dentro.

Pesquisador: Dá para gente dizer que todo carregador tem essa percepção tua? O carregador tem a percepção de onde vai a mercadoria?

Entrevistado: Tem. O que não tem é porque é mal informado, mas ele é obrigado a saber que quando vem a mercadoria, você não pode jogar de qualquer jeito. Se você for jogar, vai estragar a mercadoria. Você pega uma caixa de uva, se você bater, ela já começa a estragar ali. Tem que ter muito cuidado com a mercadoria.

Pesquisador: A gente tem como saber mais ou menos uma quantidade média ou máxima de carga que o carregador transporta?

Entrevistado: A carga do carregador indicada para a gente no carrinho é de 20 caixas. Caixa de tomate...

Pesquisador: Vinte caixas? Isso dá em quilos?

Entrevistado: Uma caixa de tomate dá 18 a 20 quilos. Caixa de uva, já pode pegar 50 caixas, né. Caixa de uva é na base de 5 quilos e meio. Então, pode levar 50 caixas.

Pesquisador: Então, na verdade, isso aí tem a ver com o produto que você está carregando?

Entrevistado: Tem a ver. O morango, ele pode levar 100 caixas.

Pesquisador: Depende do produto, na verdade?

Entrevistado: Depende do produto. Do jeito que depende do carregador ser muito bom, depende do produto também que ele vai carregar. Caixa de laranja, ele pode levar só 15 caixas. Saco de batata ele só pode levar oito sacos. É assim, mais ou menos, a base que a gente pode pegar. Se botar carga demais, ele está sujeito a se machucar porque o carrinho pode cair em um buraco, pode virar, pode empinar o carrinho por causa do peso da mercadoria.

Pesquisador: Dá para ter uma noção, do que eu vou chamar de viagem, de quantas viagens o carregador faz em média em um dia de trabalho?

Entrevistado: Ah, não dá. É muito difícil a pessoa dar uma viagem. Eu trabalho na Feira da Flor, eu sei mais ou menos. Na Feira da Flor, se tivesse serviço, você conseguiria fazer umas 20 viagens, mas hoje não tem. Quem faz 10 viagens já está satisfeito porque o serviço está muito...

Pesquisador: Isso nas flores?

Entrevistado: Nas flores. Mas isso, a maioria dos que trabalham nas flores, só trabalha nas flores, porque na parte da noite, termina as flores, vai embora também para dormir. É muito pouca gente que trabalha geral. Porque também não adianta trabalhar direto. Não dá conta. Eu mesmo trabalho na Feira das Flores. Hoje estou parado. Da Feira das Flores, fui para o peixe.

Pesquisador: Isso que eu ia perguntar, como é que é no peixe?

Entrevistado: Eu sabia que você ia fazer essa pergunta. Eu trabalho na Feira de Flores, trabalho no peixe e trabalho geral. Hoje, eu trabalho nas flores, trabalho no peixe e fico aqui

no sindicato. Mas se tivesse um serviço que eu pudesse fazer, eu fazia também, ganhar um bico a mais. Como não tem, eu fico aqui. No peixe funciona o sistema da feira da flor. Aí o peixe é por caixa. Cada caixa é R$ 3. Cada caixa que carrega é R$ 3, como na parte da flor, a base do cara carregar é 25 caixas. Não pode carregar mais. Você pega 25 caixas de 20 quilos de peixe. Cada uma é R$ 3, já vai dar R$ 75. Vai dar um carreto maior, só que a diferença do peixe é que é mais demorado. Você vai no caminhão, pega a caixa vazia, 25 caixas, traz para o peixe, vai andar com elas, virar o peixe na caixa e levar para o caminhão. Quando não tem a caixa, você vai carregar, você vai circular na praça, carregar, levar para o portão e lá vai esperar ou vai buscar a caixa no caminhão e vai virar a caixa com o peixe. Demora mais de uma hora.

Pesquisador: Pelo que você está me dizendo, o carregador acaba tendo que se especializar na mercadoria que ele está carregando, ou seja, como é que ele vai transportar. Os cuidados que ele tem. Por exemplo, no caso do peixe, não é simples. Tem que ter um conhecimento de como é...

Entrevistado: Ele tem que ser bem... para poder carregar essas coisas, porque um carregador da verdura, que é acostumado a carregar, se ele for para a feira do peixe, ele vai se embananar. Não vai saber virar. Ele vai ter que fazer um processo. Se ele não tiver um conhecimento, ele não vai saber puxar. Ele vai ter que aprender e acompanhar os outros. Quando eu entrei lá, tive que apanhar. E eu era bem velho no mercado. Hoje não. Hoje é fácil trabalhar. Mas tem que aprender. Cada posto tem que aprender. Em cada setor é um sistema de trabalho. Você vai descarregar laranja é um sistema, vai descarregar mamão é outro sistema. Tudo que você vai carregar é um sistema bem diferente.

Pesquisador: Interessante. Isso é algo que a direção não tem muita clareza.

Entrevistado: Tem não. Se o carregador não tem sistema, se ele não sabe nem carregar, é capaz de você mandar fazer o carreto não. Para por aí...

Pesquisador: Que eu quero outro...

Entrevistado: Você não vai querer estragar a mercadoria, você vai querer uma pessoa que zele pela mercadoria.

Pesquisador: Que eu saiba, os carregadores não têm registro em carteira, certo?

Entrevistado: Não.

Pesquisador: Existe algum vínculo empregatício deles?

Entrevistado: Não, aí quem vai dizer se vale a pena é o dono de firma... o dono de firma quer o cara para trabalhar só para ele e não quer deixar trabalhar para outro, não é porque ele é carregador, mas se ele fica plantado na firma esperando o caminhão, só trabalha ali para ele,

ele trabalha 12 horas. Eu trabalhei 12 anos e seis meses em uma firma. Eu era como funcionário, mas não me pagava INPS, não pagava nada, só pagava a descarga que eu fazia. Mas, na realidade, no final eu era empregado, só que ele não me pagou, mas eu era empregado, porque eu não podia trabalhar para ninguém. Ficava na firma dele. Se não tivesse nada, eu não ganhava nada. Se viesse um monte de serviço, eu ia ganhar bem. Tinha dia que ele dizia: "Vai chegar o caminhão." E não chegava. Empatava para eu trabalhar para outro. Eu ficava plantado na firma. Só que nesse momento é quando o carregador se acha empregado da firma.

Pesquisador: Mas sem garantia alguma, né. O permissionário pede exclusividade, mas ele não assina a carteira, não dá uma diária mínima...

Entrevistado: Se o dono da firma entendesse e quisesse um carregador direto para ele, mesmo que ele não pagasse tudo para o carregador, os direitos completos, mas ele devia fazer uma segurança para o carregador. Pagasse o INPS para o carregador porque tem muito carregador que não paga o INPS. Hoje estão exigindo para pagar, mas só pagava quem queria. Então, quando ele estivesse na firma há muito tempo, a firma podia fazer aquela garantia. Trabalhei 12 anos para um permissionário com outro companheiro, juntos. Ele subiu no caminhão, escorregou da lona, caiu, quebrou a clavícula, e ele passou seis meses sem poder trabalhar. Aí, o permissionário não pagava INPS, não pagava nada, a gente financiava ele. Financiava assim, nós trabalhávamos em três, nós ficamos segurando o serviço, mas era nosso dinheiro, a gente tirava do nosso.

Pesquisador: Entendi, era o dinheiro de vocês que reservava...

Entrevistado: O carregador se acha empregado, obedece, mas é por causa disso...

Pesquisador: Isso é uma curiosidade, mas então, qual era a vantagem para você ficar 12 anos nessa situação?

Entrevistado: É o seguinte... sabe o que é, se você tem uma firma, que sempre tem aquele serviço direto, que tem a mercadoria, que sempre vai descarregar, o carregador fica, porque se for ficar esperando caminhão ou esperando oportunidade, hoje, ele vai ficar morrendo de fome. Hoje, as empilhadeiras tomaram conta do mercado, não tinha empilhadeira naquele tempo, hoje tem, então, se ele achar uma firminha que dá para ele ganhar R$ 250, R$ 500 por semana, ele já estava com o salário feito. Já fica melhor ele ficar lá.

Pesquisador: É uma garantia...

Entrevistado: O carregador que trabalha tudo isso, no final, na firma não vai receber os direitos. Dá nisso. A firma que é culpada. Não é o carregador o culpado.

Pesquisador: Sim. Como é que é essa questão... o carregador foi lá, transportou a carga, tudo bonitinho ali, que eu saiba, recebe na hora, certo? Não é isso?

Entrevistado: Se carregar o caminhão, recebe na hora. O caminhão, ele recebe na hora. Agora, já a firma que ele trabalha diretamente, pelo contrato que ele assina na firma, ele vai receber por dia, mas se ele não quer gastar, ele diz, não, deixa que eu recebo toda semana. Vai juntando na firma, e na sexta-feira...

Pesquisador: Mas é em dinheiro vivo, né...

Entrevistado: E na sexta-feira eu recebo tudo que eu fiz.

Pesquisador: Mas sempre em dinheiro vivo, né.

Entrevistado: Sempre dinheiro vivo.

Pesquisador: Já tem carregador aposentado aqui? Deve ter, né.

Entrevistado: Tem. Já tem carregador aposentado. Têm dois aí que são aposentados, mas aposentou porque pagava o INPS.

Pesquisador: Esses que se aposentaram, a maior parte continua ainda...

Entrevistado: Continuam. Tem um com 92 anos, como eu disse, trabalhando, puxando carrinho. Ele está na feira da flor puxando carrinho.

Pesquisador: A gente não consegue ter uma percepção de quanto um carregador ganha por dia, né?

Entrevistado: Não, aí, é ele mesmo que pode dizer. Ele, às vezes, sai daqui, você pensa que ele está trabalhando e ele está lá sentado, esperando. Tem carregador que vai para lá, senta o dia todo e não faz carreto. Tem dia que faz muito e tem dia que não faz. Aí tem outro dia que vem e faz, né. É assim.

Pesquisador: A gente consegue saber quanto tempo um carregador passa por dia dentro do entreposto aqui?

Entrevistado: Às vezes, demora um pouco porque hoje está difícil. Mudaram o carregador. Eu cansei de chegar aqui 2 horas e voltar 20 horas, 21 horas. Mas tinha serviço naquele tempo. Hoje, o serviço diminuiu. O mesmo serviço, a mesma mercadoria, está entrando no mercado, mas chega um caminhão, você batia duas horas e meia, três horas para tirar um caminhão. Hoje, estão tirando na faixa de 15 a 20 minutos.

Pesquisador: De 15 a 20 minutos?

Entrevistado: Porque a empilhadeira tira. Não é o serviço que diminuiu, são as empilhadeiras que tomaram o serviço do carregador, porque a empilhadeira entrou, tomou o serviço do carregador. Em cima do caminhão, a empilhadeira vem na lateral, pá, joga no chão e tudo bem. Fica só o trabalho do carregador, a empilhadeira puxava. Antes, ele descarregava o

caminhão, levava duas, três horas, mas ele descarregava caixa por caixa. Ele puxava o carrinho caixa por caixa. Eram três carregadores. Era um em cima do caminhão para soltar a mercadoria, o outro para puxar para cima e o outro para embalar lá. Eu era dos que ficava dentro para descarregar na firma. E a obrigação do carregador era dar a sua vida pela empresa que ele estava trabalhando, porque se o patrão subir, ele vai subir e se o patrão quebrar, ele vai ser quebrado e não vai receber. Por isso que eu falo para o carregador: "Vocês têm sempre que trabalhar, mas vocês têm que ficar preocupados com seu patrão. Seu patrão está acima de vocês, ele é sempre mais do que você. Porque ele tem que ganhar sempre mais do que você, porque se ele ganhar sempre mais do que você, você vai estar empregado."

Pesquisador: Entendi. Existe uma tabela de preço, por exemplo, para carregar peixe, cada caixa?

Entrevistado: Existe, sai todo ano. Essa tabela sai no mês de julho. Ela sai com todo preço e o valor do carreto e o preço da mercadoria. A tabela está aí. Se é caixa grande é um preço, se é caixa menor, é outro preço.

Pesquisador: Queria saber o seguinte: a relação do carregador com o instrumento dele...

Entrevistado: O carrinho...

Pesquisador: Com o carrinho dele. Como é a relação com o carrinho. Ele tem que comprar o carrinho, ele loca, como funciona isso?

Entrevistado: Hoje, para ser carregador, ele tem que comprar a camisa do uniforme, tem que comprar a bota dele, que ele usa, tem que comprar o armário dele e tem que comprar o carrinho. Se ele não tiver o carrinho, ele não é carregador. Como ele vai trabalhar se ele não tem o carrinho? Igual eu vou para a roça, se eu não levar a enxada como é que eu vou fazer lá? Ele tem que ter o carrinho aqui, o carregador tem a sua chapa. E a placa do seu carrinho é que nem a placa do carro, ela nunca vai bater uma placa com a outra. Se tiver um carrinho que bate uma placa com a outra, tem que ser preso o carrinho. Cada carregador tem seu crachazinho com o número da placa do seu carrinho.

Pesquisador: Os carrinhos que ficam aqui no pátio...

Entrevistado: Todo carrinho cinza que fica no galpão e que fica lá fora, a placa nunca vai bater uma com a outra.

Pesquisador: Lá fora onde?

Entrevistado: Quando ele está trabalhando... todos eles...

Pesquisador: Entendi... entendi...

Entrevistado: Ele é guardado aqui, ele é marcado a entrada e é marcado a saída. Todo dia.

Pesquisador: Ah, é?

Entrevistado: É marcada a entrada e a saída. É aberto 24 horas. Ele é fechado só no sábado às 22 horas e abre domingo à meia-noite.

Pesquisador: Ele é padronizado, certo? Qual é o tamanho dele, você sabe?

Entrevistado: Ele dá uns dois metros e meio mais ou menos, dois metros e meio mais ou menos de comprimento.

Pesquisador: Carrinho, bota, armário, é tudo do carregador?

Entrevistado: É.

Pesquisador: E é fornecido aqui pelo sindicato?

Entrevistado: É porque a camisa tem que ser... não pode sair sem a camisa, porque o fiscal vai prender o carrinho. Tem que ser uniforme da empresa. Como se fosse uma empresa que a gente trabalhasse todo dia, carregador tem que saber que é aquela empresa. A diferença da empresa é que aqui entra qualquer pessoa. Na empresa, quando você trabalha em uma empresa tem que ter a camisa, o crachá, então, aqui é a mesma coisa, só que ele tem que pegar no armário. Se ele não tiver, ele não é carregador.

Pesquisador: Até pela sua própria experiência, como é essa relação do carregador com o carrinho?

Entrevistado: É a mesma coisa que eu falo, o carregador, com o carrinho, ele tem que ter uma relação... porque o carrinho é a vida dele. É a ferramenta de trabalho dele, então, eles têm o maior cuidado com o carrinho dele. Ele tem que zelar.

Pesquisador: E quebra muito esses carrinhos?

Entrevistado: Agora não quebra tanto. Quebrava muito, quando não tinha a medida de ação do carrinho, quebrava muito, mas depois foi feita a norma que o carregador tem que puxar 20 caixas e amarrado. Então, quebra pouco, mas quebrava muito. Tanto que tinha as oficinas aí, eles ganhavam, porque toda segunda um carrinho quebrava. Agora ficou mais difícil.

Pesquisador: O que acabava quebrando mais, era a roda? O que era?

Entrevistado: Era a tábua do carrinho. A tábua traseira. Eles botavam caixa a mais, então, não tinha a medida de caixa e sempre na levantação dele, empinava o carrinho e quebrava atrás. Todo carregador novato, ele tem que ser acompanhado, porque ele, ali, ele tem base. Ele está carregando a mercadoria e não quer ir de jeito nenhum. Ele tem que ter conhecimento de como funciona.

Pesquisador: Mas hoje, pelo que você está dizendo, esses acidentes não são frequentes, né?

Entrevistado: Não, não tem mais. O carregador aqui ele já entra aprendiz realmente, ele entra através de um parente, ele já aprende a como trabalhar a mercadoria, aprende a trabalhar...

Pesquisador: Você falou que precisa amarrar as caixas. Eu posso pressupor, então, que para cada tipo de caixa de mercadoria tem um jeito diferente de amarrar, é isso?

Entrevistado: Você pega uma caixa de tomate, faz de qualquer jeito, porque está fechado. Você pega uma caixa de morango, o carregador tem que ter conhecimento de que ele tem que ter uma cantoneirinha pequena para colocar em cima da caixa, na frente e atrás. Porque se a corda pegar de um lado, estragou. E a caixa não pode abaixar muito.

Pesquisador: O carregador compra o carrinho. Ele pode fazer alguma mudança, alguma adaptação...

Entrevistado: Não.

Pesquisador: Colar alguma coisa aqui e ali?

Entrevistado: Não, ele não pode, porque o carrinho é padrão.

Pesquisador: Entendi. Empilhadeira, queria saber o seguinte: como é a relação de carregadores com empilhadeiras. Eu queria que você me contasse um pouquinho como é essa relação no dia a dia.

Entrevistado: É como eu estava falando. A gente é contra a empilhadeira. Aqui no sindicato a gente é contra a empilhadeira. A maioria dos carregadores são contra as empilhadeiras, mas tem carregador que tem relação com a empilhadeira, sim. A gente é contra mas tem, porque o patrão compra a mercadoria empaletada. Ele vai pagar o pallet. Então, o carregador tem que pegar a empilhadeira, pedir a empilhadeira então, o carregador tem que pedir a empilhadeira para levar. O patrão não tem a empilhadeira. Tem que pagar para poder tanto descarregar como para subir. Ela só vai ganhando, acho que R$ 14, não sei um pallet, é o que me parece, para ela poder jogar em cima ou tirar de cima...

Pesquisador: Entendi, colocou lá em cima, daí tem que ter alguém que carregue, é isso que você está dizendo para mim?

Entrevistado: O pallet está lá dentro e o carregador puxa até fora. Aí, a empilhadeira põe e leva até o carro. Por isso que eu digo, é bem rápido. Um pallet da empilhadeira é três carretos e um carregador.

Pesquisador: Equivale a três?

Entrevistado: Três carretos. Por isso que digo que o serviço foi diminuído.

Pesquisador: Tem caso de carregador que foi trabalhar com empilhadeira?

Entrevistado: Tem, tem carregador que adquiriu trabalho para a empresa, ele está registrado na empresa, que sabe que ele é motorista, faz curso, e ele passa a ser empregado da empilhadeira. Ele passa a ser empregado dentro do box.

Pesquisador: Entendi. Mas são poucos, né?

Entrevistado: São poucos. É aquele que não tem emprego de nada. Porque tá na praça para fazer o carreto e ganha bem pouco. O patrão paga pouco. Se ele tem um servicinho mais ou menos, ele não para o trabalho dele para ir trabalhar com empilhadeira porque é mais puxado.

Pesquisador: Quantas empilhadeiras têm aqui no entreposto hoje?

Entrevistado: Falam que têm umas 60, não sei, mas umas 59 a gente sabe que têm.

Pesquisador: Também acho que não tem como medir isso daqui, mas quantos quilômetros um carregador faz por dia?

Entrevistado: Não, não tem.

Pesquisador: Existe hoje, algum dia, algum horário, que o movimento seja melhor para o carregador poder trabalhar?

Entrevistado: Não, não tem, o carregador tá pedindo a Deus que tenha um serviço. Quando você é empregado, a maioria dos carregadores, é um serviço que ele vai ganhar a mesma coisa, mas quando ele não é empregado, ele quer trabalhar 24 horas no ar, direto. Porque quanto mais trabalhar, mais ele ganha. Se ele não trabalhar, ele não ganha, ele só ganha se trabalhar.

Pesquisador: Mas tem caso de carregador que vira aqui?

Entrevistado: Não, isso aí é no passado, não tem não. Agora não tem mais serviço para isso não.

Pesquisador: Onde os carregadores costumam fazer refeições, almoçar? Tem algum lugar?

Entrevistado: Como eu estava falando, todo canto tem lanchonete. Ainda têm outras pessoas que vendem marmita aqui dentro. Carregador, a maioria, ele pega a marmita dos que estão vendendo, porque ele come onde está, para não perder tempo, para não perder serviço. Ele vai comer lá fora? Ele não vai, é muito difícil, só se ele não tiver serviço de nada, porque o tempo que ele está saindo do local, ele pode estar perdendo o serviço.

Pesquisador: Para não perder o serviço. Entendi. Há carregadores que costumam fazer intermediação entre venda de mercadoria? Quer dizer, entre produtor, onde tem melhor preço, isso é muito comum?

Entrevistado: Tem carregador que hoje... tem carregador aí que compra e carrega mercadoria para o patrão. Tem patrão que não vem nem aqui. Tem carregador aí que compra três, quatro carretos e manda por dia. Ele compra toda a mercadoria e pega a turma de carregador, que carrega.

Pesquisador: Então, é o carregador que na verdade faz a compra e contrata outros carregadores para carregar, é isso?

Entrevistado: É. Eles trabalham junto. Eles trabalham, você é uma pessoa muito educada, conhece a mercadoria, às vezes, o carregador conhece mais a mercadoria do que o patrão dele. Ele sabe mais da mercadoria, porque a gente trabalha aqui dentro, sabe a mercadoria que é boa. Você vem de fora, está comprando a mercadoria de uma semana, e o carregador, ele sabe qual a mercadoria que descarregou no dia, ele está aqui 24 horas. Então, ele manda uma mercadoria muito melhor para o cara do que se ele vier comprar.

Pesquisador: E tem muito carregador nessa situação?

Entrevistado: Não, não tem muito não, porque...

Pesquisador: Até pelo que está me dizendo, por esse contato maior, por conhecer melhor os produtos, o carregador, na verdade, acaba sabendo qual produto comprar, né?

Entrevistado: Exato. Ele está aqui 24 horas. Ele está vendo a mercadoria que chega e a mercadoria que sai.

Pesquisador: Dá para a gente falar em média de dias que o carregador trabalha? Não, né...

Entrevistado: Não, é conforme aparece serviço. Conforme tem o serviço, ele já sabe mais ou menos o dia que vem. Vem mais naquele dia. Olha aí, os carregadores das flores, os carregadores já foram tudo embora. A maioria foi embora...

Pesquisador: Você tinha comentado lá no começo que todo ano tem uma atualização do cadastro que daí...

Entrevistado: Aí cancela, aí a gente tem o acordo, nem de aumentar mais e nem diminuir, sempre manter, porque tem muita gente que quer o documento aqui dentro, porque o desemprego está grande.

Pesquisador: Mas tem muito carregador que larga o trabalho aqui?

Entrevistado: Ah, tem, têm muitos que trabalham aqui no sentido de melhorar a condição, vem do Norte, mas não vêm porque quer, vêm por causa da situação que obriga, mas quando ele ganha um pouquinho, ele volta para a terra dele.

Pesquisador: Ah, é?

Entrevistado: É.

Pesquisador: Tem muito esse tipo de situação?

Entrevistado: Tem... tem muito.

Pesquisador: Ah, é mesmo? Eu não sabia. Acidentes, existe algum tipo de acidente que acaba sendo mais comum acontecer com carregador?

Entrevistado: Isso é pouco aqui dentro, porque andar com carrinho para cima e para baixo, trânsito, caminhão, empilhadeira no meio... depois das empilhadeiras aumentou mais, já teve acidente com empilhadeira, porque a empilhadeira é muito arriscada, ela vira para andar, anda

de ré, para trás, vai passar com peso, carregada, por aí, quando ela sobe, é mais difícil de acontecer.

Pesquisador: Então, eu posso deduzir que grande parte dos acidentes, quando ocorrem, são com empilhadeiras. É isso?

Entrevistado: Com empilhadeiras.

Pesquisador: Aí não é o sindicato ainda. Pegando pela sua experiência mesmo, como é a relação do carregador com a direção da CEAGESP?

Entrevistado: É bom, porque é o seguinte: ele procura mais o Ceasa quando ele vai renovar o documento.

Pesquisador: É uma relação tranquila?

Entrevistado: Tranquila. Ele vai trabalhar tranquilo... porque tem que trabalhar em conjunto com a CEAGESP, porque se não trabalhar não anda, né.

Pesquisador: Dá para projetar uma condição de futuro aqui para os carregadores? Uma projeção de futuro?

Entrevistado: O futuro, ele tem que pagar. Ele é por conta, ele tem que pagar as coisas dele. Ele tem que pagar o INPS dele, tem que pagar as coisas que ele tem que pagar. Uma tabela de preço de carga e descarga que o sindicato discute para o carregador só discute para o melhor, porque se ele receber pela tabela, pelo preço que é colocado na tabela, ele está recebendo férias e 13º pelo valor. A gente tem discutido em cima disso. Por isso que é certo o carregador receber tudo. É isso que eu digo que às vezes o carregador reclama dos patrões por causa disso, porque eles são danados para não pagar a tabela fixa, eles querem negociar e o carregador muitas vezes negocia aquele serviço, só que lá na frente eu vou entrar para receber os meus direitos, aí eu perdi um bocado. Aí é a hora que ele sai perdendo.

Pesquisador: Então, existe a tabela, mas tem caso de trabalhadores que acabam aceitando trabalhar por um preço menor do que da tabela, é isso?

Entrevistado: É serviço, você tem serviço, você vai fazer. Igual o pedreiro, você vai fazer uma casa. Você vai pegar o primeiro pedreiro e manda fazer? Não, você vai correr atrás, têm muitos que o preço é diferente dos outros, igual o carregador, quantos pedreiros que às vezes não sabe nem... O cara diz que é pedreiro, mas não sabe fazer nada, você vai caçar um. Igual o carregador.

Pesquisador: Perfeito. A gente estava falando do sindicato. Quando foi criado o sindicato?

Entrevistado: O ano?

Pesquisador: É.

Entrevistado: Foi em 92.

Pesquisador: Como é que hoje é formada a direção do sindicato? Qual é a estrutura hoje?

Entrevistado: Como... presidente?

Pesquisador: Presidente, secretário, como é hoje essa estrutura?

Entrevistado: Basicamente, quem entrou desde o começo. Essa pergunta passa mais ou menos pelo presidente que está aí, continua o mesmo presidente desde o dia que entrei para o sindicato.

Pesquisador: O seu Zé Pinheiro, há quanto tempo ele é presidente do sindicato?

Entrevistado: Vai para 25 anos.

Pesquisador: Só que ele tem 42 anos de atuação aqui na direção, não é isso?

Entrevistado: Era carregador, ele começou mesmo no Ceasa, ele era carregador. Como ele trabalhava muito bem, então, ele passou a fazer parte da associação e da associação ele passou a ser presidente do sindicato.

Pesquisador: Entendi. Quais são os principais objetivos, hoje em dia, do sindicato? O sindicato atua com foco em quê?

Entrevistado: Ele tem que atuar, o sindicato tem que atuar, ele representa o carregador, o papel do sindicato é fiscalizar o que temos aqui dentro do Ceasa para não deixar trabalhador clandestino, para não tirar o serviço do carregador, porque ele representa o carregador, né.

Pesquisador: Mas ainda tem muito clandestino?

Entrevistado: Tem, isso aí não acaba. Clandestino não acaba em lugar nenhum. Você pode ver na estrada, é só o que tem. Quantos motoristas têm na estrada sem carta de motorista? Clandestino tem em todo lugar que você pensar. Clandestino está desde o começo do mundo, nunca acaba o clandestino. Quando ele pensa que acabou já aparece outra coisa.

Pesquisador: Bom, obrigatoriamente, todos os carregadores que trabalham aqui no mercado precisam ter o cadastro, o DEPEC, e depois têm que estar também associados aqui ao sindicato?

Entrevistado: Não são todos associados. Só associa se quiser. Não são todos. Ele faz parte do sindicato, porque ele tem a carteirinha do sindicato, mas ele não tem a carteira de sócio. O sócio é o que quer.

Pesquisador: Desses 3.800 carregadores que trabalham aqui, quantos estão associados hoje ao sindicato?

Entrevistado: Capaz de ser uns 2.000.

Pesquisador: Dois mil? Bastante.

Entrevistado: É.

Pesquisador: É representativo. Como funciona essa questão da situação do carregador que vem e se associa aqui? Ele paga uma taxa anual, como é?

Entrevistado: É só você pagar a taxa lá para o César. Ele paga a taxa, porque aqui funciona como se fosse uma garagem de carrinho. Ele paga para guardar o carrinho. Ele paga para guardar o carrinho dele. Ele não paga muito. Ele acha que paga muito, mas ele não paga muito. Você vai somar, ele não paga muito. Hoje, se você for somar, ele paga R$ 40 por mês. Desses R$ 40 por mês, ele tem todo dia para ele guardar o carrinho. Nesse quarto que ele guarda o carrinho, tem o chuveiro para ele tomar banho, tudo aqui dentro. Se ele chegar a adoecer, ele tem uma cesta básica por mês. Ele tem remédio até R$ 80 por mês que ele recebe. Então, é com esse dinheiro que ele paga. Tem essa facilidade de ter uma cesta básica para ele comer um mês. E o remédio, se ele fosse comprar... então, não é caro, se você vai somar tudo, não é caro.

Pesquisador: Entendi. Só para confirmar, os carrinhos que estão guardados aqui pagam uma taxa mensal para poderem ficar guardados aqui.

Entrevistado: Sim, porque se você deixar o carrinho lá fora...

Pesquisador: Tanto quem é associado como quem não é associado.

Entrevistado: De todo jeito ele tem que pagar, porque o carrinho dele está aí. Se ele não pagar para guardar o carrinho, ele não pode guardar lá fora, mas se ele pudesse deixar lá fora, imagina o carrinho levar chuva e sol, no outro dia... Ele levou chuva hoje, no outro dia, ficou no sol, não serve mais para nada. É isso aí, então, não é caro, ele reclama, mas não é caro, perto dos benefícios que ele tem, acaba saindo de graça. .

Pesquisador: Eu sou carregador e quero me associar ao sindicato...

Entrevistado: Daí, ele paga uma taxa de R$ 10 por mês para ele ser sócio e tudo. Daí, ele é sócio do sindicato, tudo direitinho. Amanhã, ele pode ser um diretor do sindicato, ele pode até ser um presidente do sindicato.

Pesquisador: Eu vi que tem atendimento jurídico ali, dentista, isso é aberto para todos?

Entrevistado: Todos. O dentista está aí para atender todo mundo. O dentista trabalha por conta dele, mas quem é sócio do sindicato tem desconto. Quem não é sócio não tem desconto nenhum. Quem é sócio tem o desconto. Se ele for usar o desconto que ele tem, o carregador, ele sai ganhando, mas você sabe como é o povo...

Pesquisador: Sim. O sindicato faz evento específico para os associados e mesmo para todos os carregadores?

Entrevistado: Não, não.

Pesquisador: Festa, assim, têm algumas comemorações?

Entrevistado: Não, ele faz assim: Festa de Corpo de Cristo, uma vez por ano, cai em maio, junho, daí tem churrasco para todo mundo, gratuito. Daí é de graça, tem a missa e depois da missa tem churrasco para todo mundo. Todos que quiserem vir assistir não vão pagar nada.

Pesquisador: E o pessoal vem, né?

Entrevistado: Vem.

Pesquisador: Acredito que todos os carregadores, pelo menos a maior parte, os que são diretores aqui, não, aliás perdão, todos os diretores do sindicato aqui também são carregadores, certo?

Entrevistado: São carregadores. Olha aí os carrinhos, todos trabalham.

Pesquisador: Quantas pessoas trabalham no sindicato atualmente?

Entrevistado: No sindicato? Deve trabalhar umas cinco pessoas aí dentro. Tem cinco funcionários, tem nove funcionários, e os diretores, se fosse bancar funcionário direto, não dava. Aqui, a despesa é muito grande. Você paga tudo que está aqui dentro, é pago.

Pesquisador: Água, luz, vocês pagam? O galpão também vocês pagam?

Entrevistado: Tudo é pago. Não tem nada de graça. O Ceasa não dá nada para ninguém.

Pesquisador: Há quanto tempo o sindicato está aqui nesse galpão? Desde o começo?

Entrevistado: Desde o começo.

Pesquisador: E aqui o que era antes, você sabe? O que era aqui antes do sindicato vir para cá?

Entrevistado: Aqui, primeiramente, era do Pão de Açúcar.

Pesquisador: Era o quê? Um Pão de Açúcar?

Entrevistado: Pão de Açúcar. Daí eles estouraram, o Ceasa que tomava conta. Isso aqui não era zelado. Os guardas ficavam lá. Tiravam o carrinho, guardava. O pessoal fazia toda sujeira aqui dentro, mijava, cagava aí dentro, até matar gente, matava aí dentro. O pessoal da portaria não estava nem aí. Por isso que é difícil da gente sair, com o Zé Pinheiro, por causa disso, que ele tem a cabeça de que só ele. E eu digo para todo mundo, não tem outro igual. Não tem outro igual a ele. Conseguir barracão zelado como está aí, com esse tanto de gente, com tudo isso aqui, não é qualquer um que tem. A coisa mais difícil é controlar muita gente. É muito complicado.

Pesquisador: Administrar gente é sempre difícil em qualquer situação.

Entrevistado: Eu tenho três filhos, será que os três são iguais? Não, sempre dá para ver e sempre aquele que você mais ajuda, sempre é mais complicado do que os outros. Vai lembrar dos outros, daí você não vai lembrar de todo mundo.

Pesquisador: Como é a relação do sindicato hoje com os permissionários?

Entrevistado: É boa. O presidente do sindicato, se todos os presidentes de sindicatos, todos, fossem assim, iguais ao Zé Pinheiro, o sindicato era bom demais. Ele defende todo mundo. Ele defende todo mundo igual. Todo mundo gosta dele.

Pesquisador: A relação com o pessoal das empilhadeiras...

Entrevistado: Aí, nós somos contra, mas termina sendo amigo da pessoa.

Pesquisador: Com a direção da CEAGESP?

Entrevistado: Tudo bom.

Pesquisador: Você já está aqui há um bom tempo. Houve alguma direção da CEAGESP que não olhou com a devida atenção para vocês? Já houve casos disso?

Entrevistado: Sempre quando eles vêm, eles vêm com a intenção de vir para cima de nós, só que na realidade, quando eles chegam, eles sabem que não tem jeito se encostar no carregador. O carregador que leva o Ceasa para frente. Não tem jeito.

Pesquisador: São cerca de 3.800 carregadores. Desses, 2.000 estão associados ao sindicato. Isso mostra que o sindicato tem uma representatividade muito boa. Como é a relação do Sindicar com os carregadores? É uma relação tranquila?

Entrevistado: Tranquila. É legal. Porque todo mundo é igual.

Pesquisador: O sindicato tem alguma relação com algum outro sindicato ou associação?

Entrevistado: Não, tem com todos. Tem acesso de todos, porque se não tiver, não anda. Se você for cortar um, vai viver de briga. Então, não adianta.

Pesquisador: O sindicato tem alguma proximidade com alguém da esfera política, ou seja, vereador...

Entrevistado: Ah, tem. Se trabalhar aqui dentro tem que ter, porque aqui dentro é só política mesmo. O presidente aí do Ceasa acabou de ir para Brasília, para tomar conhecimento, ver quem era mais próximo do povo lá, o presidente lá, e a resposta que ele obteve lá é que o presidente, o Michel Temer, só conhecia aqui dentro mesmo o Zé Pinheiro, porque o Zé Pinheiro é muito conhecido na realidade. Ele também faz parte da UGT também.

Pesquisador: O Zé Pinheiro ou o Sindicar?

Entrevistado: O Zé Pinheiro faz parte, o sindicato também faz parte da UGT.

Pesquisador: Entendi. No período eleitoral, o sindicato costuma dar apoio a algum candidato?

Entrevistado: Tá sempre apoiando aí, o De Paula, era diretor de sindicato, vereador de Osasco por dois mandatos. Ele era diretor do sindicato.

Pesquisador: Tem mais gente?

Entrevistado: Ele era diretor do sindicato, e têm os deputados, vereador, que a gente trabalha e tudo.

Pesquisador: Como é esse apoio em eleição? O candidato vem aqui, conversa com os carregadores, como é esse apoio?

Entrevistado: O apoio é o seguinte: todos os políticos querem o apoio do Zé Pinheiro e a preocupação de todos políticos é o Zé Pinheiro, a maioria apoia o Zé Pinheiro, ele é companheiro, não quer dizer que não tem carregador... mas sempre apoiam o Zé Pinheiro.

Pesquisador: Como o sindicato se comunica com os carregadores, com os associados...

Entrevistado: É o que eu falei, aqui na portaria, eles têm que vir.

Pesquisador: Mas de que maneira o Sindicar passa suas informações para seus associados?

Entrevistado: Muito simples, porque todo mês ele tem que vir na sede pagar a taxa do sindicato. Todo mês tem que vir ao sindicato. Todo mês é uma portaria só, tem entrada e saída. Ele tem que passar todo dia pela diretoria na porta. É muito tranquilo.

Pesquisador: Existe alguma dificuldade hoje em dia que vocês encontram na relação com os associados ou outros carregadores?

Entrevistado: Não, não tem, a gente tem que levar tudo junto, não tem jeito. O sindicato representa o carregador, você vai trabalhar em conjunto...

Pesquisador: Tem alguma dificuldade do Sindicar, hoje em dia, com os permissionários ou com a própria direção da CEAGESP?

Entrevistado: Não, não tem não. Todo mês a gente está discutindo com eles.

Pesquisador: Eu havia comentado na conversa inicial que a gente ia falar dessa mudança de endereço, aqui do mercado para outro espaço, mas para eu ter isso mais claro. Qual a posição do sindicato em relação a essa mudança de endereço?

Entrevistado: Todos eles são contra essa mudança, porque aqui trabalha todo mundo, que tem estudo e que não tem, aqui dentro. Nada vai mudar. Tudo que é mudança “atrapaia”. Até sua casa, você pega uma planta de um lugar para outro lugar já estraga, e mudança não é boa. E vai mudar daqui para onde? Como é que fala em mudança se nem local tem, quem vai fazer esse local? Quem vai fazer outro local igual esse daqui? O governo, do jeito que o país está quebrado, o desemprego, você acha que vai fazer? Não vai.

Pesquisador: Certo. Qual o tamanho desse galpão? Você sabe a medida?

Entrevistado: Cem metros de quadra...

Pesquisador: Cem metros?

Entrevistado: Cada lado é 100 metros.

Pesquisador: O que existe aqui no galpão? Existe o espaço, é óbvio, para guardar os carrinhos, eu vi que tem ali uma sala de atendimento do dentista, departamento jurídico, né?

Entrevistado: Aí, tem a sala do dentista, tem a sala de reunião, um espaço ali para guardar o carrinho quando a pessoa está de férias ou doente, guardar para não ficar jogado, tem o banheiro lá, tem um espaço de cabelereiro ali, e aí vai melhorando para o carregador. Também não pode achar que o carregador não tem nada, que tem que ficar abandonado... tem que caçar uma melhoria para o cara.

Pesquisador: Estou quase acabando aqui, já estou no final, existe algum desafio, ou melhor, existem alguns desafios que o sindicato precisa entrar em discussão? Quais os desafios do sindicato nesse momento?

Entrevistado: Os políticos que deviam melhorar mais um pouco, tanto que a gente ajuda os político, vota, tudo, mas eles enganam a gente, você vê o que está acontecendo...

Pesquisador: Como é que o sindicato, a direção do sindicato vê essas mudanças que estão acontecendo aí, as mudanças trabalhistas, da previdência? São duas questões. Primeiro, como o Sindicar vê essas mudanças e, segunda questão, os carregadores percebem, eles falam sobre isso?

Entrevistado: Ah, sim. A mudança que eles estão fazendo é para acabar o aposentado, né, o povo não vai aposentar mais, né. Então, as mudanças que eles estão fazendo é para acabar. Uma mudança dessa daí não existe. Você vai ver um vice-presidente, aposenta com 55 anos, agora, quanto aposentado aí, com uma mudança dessa daí, está sabendo que não vai chegar. Mais a comida que nós temos no Brasil, com a situação que nós temos hoje, o cara vai chegar na idade? Não vai. Não vai chegar nunca.

Pesquisador: O sindicato vê com preocupação isso?

Entrevistado: Nossa, não só para o sindicato, mas para todo mundo.

Pesquisador: O Sindicar participa de alguma mobilização, paralisação, o sindicato participa desses movimentos maiores?

Entrevistado: Não, aí, a gente vê. Como eu falo para você, a gente trabalha para melhorar, mas lá em cima, os outros estão fazendo essas mudanças que não têm acordo. Será que a gente vai chegar lá neles e falar e eles vão atender a gente? Não vão. Eles só vão precisar da gente na hora do voto. Na hora do voto eles vêm bom. Passou o voto, acabou-se.

Pesquisador: A direção é formada por quantos diretores?

Entrevistado: São 45.

Pesquisador: Quarenta e cinco?

Entrevistado: É.

Pesquisador: Na Assembleia Legislativa está em tramitação um projeto para criar o Dia do Carregador. Como o sindicato vê a criação dessa data? Queria que você falasse um pouquinho sobre isso.

Entrevistado: É uma data no mês de junho, a data do carregador. E foi luta e foi pedido do presidente do sindicato. Tudo tem o dia de outras pessoas, por que não ter o dia do carregador?

Pesquisador: É 30 de junho, né?

Entrevistado: É.

Pesquisador: Por que essa data?

Entrevistado: Essa data diz que é a data do carregador, né.

Pesquisador: O sindicato tem uma atuação política, de fato, dentro das discussões do dia a dia sobre o que acontece aqui no mercado?

Entrevistado: Tem direto. Todo dia a gente tem discussão, como eu estava falando... o diretor sai por causa disso, né, a gente sempre trabalha a favor deles, né. Como eu dizia, eles prometem mundos e fundos, só que quando passa, você é esquecido. Eles vão terminar ajudando a pessoa que não teve nada a ver com ajudar eles. Você morre pelo político e quando passa, você fica abandonado por ele.

Pesquisador: Bom, o espaço aqui é alocado, o sindicato tem algum bem próprio? Tem um carro, sei lá, para a direção poder se locomover...

Entrevistado: Tem um carro, tem uma casa na praia.

Pesquisador: Uma casa na praia, qual praia?

Entrevistado: Itanhaém.

Pesquisador: Muito bem, acho que é isso.

D. ÍNTEGRA DA ENTREVISTA FINAL COM DIRETOR DO SINDICAR

Entrevistado: A.J.S.

Duração: 42 minutos

Data: 13/2/2019

Local: Sala de reunião do Sindicar

Pesquisador: (...), preciso de alguns dados gerais teus. Seu nome por inteiro eu já tenho, idade, por favor?

Entrevistado: Tenho 58 anos. Sou do dia 2/1/1961.

Pesquisador: Estado civil?

Entrevistado: Casado

Pesquisador: Filhos?

Entrevistado: Três, um de 35, outro de 32 e outro de 30.

Pesquisador: Maravilha, você nasceu no Piauí, certo? Em que cidade?

Entrevistado: São João de Canabrava, mas no documento está no município de Picos. Era município de Picos, agora não é mais.

Pesquisador: Há quanto tempo você está em São Paulo?

Entrevistado: Estou aqui de 86, só que eu voltei. Depois vim para cá em 91 e daí já fiquei direto.

Pesquisador: Então, você veio para São Paulo em 86, e você fica até quando?

Entrevistado: Eu fiquei uns seis meses. Daí voltei, me casei e voltei em 91.

Pesquisador: E nesses seis meses era para testar se você...

Entrevistado: É... Eu vim trabalhar na Cerâmica São Caetano, depois...

Pesquisador: Nesses seis meses... Depois veio para cá?

Entrevistado: É, nesses seis meses. Eu vim com minha mãe. Fiquei uns dias aqui no Ceasa, daí voltei. Quando eu casei, voltei novamente.

Pesquisador: Você já volta casado para cá.

Entrevistado: Voltei para cá, trabalhei na Cerâmica São Caetano, depois vim para o Ceasa e trouxe a família para cá.

Pesquisador: Então, você retorna para São Paulo em 91, e a partir de que ano você começa a trabalhar aqui na CEAGESP?

Entrevistado: Em 91, eu já vim direto para o Ceasa.

Pesquisador: Mas você já tinha ouvido falar daqui? Como é que você veio para cá?

Entrevistado: Eu já conhecia, tenho a família toda aqui. Família e cunhado, por aqui. Então eu vim para o Ceasa, eu vim direto para o Ceasa, já sabia como era o trabalho de carregador.

Pesquisador: Quando você veio aqui pela primeira vez, você ficou muito assustado com essa estrutura aqui?

Entrevistado: Ah, ficava, naquele tempo era frio, né, não fazia quase sol. Eu não conhecia...

Pesquisador: Entendi. Então, a partir de 91, você já começa a trabalhar de carregador.

Entrevistado: Comecei a trabalhar como carregador.

Pesquisador: E você começou a fazer transporte em que setor?

Entrevistado: Na verdura.

Pesquisador: Na verdura. E você mora aqui próximo?

Entrevistado: Moro. Moro a dez quilômetros daqui, em Osasco.

Pesquisador: Como você faz para vir para cá?

Entrevistado: Para cá eu venho todo dia, venho de ônibus, venho de carro, eu tenho carro, mas às vezes a gente vem de ônibus, de lotação. Até de bicicleta eu venho.

Pesquisador: Você havia comentado anteriormente para mim que hoje, nós temos cerca de 3.800 carregadores aqui no Ceasa, é isso?

Entrevistado: São 3.860 carregadores.

Pesquisador: Desses 3.860, você disse que 2.000 eram filiados ao sindicato, mantém essa média ainda?

Entrevistado: Não tem o filiado, tem o sócio que a gente chama. Todo carregador é obrigado a ser filiado no Ceasa, no sindicato, só que ele não tem a carteirinha de sócio, onde ele pode votar e ser votado. Porque para votar tem que ser sócio.

Pesquisador: Então vamos lá, desses 3.860 todos eles são ligados ao sindicato?

Entrevistado: São ligados.

Pesquisador: Todos eles pagam aquela taxa mensal ou não?

Entrevistado: A mensal pagam. Todos são obrigados a pagar.

Pesquisador: A taxa mensal é para poder guardar o carrinho aqui...

Entrevistado: Isso. Guardar o carrinho, tomar banho e se ele chegar doente, ele tem uma cesta básica. Ele tem a cesta básica e o remédio até o valor de R$ 80.

Pesquisador: Isso que eu queria saber, essa taxa já inclui isso.

Entrevistado: Inclui tudo.

Pesquisador: Qual o valor dessa taxa?

Entrevistado: O valor da taxa está em R$ 160.

Pesquisador: R$160, então, todo mês, R$160 dá direito a isso daí. Entendi. Você também me falou, anteriormente, que para trabalhar de carregador aqui, primeiro, precisa ter a vaga. Alguém tem que sair para entrar o outro, é isso daí?

Entrevistado: Hoje mesmo fizemos uma combinação, que entrava muita gente, está entrando muita gente, o povo só sabia procurar o Ceasa e o Ceasa não comportava mais carregador. O Ceasa disse que não ia aumentar mais, nós fizemos um acordo com o Ceasa de não aumentar, mas também de não diminuir. Se cancelar dez, coloca dez, se não cancelar ninguém, não coloca ninguém. Cancela porque uns vão embora, outros morrem, daí cancela o documento e passa para outro.

Pesquisador: Entendi, por isso que você comentou que faz um cadastro todo ano. Tem que renovar, é isso?

Entrevistado: Todo ano tem que renovar. Por isso que o documento vale um ano, passa um ano, renova. Esse cancelamento é para quem não renova.

Pesquisador: Seria uma espécie de autorização para trabalhar aqui no entreposto? É isso mais ou menos?

Entrevistado: Ele tem que fazer uma reunião conosco, para explicar o sistema, as regras do Ceasa aqui dentro, como ele tem que atender o povo, a segurança. Ele vai trabalhar com o povo, só que ele tem que ter o cadastro, se não tiver, ele não trabalha, tem que passar por nós.

Pesquisador: Então, você acabou de me dizer que, na verdade, vocês têm a preocupação de orientar o carregador que chega aqui, como funciona a estrutura, e também vocês passam informações de como trabalhar, é isso?

Entrevistado: Tem que passar, porque o carregador vem do Nordeste e ele vem muito perdido. Ele vem do Nordeste, ele vem perdido, ele vem sem saber como é o sistema, tem parente, mas vem perdido. Então, ele tem que passar pela gente para dizer como é o sistema de trabalho.

Pesquisador: E nessa conversa que o carregador tem com vocês, de repente, se vocês sentirem que não tem um perfil adequado, vocês podem barrar a pessoa?

Entrevistado: Pode, tem vez que a gente barra. Porque tem vez que não consegue tirar o documento, porque para fazer o documento ele tem que fazer uma ficha, e essa ficha da polícia, se ele tiver crime...

Pesquisador: Antecedentes criminais...

Entrevistado: Se ele tiver crime, e ele não conseguir o atestado, ele é barrado e não pode tirar o documento.

Pesquisador: Tem algum exame médico antes para a pessoa poder entrar?

Entrevistado: Para trabalhar aqui o carregador tem que fazer o exame médico. O carregador tem que fazer o exame médico para tirar o documento aqui.

Pesquisador: Quando eu te entrevistei, em 2017, naquele momento, você disse que não havia fila de gente para trabalhar de carregador. Como está isso hoje? Continua assim ou já tem fila, já tem gente esperando?

Entrevistado: Tem, todo dia vem gente pedindo vaga para o documento. Hoje, reunião para carregador a gente só faz uma vez por mês. A gente faz reunião depois do dia 15, que é aonde vêm as vagas canceladas. Todo mês cancela documento. Cancela para a gente saber os que têm. Aí a gente faz a reunião.

Pesquisador: E esse número de vagas que é cancelado é muito alto? Qual é a média por mês?

Entrevistado: Tem mês que vem 20, tem mês que vem 19, tem mês que vem 10. Não tem muito, não. Do mês que vem, agora, sempre vai vir 20, 30. Mês de novembro, dezembro vem pouco, porque muita gente está para o Nordeste. Mês que tem safra, depois eles vêm tudo para trabalhar, eles renovam, mas quando está fraco como agora, os que estão lá para o Norte não vão vir aqui renovar o documento. Muito difícil.

Pesquisador: Eu queria saber de você como é a história do carrinho. Eu sou carregador, passei nesse processo aí, peguei o documento, beleza, mas preciso do carrinho. Como é a história do carrinho? O carregador precisa comprar o carrinho, ele aluga o carrinho, como é isso?

Entrevistado: Na realidade, o carrinho tem que comprar. Ele tem o documento, daí manda para a gerência, a gerência vê o processo todo como tem que fazer, depois ele precisa do carrinho. A camisa do carregador da CEAGSP e o carrinho, porque o carrinho é o instrumento de trabalho, se ele não tem trabalho, ele vai ficar na rua sem carrinho.

Pesquisador: Mas o carrinho já se compra aqui dentro mesmo?

Entrevistado: O carrinho tem nas oficinas, têm quatro oficinas...

Pesquisador: Mas tudo aqui dentro?

Entrevistado: Tem aqui dentro e tem três fora. Ele pode escolher onde comprar e pode comprar um carrinho usado dos cancelados. Cada cancelado tem um carrinho, pode ser que compra mais barato.

Pesquisador: E um novo para comprar nesses lugares, quanto é mais ou menos o preço?

Entrevistado: O valor de um carrinho novo está em R$ 1.500.

Pesquisador: R$ 1.500. Por mês, você me disse que, mensalmente, os carregadores pagam uma taxa, que é de R$ 160 por mês. Tem muita gente que não paga a taxa?

Entrevistado: Não, é obrigado a pagar, não tem jeito, porque se ele não pagar ele fica sem o carrinho. O carrinho é guardado aqui, só pode guardar aqui no barracão. Mesmo que atrase, tem uma hora que chamar ele para pagar. Não tem jeito, ele tem que guardar e sair todo dia, esse carrinho é controlado. É marcada a entrada e a saída.

Pesquisador: Por isso que o pessoal lá na frente registra...

Entrevistado: É marcada a entrada e a saída, se esse carrinho chegar a sumir aqui dentro do barracão, se por acaso vier outro aí e tirar, ele recebe outro. A gente dá outro para ele. É assim, não tem jeito.

Pesquisador: Entendi, o carregador que atrasa a mensalidade, ele tem que pagar alguma multa ou não?

Entrevistado: Acaba pagando um jurinho, mas acaba pagando.

Pesquisador: Eu acho, pelas observações que eu fiz, mas pode ficar mais claro para mim, tem uma lógica na hora do carregador guardar o carrinho dele aqui, certo? O pessoal das flores guarda em um lugar... Tem isso ou não tem?

Entrevistado: Não, o barracão é de todos. Ele guarda conforme vai chegando, ele põe onde ele quiser, onde é mais fácil para ele, onde tiver a vaga ele vai colocando. Tem vez que chega, coloca aqui na frente, que é mais fácil para ele sair, às vezes vem outro, coloca, vai colocando na fila.

Pesquisador: Não tem uma vaga reservada.

Entrevistado: Não.

Pesquisador: Eu fiquei com uma dúvida a respeito do avental. Eu sei que tem que ter a marca do sindicato, tem que ter a marca da CEAGESP, mas eu fiquei na dúvida das cores, porque eu vi que nas flores, você usa o avental de cor amarela, É isso? Cada espaço tem uma cor de avental, é isso?

Entrevistado: Tem, para poder diferenciar as partes do CEAGESP que trabalha. O peixe é branco. A cor que trabalha na feira da flor é amarelo. No geral é o cinza. A feira de flor lá fora é verde. Na batata, quem trabalha só na batata, hoje não existe mais, porque é geral, na batata era marrom.

Pesquisador: Aí, minha dúvida é a seguinte: o avental, ele é dado pelo sindicato ao carregador ou o carregador tem que pagar para ter o avental?

Entrevistado: Tem que comprar, tudo que ele tem que usar, ele tem que comprar porque é dele.

Pesquisador: A bota também ele tem que comprar?

Entrevistado: Tudo ele tem que comprar.

Pesquisador: Mas ele pode comprar aqui?

Entrevistado: Pode. A bota aqui não vende, só vende camisa. Foram eles que exigiram a gente fazer as camisas porque é igual. Agora, bota, eles compram em qualquer lugar, porque eles compram do jeito que eles acham que tem que comprar.

Pesquisador: E qual é o preço da camisa? Tem diferença de valor ou não?

Entrevistado: Tem, tem o avental e tem a camiseta. A camiseta é R$ 20 e o avental se torna R$ 30.

Pesquisador: E isso é obrigatório, o carregador tem que sair com...

Entrevistado: É obrigatório. Se está sem a camisa o fiscal vai apreender e leva o carrinho e o carrinho para tirar é R$ 381. Então, você tem que andar com a farda do Ceasa. Muitos não usam, mas muitos que não usam, o fiscal prende e eles pagam uma multa.

Pesquisador: Aí, o fiscal pega o carrinho, inclusive se tiver mercadoria nele?

Entrevistado: Não, o certo era para ser com a mercadoria, mas não é com a mercadoria. O carrinho é do carregador, a mercadoria é de outra pessoa, é do feirante, daí, levou... É injusto pegar a mercadoria, você compra a mercadoria, eu estou errado, o fiscal vai apreender, prende a mercadoria? Você tem prejuízo porque se o carregador não tem dinheiro para pagar, então, ele tem o carrinho e paga uma multa porque ele tem que saber que ele tem andar fardado aqui dentro.

Pesquisador: Esses R$ 381 é o quê? Ele é um valor único ou por dia? Uma diária?

Entrevistado: Não, valor único. Por enquanto é um valor único.

Pesquisador: É bem alto, né?

Entrevistado: É.

Pesquisador: Eventos... Eu sei que aqui o Sindicar tem a festa que é tradicional, esqueci o nome...

Entrevistado: A festa de Corpus Christi, a festa uma vez ao ano. É uma missa, na realidade, para o carregador. A gente tem muita fé em Deus e em Nossa Senhora Aparecida, então, reza uma missa por ano em Corpo de Cristo, mas a gente faz duas missas por ano, faz uma de Santa Luzia também.

Pesquisador: E quando é a de Santa Luzia?

Entrevistado: Dia 13 de dezembro. A gente faz no sábado. E a do Corpo de Cristo, a gente faz no dia dele. Vai ser agora em junho.

Pesquisador: E sempre, aqui no galpão, a missa fica cheia?

Entrevistado: Fica, a gente faz a missa, faz um churrasco para os carregadores.

Pesquisador: Ainda existe aquele almoço mensal que o sindicato convida o pessoal?

Entrevistado: Faz, convida as autoridades. Faz um almoço aqui para eles, sim.

Pesquisador: Que eu saiba, acho que não teve nenhum caso, pelo menos que eu me lembre, na época que eu trabalhei aqui, desses encontros mensais, não me lembro de nenhum momento de não ter representante da CEAGESP, sempre vem?

Entrevistado: Sempre vem. A gente trabalha em conjunto, na realidade. O sindicato trabalha em conjunto com o Ceasa, porque se não trabalhar em conjunto não anda.

Pesquisador: Já que você entrou no assunto, me diz como é a relação do sindicato, hoje, com a direção da CEAGESP? É uma boa relação?

Entrevistado: No momento é muito boa. Tanto que toda hora que a gente quer marcar reunião eles atendem com carinho.

Pesquisador: Quais os principais motivos que levam o carregador a procurar auxílio e orientação aqui do sindicato?

Entrevistado: Porque ele faz parte do sindicato, não tem jeito dele não fazer parte do sindicato.

Pesquisador: Sim, mas o que mais faz o carregador vir procurar a direção?

Entrevistado: Porque ele passa aqui pela gente e ele sabe que é a gente que tem mais informação para dar para ele. A gente tem reunião com a diretoria. Nós temos direto, todo mês, às vezes, toda semana, e ele vem se informar com a gente para poder ficar mais por dentro do negócio.

Pesquisador: Eu percebi que vocês lançaram, não me lembro, em dezembro, um jornal. É a primeira vez que vocês lançam um jornal assim, não é?

Entrevistado: Não, sempre tem o jornal do sindicato. Daí foi cortado. O certo era fazer o jornal para o cara ficar mais informado. Aí fez o jornal.

Pesquisador: E o carregador acaba se informando sobre a CEAGESP, do que está acontecendo, qual o principal meio que vocês usam para conversar com o carregador? É no dia a dia mesmo, na fala direta, nas reuniões específicas, como é?

Entrevistado: Porque todo dia a gente está com o carregador. O carregador passa na portaria, ele está sempre conversando, a gente está sempre na portaria, sempre é o diretor na portaria, ele vai se informando. Cada vez que o carregador quer se informar ele vai procurar o diretor lá, se ele topa a gente na rua ele vai se informar, toda hora a gente está com o carregador, não tem jeito.

Pesquisador: Ou seja, os diretores acabam tendo um papel muito importante nesse contato com o carregador para deixá-lo a par do que está acontecendo aqui no Ceasa, é isso?

Entrevistado: É, porque a diretoria do sindicato é a mesma coisa que os carregadores. Nós, diretores, nós somos carregadores também. Além de encontrar todo dia com o carregador, a gente está todo dia trabalhando com o carregador. Aí, termina se informando. Cada carregador que encontra com diretor acaba se informando. Acho que são 48 diretores.

Pesquisador: Entendi.

Entrevistado: E aquele que vai se informando vai passando para os outros. Aí o outro se interessa em saber também.

Pesquisador: Agora, em relação à direção da CEAGESP, os cargos são sempre de livre provimento, ou seja, os diretores são sempre nomeados, normalmente, pelos que estão comandando ali, e tudo mais. Como você vê essa situação dos principais cargos da direção da CEAGESP serem cargos de indicação política. Você não acha que isso atrapalha ou não? Interfere?

Entrevistado: Às vezes, sim.

Pesquisador: Você acha que deveria mudar isso? Deveria ser diferente, ser por concurso? Como você avalia isso?

Entrevistado: Às vezes "atrapaia", como é mandado por um representante político, eles mandam a pessoa para cá sem formação, sem conhecer o Ceasa. Até ele conhecer, às vezes, "atrapaia", quando ele está aprendendo as coisas do Ceasa já está saindo e vindo outro. Então, termina "atrapaiando". Se ele nomeasse a pessoa que já estivesse aqui dentro, ficava mais fácil, mas não é assim. A gente pensa de um jeito, eles pensam de outro. Eles estão atrás de poder. É complicado.

Pesquisador: Você acha que talvez por isso atrapalha a melhorar as coisas aqui dentro? Não ter uma continuidade? Você leva um tempo para entender isso daqui, daí, quando você está quase entendendo, vem outro.

Entrevistado: O problema é esse.

Pesquisador: E como você vê o fato, assim, normalmente, a remuneração desses diretores é uma remuneração muito boa, inclusive, comparando com cargos que a gente vê fora aqui da CEAGESP. Como você vê essa remuneração dos diretores?

Entrevistado: É o seguinte, a gente nem sabe quanto eles ganham, mas sabe que eles ganham bem, mas pelo que recebem, eles deviam trabalhar mais. Deviam ver mais o lado do Ceasa. Eles vêm, mas trabalham pouco, o Ceasa era para ser mais organizado, mais bonito, tem a feira da flor, tem tudo aqui dentro, vem juiz, deputado comprar coisas aqui. Aqui era para ser mais bonito. É falta de organização deles mesmos.

Pesquisador: Como é a relação dos carregadores com os permissionários? Ou melhor, como é a relação do sindicato com o Sincaesp? Está boa no momento ou fica muito confusa até por conta da própria não organização dos permissionários, já que a gente sabe que tem divergência entre eles.

Entrevistado: O carregador tem contato com os donos de firma também porque trabalha para eles. Agora, a Sincaesp, o carregador não gosta porque toda a vida eles aprontam com a gente. Eles são sempre a favor das empilhadeiras, sempre a favor das coisas erradas, se o sindicato trabalhasse com a gente e com todo sindicato que tem aqui dentro, se unissem nós, para trabalhar mais em conjunto, porque como dizem, os que vêm de fora, já não conhece o Ceasa, vem sem saber do Ceasa, vêm mandados por político, os de aqui dentro têm que se unir mais para poder o Ceasa andar. Quando não quer uma coisa, "atrapaia". Sempre contra o carregador, ele acha que carregador tira dinheiro, quer as coisas erradas, quer vender e entregar a mercadoria. Pela ganância, porque acha que vai vender mais, termina "atrapaiando", se fosse mais unido, funcionava bem e melhor.

Pesquisador: Você acha que o público, fora da CEAGESP, as pessoas que não são daqui, elas compreendem a importância do carregador dentro da estrutura da CEAGESP?

Entrevistado: Reconhece, porque todos que vêm de fora sempre procuram o carregador e sempre procuram se informar das coisas do carregador, sempre se interessam, pedindo informação e sempre dando parabéns para a gente.

Pesquisador: E o pessoal de dentro compreende a importância de vocês na estrutura ou...

Entrevistado: Entendem, muitos entendem.

Pesquisador: Ou reconhece e tudo bem?

Entrevistado: Não, reconhece, porque sabe que sem o carregador aqui não anda. O carregador tem que ter no Ceasa, senão, não anda.

Pesquisador: Esqueci de perguntar, o Sindicar oferece algum curso de capacitação ao carregador?

Entrevistado: Não, é gratuito.

Pesquisador: Não, mas o sindicato oferece?

Entrevistado: Oferece a quem interessa, aqui tem uma sala de escola para ensinar. Faz muito tempo, daí começa com dez, 15, depois não tem nenhum. Eles não se interessam porque eles já vêm trabalhar. Quando acaba, eles querem ir embora. Quando acaba e tem que vir aqui aprender um pouco, eles querem ir embora.

Pesquisador: Que cursos já foram oferecidos aqui que você se lembra?

Entrevistado: Tudo, de escola, curso de computação, já foi oferecido tudo ao carregador, mas eles não se interessam. Até faculdade já teve, teve dois carregadores que começou aqui e foi para a faculdade.

Pesquisador: A gente consegue ter noção, em média, de quanto um carregador costuma ganhar na CEAGESP?

Entrevistado: Aí varia, se no momento está ruim, se o Ceasa está parado, se a situação está fraca, então, pode ganhar 200 contos na semana, 300, pode ganhar 500. Se for ter uma base de ganhar mais um pouquinho é de novembro a janeiro por causa da safra.

Pesquisador: Campanha de prevenção à saúde, o sindicato realiza essas campanhas junto aos carregadores, dengue, essas coisas?

Entrevistado: Campanha para esclarecer?

Pesquisador: Isso, para esclarecer...

Entrevistado: A gente até faz. Toda campanha, toda política que tem, a gente escolhe os candidatos, a gente apresenta para os carregadores para ser mais "mior", porque a gente sempre precisa deles. A gente escolhe aqueles que acha "mior" e apoia. Termina apoiando e eles abandonando porque política é muito complicado. Apoia com uma intenção e eles vêm com outras intenções.

Pesquisador: Vamos falar da mudança de endereço do entreposto. Como é que o Sindicar vê essa discussão que parece nunca ter fim?

Entrevistado: É uma situação complicada. No momento, a gente vê a situação, eu vejo a situação que com a mudança, eu já vejo o Brasil, que fala que está quebrado. Eles falam em mudança e você sabe que mudança... Toda mudança, ela termina complicada. Não vejo... eles fazendo um Ceasa para caber todo mundo. Se ele não tem um aqui, pode dizer que está abandonado, ele não podia reformar esse? Eles podiam reformar esse, que gastava bem menos, e funcionava. Como vão fazer outro para todo mundo? Eu não vejo a mudança... Fui em Brasília, na verdade, para discutir essas coisas aqui, mas em Brasília eu não vejo falar em mudança. Vi eles falarem em reformar. Mas como tem a rádio peão, você fica com a cabeça a mil, sem saber, porque uns falam que muda, outros falam que não muda, outros falam que é política e nisso vão jogando. Quando eu entrei aqui já tinha esse negócio de mudança. Aí veio esse governador, João Doria, que não sei como vem falando da mudança se tem tanta coisa no Estado para ele governar, tem que ficar mais na parte do Governo [do Estado] do que na parte federal.

Pesquisador: Sim, porque não é ele o responsável por aqui.

Entrevistado: Não é uma coisa que é ele. Ele está querendo entrar na cabeça do governo federal para ver se passa para ele, para ele vender. Por que ele não vai cuidar da parte dele?

Pesquisador: Lei trabalhista e reforma da previdência, como o sindicato se posiciona em relação a essas duas reformas?

Entrevistado: Essas reformas das leis, a gente fica preocupado porque só é para complicar os pequenos. Nada vem para melhorar a situação do pequeno. Uma reforma que você chegava numa idade, que não podia mais trabalhar, não tem mais condição de trabalho, cansava, pagava INPS para poder receber aquele salário pouco, o governo tira. O governo aumenta a idade. Para o cara poder aposentar, tem que ser com 75 anos? Com 75 anos o cara já está morto. Com essa comida que tem no Brasil hoje, e aumenta mais, como é que vai conseguir chegar? Não vai se aposentar.

Pesquisador: Esses são assuntos que deixam os carregadores assustados?

Entrevistado: Deixam. O carregador sabe que seu serviço é muito pesado. E a gente paga INPS e tudo e daí não vai aposentar. A vida do trabalhador, você trabalha com sol, chuva, sereno, tudo, às vezes até doente trabalha para bancar sua casa, aí não recebe. Pelo governo, você não vai receber. O que o governo quer é acabar. Com a reforma, eles querem acabar para todo mundo.

Pesquisador: Ainda sobre a questão da previdência, todos os carregadores pagam o INPS...

Entrevistado: É obrigado. Para ser carregador é obrigado. Não pagava. Nós reformamos para pagar. Fizemos reunião com essa nova diretoria, punha na cabeça deles que tinha que pagar INPS, porque a gente via muito carregador sofrendo porque não pagava INPS. Se nunca tivesse deixado de pagar desde o começo, muita gente já estava aposentada. Aí têm muitos sofrendo por causa disso. Aí nós colocamos que todos têm que pagar.

Pesquisador: Quais são as principais dificuldades que o Sindicar, ou melhor, quais os principais desafios que o sindicato tem a encarar?

Entrevistado: Encarar quem?

Pesquisador: Desafios.

Entrevistado: As dificuldades que têm, a gente acha que tem é esse povo que vem e que não sabe, tem muito quebra-cabeça, muita reunião com ele, até encaixar, daí, quando eles veem que as coisas estão certas é que começa a andar.

Pesquisador: Há quanto tempo você participa da direção do Sindicar?

Entrevistado: Estou aqui desde 92. Mas na parte de diretoria, como diretor, eu estou há três mandatos. Cada mandato é 15, taí as fotos [mostra quadros na parede da sala de reunião com

os diretores de cada uma das gestões]. Quando eu entrei, eu reformei essas fotos porque não tinha, e era para ter desde o começo. Tinha que ter mais dois para trás.

Pesquisador: Os diretores do sindicato são remunerados ou não?

Entrevistado: Não, só os que trabalham. Aí, para ser remunerado, eles têm que trabalhar aqui dentro.

Pesquisador: Nós temos 49 diretores e nove são remunerados?

Entrevistado: São.

Pesquisador: Entendi. E vale a pena ser diretor do Sindicar?

Entrevistado: Vale, porque a gente aprende muita coisa. A gente aprende mais do que ser só carregador, fica mais informado. Fica mais informado para informar os outros. Aprende as leis para defender os carregadores.

Pesquisador: Você acha que a direção do Sindicar é respeitada de fato pelas outras entidades aqui de dentro? O que eu chamo de entidades, a própria direção do CEAGESP, os outros sindicatos, você acha que há o reconhecimento deles em relação ao sindicato?

Entrevistado: Eles podem não concordar, mas têm. Eles respeitam a gente e outra, se você for andar aí, procurar, todos queriam. Para nós ele é o "mior", porque gosta de fazer as coisas certas, ele só pega a favor do carregador, não pega a favor dele. Todos querem aí ter um presidente como o Zé Pinheiro. Eu sempre digo: o Zé Pinheiro não representa só os carregadores, ele representa todo mundo. Os donos de firma ficam sempre pedindo informação. "Por que o senhor não vai encontrar nós?" Eles gostam muito porque ele trabalha certo.

Pesquisador: Entendi. A estrutura aqui é do sindicato, quantos funcionários tem o sindicato? Não estou falando dos diretores não, os funcionários.

Entrevistado: Funcionários têm uns oito, têm dez funcionários.

Pesquisador: Todos são contratados pela CLT?

Entrevistado: Todos pela CLT.

Pesquisador: Já finalizando, além dessa pesquisa que estou fazendo, tem outra pesquisa que foi feita, acho que o nome dela é Sueli, que ela retrata os carregadores mais sob essa questão do fato da maioria ser do Piauí, o que isso reflete aqui dentro e tudo mais. Você acha que faltam estudos, pesquisas, para falar dos carregadores, que a universidade podia fazer mais pesquisas...

Entrevistado: Eu acho que é bom, porque a gente fica mais informado. Muito carregador pode se interessar, já que ele não tem tempo de ver. Ó, o jornal foi bom. Você vê ele sentado no carrinho lendo o jornal.

Pesquisador: Então, o jornal funciona com eles?

Entrevistado: Funciona.

Pesquisador: Qual foi a tiragem que vocês fizeram?

Entrevistado: Fizemos 4 mil de cada vez.

Pesquisador: Caramba. Eu vou mostrar algumas imagens...

Entrevistado: É caro fazer jornal...

Pesquisador: Sim...

Entrevistado: Precisamos achar uma pessoa que faça mais em conta.

Pesquisador: Eu peguei algumas imagens aleatoriamente, gostaria que me dissesse o que acha delas. Vou passar aqui...

[Mostrando as imagens]

Pesquisador: Você atua nas flores, no peixe...

Entrevistado: No momento, estou trabalhando só no pescado e nas flores. Estava trabalhando geral, mas não está dando para fazer tudo. A flor porque é à noite, e o peixe também porque é à noite, o dia, eu passo aqui no sindicato, para atender o carregador.

Pesquisador: Esqueci de perguntar para você. Quantas horas você passa aqui no sindicato? Você chega cedo...

Entrevistado: Eu chego 6h30, e fico até às 16 horas. E quando precisa fico direto, diretor não tem horário, não. Tem que ficar qualquer hora. Por isso que quando fui para Brasília, cheguei aqui cedo, fui para Brasília, deixei o carro em Campinas, voltei, quando fui chegar aqui era 3 horas.

Pesquisador: Eu queria que você comentasse essas fotos. Primeira coisa, olhando essas fotos, não têm imagens suas, mas independentemente disso, você se reconhece também como carregador? Vendo essas imagens o que você tem a dizer?

Entrevistado: Carregador é sempre bom, só esses carrinhos amarelos que atrapalham. Os carrinhos amarelos atrapalham o dia do carregador, porque onde a gente bate... mas esses carrinhos amarelos, eles não podem fazer a circulação, de entrega de mercadoria, só pode descarga. Aí, ele termina de fazer a descarga, vai fazendo a entrega. A briga nossa com o sindicato é com isso daí.

Pesquisador: Você acha que falta fiscalização?

Entrevistado: E muita. Falta fiscalização. Nós tivemos uma reunião sobre isso. Porque eles não aceitam a gente acompanhar. Porque quando nós acompanhamos, melhora. Porque nós conhecemos as pessoas. A gente fala: “Aquele não tem documento, aquele não tem, conhece

as pessoas que têm documento e as que não têm". Eles não aceitam, se a gente acompanhasse eles seria melhor.

Pesquisador: E é um assunto que não é de hoje...

Entrevistado: E é sempre obrigação da gente acompanhar, mas eles não aceitam para a gente acompanhar...

Pesquisador: Para encerrar, como você vê o futuro da CEAGESP e, principalmente, como você vê o futuro do Sindicar?

Entrevistado: É sempre como eu digo. Estamos sempre debatendo a favor do carregador. Quanto à CEAGESP, o que podia melhorar, "atrapaia" esse negócio de mudança. Se eles falam em mudança, "atrapaia". Por que "atrapaia"? Porque o dono de firma tem medo de investir. O feirante tem medo de comprar, um monte de firma começa a não mandar muito. Começaram a importar muito com medo do Ceasa acabar e não ter para quem mandar. Com esse negócio de mudança, "atrapaia" o povo, o Ceasa, "atrapaia" muito. Se eles não falassem em mudança e falassem em reformar, as coisas andavam mais.

Pesquisador: Perfeito.

E. ÍNTEGRA DA ENTREVISTA COM CARREGADOR DA FEIRA DE FLORES

Entrevistado: E.S.A.

Duração: 36 minutos

Data: 7/2/2019

Local: Sala de reunião do Sindicar

Pesquisador: (...), primeira coisa que preciso saber, dados gerais teus. Nome completo.

Entrevistado: E.S.A.

Pesquisador: Idade?

Entrevistado: 38 anos.

Pesquisador: Você nasceu onde?

Entrevistado: Eu nasci no Estado do Piauí.

Pesquisador: Em que cidade?

Entrevistado: Em Picos do Piauí.

Pesquisador: Picos? Você é conterrâneo do Josafá.

Entrevistado: Isso.

Pesquisador: Em que ano você veio para São Paulo?

Entrevistado: Eu vim em 1998. Meu pai me trouxe, eu nem tinha completado 18 anos ainda. Eu tirei os documentos daqui, mas eu nasci no Estado do Piauí, aí, meu pai me trouxe e eu comecei a trabalhar de carregador, comecei a trabalhar...

Pesquisador: Você não conhecia São Paulo antes?

Entrevistado: Não. Não conhecia São Paulo antes.

Pesquisador: Seu pai já estava aqui?

Entrevistado: Já estava aqui, sim.

Pesquisador: Já estava trabalhando aqui como carregador?

Entrevistado: Era carregador já.

Pesquisador: Daí, quando você vem para São Paulo, ele te traz para São Paulo para você trabalhar já aqui?

Entrevistado: Na CEAGESP. Ele trabalhava na CEAGESP já.

Pesquisador: Você é casado?

Entrevistado: Sou.

Pesquisador: Tem filhos?

Entrevistado: Tenho.

Pesquisador: Quantos?

Entrevistado: Dois.

Pesquisador: Que idade?

Entrevistado: Eu tenho um de 19 anos e outro de 10.

Pesquisador: Seu grau de instrução?

Entrevistado: Eu fiz a sexta série.

Pesquisador: Você mora aqui perto?

Entrevistado: Eu moro em Osasco.

Pesquisador: Então, seu pai te trouxe direto aqui para a CEAGESP. Você se lembra de como é que foi quando você pisou pela primeira vez aqui na CEAGESP? Ficou assustado?

Entrevistado: Olha, no começo a gente fica assustado um pouco com o movimento do Ceasa, mas depois a gente vai se acostumando aos poucos. Aí, com a correria do dia a dia a gente vai se acostumando.

Pesquisador: Aí, você já começa a trabalhar com 16, 17 anos, é isso?

Entrevistado: Isso, 16 a 17 anos.

Pesquisador: Então, há quantos anos você já é carregador aqui?

Entrevistado: Olha, já faz 20 anos.

Pesquisador: E você começou trabalhando em que setor?

Entrevistado: Comecei a trabalhar no setor geral, legumes e verduras.

Pesquisador: E aí você começou a fazer a Feira de Flores há quantos anos?

Entrevistado: Olha, já faz cinco anos que eu comecei a trabalhar na feira da flor.

Pesquisador: O que levou você a ir para a feira da flor?

Entrevistado: Olha, foi o conhecimento mais o seu Zé...

Pesquisador: O seu Zé Pinheiro que você está falando?

Entrevistado: O seu Zé Pinheiro, o Mario, tudo, o conhecimento, eles me ajudaram muito para mim conseguir trabalhar na feira da flor, na feira do pescado, e no setor geral também. E quem me arrumou documento também foi o seu Zé. Seu Zé Pinheiro e o Mario.

Pesquisador: Mas por que você queria ir trabalhar na flor?

Entrevistado: Trabalhar na feira da flor, no dia a dia, na correria do dia a dia, e a pessoa casada, a pessoa precisa muito. Trabalha na feira da flor, é casado, tem dois filhos para criar, aluguel para pagar, tudo isso que fui me acostumando para trabalhar na feira da flor e no geral.

Pesquisador: Você sabe quantos carregadores têm, mais ou menos, lá na feira da flor?

Entrevistado: Na feira da flor tem, acho que 500. É de 400 e pouco a 500.

Pesquisador: Você trabalha na feira que é de segunda para terça, né?

Entrevistado: Isso.

Pesquisador: A de quinta para sexta você faz também?

Entrevistado: Não, eu faço, às vezes. O meu feirante, às vezes ele não vem de quinta para sexta, mas quando ele vem, a gente vem. E fico da quinta para sexta.

Pesquisador: Então, ele já te avisa antes?

Entrevistado: Ele avisa, se faltou mercadoria, ou senão, se é para vir, se não, daí, a gente vê, tem quinta para sexta que eu venho, e tem vez que não precisa de eu vir. Ele me avisa e aí eu não venho.

Pesquisador: Ele te avisa bem antes então.

Entrevistador: Bem antes.

Pesquisador: Bom, você não trabalha só na Feira de Flores, certo?

Entrevistado: Certo.

Pesquisador: Eu queria saber o seguinte, a partir de que horário você normalmente chega aqui no entreposto?

Entrevistador: Olha, de nove para dez horas eu já estou no Ceasa já.

Pesquisador: Normalmente vai embora que horário?

Entrevistado: Ah, eu tenho um feirante à tarde, que é como eu falei para você, meu pai já trabalhava para ele há 15 anos, na parte da tarde. Daí, é de segunda a sábado de tarde, eu estou no Ceasa, todo dia.

Pesquisador: De segunda a sábado...

Entrevistado: De segunda a sábado, todo dia à tarde.

Pesquisador: Até que hora normalmente?

Entrevistado: Olha, o feirante não tem horário para sair. Um dia é sete da noite, outro dia é nove, é 11. Não tem um horário certo.

Pesquisador: E me diga uma coisa, na feira da flor, você fica direto aqui?

Entrevistado: Eu fico direto. Acabo com o feirante, seis, sete horas da noite e já fico direto. Eu só vou embora no outro dia, é muito puxado.

Pesquisador: Lógico, e como você faz para chegar aqui na CEAGESP?

Entrevistado: A gente vem de busão. Eu moro perto, então, eu pego só uma condução para chegar aqui.

Pesquisador: E depois... Aquele dia eu vi que a gente acabou por volta de uma e meia, como você faz? Tem ônibus nesse horário?

Entrevistado: Não, nesse horário não tem ônibus. Eu tomo banho, às vezes eu vou para casa, às vezes, eu já fico para o outro dia, para eu trabalhar na feira do legumes e verduras.

Pesquisador: E você descansa aqui mesmo?

Entrevistado: Aqui mesmo, no Ceasa.

Pesquisador: Seu pai é carregador. Foi ele quem te ensinou como funciona aqui...

Entrevistado: Foi.

Pesquisador: Como transportar a mercadoria... Como é que...

Entrevistado: Foi ele. Eu cheguei de menor, não tinha 18 anos ainda, aí, ele já estava há 15 anos já com esse feirante, aí falei com o seu Zé, seu Zé arrumou o documento para mim, aí que foi que ele ensinou a trabalhar. Meu pai me ensinou a trabalhar no dia a dia.

Pesquisador: Na feira de flor, o que eu pude perceber é que tem gente de mais idade.

Entrevistado: Sim.

Pesquisador: Você é um dos mais novos lá?

Entrevistado: Tem outros mais jovens lá, mas a maior parte é pessoa de idade já.

Pesquisador: Você tem clientes fixos, pelo que percebi.

Entrevistado: Sim.

Pesquisador: Como você fez ou como você faz para manter esses clientes fixos? Você já conhecia? Como é?

Entrevistado: Não... Ele chegou, né, para ver como a gente faz. Sou eu e o seu Antônio, que você viu, daí, nós acertamos certo, acertamos certo o horário, o valor, tudo certo para puxar para Curitiba, está entendendo? E nós ficamos certo, recebe o valor certo já, com aquele valor.

Pesquisador: E no caso da feira de flor, você trabalha para cliente fixo ali, certo?

Entrevistado: Fixo.

Pesquisador: Você não fica lá esperando chamar não?

Entrevistado: Não. Não fico, não. Aí, quando acaba esses feirantes, eu vou deitar para descansar, e no outro dia recomeçar.

Pesquisador: Eu queria que você dissesse para mim como é o cotidiano de trabalho ali na Feira de Flores. Eu vi, mas eu queria que você comentasse um pouco para mim como é o seu dia de trabalho lá na Feira de Flores.

Entrevistado: Olha, no dia a dia, a gente vem, trabalha, a gente vem procurando a pessoa, aí, quando eu não tinha feirante certo, procurando, vendo se encontrava emprego, se encontrava um feirante fixo e a gente foi se movimentando no dia a dia e é muito boa essa feira da flor. É muito bom, porque essa feira da flor, eu quero que muitos continuem sempre esse movimento

da flor. É um setor que é muito bom, é um setor legal, mesmo com tudo isso, mas é muito bom, essa feira da flor.

Pesquisador: O que você costuma fazer em suas horas vagas? Quando você para de trabalhar aqui na CEAGESP?

Entrevistado: Nas horas vagas a gente procura sempre cuidar da família, visitar os parentes no fim de semana. A gente sempre procura isso.

Pesquisador: Quantas horas você costuma dormir, descansar?

Entrevistado: Olha, a correria é muito grande, a gente tem família, olha, o certo da gente descansar é oito horas, mas acho que eu não consigo não.

Pesquisador: Você dorme em média quantas horas?

Entrevistado: Olha, eu durmo de quatro a cinco horas. Seis horas... Eu durmo oito horas só no fim de semana, que a gente descansa mais, mas no meio da semana é muito puxado. É muita correria.

Pesquisador: A sua esposa trabalha também?

Entrevistado: Trabalha.

Pesquisador: Mas não aqui?

Entrevistado: Não. A minha esposa trabalha, todo dia ela bota o despertador para despertar quatro e quarenta, cinco horas, porque ela trabalha em Osasco, ela trabalha para me ajudar.

Pesquisador: Eu queria saber o seguinte, como é feito o cálculo do valor da mercadoria que vocês transportam na feira de flor. Estou perguntando isso porque naquele dia que eu observei, você fez duas viagens que você já carregou aquele... não sei como chamar... do próprio permissionário. Como é o nome daquilo lá?

Entrevistado: Ali a gente chama muda, né? Muda de “temperim”...

Pesquisador: Não... Como chama aquilo com o que você transportou?

Entrevistado: É o carrinho que a gente fica lá mesmo, que você viu com muda de “temperim”. Olha, a viagem nossa é R$ 25.

Pesquisador: Independentemente da quantidade que vai no carrinho?

Entrevistado: Da quantidade, é R$ 25, mas como eu falei para você, a gente combinou certo para fazer aquele trabalho ali. Aquele caminhão a gente já tem fixo. Ou pouco ou muito já é certo já. É fixo aquele valor.

Pesquisador: Então, aquele dia, você fez cinco viagens, o que você recebeu foi proporcional a cinco viagens, é isso?

Entrevistado: Olha, não... Eu fiz cinco viagens, tem dia que eu faço 10, 12, mas é sempre aquele valor.

Pesquisador: É um valor fechado.

Entrevistado: Valor fechado.

Pesquisador: O pagamento é feito na hora?

Entrevistado: O pagamento é feito na hora.

Pesquisador: Dinheiro vivo.

Entrevistado: Dinheiro vivo, aquela velha história.

Pesquisador: Você fica muito tempo aqui na CEAGESP, como você faz para se alimentar?

Entrevistado: Olha, na correria danada a gente para meia hora, uma hora, para se alimentar.

Pesquisador: Mas você não traz comida de casa não?

Entrevistado: Não. Eu me alimento por aqui mesmo. Tomo refrigerante, me alimento por aqui.

Pesquisador: Você tem ideia da quantidade de peso que você carrega em uma viagem?

Entrevistado: Na feira da flor eu não tenho noção não. Agora, nos legumes, eu tenho mais ou menos a noção. É a base de 20 caixas, são 20 quilos, é na faixa de 400 quilos a viagem.

Pesquisador: Sobre a Feira de Flores, eu queria que você me dissesse qual a maior dificuldade, quais são as maiores dificuldades que você vê ali no trabalho da Feira de Flores.

Entrevistado: Olha, a "dificulidade" é assim, todo trabalhador tem assim aquela "dificulidade", tem aquela dia a dia, mas é um setor muito bom. É muito bom trabalhar na feira da flor. É um setor que movimenta com planta, com ar mais puro, é muito bom trabalhar na feira de flor.

Pesquisador: Tem algum diferencial para trabalhar na Feira de Flores?

Entrevistado: Olha, diferencial, no dia a dia, igual eu falei para ele, que a gente faz um dia uma viagem boa, outro dia uma viagem pior, mas a gente vai se acostumando.

Pesquisador: Tem um jeito diferente para transportar flores de transportar legumes? Tem diferença? Que diferença é essa?

Entrevistado: A diferença é que a feira da flor é um setor mais calmo, eu me sinto mais calmo, e no legumes é um setor mais agitado, é mais uma correria mais agitada.

Pesquisador: Dá para falar que tem que ter mais cuidado para lidar com planta, com flor do que com legume?

Entrevistado: Sim.

Pesquisador: Como é isso?

Entrevistado: Sim, o setor da flor é um setor que a gente pega mais mercadoria, a orquídea, que é uma planta que a gente não pode bater muito, é um setor que a pessoa tem mais... que a

pessoa presta mais atenção àquele produto, está entendendo? Não tem mais “dificulidade” no setor.

Pesquisador: Você já conhecia todos os tipos de planta e flores ou não? Aprendeu na Feira de Flores?

Entrevistado: Não, na feira da flor, eu não conhecia não.

Pesquisador: Então, você hoje já sabe o que é uma orquídea... uma...

Entrevistado: Sei. Foi depois que eu comecei a trabalhar na Feira das Flores que eu comecei a conhecer mais sobre plantas, eu não conhecia plantas, não.

Pesquisador: Tem planta na sua casa?

Entrevistado: Tem.

Pesquisador: Sobre o carrinho, para trabalhar na Feira de Flores, eu vi que você tem que por uma base maior ali, é isso?

Entrevistado: É. Aquela “tába”, você viu aquela “tába” ali. Tem que botar ela toda segunda para terça e de quinta para sexta.

Pesquisador: Depois que acaba a Feira de Flores o que você faz normalmente? Você colocou seu carrinho aqui, terminou a Feira de Flores, o que você faz?

Entrevistado: Coloco o carrinho aqui, né, daí vou tomar banho, vou me alimentar e vou descansar um pouco para começar os legumes e outro setor. Como eu falei para você, do legumes e verdura um pouco. A gente toma um banho e vai descansar um pouco para a gente começar em outro setor. A gente troca de uniforme, está de uniforme amarelo, a gente coloca outro uniforme para começar o setor geral. O setor do pescado é uniforme branco, o setor da flor é uniforme amarelo, o setor de legumes é outro uniforme já.

Pesquisador: Você faz pescado também?

Entrevistado: Faço. Eu tenho o setor do pescado.

Pesquisador: Caramba! Pescado você faz quantas vezes por semana?

Entrevistado: Olha, o pescado, eu tenho documento, tudo certo para o pescado, mas nessa corrida, tem dia que eu não vou. Tem semana que eu não vou no pescado. Só na flor e no legumes.

Pesquisador: Que já é bastante coisa, né?

Entrevistado: Já é bastante correria.

Pesquisador: Como você fica informado a respeito da CEAGESP? Ou seja, como você fica a par das informações do que acontece aqui na CEAGESP? É pelo sindicato, é com conversa com os outros carregadores? Como você fica a par das notícias?

Entrevistado: É pelo sindicato. Já está há uns oito ou dez anos, não sei quanto tempo, uns cinco a seis anos, como você viu, aquele setor nosso ali, da diretoria. Eu fico mais no sindicato, eu sou diretor aqui do sindicato, a gente procura mais informação com o seu Zé, com o Mario, com os outros diretores que já ficam ali. É onde a gente se informa, ali. Todo mês a gente tem reunião aqui, o seu Zé, o Mario, aqui, fazemos reunião...

Pesquisador: Você também é diretor?

Entrevistado: Sou diretor.

Pesquisador: Mas você é diretor administrativo... Ou só diretor?

Entrevistado: Só diretor.

Pesquisador: Você poderia dizer quanto você ganha em média, talvez por mês, lá na Feira de Flores?

Entrevistado: Olha, é como eu falei para você, a gente tem aquela base mais ou menos, quando eu venho de segunda para terça, eu tenho aquele valor, se eu vier da quinta para sexta, aí aumenta mais meu salário. Eu não sei mais ou menos o valor certo, de quanto é que a gente ganha na feira da flor, no setor geral, porque lá no setor de legumes e verdura, eu fico de segunda a sábado, mas eu trabalho lá é por volume. Aí, não vou falar para você assim, porque eu não tenho aquele salário certo, não tenho aquele salário fixo não. Quanto mais a gente trabalha, mais a gente ganha aquele dinheirinho.

Pesquisador: Acidentes, costuma acontecer acidentes na Feira de Flores?

Entrevistado: Olha, acidente na feira da flor é muito pouco.

Pesquisador: Que tipo de acidentes é mais comum ali?

Entrevistado: Eu acho que o acidente mais comum um pouco é da gente se movimentar do serviço, tem que ter cuidado de não machucar um braço, perna, se livrar um pouco do próprio companheiro de trabalho, porque todos nós somos companheiros de trabalho, 400, 500 carregadores, todos nós somos companheiros de trabalho, a gente procura não se livrar do outro. Mulher, porque tem muita mulher no setor da flor, que é um setor também que vem muita mulher para conhecer o Ceasa. A gente tem preocupação com uma criança, com uma senhora de idade, a gente tem essa preocupação no dia a dia ali.

Pesquisador: Você já teve algum acidente lá na feira de flor?

Entrevistado: Não, nunca. Graças a Deus, acidente, nenhum.

Pesquisador: A mudança de endereço aqui do CEAGESP, você acompanha essa discussão, o que você acha disso?

Entrevistado: Acompanho um pouco. Eu acho, na minha opinião, para não acontecer essa mudança. Aqui no Ceasa, tem carregador que tem 40 anos de Ceasa, está entendendo? Como

falei, meu pai trabalhou 25 anos nesse entreposto, e outras pessoas de idade que tem 40, 50 anos de Ceasa. A gente se preocupa muito ao ouvir falar nessa mudança do Ceasa. Eu sou contra, eu prefiro que a gente continue aqui mesmo. Eu tenho dois filhos, estou criando meus filhos com aqui, meu pai criou a gente tudo daqui.

Pesquisador: Você tem mais irmãos que trabalham aqui?

Entrevistado: Não, só eu. O restante está tudo no Nordeste, só eu que estou aqui.

Pesquisador: Você foi escolhido para vir para cá?

Entrevistado: Foi, eu tenho um irmão que tem o documento do Ceasa, mas ele não fica aqui, ele vem todos os anos só para renovar os documentos do Ceasa.

Pesquisador: Como é sua relação com os permissionários? É boa?

Entrevistado: Minha relação com os permissionários, têm uns permissionários que eu conheço, parentes da gente, conheço muito permissionário bom. Umas firmas boas que são de um parente aí, de Santa Cruz, têm uns permissionários que eu tenho muito próximo.

Pesquisador: E a direção do Sincaesp, como é sua relação?

Entrevistado: Olha, a minha relação é muito pouca. Eu me relaciono mais com o Sindicar, porque eu sou diretor. Todo dia eu venho aqui no sindicato aqui, minha relação aqui é muito boa com o seu Zé, com o Mario, uma relação muito boa com eles aqui.

Pesquisador: E como é sua relação com o DEPEC?

Entrevistado: A minha relação é muito boa.

Pesquisador: E você acha que precisa melhorar alguma coisa nessa relação? Ou não?

Entrevistado: Olha, o Ceasa tem muita coisa a melhorar, muita coisa para melhor, muitas coisas que vêm atrapalhando o trabalhador, por exemplo, as empilhadeiras, que tiraram muito o movimento dos carregadores, tirou muito serviço nosso. Essas empilhadeiras tiraram muito serviço do carregador. A gente fica muito triste com isso. Tirando muito serviço de pai de família, tem muito carregador sendo prejudicado por isso.

Pesquisador: Como é sua relação com o Sindicar? Você é diretor há quanto tempo já?

Entrevistado: Olha, não sei explicar direito há quanto tempo estou aí de diretor. Deve dar uns cinco anos. Acho muito bom ser diretor aqui. Seu Zé deu todo apoio para a gente, Mario, Antonio Josafá, toda a diretoria. São 42 diretores.

Pesquisador: Mas você está naqueles que são remunerados ou não?

Entrevistado: Não, não sou daqueles remunerados, não.

Pesquisador: Qual sua relação com os compradores da Feira de Flores? Como é essa relação?

Entrevistado: Relação muito boa. No setor geral, a gente chama feirante, né. Mas em outras partes da feira da flor, é por setor. É muito bom. Eu me sinto muito bem com eles, e com

outros também, com outros feirantes que a gente faz. Aquele dia eu vim logo, não têm outros dia que a gente fica e faz outros fretes. Ou então mulher que chama a gente para fazer outra viagem, feirante, a gente faz.

Pesquisador: O que você acha que precisa melhorar na Feira de Flores?

Entrevistado: Na feira da flor, mais um pouco de fiscalização para melhorar o trabalho dos carregadores.

Pesquisador: Por quê?

Entrevistado: Muitas pessoas, ali, que atrapalham um pouco o trabalho nosso. É preciso melhorar um pouco essa fiscalização

Pesquisador: Mas no quê? Tem gente que faz transporte ali...

Entrevistado: Pega mercadoria antes do horário, atrapalha muita gente, com carrinho de ferro antes do horário, que atrapalha muito os carregadores.

Pesquisador: E o que você acha que precisa melhorar na CEAGESP?

Entrevistado: Tem muita coisa para melhorar um pouco, fiscalização, para bater em cima do clandestino, para bater em cima das empilhadeiras, que atrapalha muito o serviço do carregador, e muito mais. Melhorar essa buraqueira para melhorar para o carregador, para todos nós que vêm, vêm muitas pessoas aí.

Pesquisador: Você paga contribuição para o INPS?

Entrevistado: Pago.

Pesquisador: Desde o começo?

Entrevistado: Olha, já faz uns dez anos que eu pago o INSS, pago todos os meses, vai se a gente adoecer, se machucar, para melhorar.

Pesquisador: Como você vê essa mudança da previdência? E como você vê também essa mudança que já teve na lei trabalhista?

Entrevistado: Essa mudança aí prejudica um pouco. Mexe muito com as pessoas, nós, contribuintes, carregadores, mexe muito com essa mudança aí. Essa previdência mexe um pouco muito com essa mudança aí. Fico muito preocupado, ninguém sabe o que vai acontecer lá na frente conosco. Esse sistema aí, não sei se foi aprovado ainda. Agora, dia 1º de fevereiro, todos os deputados estaduais, federais, senadores, foram aprovados, não sei se foi sobre isso. A gente procura coisa melhor, que eles coloquem na cabeça deles para melhorar mais para o trabalhador, para todos nós, brasileiros.

Pesquisador: Não sei se existe isso, mas existe algum vocabulário próprio de vocês, carregadores, no dia a dia de trabalho? Uma linguagem própria de vocês ali para se comunicarem? Acho que não, né?

Entrevistado: Não, não tem nada não. Acho que não.

Pesquisador: A lei do Dia do Carregador, o que você acha dessa lei?

Entrevistado: Bom, muito bom.

Pesquisador: Bom por quê?

Entrevistado: Acho que é muito bom um dia para nós, um Dia dos Carregadores, foi muito bom, dia 30 de junho. Não só para mim, mas para mais de 4 mil carregadores, acho que foi muito bom ter um dia para nós, essa lei que teve aí, do deputado que veio aqui e fez essa lei dos carregadores.

Pesquisador: Eleição. Eu queria saber se você costuma votar em candidatos que contam aqui com o apoio do sindicato?

Entrevistado: Sim, os candidatos que o seu Zé apoiar para melhorar o sindicato, a gente apoia. A gente está de ponta a ponta com ele. Todos os candidatos que são para melhorar, que são para combater essas leis, que são para ficar a favor do trabalhador, a gente é a favor. E todos os deputados que o seu Zé apoia, a gente também apoia.

Pesquisador: Pensando no pessoal de fora, não o pessoal aqui da CEAGESP, você acha que o pessoal de fora tem noção da importância do trabalho do carregador?

Entrevistado: A gente queria que eles dessem mais importância ao carregador. Toda mercadoria que passa, passa na mão do carregador. Toda mercadoria que vem da roça, que vem para cá, toda mercadoria que é movimentada no CEAGESP passa na mão do carregador. Eu queria que dessem mais importância para nós.

Pesquisador: E o pessoal aqui de dentro da CEAGESP, você acha que eles dão a devida importância, eles reconhecem a importância do carregador?

Entrevistado: Sim, eu acho que eles reconhecem um pouco. Aquelas pessoas que não reconhecem, eu queria que reconhecessem mais, o carregador que faz o movimento da CEAGESP, porque é mais de 4 mil carregadores, toda mercadoria passa na mão do carregador, eu queria que essas pessoas dessem mais importância ao carregador, mais importância ao trabalhador. A todos nós, feirantes, carregador, mais importância ao trabalhador do dia a dia.

Pesquisador: Para finalizar, eu vou passar as fotos daquele dia, e essa daqui me impressionou. É escuro, você tem que andar no escuro até aquela parte que tem luz ali.

Entrevistado: Sim, aquele dia que você veio aí estava sem iluminação, mas já voltou a iluminar. Aqui está escuro, mas acho que no outro dia já tinha iluminado já.

Pesquisador: Vou passar as imagens aqui, se você quiser comentar alguma coisa você comenta, tá?

((Passando as imagens))

Pesquisador: A gente chama também de carrinho isso aqui?

Entrevistado: Sim.

Pesquisador: Você também conhece a posição de cada um dos permissionários aqui dentro?

Entrevistado: Conheço.

Pesquisador: Pelo número você sabe onde está localizada, é isso? O número é sequencial, vem na sequência ali direitinho ou não?

Entrevistado: Vem.

Pesquisador: Acho que é a segunda viagem.

Entrevistado: É.

Pesquisador: Terceira viagem... Aqui acho que foi uma pausa que você fez...

Entrevistado: Foi. Para tomar café.

Pesquisador: Você se reconhece nessas imagens aí? O que você tem a dizer sobre essas imagens aí? Já tinha se visto trabalhando assim?

Entrevistado: Não. É muito pouco, né. A gente se ver trabalhando...

Pesquisador: E o que você tem a dizer sobre isso?

Entrevistado: Bom, muito bom. Imagem muito boa, fico muito feliz com isso.

Pesquisador: E você se reconhece ali trabalhando?

Entrevistado: Sim.

Pesquisador: A sua dificuldade...

Entrevistado: Sim, a minha "dificulidade", a sua... Você chegou à feira cedo, né? Ficou até acabar. Não sei se eram duas horas da manhã. Ficou mais a gente, trabalhando também. Fico muito feliz com a gente trabalhando, com você trabalhando à noite também. É um trabalho puxado também. Fico muito feliz.

Pesquisador: Então, você nunca tinha se visto.

Entrevistado: Não.

Pesquisador: É estranho se ver assim?

Entrevistado: Olha, é estranho porque a gente não é acostumado a se ver trabalhando assim, a gente fica muito feliz.

Pesquisador: E seu pai se aposentou aqui e voltou lá para o Piauí?

Entrevistado: Não, ele se aposentou lá, no Nordeste.

Pesquisador: Está certo, muito bem.

F. ÍNTEGRA DA ENTREVISTA COM CARREGADOR DO PÁTIO DO PESCADO

Entrevistado: E.L.O.

Duração: 26 minutos

Data: 13/2/2019

Local: Sala da portaria do Sindicar

Pesquisador: (...), qual seu nome completo?

Entrevistado: E.L.O..

Pesquisador: Idade?

Entrevistado: 48 anos.

Pesquisador: Você nasceu onde?

Entrevistado: Osasco.

Pesquisador: Você nasceu em São Paulo mesmo?

Entrevistado: São Paulo mesmo, Osasco.

Pesquisador: Estado civil?

Entrevistado: Casado.

Pesquisador: Quantos filhos?

Entrevistado: Três.

Pesquisador: Grau de instrução?

Entrevistado: Até a quinta série só.

Pesquisador: Onde você mora?

Entrevistado: Osasco mesmo.

Pesquisador: Como você veio para aqui na CEAGESP?

Entrevistado: Eu vim parar aqui no CEAGESP porque meu sogro era permissionário, aí, tinha a firma, ele vendia legumes, aí, ele começou a me trazer para cá e eu vi que dava negócio eu ficar por aqui.

Pesquisador: E você está aqui na CEAGESP há quantos anos?

Entrevistado: 28 anos.

Pesquisador: Sempre como carregador?

Entrevistado: Sempre como carregador.

Pesquisador: E você começou fazendo transporte em que setor aqui?

Entrevistado: No Pavilhão AP, eu carregava legumes.

Pesquisador: E pescado?

Entrevistado: E pescado, já estou mais ou menos há dez anos.

Pesquisador: Por que você optou pelo pescado?

Entrevistado: Optei pelo pescado para ter uma opção, porque os legumes estavam fracos demais e aí eu resolvi ir para o setor do pescado também.

Pesquisador: Certo, Você chega ao mercado sempre a partir desse horário, dez da noite? É isso?

Entrevistado: Mas é porque eu trabalho aqui na portaria. Eu venho aqui para o sindicato, mas o horário para carregar os peixes é duas horas da manhã.

Pesquisador: E todo dia que o pescado abre, você faz o carregamento?

Entrevistado: Não, eu só vou na quinta e na sexta.

Pesquisador: São os melhores dias?

Entrevistado: São os melhores dias que tem serviço.

Pesquisador: Certo. E você sai daqui normalmente às seis da manhã, é isso?

Entrevistado: É.

Pesquisador: De segunda à sexta ou...

Entrevistado: Eu só vou no pescado na quinta-feira e na sexta-feira.

Pesquisador: Sim, mas aqui na CEAGESP você vem de...

Entrevistado: Na CEAGESP eu venho de segunda a sábado.

Pesquisador: De segunda a sábado, e sábado é o mesmo horário?

Entrevistado: Sábado... É, a minha folga é do sábado para o domingo. Eu trabalho da sexta para o sábado.

Pesquisador: Você sempre vem de carro para cá?

Entrevistado: Venho.

Pesquisador: Eu queria que você me falasse um pouquinho como é esse cotidiano seu no Pátio do Pescado.

Entrevistado: Como é o trabalho lá?

Pesquisador: É, que você me contasse um pouquinho como é o trabalho.

Entrevistado: Ali na parte do pescado, quando dá duas horas, que abre o portão, a gente entra e vamos para o ponto. Se a gente tem o freguês certo, a gente carrega, se não, fica esperando alguém que precise de carregador.

Pesquisador: Você sabe mais ou menos quantos carregadores trabalham no pescado?

Entrevistado: No pescado? É uma média de 90 carregadores, mas que têm documento é uns 130.

Pesquisador: O que você quer dizer com o que tem documento?

Entrevistado: É porque tem outros que optam por trabalhar em outro setor e não vai no pescado.

Pesquisador: Entendi. Então, para cada setor é um documento diferente, é isso?

Entrevistado: É.

Pesquisador: Tem alguma diferença para o trabalhador que trabalha no pescado e o trabalhador que trabalha nos legumes, tem diferença?

Entrevistado: A diferença que tem é sobre os valores do serviço prestado.

Pesquisador: A viagem do pescado é mais ou menos qual valor?

Entrevistado: É porque tem muita variação, porque, às vezes, lá no pescado você não trabalha por viagem, você trabalha por volume.

Pesquisador: Como funciona isso?

Entrevistado: O volume, tem lá a tabela, é R$ 3 por volume.

Pesquisador: O que você chama de volume?

Entrevistado: Uma caixa. Uma caixa de 20 quilos.

Pesquisador: Uma caixa de 20 quilos.

Entrevistado: Aí, se for uma viagem completa, você pode levar até 25 caixas. Aí é uma viagem completa, de 25 caixas. Mais de 25 caixas não é permitido carregar. Assim, em uma viagem, mas varia muito. Às vezes, você carrega uma caixa, duas caixas, então, quer dizer, você ganha pelo volume carregado. Acaba sendo pelo volume carregado e não por viagem.

Pesquisador: Tem algum diferencial no carrinho do trabalhador que trabalha no Pátio do Pescado?

Entrevistado: No carrinho, é que o carrinho do pescado é um pouco maior, porque as caixas são mais quadradas. Para fazer cinco pilhas no carrinho, o carrinho tem que ser maior. Agora, no legumes, você faz cinco pilhas e ele é mais curto porque as caixas são mais curtas.

Pesquisador: Certo. Existe alguma técnica especial para você transportar aqui no pescado em relação aos legumes, em relação à flor, por exemplo? Tem alguma diferença em transportar?

Entrevistado: O trabalho é que você tem que mudar de caixa aí no pescado. No legumes, não, porque você compra as caixas, você leva as caixas embora. No pescado, não, você tem que ter as suas caixas. Antes de sair ali no portão, você tem que virar as caixas e colocar na caixa que é do freguês.

Pesquisador: Isso eu percebi naquele dia que eu acompanhei você. Você foi buscar as caixas, depois... Você tem que pegar gelo também, às vezes?

Entrevistado: Não, o gelo, eles mesmos entregam o gelo. Eu só faço aquilo dali, porque são duas caixinhas, mas eles mesmos entregam o gelo. Lá é tido como outro setor, entrega o gelo por conta do vendedor de gelo.

Pesquisador: Você tem clientes fixos lá no pescado?

Entrevistado: Não, no momento, eu nem estou tendo clientes fixos. Têm os fregueses que são certos, mas não é essa coisa toda, está entendendo? Tem pouco tempo que estou carregando para eles. Cliente fixo, aí, é quando a pessoa dá preferência para a gente.

Pesquisador: Quanto tempo mais ou menos você espera ali para fazer um carregamento?

Entrevistado: Depende da praça, se a praça está ruim, às vezes, você passa o dia todo, a noite toda e não carrega nada.

Pesquisador: Já aconteceu isso?

Entrevistado: Acontece. Sempre acontece, não é todo dia que você vai para o ponto para trabalhar e tem serviço. Você vai tipo aventurar, é a mesma coisa do táxi. Às vezes, o táxi vai para o ponto e espera que ali chame, se não chamar fica lá parado.

Pesquisador: Qual a faixa etária do pessoal que trabalha aqui no pescado? Dá para a gente ter uma noção? Uma média de idade?

Entrevistado: A pessoa mais velha aí deve ter uns 63 anos, 65.

Pesquisador: A maioria tem mais ou menos que idade?

Entrevistado: Varia de 65 a 38 anos mais ou menos.

Pesquisador: Atualmente, você trabalha fazendo carregamento só no pescado, é isso?

Entrevistado: No pescado e na flor.

Pesquisador: Na flor também. E na flor você faz as duas feiras ou não? Você faz a de segunda para terça e da quinta para sexta?

Entrevistado: Eu faço... Dia de terça eu fico lá só duas horas, é a hora que eu tenho serviço. De meia noite às duas horas da manhã. Aí, eu venho aqui para a portaria. Aí, eu fico aqui na portaria. Lá na flor, são duas horas na terça.

Pesquisador: Normalmente, você chega na sua casa em que horário?

Entrevistado: Se for só esse serviço, chego lá às seis e meia.

Pesquisador: Quantas horas você consegue descansar por dia?

Entrevistado: Umas sete horas.

Pesquisador: Você tem noção de quantas viagens você acaba fazendo em um dia de trabalho?

Entrevistado: Num dia bom de serviço, no pescado, no que é bom para mim, que não tenho quase freguês ali, é três, quatro viagens.

Pesquisador: Quais são as principais dificuldades de se trabalhar aqui no pescado?

Entrevistado: Em que sentido?

Pesquisador: O que acaba sendo um problema para você trabalhar ali?

Entrevistado: O problema que é maior para mim ali é por causa que é aberto para outro tipo de carregador também. Então, a gente acaba tendo que dividir com outro carregador.

Pesquisador: Você está falando do carregador que é diretamente contratado... que é funcionário...

Entrevistado: Do feirante.

Pesquisador: Do feirante. São muitos?

Entrevistado: São muitos, porque o feirante, se ele carrega bem é mais negócio ele trazer o cara que trabalha para ele na feira do que contratar nós. Só com o dinheiro que ele paga para nós, às vezes, ele paga o mês do funcionário. Existe uma esperteza do feirante, que ele contrata o cara e fala que duas horas nós temos que estar lá no Ceasa para pegar o peixe, daí a gente vem direto para a feira, e monta a banca para vender.

Pesquisador: Ou seja, a mesma pessoa que carregou aqui está lá na feira.

Entrevistado: Então, quer dizer, o dinheiro que ele ia pagar para o carregador, ele paga para o funcionário e tem o funcionário na banca dele. Aí que eu digo que é esperteza, que muitos fazem isso.

Pesquisador: É melhor ser carregador autônomo do que trabalhar diretamente com o feirante ou não? O que você acha?

Entrevistado: Como assim?

Pesquisador: Por exemplo, é melhor, você ganha mais, tem rendimento certo...

Entrevistado: Não, até mesmo por causa de feirante, ele vai precisar de você para você carregar a mercadoria e depois você ainda ficar na feira vendendo. Até a feira se estende até meio-dia, uma hora da tarde, aí, quer dizer, o cara pega duas horas da manhã e vai até uma hora da tarde, dá quantas horas de serviço? E aí, se o cara é bem remunerado, tudo bem, vamos para o sacrifício, mas não, o piso salarial que a pessoa quer dar é R$ 1.000, R$ 1.200 e, muitas vezes, se o cara fosse só carregador, para carregar um peixe, ganhava isso daí ou mais do que isso.

Pesquisador: Você também é diretor do sindicato ou não?

Entrevistado: Sou.

Pesquisador: E você está entre aqueles que são remunerados ou não?

Entrevistado: É remunerado porque presto serviço na portaria.

Pesquisador: Entendi, na portaria. Como você fica a par das informações do que acontece aqui na CEAGESP? Por quem, assim, você já trabalha em um horário totalmente diferente...

Entrevistado: Mas todo horário tem diretor e eu posso falar o que eu vejo no meu horário. Têm outros que estão aqui em outros horários.

Pesquisador: É muito comum acontecer acidentes no Pátio do Pescado?

Entrevistado: Não.

Pesquisador: E você já chegou a ter algum acidente, sofreu algum acidente?

Entrevistado: Eu nunca tive nenhum acidente não e também nunca provoquei um não, mas eu já vi acontecer com outras pessoas. Por causa de que, às vezes, as pessoas se distraem e, às vezes, o carregador vem vindo. É por isso que botou um limite de caixa. Botou um limite de caixas, porque antes o cara ia fazer uma viagem, queria aproveitar bem, e se pudesse colocar 35 caixas, ele punha 35 caixas no carrinho e aí, 35 caixas vai dar quanto de peso?

Pesquisador: Se você está falando que cada caixa é 20... Quase 700.

Entrevistado: E aí, fica ruim para a pessoa segurar, se a pessoa entra na frente, não tem como o carregador controlar. Por isso que diminuiu para 25 caixas, mas assim mesmo, é quase 300 quilos.

Pesquisador: É peso para caramba.

Entrevistado: Ali, não se trata só do peso do peixe, está carregando gelo, tem caixa que tem água, então, acaba ficando mais pesado.

Pesquisador: É claro, isso para mim é claro. Sem contar que, também, subir e descer aquela rampa lá não é fácil. É bem difícil mesmo. Mas fala da mudança aqui do endereço do entreposto. Como você vê essa história?

Entrevistado: Eu vejo essa história como uma imensa canseira, porque já tenho 28 anos que está essa história que o Ceasa vai mudar no ano que vem, que o Ceasa vai mudar esse ano, tem 28 anos.

Pesquisador: Você acha que tem que mudar de fato, que não tem que mudar?

Entrevistado: Não tem que mudar.

Pesquisador: Como é sua relação com os permissionários que trabalham ali no Pátio do Pescado?

Entrevistado: Ali, depende só quando vai pegar a mercadoria, a gente conversa só nessas horas que vai pegar a mercadoria, mas a gente não tem nem muito conhecimento dos permissionários não.

Pesquisador: Certo. E a relação com o pessoal que vem aqui fazer compras, como é essa relação sua com essas pessoas, tranquila?

Entrevistado: Tranquila, porque cada um tem seus conhecidos e, às vezes, a pessoa vem com tanta pressa que só faz o que tem que fazer, não leva tempo para conhecer pessoas novas, essas coisas não.

Pesquisador: Como é sua relação com o pessoal aqui do FRISP, pessoal do DEPEC?

Entrevistado: Eu não tenho conhecimento deles não.

Pesquisador: Em relação ao sindicato, você acha que o sindicato precisa de alguma mudança?

Entrevistado: Do sindicato eu não tenho nada a dizer não.

Pesquisador: Em relação à CEAGESP, o que você acha que tem que melhorar?

Entrevistado: O que precisa melhorar? Precisa melhorar as partes que zelam pelo entreposto, porque tem lugar aí que é quase impossível andar com o carrinho. Então, é uma parte meio abandonada, que é a parte de manutenção, a manutenção da CEAGESP é largada.

Pesquisador: E no pescado, o que você acha que precisa melhorar ali?

Entrevistado: O que tem que melhorar ali no pescado... O que tem que melhorar ali no pescado, vamos dizer... Algumas coisas que acontecem, que às vezes fogem dos limites. Entra carro para carregar sem ser da firma de lá. Entra carro de feirante, então, quer dizer, quando se tem a norma, que o feirante tem que ficar do lado de fora da cerca.

Pesquisador: Pouca fiscalização você está querendo dizer?

Entrevistado: Pouca fiscalização. Falta fiscalização, falta sim.

Pesquisador: Queria que você me contasse um pouquinho como você vê essa nova lei trabalhista, e essas mudanças que o governo quer fazer na previdência. Como você vê isso.

Entrevistado: Por enquanto eu não estou vendo nada, eu não estou entendendo nada ainda, não sei nem como é que está esse negócio aí. Ainda mais, fazer que nem o outro, que é para ficar mais difícil, é, porque do jeito que era já não era fácil.

Pesquisador: Você paga a contribuição da previdência tudo certinho?

Entrevistado: Pago.

Pesquisador: Desde o começo você pagava ou não? Você contribuía ou não?

Entrevistado: Não. Teve um tempo que eu fiquei uns dez anos sem pagar.

Pesquisador: Mas atualmente está tudo certinho?

Entrevistado: É.

Pesquisador: Existe ali no pescado algum termo que vocês usam entre vocês, carregadores, do trabalho? Pelo que eu pude perceber, não.

Entrevistado: Não.

Pesquisador: E o Dia do Carregador, o que você achou da lei que foi votada na Assembleia? Você acha que essa lei é importante? Como você vê isso?

Entrevistado: Qual lei?

Pesquisador: A lei que tornou dia 30 de junho no Dia do Carregador. Foi aprovada na Assembleia no ano passado.

Entrevistado: É para ter o Dia do Carregador?

Pesquisador: Isso.

Entrevistado: Seria uma boa coisa, se pelo menos as pessoas reconhecessem. Não basta ter só um dia, sem reconhecimento.

Pesquisador: Você falou em reconhecimento, pensando não nas pessoas daqui do CEAGESP, mas nas pessoas de fora, que vem uma vez ou outra aqui, você acha que as pessoas que não transitam normalmente na CEAGESP, elas têm noção da importância do trabalho do carregador?

Entrevistado: Às vezes não. Tem quando é preciso, quer um serviço meio exagerado, aí, nego sabe quanto é importante o carregador e a pessoa pensa: "Puxa vida, se não fosse o carregador como eu ia carregar isso?" Aí, a pessoa reconhece, mas se for no dia a dia assim, as pessoas... Olha, tudo no mundo que se trata para a pessoa ter gasto e para a pessoa pagar, as pessoas não fica satisfeita com o que paga.

Pesquisador: Agora, pensando nas pessoas aqui dentro da CEAGESP, você acha que as pessoas aqui dentro reconhecem o trabalho do carregador?

Entrevistado: Uma parte, não é todo mundo que reconhece não, senão não queria acabar coma categoria. Todo tempo, esse fogo de querer acabar com a categoria.

Pesquisador: Empilhadeira, como você vê essa história das empilhadeiras aqui?

Entrevistado: Empilhadeira, empilhadeira podia ser bom se elas tivessem o lugar certo delas ficarem e a mercadoria ser da própria firma que ela descarrega. Não ela fazer o serviço que ela está fazendo, com entrega de caminhão de feirante, tirando serviço do carregador.

Pesquisador: Aqui na portaria você está há quanto tempo?

Entrevistado: Aqui na portaria faz uns 15 anos.

Pesquisador: Quinze anos, sempre nesse horário?

Entrevistado: Não, eu já tive outro horário também. Nesse horário aqui deve fazer uns dez anos.

Pesquisador: Então, você já está habituado com esse horário? Chegar em casa de manhã, descansar...

Entrevistado: É, as pessoas que saem no meu horário, eu, praticamente, conheço quase todos, que são sempre os mesmos. Cada horário têm aquelas pessoas que vêm nos horários.

Pesquisador: É mais tranquilo trabalhar nesse horário que você está fazendo?

Entrevistado: É bem tranquilo. A gente trabalha mais sossegado, porque o movimento só começa... Agora não, porque está liberado o horário a partir de meia-noite, mas antes o horário era liberado só depois das três, então, quer dizer, o movimento maior que ia dar era a partir de três horas em diante.

Pesquisador: Eu vi aqui na portaria que vocês ficam em dois, fazendo o controle de quem entra e quem sai, é tranquilo?

Entrevistado: É tranquilo. Às vezes, ficam dois por causa de acontecer qualquer coisa ter o outro também, porque daí, um fica e o outro vai para onde precisa, que nem quando se machuca alguma pessoa, a gente acompanha até o PS [pronto-socorro], daí fica o outro aí na responsabilidade da porta.

Pesquisador: Entendi. E diretor, você está há quanto tempo?

Entrevistado: Diretor, eu tenho uns 15 anos.

Pesquisador: O que significa para você ser diretor aqui do sindicato?

Entrevistado: Para mim significa muita coisa, porque, às vezes, a gente ajuda as pessoas que precisam, a gente tem como ter um conhecimento melhor com a diretoria da CEAGESP e, através disso, a gente tem outros conhecimentos, que ajuda a categoria.

Pesquisador: Você já tinha se visto, imagens suas trabalhando, assim?

Entrevistado: Já.

Pesquisador: O que você tem a dizer, como você se vê trabalhando, vendo aquela imagem ali?

Entrevistado: Achei normal.

Pesquisador: Você está vendo ali, está muito claro para mim, o esforço que você tem que fazer para erguer, transportar.

Entrevistado: Ah, mas fazer que nem o outro, durante esses tempos aí, as coisas acabam se tornando normal.

Pesquisador: Mas no começo era bem complicado?

Entrevistado: No começo, até a pessoa pegar o jeito de como faz com a carga para ficar fácil de carregar, a pessoa sofre um pouco, mas depois que pegou o jeito de fazer a carga, aí fica mais simples.